



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE DOUTORADO ACADÊMICO EM LETRAS
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E ESTUDOS LITERÁRIOS

CARINA DA SILVA MOTA

**GLOSSÁRIO DA ÁREA DE PEDAGOGIA PARA LSB:
um estudo socioterminológico**

BELÉM

2025

CARINA DA SILVA MOTA

GLOSSÁRIO DA ÁREA DE PEDAGOGIA PARA LSB: um estudo socioterminológico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos: descrição e análise de línguas naturais.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

BELÉM

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

M917 MOTA, CARINA.
GLOSSÁRIO DA ÁREA DE PEDAGOGIA PARA LSB :
um estudo socioterminológico / CARINA MOTA, CARINA
MOTA. — 2025.
402 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Abdelhak Razky
Coorientador(a): Prof. Dr. XXXXXXXXX
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Belém, 2025.

1. Glossário. 2. Língua de Sinais Brasileira. 3.
Pedagogia. 4. aplicativo. 5. Socioterminologia. I. Título.

CDD 410

GLOSSÁRIO DA AREA DE PEDAGOGIA PARA LSB: um estudo socioterminologico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

APROVADA EM:26/02/2025

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor. Abdelhak Razky (UnB/UFPA/PPGL/LIP)(UnB/UFPA)
Orientador (presidente)

Professor Doutor. Alcides Fernandes de Lima (UFPA/PPGL)
Membro efetivo interno

Professora Doutora Angela Fabiola Alves Chagas (UFPA/PPGL)
Membro efetivo interno

Professora Doutora Patrícia Tuxi dos Santos (UnB/PPGL/ POSTRAD)
Membro efetivo externo

Professor Doutor. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT/UFSC/PPGL)
Membro efetivo externo

Professora Doutora Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA/PPGL)
Membro suplente interno

Professora Doutora Marcela Moura Torres Paim (UFRPE/UFBA/ PPGLinC)
Membro suplente externo

*Ao meu grande amor, DÉBORA DA SILVA PENA MOTA,
meu sorriso mais gostoso.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Jeová, meu Deus, por sua espera e por me fortalecer em cada passo desta jornada. A ele, minha gratidão eterna. Ao meu lindo bebê, Deborá da Silva Pena Mota, que trouxe luz e inspiração aos meus dias, e ao meu esposo, Eraldo Pena, pelo amor, paciência e apoio incansáveis. Sinceramente grata à minha família e aos amigos que estiveram ao meu lado nos momentos de desafio, oferecendo incentivo e conforto. Um agradecimento especial ao meu orientador, Abdelhak Razky, pela orientação, paciência e empatia durante essa caminhada acadêmica, bem como pelo apoio nos momentos de estresse e pelas palavras de carinho e estímulo que levaram essa trajetória mais leve e possível. A todos, deixo, aqui, meu sincero e profundo agradecimento, por cada gesto, palavra e apoio ao longo desta jornada.

CARINA DA SILVA MOTA

RESUMO

Esta pesquisa de tese de doutorado se insere na linha de pesquisa dos estudos linguísticos e é desenvolvida junto ao grupo de pesquisa GeoLinTerm – Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia. Desenvolveu-se um glossário em Língua de Sinais Brasileira (LSB) na área de especialidade da Pedagogia. Embora inúmeros Surdos escolham cursar essa licenciatura, não existe nenhum dicionário, glossário e/ou sinalário da especialidade Pedagogia disponível para comunidade Surda. Objetiva-se saber quais terminologias têm sido convencionadas em Língua Brasileira de Sinais com conceitos do curso de Pedagogia e as registrar em um dicionário para consulta e compreensão de acadêmicos surdos, intérpretes de Libras e professores ouvintes e surdos. Foi realizado um estudo bibliográfico a partir de Faulstich (2003), Quadros (2004), Faria-Nascimento (2009), Castro Júnior (2014), Costa (2012) e Oliveira (2015) para respaldar o estudo no âmbito linguístico, particularmente na convencionalização da construção de morfemas que expressem adequadamente a terminologia da categoria curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Os dados coletados são norteados pela metodologia da Socioterminologia, que é uma área da ciência terminológica, cujo cerne busca reorganizar uma tipologia para a classificação de variantes em categorias técnicas e científicas, com duas concorrentes, quais sejam, a variante formal terminológica e a variante formal de registro Faulstich (1995). Traça-se, então, um mapeamento nacional das 05 regiões brasileiras para catalogar e registrar os sinais-termo convencionados por Pedagogos, acadêmicos Surdos do curso e Intérpretes de Língua de Sinais. Com a catalogação, foi construído um glossário Socioterminológico com 114 termos da Pedagogia em Língua de Sinais, disponibilizado em *Software* de celular *Android* à Comunidade Surda.

PALAVRAS CHAVE: Glossário. Língua de Sinais Brasileira. Pedagogia. aplicativo. Socioterminologia.

ABSTRACT

This doctoral thesis is part of the research line in linguistic studies and is developed within the research group GeoLinTerm – Geosociolinguistics and Socioterminology Project. A glossary in Brazilian Sign Language (LSB) was developed in the field of Pedagogy. Although numerous Deaf individuals choose to pursue this degree, there is currently no dictionary, glossary, or terminology guide available for the Deaf community in Pedagogy. The objective is to identify which terminologies have been conventionally established in Brazilian Sign Language for concepts within the Pedagogy program and to record them in a dictionary for consultation and comprehension by Deaf students, Brazilian Sign Language interpreters, and both hearing and Deaf teachers. A bibliographic study was conducted based on Faulstich (2003), Quadros (2004), Faria-Nascimento (2009), Castro Júnior (2014), Costa (2012), and Oliveira (2015) to support the study in the linguistic domain, particularly in the conventionalization of morpheme constructions that adequately express the specialized terminology within the undergraduate Pedagogy program. The collected data are guided by the methodology of Socioterminology, a branch of terminological science whose core objective is to reorganize a typology for the classification of variants in technical and scientific categories, distinguishing between two concurrent types: the formal terminological variant and the formal registry variant, as proposed by Faulstich (1995). A nationwide mapping of Brazil's five regions was carried out to catalogue and document the sign terms conventionally used by pedagogues, Deaf students enrolled in the program, and Brazilian Sign Language interpreters. Based on this cataloguing process, a Socioterminological glossary was constructed, featuring 114 Pedagogy terms in Brazilian Sign Language, which was then made available as an Android mobile application for the Deaf Community.

Keywords: Glossary. Brazilian Sign Language. Pedagogy. Application. Socioterminology.

RÉSUMÉ

Cette thèse fait partie de l'axe de recherche des études linguistiques et est développée en collaboration avec le groupe de recherche GeoLinTerm - Projet Géossociolinguistique et Socioterminologie. Un glossaire en langue des signes brésilienne a été élaboré dans le domaine spécialisé de la pédagogie. Bien que de nombreuses personnes Sourdes choisissent de poursuivre ce diplôme, il n'existe pas de dictionnaire, de glossaire et/ou de signalisation pour la spécialité pédagogique disponible pour la communauté Sourde. L'objectif est de découvrir quelles terminologies ont été convenues dans la langue des signes brésilienne avec les concepts du cours de Pédagogie et de les enregistrer dans un glossaire pour consultation et compréhension par les universitaires sourds, les interprètes Libras et les enseignants entendants et sourds. Une étude bibliographique a été réalisée sur la base de Faulstich (2003), Quadros (2004), Faria-Nascimento (2009), Castro Júnior (2014), Costa (2012) et Oliveira (2015) pour soutenir l'étude dans le domaine linguistique de la conventionnalisation. dans la construction de morphèmes qui expriment adéquatement la terminologie de la catégorie de cours du Diplôme complet en pédagogie. Les données collectées sont guidées par la méthodologie de la socioterminologie, qui est un domaine de la science terminologique dont le noyau cherche à réorganiser une typologie de classification des variantes en catégories techniques et scientifiques, avec deux concurrents, à savoir la variante terminologique formelle et la variante formelle. de référence Faulstich (1995). Nous avons élaboré une cartographie nationale des 5 régions brésiliennes pour cataloguer et enregistrer les termes signes convenus par les pédagogues, les universitaires sourds du cours et les interprètes en langue des signes. Avec le catalogage, un glossaire socioterminologique a été créé avec 114 termes issus de la pédagogie de la langue des signes, mis à disposition sur le logiciel de téléphone portable Android pour la communauté des sourds.

Mots-clés : Glossaire. Langue des signes brésilienne. Pédagogie. application. Socioterminologie.

RESUMO LSB



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- APP – Aplicativo
- BSL – *British Sign Language*
- DBP – Dicionário Bilingue de Pedagogia
- DF – Distrito Federal
- DVD – Disco Digital Versátil
- EAD – Educação a Distância
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- ELIS – Escrita de Língua de Sinais
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- FT – Ficha Terminológica
- IES – Instituições de Educação Superior
- INDL – Inventário Nacional da Diversidade Linguística
- INES – Instituto Nacional de Surdos
- LIV – Departamento de Linguística Línguas Clássicas e Vernácula
- LP – Língua Portuguesa
- LSB – Língua de Sinais
- BrasileiraLS – Língua de Sinais
- MEC – Ministério da Educação
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PC – Computador Pessoal
- PNE – Plano Nacional de Educação
- PPGECNM — Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática
- PPL – Pós-Graduação em Linguística
- SEL – Sistema de Escrita da Libras
- SSC – *Scottish Sensory Center*
- SW – Sistema *Signwrintig*
- TA – Tecnologias Assistivas
- TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação
- TILS – Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais

UEESPAC – Unidade de Educação Especializada Professor Astério de Campos

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Estadual do Ceará

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNB – Universidade de Brasília

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Paulo Freire	47
Figura 2: Livro Linguagem das Mãos	64
Figura 3: Livro dicionário Capovilla.....	65
Figura 4: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais	70
Figura 5: Glossário Libras UFSC	71
Figura 6: PRODEAF.....	73
Figura 7: HAND TALK.....	73
Figura 8: RYBENA	74
Figura 9: Alfabeto Manual Dicionário Monolíngue	78
Figura 10: Representação Gráfica de Abacate	79
Figura 11: Página Sinais Diários (SW)	81
Figura 12: Glossário de Linguística (ELiS)	83
Figura 13: Alfabeto Manual do Sistema de Escrita da Libras (SEL).....	84
Figura 14: Alfabeto Manual do Sistema VisoGrafia	85
Figura 15: Alfabeto Manual Dicionário Bilíngue	88
Figura 16: Apresentação da Macroestrutura do Glossário	90
Figura 17: Verbete em LSB	91
Figura 18: Proposta de glossário bilíngue: terminologia dos procedimentos de tradução II em Língua de Sinais Brasileira.	91
Figura 19: Apresentação da Proposta de Microestrutura no Glossário bilíngue LP – LSB	93
Figura 20: Apresentação da Capa ilustrativa da Obra Glossário Bilíngue dos Sinais-termo da OrtoTrauma	96
Figura 21: Iconographia dos Signaes	106
Figura 22: Gráfico1 – Perfil formação dos especialistas	130
Figura 23: Questionário de avaliação dos termos.....	131
Figura 24: Mapa da estrutura conceitual do curso de Pedagogia da UFOPA.....	133
Figura 25: Árvore de domínio disciplinas	135
Figura 26: Disciplina ludicidade e corporeidade	136
Figura 27: Disciplina Educação Especial: Sujeitos e Cultura	138
Figura 28: Disciplina planejamento e avaliação educacional	140
Figura 29: Disciplinas metodologias de ensino.....	141
Figura 30: Disciplina ludicidade e corporeidade	143
Figura 31: Disciplina Sociedade, Estado, Trabalho e Educação.....	144
Figura 32: Disciplina gestão de projeto pedagógico	146
Figura 33: Modelo de Ficha Terminológica	148
Figura 34: Ficha Terminológica Adaptada.....	149
Figura 35: Reformulação da Definição do Termo	151
Figura 36: Política	154
Figura 37: Lúdico.....	155
Figura 38: Taxonomia	155
Figura 39: Validação dos Sinais-termo.....	156
Figura 40: Estúdio de filmagem	157
Figura 41: Macroestrutura tela inicial.....	159
Figura 42: Macroestrutura Lista alfabética	159
Figura 43: Macroestrutura Entrada.....	160
Figura 44: Macroestrutura Catálogo de Publicações	161
Figura 45: Macroestrutura Ficha Completa da Publicação	162
Figura 46: Microestrutura DBP – LSB	163
Figura 47: Microestrutura DBP – PT.....	163
Figura 48: Microestrutura do Glossário	164
Figura 49: Microestrutura e cores.....	165
Figura 50: Quadro 1 – Termos Dicionarizados	168
Figura 51: Quadro 2 – Termos Frequência De Uso	168

Figura 52: Quadro 3 – Sinal – Termo Teoria.....	170
Figura 53: Quadro 4 – Sinal – Termo Teoria.....	171
Figura 54: Quadro 5 – Sinal – Termo Teoria.....	174
Figura 55: Quadro 6 – sinal – Termo semestre.....	175
Figura 56: Quadro 7 – Sinal – Termo Regra Social.....	176
Figura 57: Quadro 8 – Sinal – Termo Tecnologia Educacional.....	176
Figura 58: Quadro 9 – Sinal – Termo Psicopedagogia.....	178
Figura 59: Quadro 10 – Sinal – Termo Educação De Jovens E Adultos.....	179
Figura 60: Quadro 11 – Sinal – Termo Língua Materna.....	180
Figura 61: Quadro 12 – Sinal – Termo Lúdico.....	182
Figura 62: Quadro 13 – Sinal – Termo Conhecimento.....	183
Figura 63: Quadro 14 – Sinais – Termo Pedagogia/ Pedagógico.....	184
Figura 64: Quadro 15 – Sinal – Termo Documento/Avaliação.....	185
Figura 65: Quadro 16 – Sinal – Termo Educação A Distância.....	186
Figura 66: Quadro 17 – Termo Educação Física.....	188
Figura 67: Quadro 18 – Termo Geografia.....	189
Figura 68: Página inicial.....	192
Figura 69: Glossário.....	192
Figura 70: Catálogo de Publicações.....	193
Figura 71: A macroestrutura do glossário.....	193
Figura 72: QR Code.....	194
Figura 73: Macroestrutura do glossário.....	195
Figura 74: Verbete em LP.....	195
Figura 75: microestrutura do glossário.....	196
Figura 76: Lista de Siglas.....	196
Figura 77: Abordagem qualitativa.....	197
Figura 78: Abordagem quantitativa.....	197
Figura 79: Alfabetização.....	197
Figura 80: Adolescência.....	198
Figura 81: Afetividade.....	198
Figura 82: Agressividade.....	199
Figura 83: Ambiente de aprendizagem.....	199
Figura 84: Ausubel David.....	200
Figura 85: Atividade complementar.....	200
Figura 86: Autor.....	201
Figura 87: Avaliação.....	201
Figura 88: Behaviorismo.....	202
Figura 89: Brincar.....	202
Figura 90: Cognitivo.....	203
Figura 91: Conceito.....	203
Figura 92: Conhecimento.....	204
Figura 93: Conteúdo.....	204
Figura 94: Coordenador.....	205
Figura 95: Corporeidade.....	205
Figura 96: Criatividade.....	206
Figura 97: Cultura.....	206
Figura 98: Currículo.....	207
Figura 99: Dialética.....	207
Figura 100: Didática.....	208
Figura 101: Dinâmica.....	208
Figura 102: Disciplina.....	209
Figura 103: Docente.....	209
Figura 104: EAD.....	210
Figura 105: Educação especial.....	210
Figura 106: Educação étnica racial.....	211
Figura 107: Educação.....	212
Figura 108: Educação Física.....	212
Figura 109: Educação Infantil.....	212
Figura 110: Educacional.....	213

Figura 111: Educação de jovens e adultos	213
Figura 112: Epistemologia	214
Figura 113: Ensino	214
Figura 114: Filosofia.....	215
Figura 115: Formação.....	215
Figura 116: Freire Paulo	216
Figura 117: Freud Sigmund	216
Figura 118: Geografia	217
Figura 119: Gestão	217
Figura 120: Gestor	218
Figura 121: História.....	218
Figura 122: Hipótese.....	219
Figura 123: Ideologia	219
Figura 124: Inato	220
Figura 125: Infância	220
Figura 126: Infantil	221
Figura 127: Jogo	221
Figura 128: Jovem	222
Figura 129: Karnopp, LODENIR	222
Figura 130: Letramento.....	223
Figura 131: Legislação.....	223
Figura 132: Língua	224
Figura 133: Língua materna.....	224
Figura 134: Linguagem	225
Figura 135: Libras	225
Figura 136: Língua de sinais.....	226
Figura 137: Lógica	226
Figura 138: Lúdico	227
Figura 139: Matemática	227
Figura 140: Método	228
Figura 141: Metodologia	228
Figura 142: Motricidade	229
Figura 143: Multidisciplinar	229
Figura 144: Natureza	230
Figura 145: Normas sociais	230
Figura 146: Objetivo específico	231
Figura 147: Objetivo geral.....	231
Figura 148: Pedagogia.....	232
Figura 149: Pedagogia em ambiente não escolar.....	232
Figura 150: Pedagógico	233
Figura 151: Pedagogo.....	233
Figura 152: Perrenoud Phillipe	234
Figura 153: Pesquisa ação	234
Figura 154: Pesquisa documental	235
Figura 155: Pesquisa empírica experimental	235
Figura 156: Pesquisa etnográfica	236
Figura 157: Pesquisa participante	236
Figura 158: Pestalozzi Johann.....	237
Figura 159: Piaget, Jean.....	237
Figura 160: Planejamento.....	238
Figura 161: Política	238
Figura 162: Português.....	239
Figura 163: Projeto.....	239
Figura 164: Psicologia.....	240
Figura 165: Psicologia da aprendizagem	240
Figura 166: Psicopedagogia	241
Figura 167: Psicomotricidade	241
Figura 168: Projeto pedagógico.....	242
Figura 169: Quadros, Ronice.....	242

Figura 170: Questionário	243
Figura 171: Racismo	243
Figura 172: Rousseau Jean.....	244
Figura 173: Seminário	244
Figura 174: Semestre.....	245
Figura 175: Sincretismo	245
Figura 176: Socialização.....	246
Figura 177: Superdotado	246
Figura 178: Taxonomia	246
Figura 179: Tecnologia educacional.....	247
Figura 180: Teoria	247
Figura 181: Transdisciplinaridade.....	248
Figura 182: Transversalidade	248
Figura 183: Tutor.....	249
Figura 184: Utopia.....	249
Figura 185: Vírus.....	250
Figura 186: Vygotsky, Lev	250
Figura 187: Wallon. Henri	251
Figura 188: Weber, Max.....	251
Figura 189: Xenofobia.....	252
Figura 190: Zonas erógenas.....	252

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pesquisas vinculadas ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas.....	55
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	DA TERMINOLOGIA A SOCIOTERMINOLOGIA	30
2.1	A TERMINOLOGIA SEU HISTÓRICO E CONCEITOS	30
2.2	ESTUDOS TERMINOLÓGICO EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	32
2.3	ESTUDOS TERMINOLÓGICOS – LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB)	37
2.3.1	Iconicidade na LSB.....	43
2.4	AS CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOTERMINOLÓGICO PARA CAMINHOS DA PESQUISA	48
3	MANUAIS DE REGISTRO EM LSB: DESENVOLVIMENTO, ESTRUTURAÇÃO E ORGANIZAÇÃO	52
3.1	ESTADO DA ARTE: PESQUISAS ACADÊMICAS VINCULADAS A PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	52
3.2	DICIONÁRIOS IMPRESSOS.....	64
3.3	TECNOLOGIA NOS DICIONÁRIOS EM LSB	66
3.4	DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES E BILÍNGUES EM LSB	75
3.5	DICIONÁRIOS EM LSB: MACRO E MICROESTRUTURA.....	92
4	LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA NA ÁREA DA PEDAGOGIA	100
4.1	INGRESSO DE SURDOS NO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL	100
4.2	CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL	103
4.3	EDUCAÇÃO BÁSICA PARA SURDOS	107
4.4	INGRESSO DE SURDOS NO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL	112
4.5	TRIÁDE: PROFESSOR REGENTE BILÍNGUE, ALUNO SURDO E INTÉRPRETE DE LSB NA ELABORAÇÃO DO SINAL-TERMO NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA	118
5	METODOLOGIA	126
5.1	PARA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LÍNGUA PORTUGUESA/LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – GBP-PT/LSB	126
5.2.1	Seleção dos especialistas profissionais da área da Pedagogia	130
5.3	CATALOGAÇÃO DE TERMOS EM LÍNGUA PORTUGUESA DA ÁREA DA PEDAGOGIA ..	132
5.5	ELABORAÇÃO DAS DEFINIÇÕES EM OBRAS TERMINOLÓGICAS DE REFERÊNCIA	150
5.6	REFORMULAÇÃO DOS TERMOS EXTRAÍDOS DE MATERIAIS LEXICOGRÁFICOS E TERMINOLÓGICOS PARA O PÚBLICO-ALVO DO DICIONÁRIO BILÍNGUE DE PEDAGOGIA	150
5.7	PESQUISA A PARTIR DOS TERMOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE SINAIS-TERMO NAS REDES SOCIAIS DISPONÍVEIS NO PAÍS.....	152
5.8	SESSÕES VALIDAÇÃO DOS SINAIS-TERMO EXISTENTES COM DEFINIÇÃO: O FORMAL TERMINOLÓGICO E O FORMAL DE REGISTRO	154
5.9	FILMAGEM DOS SINAIS-TERMO E DEFINIÇÕES	157
5.10	MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA DO GBP – PT/LSB	158
6	ANALISE DOS RESULTADOS	167
6.2	SINAIS-TERMO CONVENCIONADOS COM ESPECIALISTAS SURDOS:	167
6.3	SINAIS-TERMO COM VARIAÇÃO SOCIOTERMINOLÓGICA.....	173
6.3.1	Sinais – termo com composição	175
6.4	SINAIS TERMO COM DERIVAÇÃO	181
6.5	SINAIS-TERMO PADRONIZADOS COM O LETRAS LIBRAS.....	185

6.6	REFORMULAÇÃO DAS DEFINIÇÕES	187
7	GLOSSÁRIO DE PEDAGOGIA BILINGUE PORTUGUÊS E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LSB.	191
7.1	APLICATIVO GLOSSÁRIO BILINGUE PORTUGUÊS-LIBRAS	191
7.2	APRESENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE PEDAGOGIA PORTUGUÊS-LIBRAS ...	194
	REFERÊNCIAS	259
	FICHAS TERMINOLÓGICAS	270

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata-se de um registro Terminológico e Socioterminológico da Língua de Sinais Brasileira, em forma de um glossário de Pedagogia, que visa a discutir atividades de criação e de processos de implementação de sinais-termo voltados para a área de Pedagogia. Ao traçar um caminho de pesquisas, apresentam-se conceitos e características das eventuais modalidades constitutivas dentro da educação de surdos.

Pedagogia é a ciência da Educação que estuda e planeja instrumentos de intervenção e de orientação para a formação humana dos grupos sociais organizados. Tem a função de definir e demonstrar métodos e recursos. É fundamental para o pleno andamento e organização de sistemas educacionais. É a área do conhecimento que comporta um número vasto de possibilidades de atuação: Educação infantil, Educação especial, gestão, orientação, ensino e em ambientes não escolares, como empresas e hospitais.

Dentre as possibilidades elencadas acima, nossa pesquisa focaliza a Educação Especial com foco ainda mais restrito na surdez. A educação da pessoa surda sempre foi pautada em duas vertentes educacionais: a biologização da surdez e o modelo social. A primeira é relacionada a estudos científicos representados pelo método oral, que tensionava igualar o surdo ao ouvinte por meio de uma pedagogia curativa. Já no modelo social, o surdo é visto no contexto cultural, segundo o qual a construção do sujeito se dá pela diferença e identidade individual.

O modelo social tem como marco o Congresso de Milão (1880), encontro realizado com o intuito de discutir o melhor método de ensino para a educação de surdos que resultou, segundo Bentes (2012), na aprovação do método oral em detrimento da língua de sinais na educação das pessoas surdas. Com urgência, propôs-se a eleger o método oral puro e, a partir disso, buscou-se, então, reunir nas escolas as crianças surdas consideradas aptas para serem instruídas através do método oral em todas as disciplinas. Tal método é pautado em discursos colonialistas de sobreposição e de dominação cultural e linguística que consideram a linearidade hegemônica do colonizador.

Segundo Skliar (1999), as políticas de representação de dominação nos ideais de normalidade, bem como as pressões sobre a linguagem, a identidade, o corpo do surdo são fundamentalmente grandes. Nessa perspectiva, o acesso e a

permanência de pessoas surdas aos/em ambientes educacionais, prioritariamente regulados pela Língua Portuguesa, pelo som, ouvir e falar, sempre foram uma dificuldade para tais pessoas pela ausência da fala oral, uma vez que são tidas como incapazes, defeituosas e incompletas. Conseqüentemente, muitas pessoas surdas sem instrução satisfatória desistem de estudar e optam pelo trabalho, sujeitando-se às temporalidades do mercado informal e aos subempregos.

Na perspectiva colonialista, segundo preceitos monolíngues e de normalização, o ensino superior era um tanto inalcançável para o surdo diante de suas dificuldades e dos fracassos no ensino fundamental e médio. Com o advento do pós-colonialismo, segundo Quadros (2006), que rompe com as políticas monolinguistas, surgem os movimentos de luta pelo reconhecimento da língua de sinais no processo educacional de alunos surdos com o mesmo *status* da Língua Portuguesa nos âmbitos linguísticos, político, social e cultural.

Com o reconhecimento das comunidades surdas, representadas nos documentos legais — Lei 10.436/02, regulamentada pelo Decreto 5.626/05 —, que, além de instituir a língua de sinais como língua oficial da comunidade surda brasileira, garante a formação de tradutores e intérpretes no curso de graduação em Letras-Libras (Língua Brasileira de Sinais) e a língua de sinais como disciplina curricular nos cursos de licenciatura.

Assim, as universidades assumem grande relevância ao fomentar mudanças significativas que promovem a inclusão social e educacional dos estudantes que apresentam características diferenciadas para aprender. Isso acaba por favorecer uma busca bastante significativa por cursos de ensino superior por parte dos surdos que concluem o ensino médio. A maioria busca pelo curso de Pedagogia.

Com o ingresso de educandos surdos no ensino superior, surge uma problemática que é o cerne da presente pesquisa: **Quais as terminologias e socioterminologias abordadas na Língua Brasileira de Sinais – LSB – com conceitos do curso de Pedagogia e como elas podem ser registradas para consulta e compreensão de acadêmicos de Pedagogia.**

Minha aproximação do objeto da pesquisa e do questionamento supracitado está relacionada à atuação como Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), acadêmica e docente. Nesse sentido, peço licença para me apresentar. Início a ativação dessas memórias com uma dinâmica feita em 2014 em uma disciplina que cursei na condição de aluna especial em Educação na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Compreendia contar um fato sobre si que causasse espanto. Pensei

durante algum tempo e segundo (Bosi, 1994, p. 89), “a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente”. Ao contar minha história, percebi vários contatos com pessoas surdas: na infância, na adolescência, no ensino médio, no movimento religioso, na graduação e na profissionalização, minha memória ativou lembranças que servem de fonte para a constituição do eu profissional e social e é fonte de conhecimento que delinea cronologicamente o passado na construção do presente.

Na infância, tínhamos uma grande amiga da família que nos visitava semanalmente para ensinar a bíblia. Ela levava uma de suas netas que é surda, minha irmã e eu gostávamos da companhia dela. Ela comunicava conosco, mas não lembro como, sei que conseguíamos tecer uma relação significativa que me impulsionava a aprender a Língua Brasileira de Sinais e a criar estratégias de comunicação com pessoas surdas. Recordo que essa menina surda desenhava bem.

Na alfabetização, na escola em frente de casa, tinha uma coleguinha peculiar. Ela não falava, sempre sentava separada dos outros alunos, babava um pouco e tinha um olhar triste. Hoje sei que ela tinha paralisia cerebral e surdez.

No primeiro ano do ensino médio, na sala de aula, havia um colega de sala com surdez profunda, mas oralizado. Ele era risado por ser homossexual surdo e sem o ouvido externo, também por ser órfão de mãe e viver com a avó materna, que não conseguiu se comunicar com ele. Por isso, esse jovem não compreendia o mundo em sua volta. Entretanto, tinha mais conhecimento, era fluente em língua de sinais e aproveitava toda oportunidade para conversar com ele e conseguia ser sua intérprete na medida do possível. Como sentávamos perto, sempre conversávamos e eu me tornei a amiga e “conselheira” dele.

Em 2007, fui aprovada no exame de avaliação de proficiência para tradutor e interprete de Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS. Logo, percebi que isso não era o suficiente para atuar na interpretação em sala de aula pela ausência de formação superior. Aprovada no vestibular para graduação do curso Letras Libras, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2008-2012), um curso na modalidade a distância, coordenado pela prof.a Dr.a PHD. Ronice Muller de Quadros, com polo presencial na Universidade do Estado do Pará – UEPA, cursei a licenciatura em uma turma de 23 surdos e 7 ouvintes. Conclui em 2012.

Ainda em 2008, para começar a trabalhar em cursos livres de Língua de Sinais Brasileira, iniciei com um curso de formação técnica de tradução e interpretação. Para instrutores de libras no Instituto Federal do Pará, cursei paralelamente a graduação de Letras com habilitação em Libras.

Na busca de novos conhecimentos em 2010, na perspectiva da educação de surdos ainda no Instituto Federal do Pará, iniciou a seleção de um curso de Extensão universitária em Inclusão Social e Comunicação Bilíngue, dividido em três módulos com conteúdo e práticas bilíngues para o trabalho com crianças surdas.

Atuo como Tradutora Interprete de Língua de Sinais –TILS, desde 2002, aos 15 anos, inicialmente no movimento religioso. Na carreira secular, atuo: desde 2009, na Faculdade da Amazônia, no curso de contabilidade; na extinta Faculdade do Vale do Acaraú-UVA nos cursos de Radiologia, Estética, Pedagogia, Designer Gráfico; na Universidade da Amazônia, no curso de Arquitetura e Urbanismo e em eventos acadêmicos e culturais, cursos, formações variadas até os dias atuais.

Dentre inúmeras experiências, destaco a atuação como TILS na Universidade Federal do Pará – UFPA, no “II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística”, em setembro de 2012. Nesse evento, vivenciei experiências de pesquisadores do Brasil com destaque para os da UNB e UFSC. Conheci pesquisas, relatos e palestras que problematizavam o termo na LSB e a expansão lexical que o curso de Letras-Libras promoveu, assim como o ingresso de surdos em diversas graduações, além da Pedagogia, que motivou a criação de léxicos novos em LSB. Essas experiências profissionais e acadêmicas me indicaram como elucidar dúvidas sobre lacunas terminológicas que sentiam na educação e tradução da LSB.

Fui aprovada no mestrado em Educação na Universidade do Estado do Pará em (2014 -2016), com distinção e louvor. A pesquisa de dissertação é intitulada: “GLOSSÁRIO VISUAL BILINGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: estudo sociolinguístico na língua brasileira de sinais”.

Iniciei a carreira docente na Faculdade da Amazônia – FAAM, em 2013/2 até 2015/1, ministrando a disciplina de Libras, Educação Especial, Projetos Educacionais e Problemas Regionais. Ministrei aulas de Língua de Sinais na Fundação Cultural do Pará – FCP (2015-2018). Era uma modalidade de curso livre em 15 dias com uma culminância socializada com outros cursistas do turno.

Desde abril de 2018, sou professora efetiva com dedicação exclusiva da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, na disciplina LIBRAS.

Os anos de formação acadêmica foram realizados na maior parte em instituições públicas de ensino superior, que consolidaram minha atuação. Nas experiências profissionais, as atividades de TILS me auxiliaram a conhecer as peculiaridades da forma de se comunicar e interagir em espaços educacionais e amadurecer pela imersão na comunidade surda. As atividades de pesquisa no

mestrado e no doutorado até o presente momento têm fundamentado a clareza científica na atividade docente e de tradução, que desempenho. É precursora para o aprofundamento dos estudos linguísticos na área da LSB.

O objetivo desta presente pesquisa é implementar um glossário de Pedagogia em Língua Brasileira de Sinais, para graduados e graduandos surdos no curso de Licenciatura em Pedagogia. Entre os objetivos específicos, têm-se:

Analisar o diálogo entre surdos e os Intérpretes de Libras que atuam na área, a fim de investigar como percebem e convencionam termos técnicos e científicos do curso de Pedagogia;

Descrever os termos e definições em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais Brasileira;

Explicar a organização e o uso do glossário, disponível em aplicativo para celular.

É fundamental destacar que registrar de forma adequada as terminologias convencionadas na interação diária de estudantes surdos e intérpretes de Libras, isto é, do português — a língua de partida — para o falante nativo da Libras — a língua de chegada é um desafio. Para se chegar à elaboração deste registro, foi realizado um estudo bibliográfico a partir de Faulstich (2003), Quadros (2004), Faria-Nascimento (2009), Castro Júnior (2014), Costa (2012) e Oliveira (2015), dentre outros autores, cuja utilização busca respaldar o estudo no âmbito linguístico para a convencionalização na construção de morfema que expresse adequadamente a terminologia da categoria do curso de Licenciatura em Pedagogia.

No novo cenário do ensino superior, os discentes surdos encontram as mesmas dificuldades vivenciadas nas etapas anteriores referentes à língua de instrução, cuja resolutiva cabível é a mediação feita pelos profissionais TILS. Na tríade pedagógica entre professores ouvintes e alunos surdos mediados pelo intérprete de Língua de Sinais, pesa a abordagem e o ensino de conceitos técnicos e científicos em Língua Portuguesa, traduzidos para outra língua de modalidade diferente, cuja principal característica é o aspecto visual, em que o aprendiz depende da visualidade para estabelecer suas relações de compreensão, entendimento e aprendizagem.

Nesse sentido, fomentar a elaboração e constituição de glossários com vocabulário técnico e científico da área é importante, disponibilizando-os para a consulta de professores, acadêmicos surdos e ouvintes e para os TILS, para evitar a

soletração exaustiva que não esclarece o sentido nem o significado do termo sinalizado. Além da ausência ou da escassa quantidade de registro das terminologias, exigir flexibilidade dos TILS, muitas vezes exige paciência, pois alguns surdos, ainda hoje, consideram a variação linguística como “erro”. Como exemplo, consideram-se as diversas situações em que um surdo corrige o trabalho dos TILS ao sinalizar (“SINAL ERRADO”, dizem) quando, de fato, trata-se de um sinal variante que não causa problemas de comunicação em conversações com outros surdos.

Para Britto (1997), essa situação de corrigir o TILS se assemelha ao diálogo entre duas crianças de dois ou três anos conversando com a supervisão de um adulto, que observa a comunicação entre elas e ajusta continuamente as suas falas em função da norma padrão. Esses ajustes nos discursos, independentemente do nível, idade, classe, entre outros, que é feito consciente ou inconscientemente, são a demarcação da norma da identidade e do valor linguístico atribuído e que se atribui ao falante.

Em situações como a relatada, a postura a se assumir é a de não discutir, tentando explicar os motivos da diferença na forma de sinalizar. Além disso, sempre que possível, deve-se utilizar a variante convencionada pelo grupo de surdo, público-alvo da interpretação em Libras, privilegiando as peculiaridades daquela realidade específica ao sinalizá-la. Entretanto, a dificuldade é maior, pois, pela falta de registro, cada surdo elabora o “seu”, ou seja, um registro que não é usado pelos demais grupos com sinal-termo particular e ainda obriga o TILS a conhecer cada um dos termos criados por cada um deles. Um exemplo é o lexema “prova”, que pode ser sinalizado, no mínimo, de duas formas distintas, podendo variar dependendo das experiências linguísticas e sociais dos surdos.

Atualmente, a LSB está amplamente difundida no Brasil. Apesar disso, ainda são escassas as pesquisas no âmbito da Linguística que visam a registrar as variedades inerentes aos usuários dessa língua. Sendo assim, segundo Quadros (2013), que cita Miller (2001), há um número grande de variação e pouca consistência nos critérios de registro, documentação, análise e na demonstração dos dados nas Línguas de Sinais, o que prejudica o progresso da formação de TILS e a tradução literária do Português para a Língua de Sinais.

Anos atrás, ao atuar como intérprete de Língua de Sinais para alunos surdos e, atualmente, como professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), confronto-me constantemente com o desafio de interpretar terminologias técnicas e científicas do campo educacional, as quais, por

não fazerem parte da realidade desses alunos, não tinham correspondentes na língua de sinais. Diante de um cenário em que a maioria dos surdos opta pelo curso de Pedagogia e, em contrapartida, com poucos materiais das terminologias da área sendo disponibilizados, constantemente me colocava diante do seguinte questionamento: Como traduzir os conceitos da Língua Portuguesa, respeitando os parâmetros linguísticos da Língua de Sinais, de modo que se faça reportar, coerentemente, ao sentido da língua fonte para terminologias do curso de Pedagogia?

A separação entre os vocábulos comuns e de especialidades está relacionada à terminologia. Segundo Faulstich (1995), para a terminologia clássica, a preocupação primordial era metodológica para o registro, normatização e eliminação de qualquer ambiguidade na comunicação técnica em documentos e principalmente em dicionário, sem admitir variação da terminologia.

A catalogação e o registro dicionarizado de terminologias foram realizados pelo engenheiro industrial e professor Eugen Wuster, em 1931. Nesse período, a terminologia era expressa com o intuito de organizar o conhecimento científico, por meio de uma linguagem científica internacional denotativa e precisa, com conceitos e não aceitando variação, com características prescritivas e normalizadoras.

Ainda sobre a terminologia clássica, a visão de Krieger e Finatto (2004, p. 32) sinaliza sobre seu papel fundamental para os estudos recentes da terminologia:

A teoria wusteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. Ao desenvolver importantes reflexões sobre a Terminologia como disciplina, bem como sobre as unidades terminológicas em muitas de suas feições, Wüster recorre a elementos da Linguística, ciência que integra a interdisciplinaridade com que concedeu a Terminologia (Krieger, Finatto, 2004, p. 32).

A terminologia é uma ciência do estudo e da catalogação de termos de uma área de especialidade ou profissional. É a disciplina que permite a constituição de glossários especializados, por se ocupar com terminologias de diversos campos de conhecimento profissional.

A socioterminologia surge em Quebec na França, nos anos de 1970, mas foi no início dos anos 80 que ela se estabeleceu de fato pelos estudos de François Gaudin. Sua proposta foi tornar a socioterminologia uma disciplina de caráter teórico-prático, que se organiza metodologicamente para buscar reconhecer e registrar variantes linguísticas que outrora não eram valorizadas, e não somente como método analítico aplicado. Além disso, propõe refinar o conhecimento dos discursos especializados, científico e técnico para explorar os discursos que são passíveis de

variação por relacionar à terminologia as mudanças na comunicação entre os membros da sociedade.

O estudo das terminologias está se modificando em virtude de que linguistas da contemporaneidade percebem a necessidade de registrar as variedades sociais e culturais inerentes a variados grupos, os quais, a partir de suas experiências pessoais, produzem variedades linguísticas que precisam ser registradas para que elas não desapareçam com o passar do tempo, não sejam esquecidas e possam ser lembradas nas descendências.

Dessa forma, é possível manter registro de terminologias que não são consideradas padrões e por isso são desprestigiadas da variante de termos técnicos de falantes de grupos e comunidades sociais considerados de pessoas comuns. Assim a lexicologia, a terminologia e a socioterminologia têm como característica: analisar, descrever e catalogar os termos especializados e as variantes desses termos. Por isso, a seleção de seu método de verificação e registro é fundamentado e organizado.

A presente pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa, pois analisa o conhecimento construído preferencialmente pela observação e diálogos livres para o registro dos fenômenos reais da interação social da vida diária dos sujeitos da pesquisa. Fundamenta-se nos princípios da Socioterminologia para: identificar, analisar e registrar os termos e suas variantes, bem como o processo de surgimento das convencionalizações terminológicas dos conceitos próprios do curso de Pedagogia em LSB na relação entre professores ouvintes, discentes surdos e seus intérpretes. Para tanto, os sujeitos da pesquisa serão graduados, graduandos, professores e TILS que já atuaram na Licenciatura em Pedagogia.

A sociedade modifica e se reorganiza constantemente. Isso ocasiona novos vocábulos que são convencionados e se incorporam à comunicação para facilitar o entendimento, inclusive de áreas profissionais de conhecimento. Com o surgimento de novos termos e variantes que emergem de interações na formação e na atuação de pedagogos, seus significados precisam ser estudados pela lexicologia, terminologia e socioterminologia nos vários níveis científicos. Surgem, assim, os dicionários e os glossários de termos técnicos e científicos de áreas de especialidades.

Com a organização dos termos, foi criado o dicionário bilíngue da área da Pedagogia da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira — DBP (PT/LSB) em formato digital, disponível para *smartphones* com sistema *android*. No *app*, o

primeiro dicionário a ser armazenado é o de Pedagogia, e a base de dados de uma biblioteca das pesquisas disponíveis no Brasil na área da terminologia e socioterminologia. Esse *app* pretende dinamizar as buscas de termos em LSB, além de promover a ampla divulgação de materiais produzidos na área das pesquisas em LS. Para isso, convido pesquisadores para enviarem seus bancos de dados para serem inseridos na plataforma¹.

O estado da arte está organizado pelo levantamento de trabalhos na perspectiva da Terminologia, Socioterminologia em LSB e na área da Pedagogia, no contexto amazônico e nacional. Nos Programas de Pós-Graduação em Linguística e Educação do Brasil, foram catalogadas 39 pesquisas no período de 2009 a 2021.

Acrescento que a maioria das pesquisas não direciona para uma página, programa ou dispositivo que disponibilize os glossários e os dicionários. A dificuldade de acesso a esses materiais motivou a ideia do prof. Dr. Abdelhak Razky para a criação do *app* que visa, além de armazenar o dicionário de Pedagogia, a aproximar pesquisadores, pesquisas e comunidade geral, a partir do convite lançado a outros pesquisadores para, em conjunto, manter o *app* como fonte de referência para estudos da LBS. Para a divulgação, será apenas solicitada a organização do banco de dados do pesquisador com o modelo elaborado na sequência do aplicativo para a manutenção da ordem e da clareza na plataforma.

O único material voltado para a Pedagogia foi encontrado a partir de busca no site no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)², um dicionário temático com entradas de áreas de estudo do curso de Pedagogia Bilíngue, idealizado pelo referido instituto. Algumas das entradas do material são Alfabetização, Aquisição da Linguagem, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação à Distância, dentre outras. Para cada verbete, são disponibilizados sinais-termo do respectivo, variantes catalogadas e alguns termos relacionados.

Durante a pesquisa, percebeu-se a inexistência de um glossário com registro terminológico e socioterminológico da área de conhecimento da Pedagogia, sendo que alguns exemplares básicos criados por surdos para uso particular não são disponibilizados como material didático, com fator que compromete a compreensão de determinados conceitos. Isso acontece em função de alguns termos serem usados por um tempo determinado, pela necessidade de estabelecimento de comunicação. Assim, outros surdos, ao ingressarem no curso, criam neologismos ou um novo sinal-

¹ Confira em: <https://app.libras-socioterm.com.br/tabs/dictionary>

² <http://www.manuario.com.br/dicionario-tematico/producao-textual>

termo, ação que demanda esforço que poderia ser poupado com a convenção, a validação e a divulgação dos glossários da área de especialidade.

Sendo assim, em todos os sentidos, tanto para surdos quanto para professores e intérpretes, a convencionalização das terminologias em LS se torna uma questão central para o processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que precisa guardar suas relações de sentido com o conceito expresso na Língua Portuguesa — língua de instrução no ensino superior, bem como com o registro e a disponibilização à comunidade acadêmica todos poderão se beneficiar para análise e estudo.

A leitura dos conceitos e das características da Linguística apresenta A SEGUNDA SEÇÃO, na qual se aborda a temática central da Lexicologia, Terminologia e Socioterminologia no âmbito da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa, cujo papel é analisar, descrever e catalogar termos especializados e variantes desses termos da Socioterminologia. Por isso, a seleção de seu método de verificação e registro está fundamentada e organizada.

A TERCEIRA SEÇÃO aborda um estudo direcionado aos atos de criação de dicionários e de glossários, decorrente da proposta vinculada na criação e no desenvolvimento dos sinais-termo usados na Pedagogia. Aqui, ocorre a análise dos dicionários monolíngues e bilíngues, com estruturas baseadas na escrita de sinais, além da demonstração de como ocorre a qualificação de um sinal-termo.

A QUARTA SEÇÃO aborda aos acadêmicos surdos na área pedagógica, sua trajetória através do contexto histórico da Educação dos Surdos no Brasil, com ênfase na Educação de Surdos na esfera geral e na integração destes no curso de Pedagogia, além da importante participação do professor regente e intérprete na realização dos projetos educacionais dos surdos.

A QUINTA SEÇÃO aborda a metodologia da tese, a Socioterminologia em contribuição com as fases de elaboração do Dicionário bilíngue para a área de Pedagogia da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira — DBP (PT/LSB). Além disso, aborda a descrição de cada procedimento metodológico utilizado para a elaboração do dicionário PT/LSB de Pedagogia.

A SEXTA SEÇÃO é a apresentação das devidas análises linguísticas dos sinais-termo do glossário. Seguido da macroestrutura e microestrutura em ambas as línguas, defino critérios e importância de uso, bem como a divulgação da plataforma do *app* na plataforma *android*.

2 DA TERMINOLOGIA A SOCIOTERMINOLOGIA

A presente seção aborda os fundamentos teóricos que subjazem os objetivos da tese. Procede-se a delimitação dos conceitos da terminologia e da socioterminologia, inserindo-os no seu escopo maior que trata dos estudos de léxico em Língua Portuguesa e em Línguas de Sinais, uma vez que a pesquisa aborda a elaboração de um glossário bilíngue. Para as análises, faz-se necessário compreender léxico, termo, terminologia e a Socioterminologia.

A construção dos aspectos linguísticos nestas duas línguas ocorre pela independência gramatical da LSB em relação à Língua Portuguesa, sabendo-se que cada uma dessas duas línguas possui sua própria variação linguística, seu dicionário e sua representação linguística. Assim, vale salientar cada aspecto linguístico de forma individual, além de focar nos quesitos de tradução. Para compreender as estruturas elementares de duas línguas distintas, como a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, é fundamental uma visão teórica que aborde suas especificidades. Entender as diferenças e semelhanças entre essas línguas contribui para uma melhor análise linguística.

2.1 A Terminologia seu histórico e conceitos

A evolução do léxico na Língua Portuguesa pode ser exemplificada em pelo menos 4 períodos históricos: I. A romanização da Península Ibérica, quando o latim vulgar, falado pelas classes populares e pelos soldados romanos, se misturou com as línguas locais, como o celta, o lusitano e o ibero; II. Influência germânica devido às invasões dos visigodos, e mais tarde dos árabes, com a ocupação moura; III. Expansão marítima portuguesa nos séculos XV e XVI; e VI. A revolução industrial. O léxico da Língua Portuguesa é reflexo da história de trocas culturais, políticas, sociais e tecnológicas ao longo dos séculos, adaptando-se às novas realidades para sua expansão e evolução.

É necessário conceituar o léxico para caminhar cronologicamente na evolução dos estudos sobre a língua. De acordo com Wüster (1979, p. 81), “o léxico de uma língua reflete as condições culturais e sociais de uma comunidade,

sendo constituído de um conjunto de unidades terminológicas que evoluem conforme as necessidades comunicativas dos seus falantes". Então, compreende-se que o léxico de uma língua é complexo e dinâmico por ter influência direta nos aspectos social e cultural da interação comunicativa entre indivíduos.

Na Língua Portuguesa, assim como em outras línguas, o léxico é o "conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado possíveis numa língua" (CABRÉ, 1999). A definição de Cabré permite entender o léxico como constituinte de uma estrutura efetivamente atestada e registrada que formam a base do vocabulário de um sistema linguístico. Esse léxico é composto por palavras com significados próprios, além de incluir expressões idiomáticas, neologismos e léxicos técnicos que surgem à medida que a cultura e a tecnologia evoluem.

A lexicologia para Biderman (2001) deve considerar as implicações sociais e comunicativas do léxico, refletindo a dinâmica das interações humanas e das práticas sociais em contextos variados. É uma disciplina vital para o estudo e a compreensão do léxico na criação de recursos que reflitam a riqueza e a complexidade do léxico em diferentes contextos. Contribui tanto para a teoria linguística quanto para a prática pedagógica e comunicativa.

Ao discutir sobre a evolução lexical, adentramos no viés registro, que é campo de estudo da disciplina lexicografia que compreende o estudo da elaboração, organização e compilação de dicionários. Para Wüster (1979), a lexicografia é como um processo sistemático e científico que deve considerar as necessidades dos usuários e a evolução dos termos em contextos específicos.

A expansão lexical é um campo de investigação da Lexicologia, que abrange a análise de vocábulos individuais e a relação entre eles. Este campo concentra-se nos aspectos de formação, evolução, significado e uso das palavras em diversos contextos. A evolução linguística é contínua, manifestando-se na incorporação de novas palavras e significados. Biderman (2001) destaca que a criação de neologismos e a inclusão de termos de outras línguas são fenômenos que enriquecem o léxico.

A lexicografia tem um trabalho de atualização contínuo por considerar as mudanças sociais e tecnológicas que influenciam a comunicação ao longo do

tempo. Tem papel central na preservação e na transmissão de uma língua, fornecendo uma referência tanto para falantes nativos quanto para aprendizes.

Os registros de léxicos pode ser exemplificado em dicionários e glossários. Para Rey-Debove (1984, p. 8, 19), o conteúdo desses manuais:

o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a junção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases numa língua. Se a existência das gramáticas e dos dicionários nos sugere, com uma exatidão razoavelmente grande, essa dicotomia da língua, o conteúdo deles nos revela, da mesma maneira, a fragilidade da fronteira traçada entre esses dois domínios complementares.

Entende-se que os dicionários³ de Língua Portuguesa possuem listas numerosas de lexias. Há um dicionário que possui doze volumes que armazenam a gama da expansão e da evolução lexical, assim preservando o registro de conhecimento da História cultural da Língua Portuguesa.

Em suma, o léxico que é base dos estudos da lexicologia e lexicografia em diferentes caminhos é fundamental para a compreensão e a documentação da Língua Portuguesa. A lexicologia fornece a teoria e a base para o estudo do léxico; a lexicografia organiza o conhecimento sobre as lexias em forma de dicionários, que por sua vez servem como repositórios acessíveis e normativos do léxico da Língua Portuguesa.

2.2 Estudos Terminológico em Língua Portuguesa

Os estudos da terminologia no Brasil iniciaram na década de 80, em conjunto com a introdução de pesquisas relativas à terminologia, tornando o

³ Na contemporaneidade, são dicionários gerais: o *Novo Aurélio-Dicionário da Língua Portuguesa - Século XXI (1999)*, registrando uns 135 mil verbetes; o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001)*, com cerca de 228.500 verbetes e o *Dicionário Michaelis de Português*, com cerca de 200 mil verbetes. Seja qual for a dimensão de um dicionário geral, o fato é que a imensa maioria desse acervo é constituída pela terminologia técnico-científica. Os vocabulários comumente usados na língua não ultrapassam 10 mil unidades vocabulares, embora essas palavras sejam usadas com uma altíssima frequência, além de serem reutilizadas continuamente com novas conotações, geram o fenômeno da ressemantização, e geram também o fenômeno da polissemia, para o qual os valores semânticos dos vocábulos se multiplicam. Inversamente, o vocabulário técnico-científico tem frequência de uso muito baixa na língua, sendo usado apenas no âmbito de cada língua de especialidade pelos profissionais dessa área. Entretanto, em face do fenômeno da democratização do saber, uma parcela desse vocabulário ultrapassa as fronteiras do domínio especializado e ingressa na grande corrente do uso geral (Biderman, 2006).

estudo terminológico uma disciplina de *status* obrigatório, principalmente na formação de tradutores e intérpretes. Portanto, a terminologia está atrelada a características como: origem, produção, organização de dicionários e glossários, registro de vocábulos técnicos e científicos.

A Terminologia, para Faulstich (2012), é cronologicamente organizada. Apresenta a evolução e os estudos científicos nas línguas orais iniciados em Quebec, com Pierre Auges – 1976; na França, com Alain Rey – 1980; na França, com François Gaudin – 1991; na Espanha – Maria Tereza Cabré – 1992, e no Brasil.

Eugen Wüster⁴, pioneiro no estudo da terminologia, descreveu-a como a "ciência dos conceitos e dos termos que os representam" (WÜSTER, 1979). O estudo terminológico, portanto, visa a catalogação em uma área de especialidade para registro dicionarizado e estabelecer uma relação clara entre um conceito e o termo que o designa, garantindo que o uso desse termo seja coerente e uniforme dentro de um campo específico. A disciplina de terminologia fornece contribuição a áreas cuja a precisão é crucial, como na Medicina ou na Engenharia, em que o uso de um termo inadequado pode levar a erros graves.

Wüster ([1971] 1996, p. 145), autor da Terminologia clássica, sinaliza que “Documentalistas e terminólogos precisam se unir numa pesquisa sobre a classificação onde se deve incluir naturalmente também o ponto de vista da classificação científica, da lógica e da teoria da ordenação”. Os primeiros

⁴ O engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898-1977) lançou nos anos 1930, com seus trabalhos, os fundamentos do que viria a se constituir um campo de investigações cada vez mais dinâmico na linguística contemporânea: a terminologia como especialidade nos domínios da lexicologia e da lexicografia. Os estudos do léxico são fundamentais para a compreensão dos mecanismos de produção do sentido e do significado da linguagem. O trabalho com a lexicografia permite a produção de dicionários cada vez mais abrangentes, com o registro do léxico de uma ou de várias línguas. Os estudos terminográficos também produzem dicionários de termos técnicos e científicos ou mesmo de termos especializados em domínios literários, estéticos e culturais mais amplos, numa acepção mais sociológica e antropológica da palavra cultura. Com o desenvolvimento acelerado da ciência e da tecnologia, com a circulação ampla das informações e a facilitação a seu acesso rápido e instantâneo num mundo feito de distâncias efetivas e de simulacros afetivos de simultaneidades, as terminologias se produzem cada vez mais rapidamente. De um lado, como necessidade criada pela própria dinâmica do conhecimento especializado, de outro, como desejo de uma individualidade que se afirma não só pelo novo, mas pela sua novidade. Por isso, os artigos que dispostos na obra cobrem um largo espectro dos estudos terminológicos que vão da palavra em estado de dicionário ao dicionário em processo textual e discursivo. Coordenado pela professora Lídia Almeida Barros e com a colaboração de reconhecidos pesquisadores na área, o Núcleo Temático deste número da Ciência e Cultura constitui-se uma referência importante para uma melhor compreensão dos aspectos teóricos, metodológicos e práticos da terminologia. E nos termos da revista, mais reportagens, notícias, notas, informações, arte e literatura (Vogt, 2006).

registros foram realizados pelo engenheiro industrial e professor Eugen Wuster, em 1931. Nesse período, a terminologia era expressa com o intuito de organizar o conhecimento científico, por meio de uma língua científica internacional denotativa e precisa, com conceitos e não aceitando variações, pois tinha características prescritivas e normalizadoras.

Sobre o papel fundamental para os estudos recentes da terminologia, Éderson da Cruz (2019, *apud* Krieger; Finatto, 2004) afirma que

a teoria wusteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação (Cruz, 2019, *apud* Krieger; Finatto, 2004, p. 32).

O estudo das terminologias avança à medida que linguistas percebem a necessidade de registrar termos técnicos e científicos que emergem áreas de pesquisa acadêmica. A terminologia funciona através da identificação de conceitos-chave em um domínio e da atribuição de termos precisos para representá-los. Após essa análise, os termos são normalizados para uso dentro da comunidade especializada. Isso pode incluir a criação de glossários, dicionários terminológicos e bancos de dados multilíngues.

A criação de glossários e dicionários compreende a disciplina da terminografia. Ramo especializado da lexicografia que se concentra na criação e elaboração de glossários e dicionários terminológicos para áreas específicas do conhecimento. Wüster (1979) define que a terminografia é fundamental para a padronização de termos em disciplinas como Medicina, Engenharia e Direito, áreas que a precisão lexical é crucial para evitar ambiguidades e mal-entendidos.

O processo de elaboração de uma terminologia envolve várias etapas, desde a inclusão e a identificação dos conceitos relevantes em um domínio específico, a coleta de dados terminológicos até a análise das relações entre os termos. A terminografia é uma disciplina essencial que fornece as ferramentas necessárias para a padronização e a compreensão de termos técnicos em diversas áreas do conhecimento.

Um dicionário especializado tem como objeto de estudo terminológico a explicação de questões da língua especializada, uma linguagem técnica, específica de determinada área do conhecimento.

Assim, o dicionário terminológico, nas palavras de Lima (2010):

Na verdade, o dicionário especializado, ou dicionário terminológico ou técnico, é produto de uma pesquisa terminológica e também de um trabalho terminográfico. A terminologia fornece os fundamentos teóricos e metodológicos para a pesquisa e o levantamento da nomenclatura; a terminografia, por sua vez dispõe dos métodos e procedimentos para a organização e sistematização dos repertórios terminológicos. As duas disciplinas são independentes e complementares. (...). Todo dicionário é, antes de tudo, uma obra de consulta, e no caso particular do dicionário especializado, uma obra de consulta destinada a um público, mais ou menos, específico. Como obra dessa natureza, o dicionário tem que ser sistemático, objetivo e preciso (Lima, 2010, p. 60-61).

Os dicionários especializados buscam dominar as propriedades dos termos determinados para a aplicação nas obras, cujos valores semânticos dos vocabulários técnico-científicos estão na ampla condição. Isso pode incluir a criação de glossários, dicionários terminológicos e bancos de dados multilíngues.

Além de padronizar o vocabulário, a terminologia também tem a função de facilitar a tradução técnica e científica. A existência de bancos de dados terminológicos multilíngues, por exemplo, permite que tradutores e especialistas possam se referir a termos precisos em diferentes línguas, garantindo que o conteúdo traduzido mantenha a exatidão do original. Isso é especialmente importante em setores como o comércio internacional, em que contratos, manuais técnicos e regulamentações devem ser traduzidos com precisão.

A terminografia desempenha um papel essencial na tradução técnica e científica. Conforme Osselton (1999), a utilização de bancos de dados terminológicos e ferramentas de memória de tradução é uma prática comum entre tradutores profissionais, permitindo que eles acessem rapidamente informações precisas sobre termos específicos. Dessa forma, a terminografia não apenas facilita a comunicação em um campo específico, mas também contribui para a formação de um conhecimento compartilhado entre profissionais, promovendo a colaboração e o avanço do saber.

Dessa forma, faz-se necessário ressaltar as palavras de Krieger (2006, p. 191) em relação à tradução terminológica:

O tratamento adequado da terminologia é, portanto, condição

necessária, embora não suficiente, para efetuar uma boa tradução técnica, prática que não se reduz a problemas de vocabulários, tratando-se de um complexo processo de transposição interlínguas em que muitas variáveis – linguísticas, semânticas, pragmáticas, estilísticas e culturais – estão envolvidas. Além das variáveis, há também diferentes formas de desenvolver o processo tradutório, incluindo fases e focos de tratamento que não são obrigatoriamente lineares e sequenciais. De igual modo, o reconhecimento do estatuto terminológico de uma unidade lexical é uma tarefa geralmente difícil, que, ao contrário do que muitos pensam, não se resume à identificação mecânica de palavras não usuais, nem tampouco à identificação de um jargão hermético e distinto do léxico geral. A dificuldade em reconhecer as terminologias, que afeta os tradutores, e, igualmente, os terminólogos, relaciona-se a aspectos tanto de natureza cultural, quanto de estruturação linguístico-formal dessas unidades lexicais (Krieger, 2006, p. 191).

A tradução técnica reconhece a existência de termos de especialidades. Os materiais de registro são produzidos em diferentes áreas de conhecimento da Linguística. Segundo Faulstich (1995, p. 32), “para a Terminologia clássica, a preocupação primordial era metodológica para o registro, normatização e eliminação de qualquer ambiguidade na comunicação técnica em documentos e principalmente em dicionário, sem admitir variações da Terminologia”.

Os estudos da terminologia, que buscam registrar e conceituar os termos, são determinantes para corrigir traduções em relação ao uso preciso dos termos técnico-científicos. Além disso, são também para estabelecer precisamente concepções semânticas de textos especializados, produzidos e utilizados para expressar as traduções profissionalizadas, inclusive por expressar aspectos primordiais das características terminológicas, como, por exemplo, a escolha de componentes linguísticos. Contudo, apenas com a terminologia, a tradução técnica não pode ser suficiente. É necessário aplicar as propostas terminológicas, fazendo com que cada termo seja expresso de forma adequada, evitando problemas de comunicação diante de uma língua.

No território brasileiro, a trajetória da pesquisa terminológica desperta, em síntese, o interesse de pesquisadores de cada área de conhecimento. A demanda de propostas também proporciona estudos voltados à terminologia em LSB, que envolve desafios e adaptações para garantir precisão, clareza e acessibilidade entre as duas línguas. Enquanto a terminologia em português geralmente se desenvolve a partir de raízes latinas e gregas, com definições padronizadas em dicionários e glossários, a terminologia em LSB se estrutura

visual e espacialmente, adaptando conceitos e palavras para a comunicação manual e visual, o que representa uma mudança significativa de forma e de percepção para os surdos.

2.3 Estudos Terminológicos – Língua de Sinais Brasileira (LSB)

Os estudos terminológicos em LSB ainda podem ser considerados um campo em desenvolvimento, dedicado à criação, à padronização e à adaptação de sinais específicos para expressar conceitos acadêmicos, técnicos e científicos de forma acessível para a comunidade surda. Dada a natureza visual e espacial de LSB, a criação de terminologia especializada envolve mais do que a tradução de palavras do português. Ela requer a adaptação semântica e cultural que considere as características únicas da língua de sinais. Diante disso, a terminologia em LSB precisa ser funcional e compreensível para garantir que a comunidade surda possa acessar o conteúdo acadêmico e profissional de maneira equivalente ao público ouvinte.

O primeiro registro dicionarizado em LSB foi do professor Surdo, Flausino da Gama⁵, em 1875, "Iconographia dos signaes dos surdos-mudos". Este dicionário fora desenvolvido por meio de litografia, técnica de gravura muito utilizada no Brasil no século XIX, contendo 382 verbetes ilustrados com ordenação semântica apresentada sob estampas com descrição verbal análogas aos verbetes organizados, para facilitar a pesquisa dos interessados em aprender os sinais correspondentes.

De acordo com Leite (*apud* Gama, 1875, p. 2), Flausino, ao visualizar a obra de um surdo francês, chamado Pierre Pélissier, que foi professor no Instituto de Paris, "manifestou o interesse de reproduzir as estampas para os falantes conversarem com os surdos-mudos". A obra de Pierre Pélissier foi

⁵ Com base no relatório do Dr. Tobias Leite, datado de 1870, **Flausino da Gama** nasceu surdo e estudou na primeira escola de surdos, fundada no Brasil por D. Pedro II, em 1857, o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, assim denominado na sua fundação. O livro publicado por Flausino José da Costa Gama, considerado a primeira obra de língua de sinais produzida no Brasil, data de 1875. Essa obra foi produzida por meio de litogravura e contém 382 sinais, excetuando-se o alfabeto manual. A edição original encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; e a obra de Pélissier consta entre os volumes da biblioteca do INES, anteriormente denominado de Instituto Imperial de Surdos-Mudos (Sofiato; Reily, 2011).

determinante e funcionou como referência para a elaboração do dicionário de Flausino.

Em estudo recente (Sofiato, 2011), verificou-se que a obra de Flausino é uma cópia direta do original de Pélissier, trazendo o mesmo léxico, traduzido da Língua Francesa para a Língua Portuguesa. À época, tal dicionário foi produzido com o auxílio de influentes litógrafos, entre eles Eduard Rensburg, e com a cessão da Typographia Universal dos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert para a realização das litogravuras (Sofiato; Reily, 2014).

A lexicografia acompanha as mudanças tecnológicas e sociais, expandindo os campos da língua refletida de diversas culturas e comunidades. A LSB também apresenta diversidade linguística, apesar de ser uma língua não oral e contempla características linguísticas registradas em dicionários, glossários, sinalários e etc., que são apresentados em ordem cronológica na seção 3 dessa tese.

À LSB estão relacionados produtos terminológicos produzidos dentro do contexto acadêmico, pois, assim como os ouvintes buscam fazer uso das didáticas de pesquisas científicas, existem muitos surdos que mergulham nesse mundo da ciência em diversas áreas do conhecimento, com o objetivo de documentar a língua para dar visibilidade e reconhecimento a ela.

A criação de unidades lexicais na LSB conta com a produtividade visuoespacial lexical. A estrutura lexicográfica da LSB relaciona-se às bases da Educação de Surdos no Brasil e reflete a evolução histórica do uso da gestualidade de surdos, a oficialização dela e como ela influenciou a expansão de registro terminológico no Brasil.

Os registros, segundo Tuxi (2009), advêm de estudos que continuam até os dias atuais no Laboratório de Linguística de Línguas de Sinais – LabLibras, na Universidade de Brasília – UNB – e em alguns laboratórios em outros estados brasileiros. Também programas de pós-graduação realizam pesquisas na área, como na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na Universidade Federal do Pará – UFPA, dentre outras.

Estabelecida pela lei 10.436/02 e pelo decreto 5.626/05, a política legal fomenta o uso, o ensino e a divulgação da LSB. É através dessas políticas que a LSB deixa de ser denominada: mímica, gesto ou linguagem e adquire

status de uma das línguas oficial do Brasil. Com o fomento promovido pelo decreto 7. 387/2010, com o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL, a LSB e seus usuários são estimulados a inventariar a língua nacionalmente.

A oficialização da LSB é garantia de acesso para as pessoas surdas em ambientes sociais de entretenimento, trabalho, educação, dentre outros. Os serviços de acessibilidade com Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais – TILS – e as adaptações linguísticas possibilitam a permanência de surdos nos espaços sociais. Tais aspectos são fundamentais para compreender a importância de pesquisas e de registros lexicográficos da Língua de Sinais Brasileira.

Houve um crescente número de ingresso de surdos em cursos de graduação, em programas de pós-graduação e/ou em docência nas universidades ou faculdades, espaços que, durante anos, eram inacessíveis a eles. Com o acesso à língua, no entanto, precisamos pensar na permanência e em unidades lexicais do Português para a LSB. O acesso dos surdos a diferentes áreas de conhecimento tem impulsionado a elaboração de produtos lexicográficos e terminográficos produzidos em Libras na última década. Isso têm demonstrado bastante relevância no contexto universitário brasileiro, como se pode observar com os produtos de Faria-Nascimento (2009), Castro Júnior (2014), Costa (2012) e Oliveira (2015).

De 1995 até os dias atuais, Enilde Faulstich coordena o “Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm na Universidade de Brasília/UnB e o Laboratório de Linguística de Línguas de Sinais – LabLibras também situado na mesma universidade.” (Tuxi; Felten, 2019, p. 128). As pesquisas e os materiais produzidos nos laboratórios da UnB são pioneiros, estabelecem modelos para o estudo e têm garantido o registro da língua e o desenvolvimento dos estudos Terminológicos, Lexicográficos, Terminográficos e da Socioterminologia da Língua de Sinais.

A demarcação da área dos estudos Terminológicos na Língua de Sinais Brasileira é definida com a convenção de sinal-Termo: “Cunhamos, em nossa pesquisa, o termo “sinal-termo” para designar um sinal que compõe um termo específico da Libras, no caso desta pesquisa, os sinais-termo

apresentados referem-se a termos do Corpo Humano apresentados em Libras” (Costa, 2012, p. 33). Essa definição pode parecer apenas um termo, mas ela associa um conceito importante, que é marca identificadora na LSB.

A importância dos registros na Língua de Sinais do Brasil se justifica, conforme Castro Júnior (2011, p. 43), em função da tríade: professores, discente surdo e TILS em sala de aula:

Muitos sinais são criados e produzidos em sala de aula, por exemplo, quando para uma palavra da Língua Portuguesa, não existe um sinal correspondente em Libras. Para isso um sinal é criado e não é disseminado, nem é reconhecido por uma instituição, com vistas a ser um sinal padrão.

A criação de sinais-termo é um movimento incomum, independentemente do nível de ensino. O termo é criado e convencionado sem a devida validação e socialização para outros usuários da língua, pelo fato de o termo, na maioria das vezes, não ser gravado nem fotografado pelos criadores com auxílio do celular.

O sinal-termo permanece na memória do estudante Surdo, do TILS e do professor, no período de uso, nas aulas ministradas, em atividades e provas, todavia, com a mudança de conteúdo, de disciplina no curso, com o passar tempo, pode ser esquecido sem a devida oficialização. Caso outros usuários necessitem do mesmo sinal-termo, terão que criá-lo novamente, fazendo da língua objeto de descarte e não de registro. Nessa situação, o descarte linguístico é nocivo para a LSB, pois impede o registro da história, da cultura, da comunidade Surda e da expansão Terminológica, além de desvalorizar o esforço dispensado pela equipe que cria o primeiro sinal-termo.

Sobre o processo de criação Terminológica, a equipe que desenvolveu sinais sobre as práticas em laboratório diz sobre a experiência. Vale destacar que a criação de sinais é um trabalho de longa duração, tendo em vista que o processo depende de cada estudante surdo, portanto pode variar para cada indivíduo. Para o sinal ser construído, é importante o papel da interação do tripé: professor, intérprete e o estudante, para que, posteriormente, os sinais sejam padronizados. Também para que não ocorram distorções conceituais relativas à compreensão de determinado sinal (Silva *et al.*, 2018, p. 52).

O tempo para criação de termos sinalizados pode ser exaustivo, pois demanda um trabalho analisado e revisado por uma equipe com surdos e ouvintes, de modo que eles entendam o conteúdo em Língua Portuguesa e em LSB. Diante disso, é preciso pensar no conceito para compreender o significado macro e criar um sinal-termo que consiga exprimir o sentido sem distorções. Essa elaboração sinalizada precisa considerar dois aspectos fundamentais: o primeiro é conhecimento real dos criadores, suas experiências com práticas da linguística aplicada ao bilinguismo que norteiam a construção cognitiva sobre o conhecimento científico em que está inserido (Leite; Leite, 2012). O segundo é a prática da Língua de Sinais Brasileira e da cultura Surda. Sendo assim, as experiências somadas colaboram para que o sinal-termo tenha sentido real.

A LSB possui um amplo campo linguístico dominante. Suas composições lexicográficas são caracterizadas por sinalização de gestos manuais e corporais, o que a torna diferente de outras línguas de forma oral ou escrita. Sua estrutura lexical vem a ser bastante complexa, pois os sentidos são refletidos de acordo com o contexto a que se refere, seja em uma conversação ou em um texto formulado com as composições linguísticas dessa língua.

Os dicionários de LSB⁶ são elaborados com uso de imagens e podem ser encontrados por todo o território brasileiro, tanto impressos como em forma digital, o que facilita a pesquisa. Embora haja dificuldades de aprendizado e de interpretação da língua, independentemente da área de atuação, hoje já existem produções específicas para cada área, pelo fato de a reprodução escrita dos

⁶ “O Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos propõe o paradigma das neurociências cognitivas para a adicionalização da libras”, afirma o professor Fernando César Capovilla, do Instituto de Psicologia da USP, que, ao lado de Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins, assina a autoria da obra, publicada em três volumes pela Editora da USP (EdUSP). O dicionário documenta 14.500 sinais de Libras (Língua de Sinais Brasileira) em entradas de lexicias individuais, trazendo os verbetes correspondentes ao sinal em português e inglês, a definição do significado do sinal e dos verbetes, ilustrações e a descrição detalhada da forma do sinal. São sinais do universo surdo brasileiro de todas as regiões geográficas nas mais variadas áreas, como educação, artes, cultura, esportes, pessoas, relações humanas, comunicação, religião, corpo, medicina, sexualidade, natureza, economia, trabalho, leis, política e preocupações sociais. Além disso, contém escrita visual direta do sinal em *SignWriting*, permitindo ao leitor concentrar-se nos traços distintivos que possibilitam diferenciar sinais semelhantes. É possível ainda encontrar a descrição da etimologia do sinal pela análise dos morfemas que compõem a estrutura e uma breve análise do parentesco semântico entre o sinal e outros sinais que compartilham alguns de seus morfemas moleculares. A obra apresenta também versão digital em Libras por meio da fonte Capovilla-Raphael (fonte computador faz soletração digital, a datilologia) permitindo à criança surda analisar a composição das palavras escritas e converter letras e números em formas de mão. Segundo Capovilla, é o mais completo dicionário do mundo, considerando qualquer língua de sinais (Costa, 2018).

sinais serem complexas.

Assim, a maioria dos interessados têm dificuldades para compreender, de maneira adequada, as imagens. No entanto, aqueles que já possuem um contato diário com a língua de sinais conseguem obter maior compreensão das configurações de mãos e movimentos apresentados. Dessa forma, o uso de dicionários de Libras utilizado como material de apoio para aprender a se comunicar, trata de formas viabilizadoras e fundamentais no ensino da LSB, ainda mais com a obrigatoriedade de seu ensino, o que promove maior formação de profissionais bilíngues. Sendo assim, é visto como desafio para todos os falantes da língua de sinais, muito embora sejam obras necessárias para o desenvolvimento da língua.

Os usuários de dicionários da LSB são tanto surdos como ouvintes. Sua estrutura serve de assistência para fácil memorização, mesmo que o usuário seja um professor fluente ou intérprete, uma vez que apresentam verbetes simplificados com sinais-termo diversos apresentados de forma contextual. Usados em conversações, permitem a exploração terminológica de cada termo, novo ou antigo.

Nota-se, contudo, que existem alguns sinais-termo representados individualmente, sem a presença do contexto a que se refere, o que pode não firmar as construções desejadas, desapegando as linhas específicas quando aplicadas na formulação dos enquadramentos linguísticos. Isto, principalmente quando há certos conflitos na tradução de Língua Portuguesa para LSB, posto que são línguas com estruturas lexicais diferentes, o que provoca uma confusa aplicação gramatical.

Isso pode ser entendido como uma maneira apenas de consultar se um sinal-termo está correto ou com a finalidade de aprender um novo, pois, quanto maior a habilidade e conhecimento da língua, maior será o uso correto dos movimentos e a aplicação destes em frases completas, inserindo os verbetes de acordo com o contexto. Mesmo com a diferença linguística, pode-se inserir os domínios dos verbetes com clareza.

Ao aplicar a terminologia em uma língua visuoespacial, precisa-se destacar os vocabulários especializados, a fim de se obter melhor organização dos dicionários e de glossários para o uso dos termos, com o objetivo de

constituir os devidos registros linguísticos dos diversos trabalhos desenvolvidos na LSB. Diante disso, são formados significados aos termos utilizados no âmbito da LSB, assumindo os fundamentos literais propostos pelo estudo da língua.

Na concepção de Faria Nascimento (2009 *apud* SANTOS, 2018, p. 5):

Conscientizar estudantes surdos, de cursos de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da LSB, e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos acarretará o acesso e o domínio mais rápido, também dos intérpretes para adequarem sua tradução ao contexto emergente.

A importância de determinar as construções linguísticas relaciona-se à presença dos termos nos dispositivos representados pelos sinais-termo, tendo em vista as complexidades de sua criação e o desenvolvimento, com a rápida sistematização que determina a celeridade nos avanços de adequação, principalmente quando se consideram os aspectos da variação presentes nos textos.

2.3.1 Iconicidade na LSB

Em termos de comparação, em relação aos aspectos que abrangem a Linguística Aplicada à Língua de Sinais Brasileira-LSB, podemos destacar que esta não é uma representação mímica da Língua Portuguesa. Sim, ela possui uma estrutura linguística própria, carregada de personalidade e de identidade cultural. Já há reconhecimento oficial disto, inclusive determinado por lei.

Por se tratar de uma língua com os mesmos parâmetros linguísticos de uma língua oral, a formação de cada sinal desenvolvido detém fonemas e morfemas utilizados de forma coerente e contextual, com aspectos produzidos a partir da morfologia e da sintaxe nas frases. De acordo com Brito (1998), a LSB é regida por princípios gerais que a estruturam linguisticamente, permitindo aos seus usuários o emprego da língua em diferentes contextos, correspondendo às diversas funções linguísticas que são manifestadas na interação, isto é, no cotidiano.

A gramática da LSB propõe parâmetros de língua e estão divididos em módulos maiores e menores. Os maiores podem ser classificados com a

configuração de mão, o movimento e o ponto de articulação, enquanto os menores são as regiões de contato, orientação das mãos e disposição destas. Assim, será possível a utilização do sinal representando o termo que se deseja expressar.

Para compreender melhor, Strobel e Fernandes (1998) explicam:

- a) Configuração da mão (CM): é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal. Pelas pesquisas linguísticas, foi comprovado que na LIBRAS existem 43 configurações das mãos, sendo que o alfabeto manual utiliza apenas 26 destas para representar as letras.
- b) Ponto de articulação (PA): é o lugar do corpo onde será realizado o sinal.
- c) Movimento (M): é o deslocamento da mão no espaço, durante a realização do sinal (Strobel; Fernandes, 1998).

Apesar de apresentar parâmetros gestuais, a LSB possui também elementos não manuais, acentuados em forma de expressão facial e corporal, também usados para diferenciar sinais, aplicar contexto e determinar situações entre as conversações. Além disso, representam os sentimentos dos falantes, dando ênfase no significado do sinal. Essas expressões faciais e corporais são usadas também para aceitação, negação, dúvidas e/ou questionamentos em relação a algo.

- | | |
|---------------------------------|---|
| Ex.: PORTUGUÊS | LIBRAS |
| - Você encontrou seu amigo? | VOCÊ ENCONTRAR AMIG@ (expressão de interrogação) |
| - Você encontrou seu amigo. | VOCÊ ENCONTRAR AMIG@ (expressão de afirmação) |
| - Você não encontrou seu amigo. | VOCÊ NÃO-ENCONTRAR AMIG@ (expressão de negação) |
| - Você não encontrou seu amigo? | VOCÊ NÃO-ENCONTRAR AMIG@ (expressão de interrogação/ negação) (Quadros apud STROBEL, 1995, p. 25 apud Strobel; Fernandes, 1998, p. 14). |

Por possuir estrutura linguística gramatical diferente da Língua Portuguesa, as regras da LSB são definidas pela construção dos enunciados, obedecendo sua própria sintaxe, baseada em sua característica visuoespacial. Por isso não se faz uso de artigos, preposições e conjunções, pelo fato de que tais conectivos já estarem inclusos no sinal. Por exemplo, em libras se diz: 'eu ir trabalho' e em português se diz: 'eu irei para o trabalho', associando o tempo verbal durante o uso do sinal. Portanto, isso implica a formação de sentenças e

de textos escritos ou de conversações.

Embora existam vários processos morfológicos na LSB, esse estudo levará em conta os processos responsáveis pela formação de sinais-termo para fornecer a base descritiva necessária dos termos convencionados em LSB para o glossário de Pedagogia. Abreu (2019, p. 118) define os processos morfológicos como: Derivação (que se desdobra em derivação por reduplicação de movimento, derivação infixal, derivação de negação), incorporação nominal e composição.

Para Abreu (2019, p. 80), “a derivação é um processo morfológico que cria novos sinais a partir de afixação de morfemas a uma raiz”. Assim como nas línguas orais, na LSB existe um morfema raiz que gera um sinal que, por sua vez, gera outros termos com acréscimo ou supressão de um dos parâmetros fonológicos.

No processo de derivação por reduplicação de movimento, na derivação por reduplicação, o movimento é levado em consideração para definir o significado do verbo. Supulla e Newport (1978, p. 80) citado em Quadros e Karnopp (2004, p. 97) afirmam que esse processo em *American Sign Language* (ASL) é “a derivação a partir do nome com o encurtamento do movimento do verbo ou com a repetição do movimento associado ao verbo”. Um exemplo é o verbo pentear em que o movimento é em sentido retilíneo de cima para baixo, ao simular o uso do objeto com a repetição do movimento. Já no objeto pente, o movimento é único, embora que realizado em sentido retilíneo, de cima para baixo, ao simular o mesmo.

A Derivação Infixal “trata-se da adição de um morfema derivacional a uma raiz existente em outros sinais-termo” (Abreu, 2019, p. 117). No processo derivacional, reúne-se a Configuração de Mãos e o Movimento atribuindo uma direção para constituir o sentido do termo. Como no sinal-termo “asa”, que consiste em <palmas abertas, Configuração de Mãos n.57 sem movimento no espaço>. Em outro caso, para a constituição do léxico “Conjunto Habitacional”, compreende-se a composição do termo casa <palmas abertas, Configuração de Mãos n.57 com o movimento horizontal da direita para a esquerda>. Esse deslocamento das mãos estabelece o sentido de casas enfileiradas como em um conjunto.

A Derivação da Negação é o processo em que o morfema de negação é afixado à raiz. Xavier e Neves (2016, p. 177) afirmam que a negação é incorporada pelos parâmetros de orientação da palma das mãos-OP e as expressões não-manuais-ENM. Para Felipe (2006, p. 30), alguns verbos, originalmente com articulação positiva, adicionam a negação à sua raiz (Quadros; Karnopp, 2004, p. 56).

A Incorporação Nominal-IN é um processo de formação de palavras que tem forte influência sintática. Abreu (2019, p. 100) citado em Mithun (1984, p. 91) acrescenta que a IN é um tipo de composição que associa verbos, estabelece relação semântica. Segundo Quadros e Karnopp (2004), essa relação é estabelecida pelos verbos: simples, com concordância e os manuais. A incorporação de negação é estabelecida por um verbo simples que acresce a negação para alterar o sentido inicial da raiz. Como, por exemplo, o verbo gostar pode modificar seu sentido, quando afixado ao termo “NÃO” realizado pelo movimento de negação com a cabeça que transmite o sentido de não gostar.

A Composição, de acordo com Bybee (1985, p. 200), é o processo que assemelha características sintáticas e lexicais, além de permitir combinações que possibilitam palavras previsíveis ou de reunião de significados com as partes do morfema. A composição dos sinais é por unidades mínimas, complementar com o quarto e quintos e parâmetros (unidades mínimas), “Parâmetros das LS: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões não-manuais” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 106). Todos os parâmetros importam na produtividade da língua para o processo de derivação, de criação de um sinal-termo ou até de um novo lexema.

Quadros e Karnopp (2004) definem a composição a partir dos verbos simples que são verbos sem concordância como: conversar, estudar, escrever dentre outros. Outra categoria apresentada pelas autoras são os verbos direcionais, que usam a marcação de pessoa e de número como em enviar, dizer ou acusar que direciona movimento ao receptor da ação. Já os verbos manuais são “léxico nativo os classificadores” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 88), como nos verbos limpar e cozinhar que incorporam ação de movimento e a forma dos objetos com o uso de parâmetro fonológico das configurações de mãos.

A iconicidade se destaca pelo uso da gestualidade com base na

estrutura da LSB. Para Tuxi (2017), as características do objeto ou sujeito, a imagem, forma, são consideradas para a convenção sinalizada. No glossário de Pedagogia, objeto da presente tese, a iconicidade está representada com os sinais-termo de autores e personagens históricos, que são mencionados na sala de aula do curso de Pedagogia. Menciono Paulo Freire, a sua representação sinalizada é sua forma por referência: o formato e o comprimento de sua barba, conforme a imagem, abaixo.

Figura 1: Paulo Freire



Fonte: glossário bilíngue de Pedagogia GBP.

A iconicidade para Taub (2000) segue a seguinte ordem para criação do termo: seleção de imagem, esquematização e codificação. Para várias personalidades, autores e pessoas de forma geral na LSB segue esse caminho de convenção. Conforme a Foto 01, Aristoteles e costumeiramente apresentado na imagem de um busto com uma túnica caída sobre o tronco com um botão em um dos ombros. Logo, o sinal-termo convencionado a ele é a descrição dessa vestimenta.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a iconicidade nas línguas de sinais demonstra que essas línguas não são apenas sistemas arbitrários, mas integram gestos que frequentemente fazem referência direta ao mundo físico e às experiências sensoriais dos usuários. A iconicidade é um fenômeno importante nas línguas de sinais, porque facilita a compreensão intuitiva dos sinais, especialmente para novos usuários da língua. Entretanto, é importante destacar que nem todos os sinais são icônicos. Muitos possuem um caráter mais abstrato.

No glossário de Pedagogia, produto desta tese, contém 11

personalidades e/ou autores consagrados na área da Pedagogia, cujos seus nomes sinalizados usam da gestualidade presente na iconicidade, a partir de características físicas, indumentária para os nomear.

A terminologia em LSB para a socioterminologia reflete um avanço significativo no estudo dos termos e conceitos técnicos em Libras, especialmente ao incorporar uma perspectiva social e cultural sobre o uso da linguagem. A socioterminologia, uma subárea da terminologia, enfatiza o contexto de uso e as variações sociais dos termos, ao considerar as interações entre a linguagem e os fatores socioculturais.

2.4 As contribuições da Socioterminológico para caminhos da pesquisa

A Socioterminologia emerge como um campo de estudo essencial por investigar a relação entre linguagem, terminologia e sociedade, ao focar na variabilidade e nos contextos sociais que influenciam a formação e o uso de termos em diferentes domínios do conhecimento. Compreender a Socioterminologia é vital para a elaboração de sistemas terminológicos, que não apenas atendam às necessidades técnicas de um campo, mas também considerem as diversidades linguísticas e culturais presentes na sociedade, promovendo a inclusão e a acessibilidade da informação.

A Socioterminologia surge na província de Quebec, no Canadá, nos anos 1970, com os trabalhos pioneiros de Pierre Auger, ao considerar os aspectos sociais e culturais associados ao uso de termos técnicos. Ele começou a desenvolver essa abordagem durante a década de 1970, ao observar que a terminologia não deveria ser vista apenas como um conjunto de definições estáticas, mas como um campo dinâmico que reflete as influências socioculturais sobre o vocabulário especializado. Ele percebeu que os termos técnicos não eram empregados da mesma forma em diferentes contextos e regiões. Portanto, não poderiam ser completamente compreendidos sem levar em conta os fatores sociais envolvidos na sua utilização.

Foi no início dos anos 80 que ela se estabeleceu, de fato, pelos estudos de François Gaudin⁷, com a proposta de torná-la uma disciplina com o

⁷ **Gaudin** é um lexicólogo mundialmente conhecido, responsável por diversas obras na área de socioterminologia. *Professeur en sciences du langage, Université de Rouen, laboratoires LT2D*

estudo dos termos e de suas relações com os contextos sociais e culturais nos quais são aplicados, com uma organização metodológica para buscar, reconhecer e registrar variantes linguísticas que outrora não eram valorizadas.

O trabalho de Gaudin aprofundou e formalizou os estudos que Auger iniciou anos antes. O trabalho de Gaudin na década de 1990 construiu sobre essa base, solidificando a socioterminologia como um campo que permite as influências sociais, culturais e institucionais no vocabulário. Ela teve grande influência na Linguística Aplicada e na Análise Terminológica, estabelecendo a Socioterminologia como uma abordagem que coloca a língua em seu contexto de uso real. Para entender e aplicar adequadamente a Terminologia, ele argumentava que é essencial considerar os usuários, os domínios específicos de conhecimento e o contexto cultural em que os termos são empregados.

Para Gaudin, esse campo surgiu da necessidade de expandir a análise terminológica tradicional, por, muitas vezes, ela desconsiderar as complexidades culturais e regionais. Dessa forma, em dezembro de 1993, ao publicar sua tese de doutorado – “Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles.”, define a Socioterminologia como área valorizadora das particularidades dos diferentes grupos sociais que empregam a terminologia especializada. Com isso, propõe uma análise dinâmica e contextualizada dos termos (Gaudin, 1993).

A Socioterminologia é uma área de estudo dentro da Terminologia por enfatizar as interações sociais, culturais e institucionais no uso e no desenvolvimento de termos técnicos. Gaudin vê a Socioterminologia como uma abordagem multidisciplinar voltada para compreender como a linguagem técnica se adapta aos contextos socioculturais específicos de cada comunidade de prática. Ela não é exatamente uma disciplina independente.

A Socioterminologia proposta por Gaudin considera fatores sociais e culturais no uso de terminologias técnicas, o que contrasta com abordagens mais tradicionais, focadas em normas fixas e padronizações universais. Assim, para ele, a Socioterminologia é uma subárea ou extensão da Terminologia que incorpora uma visão Sociolinguística, pelo motivo de analisar como as práticas institucionais e os fatores semânticos influenciam a criação e o uso dos termos.

(EA 7518) et DYLLIS (EA 7474).

A Socioterminologia é uma abordagem relativamente recente no campo dos estudos terminológicos. Surgiu como um desdobramento da terminologia clássica ao incorporar aspectos sociolinguísticos em sua análise. Enquanto a terminologia tradicional se concentra na padronização e na definição precisa de termos em domínios técnicos e científicos, a Socioterminologia introduz o conceito de variação linguística, ao reconhecer que os termos técnicos podem sofrer modificações em diferentes contextos sociais, geográficos e culturais.

Segundo Faulstich (1995, p. 71), "o termo variação linguística, que surge com a sociolinguística, serve de suporte para os estudos referentes à Socioterminologia". Nesse sentido, a Socioterminologia busca entender como os termos especializados são utilizados, adaptados e interpretados por diferentes grupos sociais e em diferentes regiões. Entretanto, com o fortalecimento das mídias de comunicação, a língua falada pela maioria da população, dentre as suas variedades sociais e culturais, passa a ser registrada e dicionarizada também em glossários.

Por isso, compreende-se que, apesar de ampliar seu olhar sobre a pesquisa terminológica, a partir da variedade social de grupo e de comunidades distintas, a pesquisa socioterminológica utiliza-se dos princípios básicos da Etnografia, por utilizar a habilidade de cada ator social aprender com outras culturas. A objetividade surge em cada parte desse processo de desenvolvimento ao mencionar os estudos da socioterminológica.

Gaudin (2003) afirma:

A socioterminologia, que a define como uma concepção sociolinguística a disciplina, orientada para o estudo de relacionamentos entretenus para o termo com os contextos nas estruturas do aparelho, contexto linguístico, contexto pragmático e contexto social em sincronia, e também contexto histórico (Gaudin, 2003, p. 384).

A Socioterminologia assim definida para determinar e documentar a variação em áreas especializadas torna-se uma abordagem importante para a LSB, que tem preocupações com a descrição da variabilidade em áreas especializadas. Assim, a LSB aborda os fenômenos e tem a necessidade de incorporar a pesquisa Socioterminológica, que aborda os fenômenos de variação

terminológica para a criação dos sinais-termo, tanto para surdos como para ouvintes, já que dependem dos materiais de apoio para a melhor compreensão da língua. Segundo Faulstich (1995), a Socioterminologia é disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. No caso da LSB, essa abordagem é particularmente relevante, pois permite que os conceitos especializados sejam adaptados às necessidades e à cultura da comunidade surda, promovendo uma terminologia inclusiva e acessível.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), esse tipo de abordagem contribui para o desenvolvimento de uma linguagem científica que respeite as especificidades culturais e linguísticas dos falantes de Libras, ao fortalecer a autonomia e o acesso ao conhecimento especializado.

Vale destacar que não é suficiente apenas criar sinais e incluir nos dicionários, mas ter a responsabilidade de desenvolver mecanismos conforme as categorias linguísticas da LSB, considerando a semântica e a gramática da LSB. Conforme Faulstich (1999),

a socioterminologia nasce como uma nova corrente a partir de uma publicação de Boulanger, em 1981, onde declarou que a perspectiva socioterminológica tinha a responsabilidade de diminuir os efeitos prescritivos exagerados resultantes das proposições normativas. O autor se preocupava principalmente com a visão puramente prescritiva que a Terminologia havia adquirido.

Para entender e aplicar adequadamente a terminologia, é essencial considerar os usuários, os domínios específicos de conhecimento e o contexto cultural em que os termos são empregados. Essa perspectiva trouxe novas possibilidades para o desenvolvimento terminológico em áreas como a Língua de Sinais Brasileira (LSB), cujas as variações sociais e culturais desempenham um papel essencial na formação e adaptação de conceitos técnicos.

3 MANUAIS DE REGISTRO EM LSB: desenvolvimento, estruturação e organização

Esta seção aborda um levantamento detalhado sobre o estado da arte, o contexto histórico e as características linguísticas de dicionários monolíngues e bilíngues, com ênfase na Língua de Sinais Brasileira (LSB). Esse estudo considera as especificidades que os dicionários da LSB exigem no âmbito linguístico, especialmente no que diz respeito à criação e à definição de sinais -termo, suas particularidades e variações. O desenvolvimento dos dicionários de LSB é, ao longo do tempo, destaque para as transformações tecnológicas e metodologias aplicadas, por resultarem em diferentes estruturas, desde sua macroestrutura e microestrutura, tanto em formatos impressos quanto digitais.

A seção discute ainda as contribuições dos avanços tecnológicos na criação de *softwares* que facilitam a comunicação e o aprendizado da LSB, explorando também os aspectos linguísticos relevantes na criação de sinais-terminos. Por fim, exemplifica e compara os modelos monolíngues e bilíngues, além de apresentar o estado atual da pesquisa, de modo a enfatizar como esses recursos evoluíram, desde os primeiros registros até os atuais.

3.1 Estado da Arte: pesquisas acadêmicas vinculadas a programas de pós-graduação

A historiologia dos dicionários de LSB está vinculada ao contexto histórico da comunidade surda, com ênfase às suas lutas, avanços e conquistas, junto à necessidade de se encaixar e conseguir comunicar-se e acessar e passar informações. Há, no entanto, uma reviravolta histórica quando há quebra de paradigmas sociais em torno de pensamentos negativistas em relação aos surdos, pois, antigamente, os surdos eram vistos como incapazes e sem perspectivas de vida, excluídos abertamente da sociedade.

A igreja, na Idade Média, obtinha mosteiros com funções assistenciais para refugiar os grupos menos favorecidos na sociedade da época. Como os surdos faziam parte dos excluídos, então os religiosos procuravam fazer a

inclusão destes através de traços de comunicação comum e improvisados. Nesse sentido, para que houvesse interação, essa linguagem utilizada foi a primeira menção gráfica dos sinais registrados, o que futuramente se tornaria o dicionário.

De acordo com Sofiato e Reily (2014), vide alguns desses primeiros registros:

O *Monasteriales Indicia*, de autoria do Venerável Bede que foi escrito no século X; o *Thesaurus Artificiosae Memororiae*, do monge franciscano de Florença, publicado após sua morte, em 1679 e a obra *De Furtivis Literarum Notis*, do italiano Giovanni Battista della Porta, publicada em 1563 e a pequena obra do frade franciscano espanhol Fray Melchior de Yeba, publicada postumamente.

Os registros dos sinais criados pelos surdos em conjunto com a igreja, mais à frente foram aplicados para implementar a educação de surdos – atualmente denominados dicionários de LSB. Eram usados em todas as áreas da sociedade, como suporte para a expansão da língua de sinais, que logo seria normalizada.

A normatização da língua se iniciou com a criação do alfabeto manual usado por Pedro Ponce de León⁸ na Espanha, repassado por Juan Pablo Bonet⁹, e usado em Paris por Abade Charles Michel de L'Épée¹⁰. Sendo assim, em meados do século XIX, através de Ernest Huet, chegou ao Brasil. No entanto, somente em 1875 fora registrado o primeiro dicionário oficial brasileiro de autoria de Flausino da Gama, produzido em técnica de gravura, chamada litografia, constituído de 382 verbetes ilustrados. Segundo Sofiato e Reily (2014), era uma cópia da produção de Pélissier, um professor francês.

Apesar de todo avanço mundial da normatização da língua de sinais, ocorreu um congresso em Milão¹¹ na Itália, em 1880, que proibiu o uso de sinais.

⁸ O espanhol **Pedro Ponce de León** (1520 – 1584) foi um monge beneditino que recebeu créditos como o primeiro professor para surdos. Ponce de León estabeleceu uma escola para surdos no Mosteiro de San Salvador em Oña Burgos.

⁹ **Juan Pablo Bonet** (1573 - 1633) foi um padre espanhol, educador e pioneiro na educação de surdos. Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação dos surdos em 1620, em Madrid, com o título *Redução das Letras e Arte de Ensinar a Falar os Mudos*.

¹⁰ **Charles Michel de L'Épée** é considerado uma das figuras mais relevantes da História dos Surdos. Apesar de ter sido ouvinte, a comunidade surda venera-o como um membro ilustre por ter sido o iniciador da educação institucional dos surdos através do uso da Língua Gestual.

¹¹ O **Congresso de Milão** foi, na verdade, a primeira conferência internacional de educadores de surdos. Mais de 160 educadores e especialistas reuniram-se entre 6 e 11 de setembro de

Isso fez com que a potencialização do dicionário sinalizado sofresse uma regressão, o que é visto como um marco histórico absurdo, uma perda para a comunidade surda. Assim, percebe-se que a trilha de lutas se arrasta por séculos, desde a forma bruta dos registros de sinais até ao mais sofisticado dicionário de LSB, que contém estrutura linguística, expressões dos sinais-termo, conceitos, características, representação gramatical e lexical de cada termo.

O segundo dicionário oficial produzido no Brasil foi criado por Eugênio Oates em 1969, cujo título é *Linguagem das Mãos*. Esta obra foi apenas a segunda de muitas outras que surgiram posteriormente no decorrer dos anos. Conforme Carvalho e Garcia (2020), vários dicionários em Libras surgiram no decorrer dos anos, porém, somente cinco se destacaram através de sua influência na literatura e renomada autoria, que são:

Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira (volumes I e II), de Fernando César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael, de 2001; *Dicionário 'Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira'* (volumes I: sinais de A-H e volume II: sinais de I-Z), de Fernando César Capovilla, Walkíria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio, de 2009; *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos* (volumes de A à Z: volume 1 com sinais de A a D, volume 2 com sinais de E a O e volume 3 com sinais de P a Z), de Fernando César Capovilla; Walkíria Duarte Raphael; Janice Gonçalves Temoteo; Antonielle Cantarelli Martins, de 2017; *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais Versão 2.0 no INES*, cujos autores são Guilherme de Azambuja Lira e Tânia Amaral Felipe de Souza. Este dicionário foi criado em 2005; *Livro ilustrado de língua de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*, de Márcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco, publicado em 2009.

Assim, concretizam-se os principais aspectos históricos sobre os principais dicionários em LSB, sejam monolíngues, bilíngues ou trilingues, digital ou manuscrito. Sua representação faz parte das conquistas da comunidade surda.

No estado da arte, foram levantados dados sobre pesquisas acadêmicas vinculadas a programas de pós-graduação no contexto nacional. Produções disponíveis no *Google Acadêmico*, Plataforma da Capes e *Connected Papers*, com o verbete: Terminologia em Língua de Sinais Brasileira

– LSB. Além disso, foi feita uma busca adicional nos sites dos Programas de Linguística da Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Linguística Línguas Clássicas e Vernácula – LIV, e da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no programa de Pós-graduação em Linguística – PPL. A verificação deu-se em função de ambas as instituições possuírem histórico de produção de pesquisas no âmbito da Linguística e pela constante promoção de eventos na referida área de conhecimento.

As produções compreendem um período de doze anos, de 2009 a 2021. São pesquisas em Programas de Pós-graduação de Mestrado e Doutorado. Abaixo, seguem os registros encontrados no Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula – LIV da UnB.

A dissertação de 2009 com o tema: “A Terminologia na área de Gestão em Educação municipal”, de autoria de Helber Ricardo Vieira, visava a estabelecer o registro terminológico na LSB na descrição das unidades terminológicas.

É possível observar o estado da arte produzido, conforme mostrado a seguir:

Tabela 1: Pesquisas vinculadas ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas.

Pesquisas vinculadas ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula – LIV-UNB				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (professora e TILS)	Representações Lexicais da Língua de sinais brasileira uma proposta Lexicográfica	2009	Glossário didático visual de classificadores em LSB e Glossário terminológico de linguística da LSB disponíveis em DVD, com 111 sinais-termo.	Tese

Messias Ramos Costa (pesquisador e professor Surdo)	Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: Enciclolibras	2012	material didático, denominado Enciclolibras, apresenta sinais-termo do corpo humano e inclui 126 verbetes.	Dissertação
Daniela Prometi Ribeiro (professora e pesquisadora Surda)	Glossário Bilíngue da Língua de sinais brasileira: Criação de sinais dos termos da música	2013	Obra com 55 sinais-termo validados organizados em ordem alfabética do Português.	Dissertação
O Gláucio de Castro Júnior (professor Surdo)	PROJETO VARLIBRAS	2014	Banco de dados em plataforma <i>on-line</i> de 643 sinais-termo das disciplinas escolares; objetiva o registro nacional.	Tese premiada pela relevância social e educacional
Cristiane Batista do Nascimento (professora e TILS)	Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de Glossário ilustrado semi-bilíngue do Meio Ambiente, em mídia digital	2016	Glossário Ilustrado do Meio Ambiente Libras/Português –GIMALP, um modelo com 288 sinais-termo.	Dissertação
Saulo Machado Mello de Sousa (pesquisador Surdo)	Sinais Lexicais dos Termos Cinematográficos: A Perspectiva da Língua de Sinais no Cinema	2015	Compreende uma obra com 75 sinais-termo com base no neologismo.	Dissertação
Eduardo Felipe Felten (professor e TILS)	Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil	2016	Inventário de 14 sinais-termo relativos à História do Brasil.	Dissertação
Patricia Tuxi dos Santos (professora e TILS)	A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: Proposta de organização e de registro de termos técnicos e Administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue	2017	Lista de 38 sinais-termo sobre a organização acadêmica da Universidade de Brasília com o guia de calouros.	Tese
Vilma Rodrigues Cardoso (professora)	Terminografia da Língua Brasileira de Sinais glossário de Nutrição	2017	O GLOSSNUTRI, disponível em aplicativo de celular, com 43 sinais-termo da área da nutrição.	Dissertação

Flávia Rech Abati em sua de (professora e TILS)	Proposta de Glossário Bilíngue: Terminologia dos “Procedimentos De Tradução” em Língua de Sinais Brasileira	2018	Registro de 32 sinais-termo de procedimentos de tradução de Língua Portuguesa – LP para LSB.	Dissertação
Luciana Marques Vale (professora e TILS)	A importância da Terminologia para atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário de 19 sinais-termo do processo judicial eletrônico	2018	Sinais-termo referentes ao processo judicial eletrônico.	Dissertação
Thamires Ingrid Alves Machado (professora e pesquisadora)	Glossário semi-bilíngue de Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira da Educação a distância: estudo da Terminologia dos ambientes virtuais	2018	Registro linguístico de 25 sinais – termo intitulado Glossário Libras EaD	Dissertação
Rodolpho Pinheiro D’Azevedo (professor e pesquisador)	Terminologia da Matemática em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de glossário bilíngue Libras português	2019	Produção de um material sobre Matemática com 30 sinais-termo e verbetes do campo conceitual equação.	Dissertação
Messias Ramos Costa (pesquisador surdo)	ENCICLOLIBRAS: produção sistematizada de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira em novos eixos temáticos: LSB e LGP (Proposta Enciclopédica: EncicloSigno em contexto)	2021	Compõe 100 sinais-termo de Ciências Naturais do corpo humano.	Tese
Renata Rodrigues de Oliveira Garcia (pesquisadora surda) Brasileira	SINAIS-TERMO da área de Traumatologia e Ortopedia: uma proposta de glossário bilíngue em Língua Portuguesa-Língua de Sinais	2021	Reúne 47 sinais-termo.	Tese

Falk Soares Ramos Moreira (pesquisador surdo)	Criação de sinais- termo: o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para Surdos	2021	37 sinais-termo para acadêmicos surdos no curso de Letras quanto aos conceitos abordados no curso.	Tese
Ivonne Azevedo Makhoul	Glossário monolíngue em Língua de Sinais Brasileira: Uma importante ferramenta na formação de Guias- Intérpretes Surdos	2021	Glossário monolíngue para guias-intérpretes constituído de 37 sinais-termo.	Dissertação
Centro de Comunicação e Expressão do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Brenno Barros Douettes (professor e pesquisador)	A Tradução na criação de sinais- termo Religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário Terminológico semi- bilíngue	2015	É uma lista de 93 sinais-termo bíblicos e seus respectivos conceitos e exemplos.	Dissertação
Betty Lopes L'astorina de Andrade (pesquisadora)	Estudo Terminológico em Língua de Sinais: glossário multilíngue de sinais-termo na área de Nutrição e alimentação	2019	São 561 sinais- termo da área de alimentação e nutrição.	Tese
Francielle Cantarelli Martins (pesquisadora)	Terminologia da Libras: Coleta e registro de sinais- termo da área de Psicologia	2018	Registro de 83 sinais-termo que possuem 145 sinais e foram recebidos e registrados nas fichas terminológicas.	Tese
Centro de Letras e Comunicação, do Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas – UFPel				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO

Márcio Aurélio Friedrich (pesquisador)	Glossário em Libras: uma proposta de Terminologia pedagógica (Português-Libras) no curso de Administração da UFPEL	2019	É da área de Administração e compreende 102 sinais-termo.	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Talícia do Carmo Galan Kuhn (pesquisadora)	Processo de criação de Termos Técnicos em Libras para Engenharia de Produção	2014	Ela registrou 69 termos da Engenharia de Produção em Língua de Sinais Brasileira.	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – Universidade Estadual do Ceará – UFC				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Francisco Edmar Cialdine Arruda (pesquisador)	Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos Termos das Ciências Biológicas para alunos Surdos do ensino fundamental	2009	69 sinais-termo, a partir de intérpretes e surdos especializados.	Dissertação
Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática – NGEICIMA, Universidade Federal de Sergipe – UFS				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Edivaldo da Silva Costa (pesquisador)	Ensino de Química em Língua de Sinais - sistema <i>Signwrintig</i> - SW monitoramento interventivo na produção de sinais científicos	2014	Inventário de 130 sinais-termo.	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal do Ceará – UFC				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO

Esilene dos Santos Reis (pesquisadora)	O ensino de Química para alunos Surdos: desafios e práticas dos professores e intérpretes no processo de ensino e aprendizagem de conceitos Químicos traduzidos para Libras	2015	Minidicionário Digital em Libras para o Ensino de Química, com 54 sinais-termo dos dicionários existentes.	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Maria José Silva Lobato (pesquisadora)	Educação bilíngue no contexto escolar inclusivo	2015	Glossário bilíngue com 147 sinais-termo.	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas – UFAM				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Rosilene Silva Marinho (pesquisadora)	Neologismos em Libras: um estudo sobre a criação de termos na área de Química	2015	Catálogo de 30 neologismos área científica da Química	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará – UFPA				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
José Sinésio Torres Filho (professor)	Signwriting da linguagem Matemática para o ensino de Geometria Plana	2018	Catálogo de 96 sinais-termo de geometria plana.	Dissertação
Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará – UFPA				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Denise Costa Martinelli (pesquisadora)	Glossário Terminológico Da Odontologia Português-Libras: uma proposta a partir do recorte de domínio curso de Odontologia da	2020	A obra Terminológica da Odontologia Português-Libras contém 116 termos em LP e 131 sinais-termo.	Dissertação

	UFPA			
Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará – UFPA				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Uisis Paula da Silva Gomes (pesquisadora)	A Criação De Sinais-Termo do Ballet Vaganova Em Libras	2020	Inventário dos princípios básicos do Ballet Clássico, composto de 121 Sinais-Termo.	Dissertação
Tamyres Gyslane Ferreira Silva	Glossário Pai d'égua de Libras: sabor, cheiro de frutas do Pará	2021	É composto de 30 sinais-termo de frutas do Pará.	Dissertação
Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências, Universidade de São Paulo – USP				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Jucivagno Francisco Cambuhy Silva (pesquisador)	O ensino de Física com as mãos: Libras, bilinguismo e inclusão	2013	Obra sobre compreensão do próprio processo de construção do conhecimento físico com 26 sinais-termo.	Dissertação
Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Clévia Fernanda Sies Barboza (pesquisadora)	A Educação Física, os esportes e a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS, LSB): desenvolvimento do Glossário SurdeSportes para Acessibilidade e inclusão da comunidade surda	2015	Obra com sinais- termo de 33 esportes, incluindo o nome em inglês e a descrição e nome na língua portuguesa.	Dissertação
Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO

Cristina Aparecida Biachi de Souza Gomes (pesquisadora)	Proposta para o Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua: glossário semi-bilíngue digital em LSB e LP	2016	Obra em Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa que apresenta comandos de questões do livro didático, constituído de 43 lexias em LSB.	Dissertação
Vera Lúcia de Souza e Lima	Língua de sinais proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico	2021	São 75 sinais-termos técnicos para o ensino da disciplina Projeto Arquitetônico para o discente surdo, em cursos técnicos ou superiores da área de construção civil.	Tese
Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis Educação, Difusão e Gestão em Biociências, Universidade Federal do Rio De Janeiro – UFRJ				
AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Julia Barral Dodd Rumjanek (pesquisadora)	Admirável Mundo Novo: A Ciência e o Surdo	2016	Glossário de Fertilização e Embriogênese; foram listadas 92 palavras, das quais 30 já existiam em Libras, 43 já existiam no glossário do <i>Scottish Sensory Center (SSC)</i> , em BSL (<i>British Sign Language</i>), 51 em diferentes línguas de sinais distribuídas pelo mundo, listadas no site <i>Spread the Sign</i> . Isso significa que foram desenvolvidos 62 sinais para a Libras, sendo que 22 não existiam.	Tese
Programa de Pós-graduação, Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás – UFG				

AUTOR	TÍTULO	ANO	PRODUTO	GÊNERO
Leandro Andrade Fernandes (pesquisador)	Bases Linguísticas e Lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em LIBRAS-Elis/Português e Português/Libras-Elis	2018	85 sinais-termo da área da Linguística da Libras.	Dissertação

Este estado da arte minucioso resultou em levantamento de 40 pesquisas, entre dissertações e teses. Os sinais-termo registrados ou convencionados somam 1.805, em diversas áreas do conhecimento na Educação: sobre a estrutura da Língua de Sinais Brasileira, Química, Física, História, Português e Biologia. Nas artes: sobre Ballet, sobre cinema e música. Na saúde: Odontologia, Nutrição e Psicologia. Soma-se um de cada área a seguir: Direito, Engenharia de Produção e Administração.

A pesquisa nos glossários comprova que não existe uma obra específica da área da Pedagogia, assim, demonstra-se a importância dessa pesquisa pelo fato de que poucos desses materiais estão disponibilizados em sites ou aplicativos. Com o intuito de ampliar a divulgação dessas obras, o *App*¹² de Libras produzido na presente tese contém uma interface com o catálogo de publicações que disponibiliza as pesquisas supracitadas com resumo e *link* de acesso do trabalho.

Algumas das obras encontram-se disponíveis em páginas do *Youtube* dos pesquisadores, com acesso via *Qr-code*, outras pelo *link* no rodapé da página da pesquisa. Algumas poucas, em sites criados pelo pesquisador, sendo que a página de um dos glossários está em elaboração. Vários glossários encontram-se impressos no texto, em fotos ou com avatar, para a representação do sinal-termo. É fundamental que pensemos em padrões para obras terminológicas em plataformas de fácil acesso e que se convencie um rigor acadêmico. Para isso, o trabalho em rede e a ampla divulgação nacional é primordial.

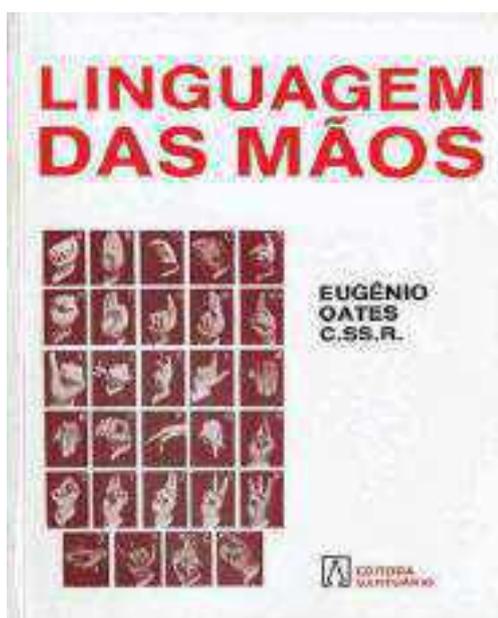
¹² <https://app.libras-socioterm.com.br/tabs/catalog>

3.2 Dicionários Impressos

O dicionário de LSB tem papel fundamental para a aprendizagem da língua em sala de aula e fora dela, com e sem auxílio de outra pessoa, principalmente para dirimir dúvidas de forma solo. O grau de adequação lexicológica presente na estrutura dos dicionários de LSB está associado a diversos fatores para a sua produção e se subdividem em três tipos, quais sejam, monolíngues, bilíngues e trilíngues. O primeiro foca diretamente no público falante da língua materna, em nosso caso, os surdos; o segundo foca em um público mais aberto, tanto surdos quanto ouvintes; o terceiro refere-se a surdos e ouvintes brasileiros e estrangeiros.

Na Figura 1, a seguir, tem-se a imagem da capa do livro *Linguagem das mãos*, de autoria de Eugênio Oates, em 1969:

Figura 2: Livro Linguagem das Mãos



Fonte: Touché Livros.

Disponível em: <https://www.touchelivros.com.br/livro/linguagem-das-maos/>

O livro *Linguagem das mãos* é uma obra com 325 páginas e composta por 1.300 sinais. Este dicionário tem apresentação gráfica sinalizada em LSB com uma foto guiada por setas horizontais, verticais, circulares para direcionar o movimento e com o nome do sinal escrito em Língua Portuguesa.

O livro dicionário *Capovilla*, representado na Figura 2, a seguir, é

um Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira.

Figura 3: Livro dicionário Capovilla



Fonte: <https://pt.scribd.com/document/349496452/Dicionario-Trilingue-Capovilla-LBS-Libras-C>

Este dicionário trilíngue (apresenta a tradução em Português, Inglês e na escrita de sinais) foi elaborado por Fernando César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael, publicado em 2001, em dois volumes. Conta com mais de 10.000 verbetes com as siglas das cidades do Brasil e com o léxico sinalizado.

A macroestrutura conta com o nome dos idealizadores e a imagem desenhada dos editores, com a equipe editorial TILS, com os surdos de diversas regiões brasileiras, além de contar com ilustradores, análise linguística, sumário, alfabeto manual, números, algumas configurações de mãos e instruções de uso dos dicionários.

A obra foi reeditada em 2021, então a microestrutura conta com a presença de três línguas, quais sejam, Português, Inglês e Língua de Sinais Brasileira. Em Português e Inglês, cada léxico possui definição e contexto de uso em conjunto com uma imagem desenhada. Em Língua de Sinais, o léxico representado em LSB traz a sinalização em desenho, seguido de setas para guiar o movimento, em conjunto com a transcrição fonológica descrevendo a configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação, direcionalidade, marcação não manual e, entre parênteses, indica as regiões no Brasil que usam o referido léxico sinalizado.

Para melhor compreensão dos léxicos, pode-se refletir sobre os

sinais que são desenhados, pois cada um segue com várias setas indicando o movimento com mãos, braço, tronco, o que causa uma exausta tentativa de entender essa forma de representação em imagem ou em foto se duplicando no espaço do papel.

3.3 Tecnologia nos dicionários em LSB

A tecnologia é uma ferramenta facilitadora que ajuda a desenvolver habilidades, aumenta a estimulação, a participação e a intervenção dos processos de pensamento (Prado, 2005; Vieira, 2003 *apud* Locatelli, 2018). A evolução tecnológica, em geral, proporciona facilidade para transmitir informações em diversos setores da sociedade, expandindo e aprimorando. No decorrer da história, diversos aspectos contribuem para ações que são integradas na formulação de políticas públicas voltadas para a inserção de metodologias, quebrando as barreiras que impedem a comunicação entre surdos e ouvintes.

Assim, o estudo e a produção de dicionários de LSB, produzidos com o uso das metodologias correlacionadas aos recursos da tecnologia, têm grande utilidade para o estudo da língua de sinais, principalmente pelo fato de as tecnologias da informação e comunicação estarem como ferramentas de aprendizado e pesquisa. Inclusive, porque acompanham as diversas mudanças sociais.

O acesso à internet e a diversos aplicativos de celular foram a porta de entrada para a criação dos dicionários de LSB em grande escala, juntamente com iniciativas metodológicas, cujo interesse consistia em destacar as etapas de comunicação, na sociedade e em sala de aula.

De acordo com Locatelli (2018),

as ferramentas tecnológicas favorecem a adaptação do corpo para a comunicação com o mundo externo, para os surdos o uso do computador e da Internet construiu uma ponte com novas possibilidades de comunicação. As inovações oferecem um mundo visualmente fantástico, trazendo a perspectiva de mudança. Alguns equipamentos já fazem parte do universo dos surdos e têm transformado essa realidade. As tecnologias de comunicação e informação constituem mais uma ferramenta que potencializa a ação do surdo em sua relação com o mundo. Assim, sozinhos, interagem com a informação que é buscada na

Internet, diferente do que ocorria com a maioria das tecnologias tradicionais. Quanto à internet, o surdo pode encontrar textos que, por conter imagens, produzem efeitos visuais que facilitam a compreensão. Além de oferecer a possibilidade da escrita em sinais. Os surdos se comunicam através de sites de conversas e relacionamento como *Whats app* e *ICQ*, entre outros.

Diante dos recursos dispostos pela tecnologia, percebemos sua rica influência no uso das ferramentas facilitadoras de conhecimento, como inúmeros conteúdos virtuais sobre LSB, através de dispositivos digitais e da internet. Esses recursos exercem um papel na construção da identidade humana, ao favorecer relações de interatividade, leitura e escrita que se estabelecem entre indivíduos interligados (Almeida; Moraes; Brayner, 2016 *apud* Locatelli, 2018).

As representações gráficas de sinais apresentados pelas novas tecnologias apresentam como característica universal a viabilização da comunicação, trazendo para a comunidade surda experiências inclusivas. A primeira tecnologia utilizada pelos surdos para se comunicar foi o telefone especial para surdos chamado TDD.

Outra característica das novas tecnologias é a rapidez com que se aperfeiçoam e trazem alternativas acessíveis e fáceis de usar (Locatelli, 2018). As mudanças alcançadas com o desenvolvimento tecnológico são de suma importância para todos os indivíduos surdos, já que tornam possível a interação por meio de dispositivos tecnológicos, como a internet. É inegável sua contribuição efetiva para o desenvolvimento humano em sociedade, com a amplificação dos sinais-termo encontrados nos dicionários de LSB.

Os dicionários digitais de LSB, por sua vez, devem ser compreendidos como um gênero textual representado pelos fatores e estruturas linguísticas desenvolvidos nas bases de palavras e sinais. Constituem as práticas de determinadas complexidades da língua de sinais, como o objetivo de assimetria — relacionada, por exemplo, ao movimento e direção das mãos —, com forma sistêmica. Os sinais são apresentados em forma alfabética e em categorias específicas para cada área apresentada de maneira organizada, conforme os termos previstos em seus conceitos, contendo as informações e a identidade gramatical da palavra em relação ao seu referente sinal.

Portanto, a composição e o registro dos termos sinalizados devem se realizar considerando sua macroestrutura, o local de publicação, o volume, a epígrafe, o título da obra, o autor, a editora, a data e a microestrutura, que estão relacionadas à constituição dos verbetes. Os verbetes são construídos a partir da metalinguagem e as informações que os vão compor devem considerar as ideias lexicais e gramaticais para melhor entendimento das informações previstas no conteúdo do dicionário *on-line* ou em aplicativo por parte do leitor/pesquisador.

O desenvolvimento de dicionários de LSB que usam a tecnologia pode ser realizado por meio de catalogação de sinais-termo, de acordo com as terminologias científicas. Pode ser produzido através de materiais didáticos *on-line*, para a troca de informações linguísticas. Desse modo, destacamos as Tecnologias Assistivas (TA) e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Conforme Gediel *et al.* (2015), a formulação de materiais didáticos pode promover a inclusão por meio da valorização do uso de recursos visuais, quando explorados e acessados por meio das TICs. Inclusive, para Freitas (2018), as TA e as TICs são ferramentas de suporte pedagógico:

Entendemos que as TA e as TICs mostram-se como eficientes suportes pedagógicos no que tange ao uso de recursos visuais, no sentido de contribuir com as trocas pedagógicas e linguísticas. Desta maneira, as TICs têm a potencialidade de promover a integração e o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos na sociedade através da expansão da comunicação e, conseqüente, do acesso a campos como o da cultura e o da educação.

A maioria dos materiais didáticos produzidos são criados em instituições de educação superior (IES)¹³ e por equipes pertencentes a diversas áreas de conhecimento, que acabam fazendo parte do processo de elaboração de um Dicionário Bilíngue Libras/Português. Na maioria das vezes,

¹³ O **ensino superior** inclui normalmente estudos, investigações, trabalhos práticos e, ocasionalmente, atividades sociais realizadas no âmbito da instituição de ensino superior. No âmbito dos estudos, este conjunto de possibilidades inclui tanto os de nível de graduação (referido ocasionalmente como "ensino terciário") como os de nível de pós-graduação. Este último nível normalmente é realizado apenas por alunos com qualificações muito altas que pretendem aprofundar os seus estudos e a sua proficiência para além do que seria necessário para o simples exercício profissional. Em alguns sistemas educativos — particularmente nos de modelo anglo-saxônico — a nomenclatura utilizada é diferente, sendo o nível de graduação referido como de "subgraduação" (*undergraduate*) e o de pós-graduação referido como de "graduação" (*graduate*).

esses materiais são *on-line*, principalmente pelo fato de o dicionário fazer parte dos resultados de pesquisas dispostas em projetos institucionais. Por isso, o diagnóstico da necessidade de desenvolver ferramentas tecnológicas pedagógicas, na IES em questão, vem sendo estudado e desenvolvido no sentido de ampliar o acesso aos conhecimentos científicos em Libras (Gediel, 2015). Os desenvolvimentos de *softwares*¹⁴ são promovidos por surdos estudantes de graduação e de pós-graduação e técnicos formados na área de Libras e Informática, em conjunto com intérpretes de LSB, nas respectivas áreas fundamentais para a continuação e a conclusão dos projetos.

Os métodos tecnológicos utilizados para a criação de dicionários em LSB – com estruturas acessíveis para seus usuários – são representados pelo dicionário digital. Para uma produção e uso efetivos, os dicionários devem aproveitar todas as partes fundamentais propostas pelas tecnologias da informação, considerando todas as áreas do conhecimento, já que o uso de seus recursos são ferramentas indispensáveis para o preparo e a divulgação dos dicionários de LSB. Isso pelo fato de que a tecnologia em uso conecta a curiosidade e o interesse de aprender língua de sinais.

Segundo Fusco (2004), tais tecnologias e ferramentas possibilitam os sujeitos estarem conectados a mais pessoas de diferentes formas: por vídeos, interação síncrona e assíncrona (ferramentas de interação do ambiente virtual de aprendizagem) e escrita. Diante disso, cada vez mais se mostra a facilidade de interagir através de um *software*, sem ao menos deslocar-se. Por isso, a tecnologia para LSB possibilita o uso de recursos que facilitam a expansão das informações, a fim de proporcionar melhor comunicação entre surdos e ouvintes.

Pereira (2023), afirma sobre o uso da tecnologia da informação e comunicação que:

A utilização das TIC pode ser entendida como a troca de ações, o controle e a modificação de conteúdo; com tudo isso, os usuários dessas tecnologias podem ouvir, visualizar, ler, gravar, retornar, encaminhar, selecionar, processar e enviar qualquer tipo de

¹⁴ **Software** é uma sequência de instruções escritas para serem interpretadas por um computador para executar tarefas específicas. Também pode ser definido como os programas, os dados e as instruções que comandam o funcionamento de um computador, *smartphone*, *tablet* e outros dispositivos eletrônicos.

mensagem a partir de diversos lugares; em suma, a interatividade nos permite transcender o estado de espectadores passivos. Com tanta facilidade no meio tecnológico, essas opções em sala se tornam grandes aliadas, pois o estudante surdo pode visualizar mídias voltadas para assuntos, ler, gravar e até mesmo produzir mídias para compartilhar com os colegas, formando um grupo de debate e tirando dúvidas, passando de simples receptor para produtor de conteúdo.

De fato, a contribuição tecnológica para o desenvolvimento dos falantes da língua, mesmo sem a presença de uma pessoa bilíngue, fortalece as faces intermediáticas das conversações. O computador e a internet promoveram possibilidades de comunicação com os surdos, uma vez que são tecnologias que se apresentam de forma visual (Stumpf, 2010). Sabemos que as TICs são fundamentais para a implementação da comunicação, não apenas para a criação dos dicionários, mas também para promover maior alcance de comunicação em LSB, entre surdos, como, por exemplo, através de chamadas de vídeo etc., dada a importância de aprender como fazer uso das ferramentas corretamente.

A Figura 3, a seguir, representa um dicionário digital LBS.

Figura 4: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais



Fonte: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>

Em 2005, foi criado o *Dicionário Digital da Língua de Sinais Brasileira* por Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja

Lira (INES/RJ), com mais de 5.000 sinais. Este dicionário possui conteúdo bilingue, com microestrutura de busca alfabética, por assuntos e léxicos da Língua Portuguesa. O dicionário apresenta a aceção e exemplo de uso em uma estrutura sintática em LBS. Na Língua de Sinais Brasileira, a busca do léxico sinalizado pode ser feita por configuração de mãos, alfabética ou digitada. A partir disso, são disponibilizadas as estruturas sintáticas de uso em LSB. O último item apresentado relaciona-se ao referido léxico.

Figura 5: Glossário Libras UFSC



Fonte: <https://glossario.libras.ufsc.br/>

Em 2006, o Glossário Letras/Libras da UFSC foi desenvolvido, um dicionário virtual para ser usado na aprendizagem de surdos e também em colaboração para formação de intérpretes e tradutores de LSB. Foi produzido através de investimentos educacionais, o que trouxe eficiência no aspecto de gerar experiências na produção e na expansão de sinais em diversas áreas e de qualquer região brasileira, com uma profunda aplicação da tecnologia no âmbito da língua de sinais. Dessa forma, nota-se a influência das políticas públicas educacionais referentes à priorização para se criar dicionários a partir do uso das tecnologias, com o intuito de avançar no desenvolvimento da LSB.

A macroestrutura, que conta com áreas, corresponde a sete campos semânticos originados de pesquisas acadêmicas, exceto os do Letras-Libras, que foram criados junto com o curso, devido à necessidade

comunicacional terminológica específica do curso. A microestrutura divide-se em configurações de mãos, escrita de sinais e escrita da Língua Portuguesa, como forma de busca dos termos. O banco de dados do Glossário Letras-Libras conta com espaço para se enviar os sinais, para que possam ser avaliados, validados e registrados.

Os TILS fazem uso regular dos dicionários digitais durante o preparo para seu exercício profissional, usando-os como auxílio para efetuar um trabalho de qualidade, ágil e muito mais produtivo na hora de executar a atividade, principalmente quando o tema está fora da sua área de atuação. Diante disso, o preparo precisa ser mais intenso, para evitar erro e constrangimento.

Conforme Silva,

as demandas que surgem na atuação dos TILS em seu exercício profissional, desencadeiam outros conhecimentos e necessidades que serão aplicados em algum momento durante seu exercício profissional, neste caso, ter conhecimento e saber utilizar uma ferramenta tecnológica que possa auxiliá-lo, proporcionando mais qualidade, agilidade e produtividade à atividade em execução. No caso dos tradutores e intérpretes de Libras que atuam diretamente com duas línguas, versando de uma para outra, de/para surdos e ouvintes (Silva, 2020).

Assim, fica claro o quanto a tecnologia usada para intensificar o uso de LSB está em concordância com os principais fatores de inclusão da comunidade surda na sociedade em geral, levando em consideração também os requisitos de métodos que alavancam a educação dos surdos no decorrer do tempo. Por isso, os diversos recursos que colaboram para a divulgação e a publicidade da língua dão reconhecimento a ela e oportunizam a seus falantes o poder de comunicar-se. São exemplos destas propostas os dicionários físicos e *on-line* por aplicativos¹⁵ de tradução Português-Libras, como Prodeaf, HandTalk, Rybena e outros. Esses aplicativos são referências importantes, pois são inovações que divulgam a LSB, através de métodos, pelos quais facilmente pode-se aprender a língua de sinais, tratada como

¹⁵ Clique nos *links* a seguir para conhecer aplicativos e dicionários de língua de sinais: Dicionário de Informática — Libras, Libras Brincando, Dicionário da Libras — Web, Dicionário de Libras — Colaborativo, Dicionário de Libras — Incluir Tec., Hand Talk, Mini Dicionário Ilustrado de Libras, Prodeaf, Vídeo Dicionário de Libras.

idioma estrangeiro, apesar de ser usada no mesmo país.

Figura 6: PRODEAF



Fonte: Aplicativo na *Play Store*

O *Prodeaf* é um app com tradutor disponível na *Play Store* de busca alfabética na Língua Portuguesa, por comando de voz e digitação. O aplicativo faz uma busca nos vocábulos armazenados no banco de dados e são reproduzidos por um Avatar. Caso um léxico não esteja armazenado, ele usa a soletração datilológica para o definir. Nesse *app*, é possível digitar sentenças inteiras, e o Avatar a reproduzirá em LSB.

Figura 7: HAND TALK



Fonte: Aplicativo na *Play Store*

O *Hand Talk* é um tradutor disponível na *Play Store*. Em 2013, foi considerado e premiado como melhor aplicativo social do mundo pela ONU. Ele usa o português e a LSB como forma de buscar léxicos por ordem

alfabética, escrita da Língua Portuguesa e por comando de voz. O consulente pode redigir frases inteiras que o banco de dados faz a busca e a reproduz com o auxílio de dois avatares, o Hugo e a Maya. O *app* conta com um banco de dados organizado com minidicionários de campos semânticos, sendo eles: itens de casa; disciplinas escolares; órgãos do corpo humano; partes do corpo; países (M-Z); países (A-L); transportes; esportes; lugares públicos; comidas e bebidas; dias, meses, estações; materiais escolares; verbos (N-Z); verbos (A-M); saúde; sentimentos; membros da família, estados; regiões; frutas; animais; brinquedos; cores; letras; números; ciências; Ciências; Geografia; História; Matemática; Português. Ainda na microestrutura, há um botão que direciona para vídeos com os léxicos sinalizados, também disponibilizados no *youtube*.

Figura 8: RYBENA



Fonte: Aplicativo na *Play Store*

A Rybena é um *app* disponível para celular ou computador. Em sua microestrutura, faz busca por comando de voz e escrita da Língua Portuguesa. Ele apresenta uma aba com a definição do léxico apenas em Língua Portuguesa. O léxico correspondente é reproduzido em LSB por um avatar com figura feminina.

Sobre os aplicativos pesquisados: Prodeaf, Hand Talk e Rybena, nota-se uma presença de microestruturas bem definidas, com botões claros que direcionam o consulente para os itens disponíveis nos dicionários. As macroestruturas não aparecem na interface do aplicativo, mas estão na *Play Store*, no item *contato com o desenvolvedor*, a partir do qual são disponibilizados: contato de e-mail do suporte com o desenvolvedor,

endereço, políticas de privacidade e também informações sobre o *app*, com o fornecimento de detalhes sobre os aplicativos e os desenvolvedores.

A estrutura linguística da LSB permite a natural comunicação, apesar de ser complexa e diferente da Língua Portuguesa em diversos aspectos, inclusive em relação à lexicologia presente. Nesse sentido, notamos que existem parâmetros que são desenvolvidos de acordo com essas diferenças entre as duas línguas em questão nos diversos dicionários em LSB. Por isso, vale destacar a produção existente de dicionários monolíngues e bilíngues e sua contribuição para a comunidade surda e seus apoiadores.

3.4 Dicionários Monolíngues e Bilíngues em LSB

As raízes da LSB podem se expandir conforme os seus integrantes, por isso a importância do dicionário monolíngue, conceituado como:

Um tipo de trabalho de referência em que as palavras de uma língua são explicadas por meio dessa mesma língua. Para fins mais práticos e para a maioria das línguas, o dicionário monolíngue (também chamado de dicionário "geral", "explicativo" ou "de uso") é o trabalho prototípico de referência para falantes nativos. Pela mesma razão, também tem sido o gênero de dicionário mais popular e melhor estudado (Hartman; James, 2002, p. 95 *apud* MARTINS, 2020).

O dicionário monolíngue possui arrolamento lexical de apenas uma língua. Sua estrutura foca somente nos aspectos singulares de cada termo próprio e as informações são estritamente fechadas em um significado, uma ortografia, um contexto, com gramática e sentido etimológico representado, desde sua origem e em acordo com as práticas do falante daquela língua. Seu sistema de escrita e as palavras de entradas são organizados em ordem alfabética, o que facilita a consulta pelo dominante da língua representada neste tipo de dicionário.

Os arranjos lexicais propostos no dicionário monolíngue estão restritos a sistemas originados, a partir de formas linguísticas que estejam a combinar com as expressões e as ideais a serem discutidas e implementadas no meio de todos os envolvidos em sua criação e participação na base dos termos. Cada arranjo lexical possui uma estrutura convencional, por meio da

qual a característica alfabética possibilita a formação de termos (descobrir e/ou criar um termo completamente diferente, novo e desconhecido), dando forma a novas sistemáticas ortográficas, o que é útil para a pesquisa por um não falante da língua e que deseja conhecer os itens lexicais de idioma diverso.

As informações dispostas nos dicionários monolíngues estão ligadas diretamente aos fatores representados pela língua de origem do usuário. Nessa perspectiva, isso faz parte das dificuldades enfrentadas ao tentar localizar os signos e os termos em um dicionário monolíngue, sendo visto como certa desvantagem para falante de outra língua, embora devamos nos atentar para o fato de que à outra língua está relacionada outra cultura. Como isso acontece com toda língua, também acontece com a LSB, língua da comunidade surda. Para esta língua, foram criados dicionários monolíngues que são desenvolvidos e usados exclusivamente por surdos.

Dessa maneira, utiliza-se um repertório repleto de termos lexicográficos em sua composição. Por ser específico para os surdos, são todos escritos em língua de sinais, analisando as formas de complexidade de cada sinal estabelecido e de suas estruturas internas. Produzir dicionários que compilem os diferentes usos é uma forma atenuante de evitar o reinício de um retrabalho, que para a LSB é exaustivo, devido a seus parâmetros lexicológicos e terminográficos.

A implementação de dicionários em língua de sinais enseja grande participação de surdos fluentes na língua. Por isso é dada a grande atividade, nada simples, de promover esse tipo de dicionário, haja vista a dificuldade e os desafios de direcionar a morfologia aplicada, devido à necessidade de registrar sem perdas as informações primárias, no aspecto de identificação e uso dos sinais corretamente direcionados aos falantes da língua em questão.

Conforme Martins (2020):

Dentre os muitos fatores que implicam um grau maior de dificuldade, um deles, sem dúvida alguma, diz respeito ao uso de estruturas bidimensionais para registrar dados cuja morfologia é tipicamente tridimensional. Em busca de soluções que possam, se não resolver por completo os impactos negativos provocados pela complexidade envolvida com as restrições morfolexicais estabelecidas pelos sinais, mas ao menos minimizá-los ao máximo, os avanços obtidos na área têm sido notáveis, em

grande parte motivados pela aplicação dos variados recursos computacionais disponíveis atualmente.

Assim, mediante os enredamentos dos fatores da estruturação do dicionário de Libras, entendemos que a formalidade linguística possui restrições morfolexicais, tornando difícil estabelecer os avanços. Porém, com auxílio tecnológico, há maiores possibilidades de registro dos termos lexicológicos, pois é visível a diferença na confecção a mão, a partir da visualização dos desenhos que são acompanhados de setas com a indicação do movimento. A realização desta disposição em um computador, tendo em vista a estrutura organizacional eletrônica, permite a visualização dos sinais em vídeos, o que facilita a consulta dos usuários.

O dicionário monolíngue de língua de sinais pode ser livremente comparado com os dicionários monolíngues de maneira generalizada. No entanto, há diferenciais que emanam da diferença característica própria da LSB e precisam ser levados em consideração, para que seja efetivo para o próprio falante da língua, além de útil em pesquisas realizadas por não falantes. É relevante mencionarmos que as características físicas internas e externas dos dicionários e de glossários monolíngues de Libras, principalmente aos itens lexicais, têm estrutura e *layout* das entradas e modelagem em formato particular de cada desenvolvedor.

Quando se extrai os formatos internos, leva-se em estíma os fatores técnicos da linguagem lexicográfica em termos científicos apresentados em base de dados coletados e nas funções que acompanham o surgimento de novos termos em relação aos sentidos proporcionados pelos falantes. Algo comum usado no dia a dia, por exemplo, são os termos usados frequentemente. Eles podem ser justificados, a partir das notas representadas no fichamento dos capítulos, que são separados por conveniência. Inicialmente, nos primeiros passos de construção, foca-se sempre em desenvolver a estrutura interna, ao elaborar o que será descrito. Segundo Martins (2020), isso permitirá que os usuários visualizem e discutam os tipos de informações e o conteúdo das primeiras entradas e estruturas de modo geral.

Normalmente, a estrutura interna começa com a apresentação do

alfabeto manual, seguido de exibição de termos sinalizados com representações gráficas em formatos utilizados baseados em *layout* de configuração de mãos e expressão facial.

Figura 9: Alfabeto Manual Dicionário Monolíngue

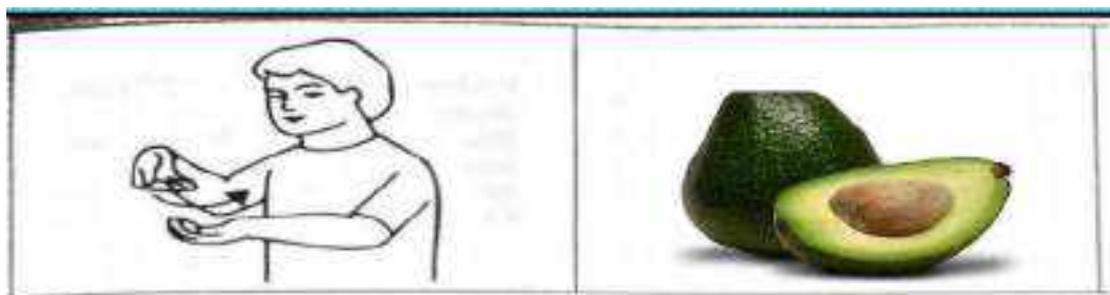


Fonte: <https://conexaoeducacional.com.br/lessons/3-alfabeto-manual-datilologia-e-numeros/Autora>.

O *layout* pode ou não representar as funções lexicais nos glossários nitidamente, no entanto, deve permanecer atento aos tipos de aplicação. Mesmo com as proporções não visíveis, deve-se seguir as regras da pluralidade linguística reverenciada na dominância dos fatores passados em cada sinal-termo. Embora seja conveniente para os falantes natos, existe certa dificuldade para os não falantes em compreender de imediato quando não expresso abertamente, a qual termo o sinal se refere.

Na Figura 9, temos a representação gráfica do sinal de “abacate”. Nota-se que a imagem da fruta mencionada está ao lado da figura do sinal, mas não há o termo escrito em português, assim como os elementos estão representados através de uma seta indicando movimento, dada a sequência da composição paramétrica do sinal.

Figura 10: Representação Gráfica de Abacate



Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com/2019/11/alimentos-em-libras.html>.

As proposições dos sinais presentes no dicionário monolíngue, certamente desenvolvido pelo falante surdo, tomam como base a forma da configuração de mão, da orientação das mãos, das correlações de significados. Esses quesitos trazem a estrutura do *layout* que inclui as informações lexicais correspondentes aos recursos dinâmicos das estratégias na composição deste dicionário, com o intuito de ter clareza para bom entendimento e recepção do usuário, uma vez que a forma dos sinais e como estão catalogados devem ser compreendidos e entendidos em um âmbito detalhado. Isso é posto para que se saiba diferenciar um sinal de outro mesmo com deveras semelhanças entre eles, ao evitar confusão em relação à estrutura para aqueles que usam este dicionário. Este é um desafio em sua utilização, já que é necessário precisão.

Para Biderman (2002, p. 87), “o conceito de unidade léxica de um dicionarista reflete-se na organização da macroestrutura do dicionário, bem como os critérios por ele usados na seleção dos lemas”. Por isso, o léxico sinalizado, mesmo não presente na entrada, deve reservar espaço para esta informação, codificada acessivelmente quando pesquisado, definindo expressamente o que não está explicitamente declarado, demonstrando-o em frases e contextos a que o termo se refere. Assim, com essa estratégia, podemos encontrar as informações com mais facilidade.

Evidentemente, a pesquisa sempre será mais simples quando se trata de um glossário *on-line*, pois, diferentemente do impresso, há nele mais dinamicidade, ainda que, pelo uso de ferramentas tecnológicas, desenvolvê-lo ainda não seja considerada uma tarefa fácil, já que exige maior concentração do autor para criar um *design* e um *layout* que represente o

sinal-termo com os aspectos lexicográficos acessíveis, a ponto de responder qualquer questionamento, apenas com o primeiro contato.

Os dicionários monolíngues de LSB destacam-se por possuírem conteúdos em escrita de sinais. Existem quatro possíveis sistemas desse tipo de escrita no Brasil, desenvolvido a partir de pesquisas idealizadas com os registros deste sistema em composição funcional e estrutural. São eles: *SignWriting* (SW), a Escrita de Língua de Sinais (ELiS), o Sistema de Escrita da Libras (SEL) e a Escrita Visogramada das Língua de Sinais (VisoGrafia). Portanto:

O SW é um sistema de escrita de sinais idealizado pela coreógrafa norte-americana Valerie Sutton e traduzido e adaptado no par linguístico Inglês-ASL/Português-Libras pela professora Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC); a ELiS pela professora Dra. Mariângela Estelita de Barros (UFG); o SEL pela professora Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB); e a VisoGrafia pelo professor Me. Claudio Alves Benassi (UFMT). Sobre cada sistema de escrita de sinais consultar os anexos. A seguir, serão apresentados os sistemas de escrita de sinais propostos no Brasil (Silva *et al.*, 2018).

O sistema *SignWriting* (SW) originou-se em 1974 como um sistema gráfico esquemático visual produzido pela coreógrafa Valerie Sutton. Foi incorporado no Brasil em 1996, descrito por Capovilla, tornando a escrita uma SW comum em livros e dicionários de LSB. O intuito foi de ser aplicado como um instrumento para direcionar a aprendizagem de surdos, de maneira simples, e ensinar a gramática da LSB em todos os níveis educacionais e não educacionais.

Com o passar do tempo, este sistema de escrita fora modificado e aperfeiçoado, conforme os falantes de LSB realizavam estudos a partir das percepções de pesquisas do léxico presentes nos termos desempenhados, o que divide a escrita SW em dez diferentes categorias. Além disso, divide também em dez grupos: mãos, contato das mãos, faces, movimentos do corpo e da cabeça, ombro, membros, inclinação da cabeça, localização, movimento de dinâmicas e pontuação. Tais grupos facilitam a procura pelo sinal de interesse e são ordenados de acordo com a ordem dos símbolos. Ou seja:

A estrutura é composta de informações referentes às mãos,

movimento, expressão facial e corpo. As informações das mãos, direita e esquerda, consistem em configuração da mão, dos dedos e do braço. O movimento pode ser dos dedos (movimento interno) ou da mão (movimento externo). Um movimento pode ser composto de um ou mais movimentos de dedos, movimentos de mãos e contatos. A estrutura contém informações sobre a expressão facial, formada por expressões e movimento das diversas partes do rosto. Os surdos precisam escrever nas suas línguas de sinais, além de intercambiar por meio de grafismos suas expressões linguísticas, como os ouvintes o fazem utilizando os diferentes alfabetos inventados para as diversas línguas orais (Silva *et al.*, 2018).

Em relação à estrutura de cada passo das categorias, podemos destacar que as partes do corpo são definidas pelas configurações e por movimentos da cabeça, do ombro e de tronco. Assim, tais configurações são básicas de mão: mãos circular [punho aberto], aberta [mão plana] e fechada [punho fechado] (Silva *et al.*, 2018), que tendem a representar cada contato dos símbolos e cada movimento como forma de precisão na realização do sinal, seja lado direito ou esquerdo, mãos, cabeça e corpo.

No Brasil, a escrita da língua de sinais começou a receber atenção, desde 1996, com o grupo de pesquisadores sulistas, formado pelos professores Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, Dra. Márcia Borba Campos e com a colaboração da professora surda na área da computação, Marianne Rossi Stumpf.

A Figura 10 destaca o uso da escrita de sinais SW no dicionário em LSB.

Figura 11: Página Sinais Diários (SW)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8A9ilzRFY7g>

O sistema Escrita de Língua de Sinais (ELiS) originou-se através das pesquisas de mestrado de Mariângela Estelita de Barros, em 1997. Seu desenvolvimento até os dias atuais vem das sugestões de surdos e pelas reflexões linguísticas da pesquisadora.

De acordo com Silva *et al.* (2018),

a ELiS surgiu da hifenação híbrida dos termos “AlfaSig” — “Alfa” de “alfabético” e “Sig” do latim “signalis”, mas ao perceber a estreita relação entre “alfa”, ou “alfabético”, com uma representação de sons, passou a ser nomeado de “QuiroSig” por ser um sistema que representa os “quiremas” dos sinais, de acordo com a nomenclatura criada pelo linguista americano, William C. Stokoe.

Os parâmetros que compõem a estrutura da ELiS foram propostos através das referências da pesquisa realizada por Stokoe, em 1965. A partir dessas sistemáticas, podemos considerar que as representatividades deste sistema de escrita comportam-se com a base alfabética, linear e organizadas em visemas. Essa nomenclatura é dada para a técnica utilizada com o objetivo de definir seus elementos específicos da LSB, com a finalidade de adequar esse termo para uma mais próxima de nome visografema. Assim, os enquadramentos linguísticos são todos em torno de quatro parâmetros, que são compostos por diversos visemas com representações gráficas de visografemas, o que pode ser comparado com os termos lexicais compostos de fonemas, letras e alfabeto. Os parâmetros são: Configuração de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (Mov).

A Figura 11, abaixo, demonstra o uso da escrita Elis no glossário monolíngue da dissertação sobre Linguística.

sistema SEL, de acordo com Lessa-de-Oliveira (2012), apresenta apenas 52 caracteres de configurações de mão, nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita (Silva *et al.*, 2018).

Figura 13: Alfabeto Manual do Sistema de Escrita da Libras (SEL)



Fonte: Silva *et al.* (2018).

Apresentado na pesquisa de doutorado de Claudio Benassi, o sistema de escrita visogramada (VisoGrafia) originou-se em 2016, a partir da união das simples técnicas de elementos visuais presentes em SW e ELiS, com desígnio de ementar uma variedade de escrita de sinais para fácil entendimento.

Este estilo sistemático possui cinco parâmetros constitutivos, os quais são determinados de acordo com a configuração de mão (CM); locação (L); movimentos (M); direção ou orientação da Palma (OP) e as expressões não manuais (ENM). Entretanto, grafa sinais lineares que seguem sequências lexicais do termo, em preposição da esquerda para direita, correspondente aos cinco elementos supracitados. Conforme os gráficos que obedecem a um sinalizador com letras e símbolos complementares, adequado a certa informação prestada, ordena a escrita em registros constituintes da LSB como fonte de determinar os aspectos linguísticos previstos.

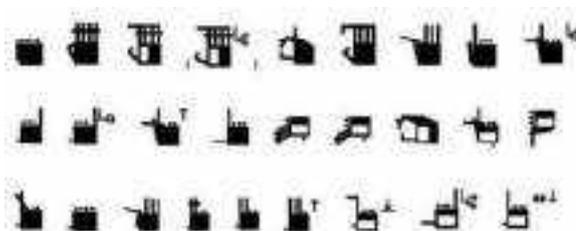
Assim,

a VisoGrafia, apesar de aparentar ser uma escrita ideogramada, ou seja, um sistema de grafia em que as

informações são grafadas no todo, é uma escrita de sinais que grafa as informações visonetivamente (foneticamente). Isto quer dizer, que os visemas (fonemas) são grafados um por vez e em sua devida ordem. Os visemas grafados são a CM por meio do uso das CD, OP, L, M e ENM. Na Sequência, escreve-se a OP e nela, se grafa as CD. Por último escreve-se os M e as ENM são adicionadas por último por meio do uso de diacríticos próprios. A VisoGrafia é uma proposta de releitura por meio da hibridização dos elementos mais simples do SW aos apresentados pelas ELiS, eliminando, assim, aqueles mais complexos que demandam maior abstração. A estrutura da escrita na VisoGrafia preserva o princípio da linearidade da ELiS, levando em consideração o hábito de leitura linear da esquerda para a direita da Língua Portuguesa, sendo acessível a ouvintes e a visuais (Silva *et al.*, 2018).

Assim, as configurações determinadas pelos visografemas compõem o uso das orientações da mão visando os dedos e a palma, exigidos em seus movimentos gráficos complementares autossuficientes. Essa configuração segue o processo gráfico relativo à estrutura no ato de executar o sinal, considerando os passos da escrita para seu uso eficaz.

Figura 14: Alfabeto Manual do Sistema VisoGrafia



Fonte: Silva *et al.* (2018).

O dicionário monolíngue de LSB destaca diversas formas de como é o predomínio de instruir o direcionamento do léxico para determinar o termo, em diferentes elementos contextuais, dada toda a estrutura linguística da língua nativa da comunidade surda. É diferentemente da composição presente no dicionário bilíngue, que expande suas características através do demonstrativo de duas línguas distintas, uma traduzindo a outra.

O dicionário bilíngue, portanto, possui uma espécie de enquadramento, em sentido lexicográfico distinto em vários fatores, por se tratar de aplicar em seus termos os aspectos em duas línguas diferentes. Utiliza em sua composição as características de uma língua nativa e de uma

língua universal de certa região/país. Por isso, um dicionário bilíngue precisa responder às necessidades previstas no processo de aprendizado de uma língua diferente da sua, a fim de demonstrar as informações de forma precisa, posicionando os fatores correspondentes às duas línguas e às medidas que auxiliam suas estruturas de forma igualitária.

Assim como o monolíngue, o bilíngue possui estrutura estritamente lexical, voltada especificamente para os sinais. Também aborda as características dos sistemas de escrita de sinais e as representações gráficas dos sinais-termo. Contudo, por se tratar da apresentação de duas línguas, refere-se à tradução livre de LSB para português. Assim, seus dados são prepostos, a partir das premissas panorâmicas vigentes para determinar as expressões qualificadas dos sistemas estruturais linguísticos e terminológicos de seus componentes. Em sua produção, é necessário levar em consideração as bases da língua e abordar as formas contextuais aplicadas para criar uma face, na qual as expectativas literárias de pesquisa técnico-científica, para surdos e ouvintes falantes da língua, sejam supridas.

Para se dispor dessas técnicas, faz-se o uso das formas preferenciais e não preferenciais, ao produzir uma sequência de desenvolvimento da língua de partida para língua de chegada.

De acordo com Azevedo (2023):

Para tanto, para a distinção entre *type* e *token*, podem ser utilizados alguns critérios: frequência de cada forma, sendo a mais frequente o *type* e a menos o *token*; diferença entre a forma atualmente usada (*type*) e as formas em desuso ou obsoletas (*token*); a distinção formal e informal/vulgar; distinção entre a forma majoritariamente utilizada em um país e aquela utilizada em uma localidade específica etc. Quando pensamos em obras bilíngues, essa distinção *type / token* também ocorre nas duas línguas. Na língua de partida, ela está relacionada a qual forma será o verbete principal (*type*), aquele que contém os comentários semânticos, e qual será aquele que realizará referência ao verbete principal (*token*), por meio do sistema de remissivas. Já na língua de chegada, a diferença estará relacionada a ordem de apresentação/ordenação das formas no verbete.

Como são línguas diferentes, há casos em que o registro terminológico precisa ganhar um contorno adaptativo, já que existe e faz sentido para uma língua e não para outra. Nesse sentido, alguns termos da LP, ao serem

traduzidos para a LSB, precisam ser vinculados a esta, de acordo com suas características, determinando as faces informativas da segunda língua. Por este motivo, cabe promover uma pesquisa mais detalhada para a eficácia da tradução. Para a implementação, precisa-se das significações representadas através do termo, no caso do par linguístico Língua de Sinais-Língua Portuguesa (LSB-LP). Sempre há possibilidades lexicais que priorizam a língua materna, e o dicionário determina precisamente deveras formas qualificadas para corresponder aos fatores básicos individuais e compostos.

Para Martins (2020):

Em um dicionário bilíngue, a situação é diferente de um dicionário monolíngue, uma vez que geralmente o usuário está procurando por algum equivalente em vez de uma análise, por isso, às vezes, o usuário pode ter dificuldade em traduzir determinadas palavras, especialmente àquelas que têm relação cultural do outro idioma. No geral, o dicionário bilíngue apresenta recursos para traduzir a palavra do idioma de origem para o idioma de destino, ou seja, essa condição pode ajudar o usuário a traduzir uma L1 (primeira língua) para uma L2 (segunda língua). Outra característica é que esses dicionários sempre trazem palavras totalmente traduzíveis entre a L1 e L2, ou seja, para cada verbete há um termo equivalente.

Presente no conteúdo dos dicionários bilíngues, a comunicação interlíngua é visualizada como ferramenta funcional que admite a coexistência e predominância de duas línguas. Além disso, tem como intuito acessibilizar conhecimento e aprendizado para os falantes nativos das duas línguas individualmente, já que este dicionário é organizado com a função de registrar as unidades lexicais de uma língua para outra e vice-versa, concebendo as práticas linguísticas recíprocas.

Dessa forma, é possível registrar as mais periódicas ocorrências vigentes em determinados campos da Linguística, encontradas na categoria de fomentação dos sinais presentes e sua tradução para o português. Nesse caso, o dicionário monolíngue prevê somente os dados voltados para a língua usada pelos surdos, enquanto o bilíngue faz referência aos aspectos linguísticos, tanto de LSB, quanto de português, já que sua constituição objetiva que sejam visualizados os dados das variedades linguísticas presentes na Língua Portuguesa.

Os dicionários bilíngues LSB-LP-LSB apresentam a variação linguística, quando estipuladas as práticas das unidades lexicais predispostas. A maioria das pesquisas realizadas na área da terminologia e lexicografia é realizada por uma equipe de especialistas. É restrita a profissionais de uma mesma região que nasceram ou moram nesse local, há vários anos. Embora esses fatores agilizem o trabalho de criação e da validação dos sinais-termo, inviabiliza o fator variação linguística, pois a experiência e os termos conhecidos por esses pesquisadores são semelhantes ou iguais. Com isso, as variedades raramente são descritas nos glossários ou nos dicionários acadêmicos. No entanto, há a universalidade do alfabeto manual.

Figura 15: Alfabeto Manual Dicionário Bilíngue



Fonte: Academia de Libras

Para demonstrar a dificuldade de registro e da apresentação de variação linguística, em sua tese de doutoramento, que é um glossário da área Psicologia, Martins (2020, p. 188) apresenta seus informantes: dois da região Sudeste e um do Sul. Acrescenta: “Em relação às regiões do Brasil, até hoje, não encontramos outros psicólogos surdos que morassem ou trabalhassem em outras regiões (norte, nordeste e centro-oeste), por isso coletamos os dados de três profissionais que estão no sul e sudeste”. O aspecto experiência linguística pode propiciar a variedade e a diferença regional. Entretanto, não é um campo vasto para promover a variação linguística, se levarmos em conta a dimensão territorial brasileira.

Outra situação que demonstra a dificuldade de registro de variação linguística são algumas pesquisas realizadas na UnB. O grupo de especialistas se restringe aos profissionais terminólogos e lexicógrafos do Laboratório de Linguística da Língua de Sinais, meio no qual são criados sinais-termo e validados para elaboração de glossários e dicionários acadêmicos. Embora seja inegável a agilidade, a clareza e a padronização nos formatos dos materiais fornecidos por esses pesquisadores, o trabalho restrito a um grupo pequeno inviabiliza pensar nas outras regiões brasileiras e nas variedades linguísticas, que poderiam ser registradas nos glossários e dicionários bilíngues, com português e Língua de Sinais.

Evidencia-se isso em Tuxi (2017, p. 142-143):

O Grupo de Pesquisa foi organizado com o objetivo de desenvolver um trabalho em conjunto na criação e validação de sinais-termo em pesquisas de mestrado e doutorado pelos integrantes do grupo. Durante os nossos encontros, ficou evidente que o trabalho, seja ele lexicográfico ou Terminográfico, não pode ser um trabalho solitário.

Na metodologia, a pesquisadora apresenta os profissionais que criam e validam os sinais-termo. Apesar de suas habilidades linguísticas, são profissionais de uma única região. É pela proximidade com pensamentos sobre a língua e seus fatores linguísticos alinhados que acabam por promover a unicidade na criação para convenção e validação do sinal-termo.

Para citar outro exemplo de trabalho restrito ao grupo de pesquisadores da UnB, temos a tese de Costa (2020, p. 146), que é uma enciclopédia de ciências naturais. Ele cita na metodologia:

Os encontros dos participantes da pesquisa culminaram na criação de sinais-termo no espaço do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LabLibras), na UnB. Nesse espaço aconteceram as discussões interativas, a análise dos livros com os conteúdos selecionados, a leitura dos textos,

examinando as palavras, para que os vocábulos fossem validados e fossem elencados e, assim, pudessem constar na página do site contribuindo com a produção do material, juntamente com os sinais e seus respectivos significados.

Apesar do protocolo claro e minucioso, os itens *criação* e *validação* se restringem a profissionais de uma única região, sem considerar ou registrar variantes terminológicas no campo semântico da pesquisa. Por isso, a variedade linguística diferente em cada região propõe a diversidade dos dicionários, com exemplo das estruturas presentes nos glossários representados em cada estado brasileiro por um autor distinto.

Figura 16: Apresentação da Macroestrutura do Glossário



Fonte: Abati, Flávia Rech. Dissertação de mestrado, Brasília, 2018.

A macroestrutura de Abati (2018), demonstrada na Figura 15, indica as orientações de acessos e uso do glossário. Para situar o usuário sobre os itens disponíveis para acesso, como: o objetivo da obra, o público-alvo, as instruções de uso do consulente, a foto e o nome dos profissionais, que auxiliaram na composição do glossário, é contato para que os usuários tirem dúvidas e forneçam sugestões. O último item está relacionado à especificidade do material, tendo em vista que ele apresenta explicações sobre os procedimentos adotados para a tradução do material.

Figura 17: Verbetes em LSB



Os círculos nas cores verde e azul, apresentados na figura acima, correspondem respectivamente às possibilidades de busca do glossário: verde para os verbetes em LP e a cor azul para os verbetes em ordem alfabética. Os verbetes em LP também estão disponíveis no glossário.

Fonte: Abati, Flávia Rech. Dissertação de mestrado, Brasília, 2018.

A figura 16 apresenta uma proposta de organização da microestrutura do glossário com a definição de cores de camisas para: definição, verbete, exemplo de uso, dentre outros itens sinalizados do glossário. Destacamos também a presença de créditos (Figura 17) na macroestrutura para indicar informações complementares e detalhes sobre o glossário.

Figura 18: Proposta de glossário bilíngue: terminologia dos procedimentos de tradução II em Língua de Sinais Brasileira.



Fonte: Abati, Flávia Rech. Dissertação de mestrado, Brasília, 2018.

As variedades linguísticas presentes nos dicionários bilíngues de LSB dá-se

pelo segmento da variação que ocorre na Língua Portuguesa, mesmo sendo línguas com estruturas diferentes. A determinação de sinais previstos em cada região brasileira indica a complexidade das aplicações lexicais da LSB. A estrutura de escrita e demonstrações gráficas presentes nas glosas bilíngues, de forma geral, contempla inventário lexical das duas línguas, seja em impresso ou *on-line*. Os dicionários bilíngues de LSB-LP possuem expressões idiomáticas; seu conteúdo, de forma geral, estabelece estruturas além das previstas no dispositivo monolíngue, por entregar fatores correspondentes a duas línguas.

Os registros linguísticos contemplados nos dicionários bilíngues não se restringem apenas à variação entre regiões, mas incluem a fase de construção dos sinais-termo. Assim, um termo em português possui diversos significados, enquanto esse mesmo termo em LSB pode ser representado por apenas um sinal-termo, com representação gráfica distinta para cada variante desse termo que, em português, só muda com o contexto. Por exemplo, o termo *manga* em Língua Portuguesa pode ter diversos sentidos a o depender do contexto abordado em uma sentença. Já em LSB, o termo *manga* constituirá um sinal específico para agregar ao contexto da sentença.

Todos esses parâmetros carregam uma grande quantidade de informações, isto é, ocorrem de forma simultânea, complicando algumas vezes a atuação de intérpretes que precisam registrar tais informações em uma língua que é linear e sequencial, como no caso das línguas orais. Esse elemento da simultaneidade é tão presente nas línguas de sinais de modo que esse fator parece dificultar, em um primeiro momento, o exercício de intérpretes que optam, por exemplo, pela interpretação consecutiva. Ou seja, a tomada de notas vista como um recurso de apoio na interpretação consecutiva e amplamente utilizada por intérpretes de línguas orais, quando envolvendo línguas de sinais parece exigir algumas adaptações considerando a modalidade visual da língua (Santos, 2018).

Por isso, o dicionário bilíngue precisa ser completo, com as predominâncias linguísticas das duas línguas, trazendo os parâmetros aplicados nos monolíngues, acrescidos dos métodos linguísticos da Língua Portuguesa, ou seja, os *layouts* devem apresentar configuração de mãos e expressão facial, seguidos de exemplos e aplicação sentencial dos termos.

3.5 Dicionários em LSB: Macro e Microestrutura

A estrutura presente nos dicionários e nas glosas não se limita apenas à aplicação do léxico e dos termos usados, já que cada sinal-termo, diante de seu desenvolvimento, faz parte das modalidades. Também estão estampados de forma singular e completa, desde a escrituração da capa até as referências usadas na confecção desses dicionários, visto que os sinais são as especificidades que compõem

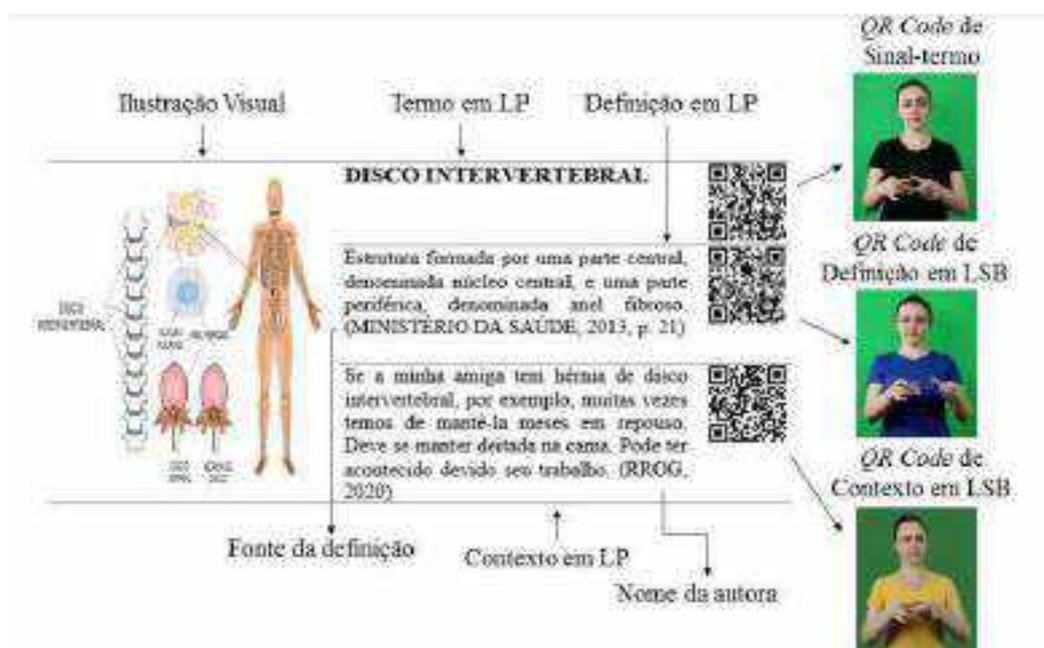
a língua.

Por se tratar uma língua visuoespacial, seu dicionário detém sinais-termo moldados em formatos tridimensionais, sejam em obras impressas ou *on-line*. Suas imagens, vídeos, fotos e desenhos são construídos em forma dimensional, desafiando as maneiras de pesquisa de cada sinal-termo. Inclusive, seus signos significativos integram, assim, a macro e microestrutura dos dicionários em LSB.

Dessa forma, ao determinar as modalidades de inserção do sinal-termo, obtém-se a microestrutura que, apresentada nos dicionários de LSB, determinam as modalidades conceituais dos termos e suas classificatórias. Ou seja: determinam o conteúdo de instituição e de construção dos verbetes nas bases metodológicas em relação às classificações terminológicas dos termos.

O verbete, o termo, o gênero, a definição remissiva e os registros gráficos são componentes dos dicionários e glosas, seja em formato digital ou impresso. Diante disso, o repertório terminográfico destes materiais são parte da microestrutura e contém informações em LP e LSB, ao tratar de obra bilíngue.

Figura 19: Apresentação da Proposta de Microestrutura no Glossário bilíngue LP – LSB



Fonte: Garcia (2021)

Como já sabido, *termo* é descrito como a “palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos das áreas especializadas do conhecimento e do saber” (Faulstich, 2012, p. 1). Para compor um dicionário, um termo precisa ser incluído especialmente de acordo com a área da Linguística, em que seus padrões determinam as funcionalidades. Por conseguinte, determinam também,

primordialmente, a macro e a microestrutura em dicionários e glossários terminológicos de língua de sinais.

Segundo Faulstich (2016, p. 5), sinal-termo é:

1 — Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2 — Termo criado para na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3 – Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira.

As pesquisas sobre o termo, realizadas por Faulstich, envolve lexicografia, terminologia e terminografia e delibera os critérios que estimam uma avaliação sistemática e completa da macro e microestrutura dos dicionários de LSB, ao nortear sua criação e apreciação pelos interessados em seu conteúdo. Ao nortear análises do corpo integral de instrumentos componentes literários, apura as características lexicais aplicadas em termos individualmente e apresenta os métodos de discussão refletidos em torno das propostas das representações gráficas dos sinais-termo, a fim de mostrar a veracidade da língua em estatura abrangente.

Os registros das representações gráficas de um sinal-termo da LSB presentes em dicionários publicados necessitam da apreciação de seu *corpus* disposto em diversas formas avaliadas por meio da micro e macroestrutura. Isso requer a importância de especificar as bases mais simples na ordenação e na organização das entradas e das saídas lexicais para a implementação das informações gramaticais, morfológicas e semânticas.

A contribuição da lexicografia histórica para o dicionário de LSB inicia-se nos parâmetros baseados nas articulações do dicionário de Língua de Sinais Francesa. Dele, pode-se extrair os aspectos expressivos do *corpus* e da macro e microestrutura incorporada na produção de dicionários e glosas de Língua de Sinais do Brasil.

Constituir o *corpus* de signos antigos da língua de sinais francesa tem a vantagem de poder examinar o léxico em sua dimensão diacrônica. A grande quantidade de material linguístico estudado revela os mecanismos cognitivos em ação na criação dos signos, permitindo observar a semiogênese dos signos, mas também ver surgir fenômenos recorrentes e regulares. A abordagem semiogenética é assim acoplada a uma abordagem filogenética, que considera o signo e a sua família numa história evolutiva,

em diacronia. Nessa concepção genética, a língua de sinais francesa é considerada pelo ângulo das modificações que ocorrem dentro de sua espécie, durante sua evolução (Bonnal-Vergès, 2006).

Com o *corpus* registrado, os verbetes são organizados adequadamente. Isso é possível por meio do uso de fichas terminológicas na criação do sinal-termo, essenciais para estabelecer uma classificação ampla ou restrita.

O processo de criação dos sinais-termo determinados pela macro e microestrutura lexicográficas e terminográficas levam em conta diretrizes profundamente analisadas e integradas ao *corpus* como ferramenteira linguística para a inclusão de termos. Assim, o conjunto de dados linguísticos, com o advento do *corpus*, pode ser usado para a criação dos dicionários em LSB.

De acordo com Junior (2014),

o advento da Linguística de Corpus e as ferramentas de análise linguística permitiram a criação de listas de palavras de uma língua conforme a sua frequência. Tal recurso possibilitou que dicionários pudessem efetivamente compilar as palavras mais usadas de uma língua ou da linguagem especializada de uma área específica. Entretanto, o critério de frequência nem sempre é decisivo para a terminologia. Sabemos que termos pouco frequentes também são importantes para o entendimento do conteúdo especializado de textos das áreas de Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química e, por isso, devem ser incluídos em obras terminográficas.

Os critérios correspondentes às seleções terminográficas constam nas projeções dos dicionários e das glosas. Eles estão listados nas fases de registro para identificar a relação informativa das variáveis manifestadas com a coleta de dados da macroestrutura do léxico de cada área do conhecimento em registro para a tradução de LSB-LP-LSB.

A macroestrutura dos dicionários de LSB parte da obra terminográfica que serve para orientar a consulta do leitor. Compõe-se de: título da obra, autor, editora, data, local de publicação, volume(s) e epígrafe (Garcia, 2021). A pesquisa de Renata Garcia (2021) pode ser citada como um exemplo completo da macroestrutura que um dicionário ou glosa de LSB precisa conter.

Para Garcia (2021):

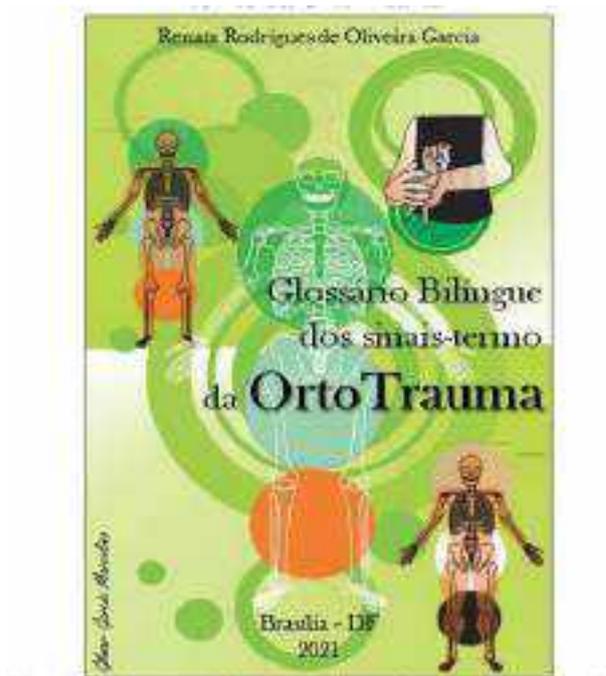
A macroestrutura do Glossário Bilingue dos Sinais-termo da OrtoTrauma, elaborado pela autora desta pesquisa contém os seguintes elementos: 1. Capa da obra; 2. Equipe de produção do trabalho; 3. Sumário; 4. Apresentação do material da obra; 5. Objetivo da obra; 6. Público-alvo; e 7. Dúvidas e sugestões. A autora apresenta a macroestrutura do glossário

com a blusa, de cor branca, para facilitar a percepção das informações gerais sinalizadas na obra.

A produção da macroestrutura introduzida nos dicionários e nas glosas de LSB carecem de conformidades conceituais e, principalmente, visuais, posto que deve contar com a representação e a classificação do sinal-termo em constante avaliação dos sujeitos envolvidos na criação da obra e do sinal-termo. Pode-se dizer que as características que desempenham a formação da macroestrutura está presente em todos os dicionários e glosas de LSB.

Na capa deve constar o nome da autora, com as letras iniciais maiúsculas, na cor preta; o título do glossário também escrito na cor preta; o nome da cidade e o ano (Garcia, 2021). Como exemplo, citamos o Glossário Bilingue dos Sinais-termo da OrtoTrauma (Figura 19). Todas as obras seguem esta linha de desenvolvimento, sendo que as formas de concepção trilham as funcionalidades baseadas em fontes comuns para cada uma, mesmo que sejam aplicadas de maneira distinta. O padrão deve permanecer, independentemente de quem as cria, embora existam peculiaridades e identidade que distingue uma obra de outra, assim como de autor para autor.

Figura 20: Apresentação da Capa ilustrativa da Obra Glossário Bilingue dos Sinais-termo da OrtoTrauma



Fonte: Garcia (2021).

Apesar de o registro Terminológico ser focal na pesquisa, a funcionalidade educacional dessas obras organizadas precisa ser mencionada. Em comparação com o ensino de língua estrangeira, a macro e microestrutura dos glossários bilíngues e dicionários técnicos são fundamentais para a “pesquisa de equivalências, significado de termos, intercâmbios [...] constitui um ponto relevante, orienta o ensino envolvendo o campo de conhecimento da disciplina estudada”(Albres; Neves, 2008, p. 11). As obras terminológicas em LSB podem ser instrumentos para o ensino da língua para professores Surdos como primeira Língua – L1, para ouvintes como segunda Língua – L2 e na formação de TILS.

Defendemos a produção de glossários e dicionários bilíngues, já que eles propiciam o uso de duas línguas e favorecem os Surdos a terem acesso à Língua de Sinais, que é considerada natural deles. Também favorecem acesso ao Português, na modalidade escrita, como preconizado pelo decreto 5.626/05, em seu Art. 14, Inciso VI: “adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa” (Brasil, 2005). Além disso, possibilita os ouvintes a terem acesso ao Português e ao conhecimento da língua de sinais que os auxilia a aprender a comunicação sinalizada.

Observamos que, no *YouTube*, há uma lista de vídeos de sinais de Pedagogia, Biologia e diversas outras áreas de conhecimento científico, mas que apresentam um risco. Muitos deles não foram criados por grupos de pessoas surdas ou de profissionais da área da Linguística, para que pudessem avaliar se esses sinais estariam de acordo com o contexto ou o significado científico da palavra, bem como com sua estrutura macro e micro. Entende-se que não é ideal criar um sinal fora das normas preestabelecidas e empregá-lo se não faz sentido para aqueles que dele deverão se utilizar.

Encontrar glossários, sinalários e dicionários em LSB, na plataforma *Youtube*, em diversas páginas administradas por Surdos e ouvintes que apresentam sinais-termo de áreas técnico-científicas e de léxicos do cotidiano é positivo, por demonstrar a expansão Lexicográfica, Terminológica, que se intensificou nos últimos anos. O negativo é que na plataforma *Youtube* não existe direcionamento, com descrição prévia dos protocolos técnicos usados para a criação do sinal-termo, nem a indicação se ele foi validado por grupo de cientistas Surdos e ouvintes das áreas.

Esse movimento desordenado é prejudicial para a comunidade Surda que tem criado sinais-termo diferentes um do outro para uma mesma área em várias regiões do Brasil. Em outras áreas, pouco ou quase nada é convencionado. É um gasto de energia desproporcional no campo da convenção Linguística.

Pela ausência de obras de registros oficiais, o fenômeno de incorporação dos sinais, comum na LSB, é descrito por Oliveira (2010):

Além disso, assim como nas línguas orais, uma pessoa ou grupo não pode determinar o que deve ou não fazer parte do léxico da língua, no máximo pode-se sugerir, pois será sempre a comunidade de falantes da língua que decidirá se o neologismo proposto será incorporado ao léxico ou será apenas hapax legomenon (Oliveira, 2010, p. 6).

A convenção dá-se em grupos pequenos e não por uma pessoa. Esses grupos definem o sinal-termo sem nenhum protocolo linguístico, por vezes nem tem conhecimento técnico da LSB e da área de conhecimento. Essa pessoa ou grupo de pessoas que cria o sinal-termo apresenta para algumas pessoas próximas da comunidade Surda como convenção definitiva. Divulga a “variante” da região na plataforma *Youtube*; esse é o registro único da Terminologia na língua.

Se pudéssemos ter um trabalho nacional e em rede de criação de sinais-termo com ampla divulgação, com uso da tecnologia, seria uma garantia de expansão real, valorização e organização na LSB.

Oliveira afirma que:

[...] constitui-se em ferramenta de consulta que contribui para instrumentalização dos tradutores/intérpretes, para a melhor qualidade das aulas de graduação e pós-graduação, para pesquisas na área de língua de sinais, uso da comunidade surda, congressos etc. (Oliveira, 2010, p. 5).

As obras de registro da língua, dicionários, glossários, sinalário, enciclopédias, entre outros, são instrumentos fundamentais para ensino, registro e para auxiliar Surdos e ouvintes na pesquisa e na compreensão de conceitos. Essas produções são essenciais para os TILS, para o acesso de sinais-termo, para a manutenção da fluidez da tradução em diferentes ambientes e em áreas de conhecimento técnico-científico.

Referentes à criação e à composição dos dicionários de LSB monolíngue e bilíngue, os dados apresentados mostram como a Linguística Aplicada na língua de sinais tem se intensificado durante todo o período histórico. A demonstração da implementação de fatores que constroem os sinais-termo e estruturam as bases do léxico do termo compreende as diversas categorias que compõem seus signos e

significados e abarca as demandas de pesquisadores surdos e ouvintes. Assim, concluímos que o dicionário e a glosa são usados como ferramentas e são de fácil acesso para abranger a demanda dos estudiosos e dos falantes da língua.

4 LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA NA ÁREA DA PEDAGOGIA

O aumento de acadêmicos surdos no campo da Pedagogia evidencia a importância da LSB na formação acadêmica desses profissionais. Essa inclusão¹⁶ impulsionou o avanço da acessibilidade e proporcionou um cenário favorável para a pesquisa e implementação de estratégias voltadas à inserção de pessoas com deficiência no contexto educacional. Nesse processo, a criação de sinais-termo específicos tem desempenhado um papel crucial, ao possibilitar uma comunicação eficaz e inclusiva que atende às necessidades físicas e cognitivas de crianças, jovens e adultos. Essa evolução reforça a relevância de práticas pedagógicas que consideram a diversidade linguística e cognitiva dos estudantes, fortalecendo a construção de uma educação mais acessível e equitativa.

4.1 Ingresso de surdos no curso de Pedagogia no Brasil

A presença de pessoas surdas na formação em Pedagogia no Brasil tem se intensificado nos últimos anos, à medida que as políticas educacionais voltadas para a inclusão e a acessibilidade ganham força no país.

Atualmente, não existem estatísticas exatas sobre o número de surdos formados em Pedagogia no Brasil. No ensino superior, a adoção de políticas de inclusão, como a Lei 14.191/2021, que instituiu a educação bilíngue para surdos, é um marco importante. Esses avanços têm permitido um maior número de pessoas surdas a ter acesso à educação de nível superior, inclusive em áreas como Pedagogia.

De acordo com relatórios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e dados do Censo da Educação Superior, o número de pessoas com deficiência, incluindo surdos, nas universidades brasileiras tem aumentado devido às políticas de inclusão implementadas nas últimas décadas, como o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta o ensino de Libras.

Em 2005, tornou-se obrigatória a integração do ensino de LSB em todos os cursos de graduação de licenciatura, inclusive no de Pedagogia, por meio do decreto 5.626 em seu Art. 3º, § 1º: “todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de

¹⁶ **Inclusão** [...] não se resume na simples inserção de pessoas deficientes no mundo do qual têm sido geralmente privados. Inclusão é um processo que reitera princípios democráticos de participação social plena. Neste sentido, a inclusão não se resume a uma ou algumas áreas da vida humana, como, por exemplo, saúde, lazer ou educação. Ela é uma luta, um movimento que tem por essência estar presente em todas as áreas da vida humana, inclusive a educacional. Inclusão se refere, portanto, a todos os esforços no sentido da garantia da participação máxima de qualquer cidadão em qualquer arena da sociedade em que viva, à qual ele tem direito, e sobre a qual ele tem deveres (Santos, 2003, p. 64-65).

Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério” (Brasil, 2005).

Esta obrigatoriedade abrange desde a educação infantil até o ensino superior. com isso, busca incentivar a capacitação de profissionais em educação especial para suprimir as lacunas comunicativas entre a Língua Portuguesa e a LSB. O objetivo é expandir cada vez mais a inclusão na educação brasileira. Além de professores, outros profissionais aprendem língua de sinais e tornam-se tradutores intérpretes de língua de sinais – TILS. Todo esse interesse é de suma importância para contribuir com o avanço educacional dos surdos, para que, no futuro, quando um surdo chegar em uma escola possa ser recebido por profissionais que podem ensiná-lo em sua língua materna sem dificuldades, pois, mesmo se o professor regente não for bilíngue, o auxílio de um intérprete pode ser alentador.

Apesar desses avanços, a inclusão de pessoas surdas na formação de Pedagogia ainda enfrenta desafios significativos. A falta de profissionais capacitados para atuar como intérpretes de Libras e a escassez de material didático adequado em muitos contextos acadêmicos são barreiras que dificultam o pleno acesso ao conteúdo. Segundo Lima e Silva (2018), "a acessibilidade comunicacional nas universidades ainda é uma questão a ser resolvida, sendo comum a presença de barreiras que afetam diretamente a participação dos alunos surdos nos cursos de Pedagogia." Além disso, a formação de professores surdos exige a construção de currículos que valorizem a cultura surda e que estejam alinhados com as necessidades pedagógicas desses futuros educadores.

Logo, as políticas de inclusão promovidas através das metodologias aplicadas pelos pedagogos em sala de aula têm um efeito positivo ao implementar serviços de suporte para se conquistar um ensino eficiente, já que suprime as diferenças quando realizadas as traduções de Língua Portuguesa para LSB. Isso permite uma melhor compreensão de conteúdo por parte do aluno surdo e propõe um elo entre línguas, com a finalidade de alcançar o objetivo na educação de surdos. Essa troca de informações intralinguísticas estabelece o acesso fluente entre o professor bilíngue e o aluno surdo, fortalecendo as habilidades de aprendizagem, mesmo se aplicada à relação de tradução simultânea ou com apoio de um intérprete.

Dessa forma, a Pedagogia deve focar em formar profissionais cada vez mais atualizados em relação à língua de sinais, que deve ser tomada como um estudo pessoal não obrigatório e deve haver um interesse real. Essa é justificativa plausível para que as relações interpessoais com os alunos surdos sejam vistas como comum, sem distinção entre ouvinte e surdo, em questão de tratamento na hora do ensino.

Com o objetivo de destacar os cuidados relacionados ao ensino de surdos, os pedagogos precisam estar dedicados para atender as necessidades linguísticas dessa classe. Ao acompanhar os avanços relacionados ao impacto causado pela LSB como uma língua fundamental, a formação dos alunos surdos em sua vida acadêmica ganha qualidade e compromisso formativo.

A relação entre pessoas surdas e as terminologias do curso de Pedagogia é fundamental para a construção de um ambiente de aprendizado inclusivo e eficiente. No contexto da formação pedagógica, os surdos enfrentam desafios relacionados à compreensão de terminologias específicas da área, muitas das quais são complexas e possuem nuances importantes. Essas terminologias incluem conceitos como epistemologia, taxonomia, motricidade, acadêmico, semestre, entre outros, que são estudados no curso de Pedagogia.

A inclusão dessas terminologias no universo dos surdos requer a tradução desses conceitos para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de uma adaptação que leve em conta as especificidades da comunidade surda. A tradução de termos técnicos para Libras nem sempre é direta, o que exige a criação de novos sinais ou de explicações mais detalhadas para garantir que os alunos surdos compreendam os conceitos na sua totalidade. Segundo Lodi e Ferreira Brito (2010), "a apropriação de conceitos pedagógicos por alunos surdos é mediada pelo uso de Libras, sendo necessário adaptar essas terminologias para uma linguagem acessível e culturalmente adequada".

Além disso, a Socioterminologia e a Terminografia desempenham um papel essencial nesse processo, pois analisam e registram as variações dos termos técnicos na Libras, facilitando a comunicação e o ensino dos surdos em contextos acadêmicos. Como a Pedagogia é um campo que envolve termos especializados e abstratos, essa adaptação terminológica é crucial para garantir a acessibilidade e a participação ativa dos alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem. A formação de pedagogos surdos também fortalece esse movimento, permitindo que eles atuem como mediadores no desenvolvimento de material didático específico para a comunidade surda.

A relação entre pessoas surdas e as terminologias no curso de Pedagogia é uma questão central para a inclusão e o sucesso acadêmico dos alunos surdos nesse campo. As terminologias "educação inclusiva", "desenvolvimento cognitivo", entre outras, são essenciais para a formação de pedagogos, mas podem apresentar desafios particulares para os alunos surdos, principalmente em termos de tradução e de adaptação para a LSB. A falta de sinais específicos para certos termos exige adaptações e, em muitos casos, exige a criação de neologismos ou de explicações extensas para

que o conceito seja plenamente entendido. Isso afeta a assimilação de conteúdo por alunos surdos, que precisam não apenas compreender os conceitos em Libras, mas também como eles se aplicam no contexto da educação de crianças e jovens.

Conforme Gesser (2009) aponta, a tradução de termos técnicos para Libras ainda é um processo em construção, o que demanda formação contínua de intérpretes especializados e desenvolvimento de glossários bilíngues mais robustos. Outro ponto crucial é o papel da Socioterminologia, que considera a variação de uso dos termos técnicos entre diferentes grupos sociais e culturais, incluindo a comunidade surda. No caso da Pedagogia, termos como "práticas pedagógicas" e "psicopedagogia" precisam ser adaptados considerando as particularidades linguísticas e culturais dos surdos, ao garantir que o ensino seja acessível e apropriado.

De acordo com Faulstich (1995), a terminologia deve ser adaptada ao público-alvo. No caso dos surdos, essa adaptação envolve não apenas a tradução dos termos, mas também a consideração de como esses conceitos são compreendidos no contexto da educação bilíngue, espaços em que a LSB desempenha um papel essencial.

Portanto, a relação entre surdos e as terminologias no curso de Pedagogia é multifacetada e exige tanto a criação de materiais didáticos específicos em LSB, como glossários e dicionários, quanto a formação de professores surdos ou bilíngues, que possam servir como mediadores no processo de aprendizagem. A inclusão de intérpretes de Libras e a adaptação curricular são passos fundamentais para assegurar que os surdos possam não só acessar, mas também se apropriar dos conceitos pedagógicos, ao fortalecer sua participação no campo educacional.

A trajetória histórica e o contexto de aplicação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), desde sua origem e implementação, reforçam a importância da educação básica para surdos e seu impacto no ensino superior. Essa dinâmica é observada no ingresso de estudantes surdos no curso de Pedagogia, tanto no cenário nacional quanto em Santarém, Pará. Essa relação envolve a colaboração entre professores, surdos e intérpretes, fundamental para a construção de sinais-termo específicos no campo da pedagogia, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico e inclusão linguística de surdos.

4.2 Contexto Histórico da Educação dos Surdos no Brasil

A História da Educação dos Surdos no Brasil depara-se com o uso da LSB e de como ela se fortaleceu na comunidade Surda como meio de comunicação até ter seu primeiro registro em livro. A demarcação histórica inicia com a chegada de E. Huet, professor Surdo Francês, em 1855, a convite de Dom Pedro II, para fundar a primeira

escola para Surdos no Brasil. No Rio de Janeiro, é fundado o Instituto Imperial de Surdos – INES¹⁷, dois anos depois, em 26 de setembro de 1857. O professor E. Huet chegou ao Brasil dois anos antes da criação da primeira escola de Surdos para organizar o currículo dela, treinar professores, organizar materiais didáticos, dentre outras tarefas burocráticas que envolvem a criação de uma instituição educacional.

No currículo dessa escola, a língua de sinais não era prioridade, conforme o currículo elaborado por ele. No ano de 1856, “publicou Huet o seu Programa de Ensino, o qual compreendia: língua portuguesa, aritmética, geografia e história do Brasil, escrituração mercantil, linguagem articulada e leitura sobre os lábios (aos que tivessem aptidão) e doutrina cristã” (Santos; Sofiato, 2020, p. 4).

Em 1888, no Congresso de Milão, com votos de ouvintes médicos e alguns outros profissionais influentes na época, baniram a língua e os Surdos usuários dela das instituições educacionais por 100 anos. A língua de sinais continuava a existir na escola informalmente entre os Surdos, mas não era considerada língua de instrução. Entretanto, o ingresso de profissionais para atuarem nessa escola estava condicionado à língua de sinais.

Segundo Rocha (2007), com a saída de Huet da gestão da escola, o documento estipula:

Tendo vagado o lugar de diretor, espera o Governo, para o preencher efetivamente, que regresse de Paris o seu pensionista Manoel de Magalhães Couto, o qual se tem aplicado, no Instituto dos surdos-mudos daquela cidade, a instruir-se na linguagem dos surdos-mudos, a fim de habilitar-se para dirigir o nosso Instituto, e ao mesmo tempo encarregar-se do ensino (Brasil, 1863, p. 28).

Embora a língua de sinais não fosse oficial de instrução, era usada na instituição educacional, apesar de não ter papel de destaque; nem em documentos oficiais seja demonstrado o uso dessa língua. Para Sacristán (1998), a escola contava com um currículo prescritivo e oculto. A língua de sinais aparecia no oculto, em ações pedagógicas e em algumas medidas do instituto, segundo registros de documentos oficiais da época. Em 1868, o Dr. Tobias Rabello Leite era incentivador do ensino da linguagem oral, já que ele considerava favorecer o aprendizado dos educandos. No entanto, pelo insucesso com a oralidade, passou a elaborar estratégias para promover a autonomia deles, inserindo no currículo do instituto cursos para Surdos¹⁸ desenvolverem atividades manuais, tanto para homens como mulheres.

¹⁷ INES – **Instituto Nacional de Educação dos Surdos** – a primeira escola de surdos no Brasil, 1857, está ligada ao Ministério da Educação. Essa instituição é de alta relevância para a comunidade surda brasileira e desenvolve atividades em diferentes áreas. Esse instituto é a maior referência no Brasil quanto ao ensino, aprendizado e divulgação da Libras (Academia de Libras, 2019).

¹⁸ O Imperial Instituto de surdos-mudos foi fundado em 26 de setembro de 1857, através da Lei 939, tendo

O diretor torna evidente as dificuldades de desenvolvimento dos educandos Surdos, conforme o Relatório Ministerial do ano de 1872. Nele, faz-se menção ao uso da mímica.

O modo de ensinar a linguagem escrita e a mímica pôde-se aprender lendo os compêndios, e estudando as estampas, e efetivamente os professores do Instituto assim se habilitaram; mas a linguagem articulada não é possível senão vendo praticar, pela razão muito simples de que os sons da língua francesa e da alemã, em que se acham escritos os compêndios, e compostas as estampas, são diferentes dos da língua portuguesa (Brasil, 1873, p. A-C3-5).

Esse trecho do relatório comprova as dificuldades dos surdos em relação à língua oral, tornando a prática da mímica um meio de comunicação e compreensão dentro do instituto, por meio da qual professores procuraram habilitação para manter contato com os alunos através da comunicação gestual. Mesmo assim, a mímica, que originou a LSB, existia nos contextos de interação, orientação e ensino no instituto do Rio de Janeiro, entre os surdos e os professores.

Mediante as interações gestuais e o fortalecimento dessa comunicação, apesar de o diretor do instituto, Dr. Tobias Leite, considerar importante a Língua Portuguesa, ele começa a reconhecer a gestualidade dos Surdos. Em 1875, é publicada a *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de autoria de Flausino José da Gama, ex-aluno do INES.

Para o diretor do instituto, o livro tem por objetivo:

1º Vulgarisar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos-mudos para a manifestação dos seus pensamentos. Os pais, os professores primarios, e todos os que se interessarem por esses infelizes, ficarão habilitados para os entender e se fazerem entender. 2º Mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado (Gama, 1875, p. 12).

O Dr. Tobias Leite não era defensor nem incentivador da comunicação gestual. À frente do instituto, conseguia perceber que os Surdos se comunicavam com naturalidade, que era seu meio predileto de interação, que os favoreciam para serem entendidos e entender os outros. Isto os estimulava o pensamento.

Figura 21: Iconographia dos Signaes

Fonte: https://editora-arara-azul.com.br/site/tribuna_livre, acessado em 02/02/2022

O livro *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*¹⁹ (Figura 20) é um marco quanto ao registro da gestualidade na época e, atualmente, para a língua usada pela comunidade Surda no Brasil. A lista de 339 sinais tem influência da Língua de Sinais Francesa. Inclui, desde o alfabeto manual até outros sinais desenhados por Flausino Gama, com 18 anos na época, cujos desenhos podem ser justificados pela influência de E. Huet, o fundador e primeiro diretor do INES.

Os campos semânticos do livro *"Iconografia dos Signos dos Surdos-Mudos"* são 8 e refletem tanto a utilidade prática quanto a intenção educativa e religiosa da época. Sendo eles: 1. Religião; 2. Família e Relações Sociais; 3. Educação e Instrução; 4. Cotidiano e Vida Prática; 5. Natureza e Meio Ambiente; 6. Saúde e Corpo; 7. Profissões e Atividades Econômicas; e 8. Moral e Comportamento (Gama, 1874).

A escolha dos campos semânticos é limitada pelo contexto histórico e cultural da obra. Relacionados a emoções complexas ou a ideias filosóficas, termos mais

¹⁹ Primeira obra para orientação e comunicação de surdos-mudos produzida no Brasil. É considerada o marco fundador da iconografia da Língua de Sinais Brasileira. Apresenta dez estampas com figuras seguidas de textos explicativos, incluindo o alfabeto manual dos surdos-mudos. Obra rara. Encadernação de luxo em couro verde com frisos dourados. Na capa, ao centro, vê-se dedicatória impressa encimada pelas armas do Império, onde se lê: "Á S. M. O. Imperador/Offerece/seu mais humilde subdito/Flausino José da Gama". Na segunda capa, ao centro, vê-se ex-libris do Museu Imperial. No verso da folha de guarda, na margem superior, vê-se "Blake; []:364" anotado a lápis; acima, à esquerda, vê-se "146/R" anotado a lápis. Na folha de rosto, abaixo, à direita, vê-se carimbo à tinta do Museu Imperial/Biblioteca; abaixo, ao centro, vê-se impresso "Rio de Janeiro/Typographia Universal de E. & H. Laemmert/71, Rua dos Invalidos, 71/-/1875". No verso da folha de rosto, ao centro, vê-se carimbo à tinta do Museu Imperial/Divisão de Documentação Histórica/Biblioteca com as informações do tombamento anotadas à tinta. Entre a nona e a décima folha, há uma fita marcadora de página. Na décima quarta folha, abaixo, ao centro, vê-se carimbo à tinta do Museu Imperial/Biblioteca. Há dez estampas com figuras acompanhadas de textos explicativos. No miolo da obra, a cada duas páginas impressas são intercaladas duas páginas em branco. Douramento nas bordas das folhas (Museu Impereial).

abstratos são menos representados. O enfoque principal era oferecer sinais para aspectos mais concretos e cotidianos com o objetivo de preparar os surdos para interagir com o mundo em que vivem, ao aprender conceitos básicos e valores morais, além de serem capazes de participar de atividades.

A obra de Flausino é considerada de repetidor, pois é a cópia do livro “Iconografia de sinais”, um manual de sinais do Surdo Francês Pierre Pelissier. Apesar disso, ele, o autor da reprodução Brasileira, é “um surdo teve importante papel na propagação da língua de sinais brasileira, com a primeira tentativa de registro há cento e trinta e seis anos atrás” (Sofiato, 2011, p. 137).

Pós-congresso de Milão, ainda na gestão de Dr. Tobias Leite no instituto, o Dr. Joaquim José Meneses²⁰ ofereceu 25 exemplares do livro ‘*A imagem da palavra*’, com o intuito de incentivar a continuidade do método oral de ensino para Surdos. Método que já demonstrava toda a ineficácia, por não ser suficiente para a instrução, por proibir a comunicação gestual, por estagnar a evolução da comunicação e apagar da História enorme parcela de léxicos e termos que eram convencionados e usados na clandestinidade, em conversas informais.

4.3 Educação básica para Surdos

A trajetória histórica da educação básica para os surdos fora marcada por diversas dificuldades enfrentadas pela criança surda em sala de aula ao longo do tempo, já que, principalmente nos tempos antigos, eram proibidas de frequentar a escola. No entanto, a educação é fundamental para se construir uma efetiva qualidade de vida, alcançar objetivos e se erguer dentro da sociedade, independentemente de deficiências. Por isso, atualmente, após muitas lutas por parte da comunidade surda e colaboradores, o Bilinguismo²¹ vem contribuindo para melhorar as estruturas para acolher e incluir os surdos em escolas públicas e privadas.

²⁰ Joaquim José de Meneses Vieira (1851-1897) foi fundador do famoso colégio que tinha seu nome e diretor nos primeiros anos da República, de importante instituição devotada à educação, o *Pedagogium* do Rio de Janeiro. Redigiu diversas obras didáticas. Segundo D’ Avilla (1844, p. 80), Vieira era um homem de ação e de coragem “idealista sem apego aos bens materiais, de par com uma bibliografia copiosa e rica de valores pedagógicos, deixou especialmente assinalada a sua trajetória de trabalhos como o sentênio de lutas pelo *Pedagogium*... Pioneiro de muitas idéias hoje postas em relevo, dele tivemos a propaganda a favor do jardim de infância, do manualismo escolar, do bom compêndio e das publicações infanto-juvenis”. Diretor do Colégio Menezes Vieira, era médico e professor de Linguagem Articulada no Instituto dos Surdos Mudos. Como médico, atuou na educação do surdo brasileiro no século XIX (Souza, 2012).

²¹ **Bilinguismo:** O termo ainda não é muito popular no Brasil. No entanto, circula cada vez mais forte e frequente em discussões importantes sobre a educação bilíngue de surdos e de indígenas, além de estar na base das iniciativas que buscam revitalizar as línguas herdadas dos imigrantes, como o pomerano e o talian. De acordo com o francês François Grosjean, professor emérito da Universidade de Neuchâtel, metade da população mundial é bilíngue (Fonseca, 2021).

Alunos surdos são raramente incluídos nas interações informais entre estudantes ouvintes no que se refere às expectativas do professor, dicas de estudo, e regras "não ditas" de organização e comportamento em sala de aula, perdendo, portanto, informações importantes, porém não "tornadas públicas" (Foster; Long; Snell; 1999, p. 226).

Nesse contexto de implementação educacional, a Declaração de Salamanca²² (1994) tem papel extraordinário, uma vez que fundamenta particularidades inclusivas de pessoas com necessidades especiais, garantindo o direito de acesso e permanência nos níveis de ensino. A escola precisa considerar as diferenças para dispor de adaptações necessárias, a fim de atender as necessidades de aprendizagem de cada aluno.

Esta declaração refere-se às relações de ensino da Educação Especial. Em seu texto, expõe concepções sobre características, interesses, habilidades e necessidades das crianças, ao enfatizar o direito à educação e à aprendizagem. A declaração de Salamanca consagra a necessidade educacional especial como uma rede contínua de apoio a ser providenciada. De acordo com a variação presente na classe regular, alguns quesitos são adicionais à aprendizagem dentro da escola, expandido a provisão de assistência dada por professores especializados e pessoal de amparo externo.

A inserção do aluno surdo no contexto escolar manifesta os valores étnicos e sociais e objetiva formar adultos capazes a partir de conhecimento de mundo e acadêmico, incentivando-os a interagir no meio social e no mercado de trabalho. A educação formal inicia-se no ensino infantil, percorrendo pelo ensino fundamental, médio e superior. Está formalizada e em vigor através do decreto nº 7.611, de 2011, que dispõe sobre o ensino especializado, a fim de estruturar os meios e os acessos para pessoas surdas que anseiam continuar seus estudos de forma ilimitada.

²² **Declaração de Salamanca** – 1. Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em Assembleia, aqui em Salamanca, Espanha, entre 07 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a educação para todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e reendossamos a estrutura de ação em educação especial, em que, pelo espírito de cujas previsões e recomendações, governo e organizações sejam guiados.

2. Acreditamos e proclamamos que: – toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, – toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, – sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, – aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, – escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provê em uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (Salamanca, 1994).

A educação infantil pode ser considerada como ponto de partida do ensino básico, pois, nessa fase, as crianças têm o primeiro contato com a escola, objetivando preparo para as demais fases acadêmicas. Na educação infantil, ocorre o estímulo para o desenvolvimento da criança surda em diversos aspectos, com foco no incentivo de explorar, descobrir e experimentar, além de promover atividades que visem a contribuir para alentar o interesse em se adaptar, de forma espontânea, contribuindo para melhor alfabetização. Sendo assim, mencionamos a importância de se trabalhar com a utilização de diversos jogos, de brinquedos e com atividades em forma de brincadeiras como elementos de aprendizagem, para a obtenção de resultados positivos em termos de ensino, visto que são recursos educacionais eficientes.

Contudo, ainda nesta fase, faz-se relevante o contato da criança surda com um professor bilíngue e um intérprete, no sentido de haver o ensino em Libras como primeira língua (L1) e Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Porém, devido à carência de educadores bilíngues, intérpretes e professores surdos em sala de aula na educação infantil, este ideal está longe de ser concretizado. Isso ocorre, porque muitos educadores não se sentem aptos a abraçar a causa e cursar Letras-Libras ou se especializar na área de educação especial, após o curso de Pedagogia ou Letras.

Segundo Anjos, Andrade e Pereira (2009, p. 122),

o impacto sentido pelos professores no início do trabalho com alunos deficientes faz com que estes percebam um vazio na sua formação. A falta de um treinamento e o fato de que esses novos sujeitos que estão na sala de aula necessitam de novas capacidades e novos modos de pensar; a certeza de que estão improvisando pode levar os professores a descobrir novos fazeres e novos saberes, não necessariamente subordinados ao 'fazer correto'; as dificuldades encontradas pelo professor podem ajudar a modificar um projeto pedagógico que, por ter-se tornado automático, tornou-se 'fácil'. A necessidade que o professor sente de ser instigado, incentivado diante das dificuldades encontradas e dos desafios colocados induziu-os na busca da sua capacitação.

A aquisição e o ensino da LSB na educação infantil propõem melhor interação entre as crianças surdas e o professor, facilitando o letramento, tendo em vista a possibilidade de ensino mais concreta. Com tal prática o preparo é necessário para as crianças alcançarem as outras fases do ensino sem dificuldades linguísticas, uma vez que estejam alfabetizadas, sabendo ler e escrever. Para que isso ocorra, os profissionais devem estar capacitados para transmitir tais conhecimentos e os ensinar adequadamente, principalmente, porque, nesta fase, as crianças estão em nível de curiosidade aguçada.

Segunda fase da educação básica, o ensino fundamental apresenta conteúdos mais complexos. Por isso, supõe-se que todos os alunos surdos sejam bilíngues. No entanto, na realidade, isso acaba sendo apenas uma estimativa, posto que a maioria deles

possui dificuldades em relação à Língua Portuguesa e à LSB, que é tida como sua língua materna.

Neste cenário, está em trâmite o projeto de Lei 3.986/2020, cujo mote analisa a possibilidade de incluir o ensino da LSB na grade curricular do ensino fundamental como uma disciplina obrigatória. Com essa reformulação, o currículo contribuirá para o aprendizado dos alunos surdos. Assim, podemos destacar o interesse dos legisladores em suprir a distância de ensino entre surdos e ouvintes, conforme as palavras da deputada Greyce Elias (Agência Câmara de Notícias, 2020), autora da proposta: “a inclusão do ensino de Libras no currículo do ensino fundamental vai auxiliar o desenvolvimento das crianças e é uma importante medida de política pública visando a inclusão das pessoas com dificuldades auditivas na sociedade”.

O terceiro nível da educação base, assim como o segundo, requer a presença de um intérprete em sala de aula. O ensino médio contempla conteúdos ainda mais avançados, por isso, diferentemente do ensino fundamental, a requisição de intérprete ocorre periodicamente. Ainda assim, muitos alunos não são acompanhados por um intérprete. Há grande demanda de alunos surdos do ensino regular com dificuldades de leitura: conseguem escrever em forma de cópia, mas não conseguem entender o que estão escrevendo, pelo fato de não saberem ler.

As dificuldades encontradas em relação ao ensino da leitura e escrita vêm dos obstáculos encontrados desde o ensino infantil, devido à falta de acesso à LSB, à falta de relação entre o ensino da Língua Portuguesa e da LSB, criando certo distanciamento entre as duas línguas. Para que isso possa ser suprido, apenas com mais interesse do núcleo familiar será resolvido, ao incentivo pela comunidade escolar em prover circuitos de conversas, com o objetivo de estimular e de ensinar adequadamente os surdos na primeira e segunda línguas.

Atualmente, as escolas dispõem de mediadores que trabalham no atendimento educacional especializado – AEE²³, porém, estes profissionais não são intérpretes e não acompanham exclusivamente os surdos, posto que atendem todos os alunos com deficiência e, muitas vezes, não conseguem lidar com toda a demanda. Ainda que a escola possua mediadores no AEE, eles atuam somente nessa sala, por isso seria

²³ O **atendimento educacional especializado** – AEE – tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. Consideram-se serviços e recursos da educação especial aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo por meio da promoção da acessibilidade aos materiais didáticos, aos espaços e equipamentos, aos sistemas de comunicação e informação e ao conjunto das atividades escolares.

necessária a presença de um TILS, cuja atuação se daria em sala de aula junto ao professor regente.

Em um nível educacional mais elevado, está o ensino superior. Para este nível, cabe às instituições de ensino proporcionarem a acessibilidade, entretanto os acadêmicos surdos contratam por conta própria intérpretes de LSB para auxiliá-los em suas aulas, instituindo seu interesse em diversas áreas da dimensão acadêmica. Atualmente, o número de surdos em diversos cursos de graduação está aumentando gradativamente. Isso está sendo possível por meio do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)²⁴ em instituições públicas e privadas. Estas também produzem seus vestibulares próprios e acessibilizam esse ingresso.

A matrícula de surdos no ensino superior se expande para além do contexto de sala de aula, tendo em vista os aspectos políticos da educação especial, que asseguram o ingresso de surdos nas universidades. Ainda assim, os acadêmicos surdos enfrentam obstáculos referentes às metodologias e didáticas, referentes à compreensão, à produção e à interpretação, além da falta de intérpretes especializados em sua área de atuação. Por isso, centrar o ensino apenas no aspecto gramatical não basta para a formação de sujeitos letrados, pois o acesso à escrita só será pleno quando ela for tratada e concebida como prática social de linguagem, cultural, social, histórica e ideologicamente determinada (Lodi, 2002).

Propostas de mudanças em relação à estrutura educacional para surdos, na prática, contam com o preparo de profissionais em todos os níveis educacionais. Com investimento em contratar TILS, promovem reformas metodológicas e aplicação de projetos e mecanismos de ensinamentos adequados, a fim de construir e passar conhecimentos para formar um profissional surdo capacitado para o mercado de trabalho em suas determinadas funções.

Os desafios constantes apresentados durante todo o processo educacional vêm das práticas de estudos da língua. Por isso, há uma demanda de atributos necessários ao desenvolvimento técnico-linguístico em diferentes instâncias, que são determinados pela realidade na qual estão inseridos os acadêmicos surdos, uma vez que

²⁴ O **Exame Nacional do Ensino Médio** (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. As notas do Enem podem ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni). Elas também são aceitas em mais de 50 instituições de educação superior portuguesas. Além disso, os participantes do Enem podem pleitear financiamento estudantil em programas do governo, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Os resultados do Enem possibilitam, ainda, o desenvolvimento de estudos e indicadores educacionais. Qualquer pessoa que já concluiu o ensino médio ou está concluindo a etapa pode fazer o Enem para acesso à educação superior. Os participantes que ainda não concluíram o ensino médio podem participar como “treineiros” e seus resultados no exame servem somente para autoavaliação de conhecimentos (INEP).

têm o direito de serem dominantes intensivos da linguagem de sinais e possuem conhecimento aprofundado da língua portuguesa.

Assim, ao acompanhar determinados critérios linguísticos e aplicá-los, a base educacional deve ir além de conteúdos passados em sala de aula, sem ignorar problemas da escrita. Dessa forma, abrem-se caminhos para uma melhor aprendizagem, com adequada percepção de conceitos, características e aplicação de vocabulários e significados.

Destacamos que, nessa concepção, não deve ser visto como inclusão didática o fato de simplesmente substituir ou não ensinar o conteúdo, tendo em vista que incluir consiste na flexibilidade da composição didática que será atribuída durante todo o estágio educacional universitário voltado para a educação especial. Além disso, nessa concepção também está relacionado ao ajuste de ideias e metodologias, pois a adaptação visa a instigar o interesse pela pesquisa e pelo conhecimento.

Os direitos de acessibilidade, implantados conforme as diretrizes educacionais, reforçam e ampliam o caminho acadêmico para os surdos, mesmo com os obstáculos existentes, como a ínfima quantidade de universidades dispostas a admitir surdos, ceder intérpretes em provas de vestibular (que são todas em Língua Portuguesa). Algumas instituições ainda não oferecem uma estrutura adaptada, por exemplo, prova em LSB. Não levam em consideração sua dificuldade em relação à sua segunda língua, o que afeta o desempenho dos surdos na execução das provas. No entanto, o ENEM sempre está disponibilizando intérpretes para acompanhar os surdos durante as provas, elevando o estímulo em conquistar um diploma e um lugar no mercado de trabalho, como um profissional graduado, independentemente do curso escolhido para graduar.

4.4 Ingresso de Surdos no Curso de Pedagogia no Brasil

A formação profissional é indispensável para atuar no mercado de trabalho, principalmente na área educacional voltada para as modalidades do ensino superior, que está sempre em desenvolvimento. O investimento na formação é um passo importante para o crescimento profissional, pessoal e social. Apesar de tamanhas conquistas, os surdos ainda enfrentam diversas desigualdades nesse contexto, mesmo em um país com grande diversidade cultural como o Brasil. Ainda há muito o que melhorar em relação ao ingresso de estudantes surdos no ensino superior, visto que, tão somente a partir de 1980, poucos surdos conseguiam acesso ao ensino superior, por motivo da falta de acessibilidade na educação básica.

marcos em movimentos internacionais. Dentre eles estão a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, e em Salamanca, na Espanha, em 1994, bem como a Conferência Mundial sobre Educação Superior, realizada em Paris, em 1998 (Sant'anna; *et al.*, 2020).

Em relação à doutrina e à legislação brasileira, vale ressaltar as ações democráticas de direitos previstos na Constituição Federal, amparados pelo artigo 206, que busca garantir acesso universal à educação, sobretudo no que diz respeito à igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola (Brasil, 1988). Isso vale para todos, sejam surdos e/ou ouvintes. Importante se fazem esses documentos que orientam a inclusão de pessoas com necessidades especiais, em todos os níveis de ensino, sejam colocados em prática (Bruno, 2011).

O MEC, por meio do Aviso Circular nº 277, de 08 de maio de 1996, salienta:

Os levantamentos estatísticos no Brasil não têm contemplado o atendimento educacional aos portadores de deficiência, dificultando, assim, a exposição de dados sobre o número de alunos que concluem o 2º grau e o número daqueles que ingressaram no ensino superior. É, no entanto, elevado o número de solicitações – tanto dos pais, dos alunos portadores de deficiência, quanto das próprias instituições de ensino superior – no sentido de que seja viabilizado o acesso desses candidatos ao 3º grau, razão pela qual o tema acesso e permanência do educando portador de deficiência na instituição de ensino superior está sendo objeto de estudos pela maioria das IES. A prática vem demonstrando que as operacionalizações das estratégias já utilizadas necessitam de ajustes para que possam atender a todas as necessidades educativas apresentadas por esse alunado. Segundo análise dos especialistas, tais ajustes se fazem necessários em três momentos distintos do processo de seleção: – na elaboração do edital, para que possa expressar, com clareza, os recursos que poderão ser utilizados pelo vestibulando no momento da prova, bem como dos critérios de correção a serem adotados pela comissão do vestibular; – no momento dos exames vestibulares, quando serão providenciadas salas especiais para cada tipo de deficiência e a forma adequada de obtenção de respostas pelo vestibulando; – no momento da correção das provas, quando será necessário considerar as diferenças específicas inerentes a cada portador de deficiência, para que o domínio do conhecimento seja aferido por meio de critérios compatíveis com as características especiais desses alunos (Brasil, 1996).

Este aviso curricular menciona a possibilidade de acesso de alunos com necessidades educacionais em processo seletivo, com adequado concurso para o ingresso. Ele adverte a importância da flexibilização, principalmente relacionada à infraestrutura e à capacitação de recursos humanos, de maneira que efetive a permanência com qualidade no ensino superior. Além desta, existem outras medidas propostas por leis que ampliam o acesso e as oportunidades para este público. Vale mencionar a alteração legislativa em face dos portadores de deficiência, que garante a reserva de vagas para essas pessoas em todos os níveis da educação básica. A introdução do Plano Nacional de Educação – PNE²⁵, regulamentado pela lei 10.172/2001,

²⁵ Na década de 1930, Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Cultura e, na sequência, o Conselho Nacional de Educação, com a proposta de elaboração de um plano nacional de educação, que objetivasse o desenvolvimento socioeconômico do país, diminuindo os níveis de desemprego, pobreza e desigualdade

institui diretrizes curriculares que garantem versatilidade e mudanças nos programas de formação fornecidos pelas instituições de ensino.

A garantia de ingressar em uma universidade é uma conquista importante para a comunidade surda, embora também represente grandes desafios pela especificidade da LSB. A esta conquista relaciona-se a premissa da concretização de escolas e de instituições de ensino superior bilíngues para surdos, com condições que permitem o desenvolvimento do acadêmico surdo. Fazer uso da LSB como principal fonte de comunicação e de capacitação de profissionais, metodologicamente, irá estruturar os estudos voltados para a cultura surda e incentivar o fator linguístico denotativo de LSB e Língua Portuguesa.

“Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão”, tiveram como objetivo compreender a vivência universitária de estudantes surdos matriculados num curso de graduação. Estes foram inquiridos através de entrevistas semiestruturadas vídeo gravadas. Estes estudantes frequentaram escolas especiais, identificam-se com a LIBRAS e com a cultura surda e dispõem de intérpretes. Os resultados desta pesquisa identificam os desafios dos estudantes surdos estudarem num espaço universitário construído para a comunidade ouvinte: a LIBRAS, o contato com o surdo e a valorização da cultura surda acabam por ser esquecidas. Destacam as dificuldades da passagem da língua de sinais à língua portuguesa e “a necessidade de manter referenciais indenitários valorizados aos olhos dos ouvintes, além da importância de reorganizar as estratégias de ensino e de avaliar a participação do intérprete de língua de sinais” (Bisol *et al.*, 2010, p. 147).

Notamos grande incidência de acadêmicos surdos em curso de Pedagogia. A maioria desses acadêmicos surdos de Pedagogia escolheram este curso por incentivo familiar ou de um orientador.

O curso de Pedagogia é responsável pela formação inicial escolar de crianças em todo o Brasil. Quando este estudo se volta para formar profissionais surdos, a abrangência da inclusão faz-se real, pois um professor surdo saberá a melhor forma de ensinar os aspectos básicos para crianças surdas em sua fase inicial na escola.

Nesse sentido, quanto mais profissionais surdos nessa área, mais simples a evolução acadêmica de alunos surdos se torna, pois, o acesso a uma boa educação é importante para todas as crianças nesta fase de desenvolvimento, já que neste momento é a formação da base. Por isso, as políticas públicas para esse fator têm sido cada vez

(Ferreira, 2011). Foi somente em 1932, por meio do Manifesto dos Pioneiros e da Educação Nova, que se reivindicou a criação de um sistema que organizasse a educação conforme a demanda do país. A Constituição de 1934 previa um Plano Nacional de Educação (PNE) que garantisse o ensino primário gratuito e obrigatório. Esse PNE era entendido pelos educadores como algo renovador, visto que agregava diversos benefícios aos cidadãos através de políticas educacionais. Porém, em 1937, a proposta de transformar o PNE em lei não se concretizou; neste período de instauração do Estado Novo (1937 – 1945), o planejamento dava suporte ao objetivo econômico do governo, caracterizado por uma divisão da educação para elite, para mulheres e para trabalhadores, estabelecendo-se, assim, como função o suporte ao projeto industrial do governo (Romanelli, 1999; Amorin, 2013).

mais intensificadas, quebrando diversos paradigmas, ao determinar a flexibilidade no campo educacional composta pela promoção de metodologias em LSB.

Conforme instituído pelo decreto nº 5.626/2005, em seu artigo 5º:

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue. § 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no caput. Onde as pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput e a formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de cursos de educação profissional, cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação. Dentre outros artigos da referida lei que legitimam a língua de sinais (Brasil, 2005, p. 1).

De acordo com os estudos realizados por Perlin e Strobel (2009), a escolha de muitos surdos de ingressar em Pedagogia vem de motivações que surgiram através de sua trajetória na escola, correspondente às dificuldades enfrentadas quando crianças. Ocorrências que, desde a educação básica, desenharam o panorama de encontrar profissionais que o auxiliassem adequadamente. Isso implica desejar dar o apoio não recebido, direcionando-o à nova geração da comunidade surda, com a intenção de minimizar as dificuldades destes e contribuir com a resolução das dificuldades que os cercam no dia a dia, assim como ensinar sobre seus direitos.

A inserção do professor surdo na sala de aula contribui para que os alunos não somente encontrem possibilidades de construção da narrativa em língua de sinais, mas também se percebam como surdos, construindo sua identidade já na idade de 5-7 anos, assumindo e diferenciando papéis na interação, principalmente em relação ao professor surdo e ao professor ouvinte. A perspectiva de educação bilíngue na área da surdez está antecipando a consciência dos próprios surdos sobre o significado da surdez, o que há bem pouco tempo acontecia somente na idade adulta (Gesueli, 2006 p. 277).

O professor surdo tem também grande responsabilidade e deve sempre atualizar-se para conseguir compartilhar conhecimento e contribuir com a educação de outros surdos, para que seja possível ministrar aulas em LSB, com o intuito de facilitar a transmissão de conteúdos. Nesse sentido, por meio das experiências adquiridas em seu tempo como universitário, é possível a troca de conhecimentos e ensinamentos propostos em sala de aula.

Isso demonstra o quanto a perspectiva construída em sala de aula pode se tornar importante para a vida diária dos surdos, visto que a educação faz grande diferença e colabora para as práticas de inclusão. Essa importância é tanto para o aluno quanto ao professor surdo para que possam ter seus direitos reconhecidos e respeitados. Nesse

caso, a visão social não se baseia em sua deficiência, mas em sua capacidade como pessoa profissional, com identidade própria, com toda a sua complexidade, colhendo os direitos conquistados pelas lutas do decorrer de toda sua história.

A particularidade da pessoa surda e o uso de sua língua é destacado por Bigogno:

É importante fazermos algumas pontuações, referente ao surdo mesmo que os surdos possam se enquadrar neste contexto como pessoas com deficiência auditiva, eles preferem ser compreendidos em sua singularidade cultural, como surdos, que possuem sua própria língua e um modo particular de ser no mundo. Dessa forma, a ideia de cultura surda poderia ser associada à ideia de cruzada moral de Becker (Bigogno, 2010 *apud* Pinto *et al.*, 2017, p. 6-7).

Contudo, apesar dos avanços, as dificuldades não foram cessadas completamente, pois existem muitos obstáculos na hora de educar a pessoa surda, considerando o professor bilíngue ou o professor surdo, principalmente em relação ao ensino da Língua Portuguesa. Por ser uma língua estruturalmente diferente da LSB, necessita-se de uma compreensão minuciosa de sua estrutura linguística; conhecê-la não é suficiente, tendo em vista a necessidade de professores, na formação inicial, de terem habilidades linguísticas, além do domínio linguístico da Língua Portuguesa e da LSB. A partir disso, é que se desencadeiam os instrumentos imprescindíveis à inclusão, pois se realizam os atendimentos na língua materna dos surdos, atendidos ou não por um profissional surdo, levando em consideração que há surdos não familiarizados com a LSB e estão em fase de aprendizagem nas duas línguas.

O Estado do Pará dispõe de um ensino que estabelece estruturas adequadas, apesar de ainda serem insuficientes, para inúmeros graduandos e profissionais surdos formados em Pedagogia. A capital Belém foi pioneira na educação de surdos, com a fundação da Unidade de Educação Especializada Professor Astério de Campos – UEESPAC²⁶, que iniciou suas atividades através do movimento chamado Ensino Emendativo²⁷, cuja função fora importante para a implementação das propostas de ensino especializado para as instituições de ensino da atualidade. Este avanço social foi possível

²⁶A UEESPAC – **Unidade de Educação Especializada Professor Astério de Campos** – foi fundada em 21 de outubro de 1960 e, durante este período, passou por várias denominações. A primeira foi “Escola de Educação de Surdos Mudos Prof. Astério de Campos”, na gestão do governador Luis Geólas Moura Carvalho, por meio 73 do Decreto nº 3174 de 21/10/1960, funcionando na escola Serra Freire, anexo ao IEEP (Instituto Estadual de Educação do Pará), sob a direção da professora Cordélia Nunes Rayol (UEESPAC, 2011 *apud* Matos, 2016, p. 35).

²⁷O termo “**Ensino Emendativo**” era utilizado em referência ao ensino para as pessoas com deficiência, hoje conhecida como Educação Especial. No ano de 1934, no governo de Getúlio Vargas (1930-1945), sobre a perspectiva do “ensino agrícola”, é instituído para compor o Ministério da Educação e Saúde Pública, por meio da Lei 24.794/34, a “Inspetoria do Ensino Emendativo”. (Jannuzzi, 2012).

pela realização de campanhas educacionais que abrangiam cegos, deficientes mentais e surdos.

Com a instalação da primeira sala de recursos para atender os alunos surdos, deu-se início as fases de integração, juntamente com a especialização e a capacitação de professores em decorrência do ingresso dos primeiros alunos.

A fase de Integração “dos alunos especiais” no Estado do Pará ocorreu com as instalações da primeira sala de recurso, as primeiras classes especiais, com a institucionalização do professor especializado, com o ingresso dos primeiros alunos em uma escola profissionalizante e com a criação da Assessoria dos Excepcionais, em 1968. Os professores especializados, status dos professores que passaram a trabalhar na educação especial, compunham as classes especiais que começavam a funcionar nas escolas regulares e faziam o acompanhamento dos chamados alunos integrados, realizado pela visita do professor na escola (Bentes; Bentes, 2014).

O professor especializado passou a ser identificado como um professor itinerante, instituído em uma equipe técnica na UEESPAC, com o propósito de impor a oralização de surdos. No entanto, em meados de 1970, o Padre americano Eugenio Oates²⁸, que estava em peregrinação no Brasil, foi de grande influência na introdução de LSB no Pará, já que estabeleceu a pastoral de surdos com visitas missionárias, a fim de divulgar sua religião por meio da LSB. “É possível admitir que a difusão da língua de sinais em Belém tenha ocorrido por intermédio deste padre, portanto, nas ações deste religioso é possível deduzir atitudes que começam a considerar o outro, a alteridade” (Bentes; Bentes, 2014, p. 101).

Com o reconhecimento da LSB por meio de lei, ele trouxe para a capital a capacitação em língua de sinais nas escolas e universidades, por isso todos os que buscavam especialização na língua deslocavam-se para obter tais conhecimentos.

Muitos são os surdos que vêm de outros municípios para a capital, em busca de melhores oportunidades educacionais, principalmente no caso desta pesquisa, dos alunos que utilizam uma comunicação mais ampla, por meio de sinais emergentes, caseiros e gestos, sendo assim, supõe-se também que os professores estão preparados para oferecer-lhes os suportes necessários para o seu aprendizado, crescimento e a aquisição da Libras e da língua portuguesa, para que eles tenham a mesma evolução linguística e educacional dos colegas, atendendo aos objetivos propostos pela escola (Matos, 2016, p. 38 *apud* Lira, 2022, p. 75).

²⁸ **Eugênio Oates** (1915-2012), padre redentorista norte-americano, chegou ao Brasil em 1946 para atuar como missionário na Amazônia. Na década de 1950, em parceria com o Pe. Penido Burnier, o primeiro padre surdo do Brasil, percorreu todo o país fazendo um importante trabalho de assistência pastoral aos surdos. Em 1969, o Pe. Eugênio lançou um dos primeiros dicionários brasileiros de sinais, intitulado *Linguagem das mãos*, que se tornou uma referência nacional. Regressou aos Estados Unidos em 1977, tendo voltado algumas vezes ao Brasil. Faleceu em Denver (EUA), no ano de 2012, aos 97 anos. O padre americano Eugênio Oates publicou no Brasil “*Linguagem das Mãos*”, obra com 1258 sinais fotografados (Google – Informações bibliográficas, 2021).

Atualmente, tais especializações tornaram-se abrangentes. Espalharam-se por todo o território paraense, inclusive em Santarém. “O contexto organizacional da educação no município de Santarém, corresponde as populações da zona urbana, rural e região de rios e planaltos e essas regiões são atendidas tanto pela rede municipal como pela rede estadual de ensino” (Lira, 2022).

A educação de surdos em Santarém tem passado por diversas reformas. Tais implementações são possíveis pelo fato de a cidade contar com universidades e instituições de ensino com o objetivo de receberem acadêmicos surdos e abrirem, cada vez mais. As suas portas, então, expandem a inclusão no meio universitário e proporcionam a entrada de surdos no curso de Pedagogia, valorizando o surdo como um professor capaz. Incluir educacionalmente o surdo não consiste somente em inclui-lo em sala de aula como aluno, mas abrir caminho para ele como professor especializado.

4.5 Tríade: Professor Regente Bilíngue, Aluno Surdo e Intérprete de LSB na elaboração do Sinal-Termo no âmbito da Pedagogia

A tríade²⁹ formada pelo professor regente bilíngue, aluno surdo e intérprete de LSB tem papel importante quando se trata dos aspectos linguísticos aplicados ao desenvolvimento de acadêmicos surdos na licenciatura em Pedagogia. Como já sabido, a língua de sinais ainda está em constante crescimento em relação à criação de sinal-termo. Ter um professor regente bilíngue e um intérprete em sala de aula é importante na vida acadêmica de um aluno surdo, principalmente no curso de Pedagogia, pelo fato de que este aluno futuramente se tornará um professor que estará em sala de aula acompanhando crianças surdas.

Quando um professor ouvinte se interessa em capacitar-se em LSB, ele, inconscientemente, desperta para a realidade iminente de que ensinar o aluno surdo pode ser tão importante quanto ensinar o aluno ouvinte. Após se tornar bilíngue, sua visão em relação à comunidade surda se transforma, pois ele aprende sobre sua cultura, língua, identidade. Suas dificuldades podem derivar novas metodologias de ensino, mais adequadas ao contexto da Educação Especial, uma vez que estejam voltadas a atividades em LSB como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua nas práticas da educação de surdos. Dessa forma, executa reestruturas educacionais que permitem os alunos conhecerem diversas abordagens de mundo, gerando um efeito de curiosidade e de exploração de conhecimentos, ao amenizar resultados desastrosos

²⁹ Conjunto de três pessoas ou trindade.

em relação à formação escolar. Diante disso, é proporcionado um ensino de qualidade baseado na estrutura da LSB.

Na perspectiva do bilinguismo, os professores regentes usam ambas as línguas para a aprendizagem do aluno surdo, tendo como prioridade o ensino em LSB. Como a maioria dos professores não é bilíngue, este não têm capacitação adequada para atender as pessoas surdas. Neste aspecto, incluir alunos surdos na escola regular envolve desafios e obstáculos relacionados à comunicação, à interação, ao conhecimento e à capacitação de professores que se traduzem em barreiras no ensino (Souza; Silva; Buiatti, 2015).

Dessa forma, o professor tem papel decisivo na educação do surdo. Um professor que não é bilíngue acaba por prejudicar o desenvolvimento do aluno surdo, em decorrência da falta do conhecimento e do uso da LSB.

Conforme descrito pelo MEC, são deveres do professor:

O professor deve ser capaz de conceber-se como agente de mudanças do contexto social, já que seu papel extrapola o mero repasse de conhecimentos, sendo, sobretudo, o de formar de cidadãos [...] sua atuação está comprometida com as condições da escola e com a qualidade de sua formação acadêmica. É ele, o professor, a autoridade responsável pelo processo de ensino aprendizagem se seus alunos (MEC, 1993 *apud* PIRES, 2005, p. 15).

Ao considerar que a comunicação toma a língua como base e é base para a compreensão e apreensão do conhecimento. O aluno deixa de aprender algo, ficando com lacunas na aprendizagem, quando os interlocutores não dispõem dela. Por isso, o uso da LSB como ferramenta de interlocução favorece uma aprendizagem significativa para os surdos e traz bons resultados futuros.

Assim, como a maioria dos docentes não são bilíngues, para que haja uma efetiva comunicação entre o professor regente e o aluno surdo, é necessária a mediação do intérprete de LSB. Este profissional supre, ainda que paliativamente, as necessidades básicas relacionadas à formação dos acadêmicos surdos.

O tradutor intérprete de Língua de Sinais — TILS — tem amparo legal na lei 12.319, de 1 de setembro de 2010. Há maior mobilidade desses profissionais no meio social através da graduação em Letras/ Libras, da especialização requerida pelo antigo Prolibras³⁰ e de cursos de extensão disponibilizados nas Universidades Federais.

³⁰ Criado pelo Ministério da Educação, o **Prolibras** é um programa nacional que realiza exames para obtenção de dois tipos de certificados: "Certificado de Proficiência no Uso e Ensino da Libras" e "Certificado de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa". A certificação do Prolibras pode ser considerada um título que prova a competência e a proficiência para o ensino ou interpretação e tradução da Libras.

Com base na expansão dos estudos sobre a cultura da comunidade surda e de língua materna, a garantia de acessibilidade da pessoa surda faz necessária a atuação desses profissionais como mediadores nas situações de comunicação.

Atualmente se vê muitos intérpretes de LSB se qualificando em diversas áreas. No entanto, a maioria deles iniciou no contexto religioso, por razão de a LSB circular neste meio antigamente, com o desejo, a princípio, do compartilhamento de mensagens de cunho religioso. Além do mais, os familiares também já tinham sua própria forma de comunicação. Outros buscaram aprender LSB para comunicar-se. Essas características trouxeram algumas consequências na atuação deste profissional na escola, visto que, tanto a família quanto a igreja, tinham uma visão mais assistencialista em relação à pessoa surda (Ampessam; Guimarães; Luchi, 2013). Percebemos, portanto, a relevância do papel do intérprete na formação do acadêmico surdo, sendo que sua formação se dá de forma generalizada, ao abarcar todas as matérias necessárias discutidas em sala de aula.

Todavia, o trabalho de intérprete exige um desempenho metodológico e técnico para recepcionar o surdo na área educacional com intuito de ministrar aulas em LSB, para que este tenha um real acesso ao conhecimento. Para garantir eficácia na acessibilidade do aluno surdo, este profissional deve ter formação com bom desempenho e compromisso, pois não é admissível permitir que os alunos surdos, frente às dificuldades de acesso aos conhecimentos, sejam acompanhados por pessoas sem formação (Lacerda, 2009, p. 85).

O intérprete também precisa estar em constante capacitação e aperfeiçoamento, principalmente pela razão de a LSB ser uma língua com grande variação linguística e mudanças, devido à criação de inúmeros sinais-termo. Isso ainda mais quando este está relacionado à formação de surdos em Pedagogia, dada “a urgência em capacitar intérpretes para atuarem no espaço educacional, atentos às especificidades e às demandas de cada um dos níveis de ensino” (Lacerda; Bernardino, 2010, p. 78).

Com a instituição de legislação e do decreto regulamentando a educação de surdos, também foi instituída a profissionalização de intérpretes para atender a esta demanda. Antes da promulgação de atos normativos em dispositivos legais, não se era comum profissionais intérpretes de LSB atendendo em escolas, universidades e instituições de ensino em geral. Por meio desses, o intérprete de LSB alcançou reconhecimento a ponto de ser tratado como igual em relação a intérpretes de outras línguas.

Em relação a formação do TILS, Lacerda mostra que:

O artigo 17 afirma que essa formação do tradutor e intérprete de LIBRAS-língua portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de tradução e interpretação, com habilitação em LIBRAS-língua portuguesa. Esse artigo indica o reconhecimento da profissão em igualdade com os tradutores e intérpretes de outras línguas e o reconhecimento da importância dessa formação ser realizada por meio de curso superior, até então pouco frequente na área (Lacerda, 2009, p. 24).

Assim, a habilitação dos intérpretes, por meio de curso superior e curso de extensão, através do curso de bacharel em Letras Libras, e a profissionalização do intérprete em nível médio estão mais acessíveis, previstas na Lei nº 12.319/10, regulamenta a profissão de TILS. Ou seja, a profissionalização de intérpretes de LSB está cada vez mais visível dentro do território brasileiro.

(...) A formação de intérpretes de Língua de Sinais é algo recente em todo o mundo. Podemos ressaltar a iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina, com o curso de Letras LIBRAS — bacharelado, que especificou diretamente a formação do tradutor e intérprete de LIBRAS (Ampessam; Guimarães; Luchi, 2013, p. 14).

No entanto, a modalidade de ensino era, inicialmente, semipresencial com encontros quinzenais em alguns polos de alguns estados do Brasil, deixando muitos interessados sem condições de participar de tais encontros (Girke, 2018). Por isso, a importância da criação dos cursos de extensão para facilitar o acesso dos interessados em se tornar intérpretes. Assim, o intérprete

deve ter uma base específica de conteúdos consolidada e estar apto a atuar: interdisciplinarmente, como multiplicador de conhecimentos, em áreas afins, apresentando capacidade de resolver problemas, tomar decisões, trabalhar em equipe e comunicar-se dentro da multi-interdisciplinaridade dos diversos saberes que compõem a formação universitária em Letras. Nesses contextos, o profissional deve ser capaz de aprofundar-se na reflexão teórica e crítica sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários, beneficiando-se de novas tecnologias para ampliar seu senso investigativo e crítico, investindo continuamente em seu desenvolvimento profissional de forma autônoma e em sua prática pedagógica (Cerny; Vilhalva, 2014, p. 21).

Quando atua em sala de aula, a função do intérprete é diferente em comparação a eventos e a palestras, porque o papel que exerce no âmbito educacional possui aspecto profundo voltado para a formação e para contextos de aprendizagem que levam em consideração variedades linguísticas usadas para transmitir matérias educacionais.

Observa-se que as intérpretes assumem diversas funções inclusive de motivadoras de alunos, para além da tarefa específica de interpretar. Não se trata de ocupar o papel do professor, mas nas relações próximas às crianças surdas é difícil pensar que elas não se sintam (também) responsáveis por

bons resultados em sua aprendizagem (Lacerda, 2009, p. 52).

Os TILS são fundamentais na produção de obras Terminológicas. Krieger (2006, p. 159) destaca:

[...] a Terminologia funciona como uma disciplina ancilar, de apoio para a Tradução, incluindo-se aí tanto sua face aplicada, consubstanciada sob a elaboração de produtos terminográficos, quanto a de campo de estudos com objetos de interesse próprios. De certa forma, é uma relação de complementaridade que não se confunde com um papel de subserviência, tendo em vista a grande funcionalidade pragmática que caracteriza a prática e o saber terminológicos.

A Terminologia subsidia a prática profissional de TILS, na coesão do discurso sinalizado. A necessidade de sinais-termo os motiva a se envolverem na criação ativa diariamente em sala de aula com os educandos Surdos e o professor da disciplina. Os termos técnicos são primordiais para compreensão do conteúdo. Krieger e Finato (2004, p. 67) afirmam que “os termos técnico-científicos são elementos chave, cognitivos, dos textos especializados”. É impossível os desconsiderar, por não poderem ser apagados do discurso. Não os mencionar ou mencioná-los com o uso da soletração datilológica. Ambas são escolhas de tradução que não transmitem o sentido do conceito.

Obras Terminológicas são indispensáveis, portanto, para a atuação desses profissionais em qualquer segmento de atuação, como na arte, no ambiente jurídico, no político, no educacional, entre outros, são acessados pelos Surdos que necessitarão de TILS para a mediação da tradução da informação em LSB. Como evidenciado por Vale (2018),

é importante frisar que não existem, atualmente, programas de capacitação que abranjam uma área de especialidade — os TILS já graduados ainda são generalistas e, conseqüentemente, transitam pelos mais diversos contextos sem formação apropriada, tampouco possuem materiais que os possam auxiliar neste caminho da especialização. (...) os TILS têm necessidade, cada vez maior, de acessar aparatos terminológicos em LSB que os possa auxiliar nas traduções de termos de especialidade (Vale, 2018, p. 314).

A formação é generalista, tanto em graduação de bacharelado em Letras/Libras, quanto em cursos de extensão ou em formações acadêmicas. Ou seja, nesses cursos não existem disciplinas ou eixos temáticos para tratar de cada um dos ambientes de atuação e são apresentados sinais-termo das diversas áreas.

Aceitar um serviço de interpretação envolve preparação individual sobre a área de conhecimento técnico-científico do serviço solicitado, além de ser necessário buscar em plataformas digitais se existem e que sinais-termo estão disponíveis. Esse estudo prévio surge da necessidade de se organizar para que a atuação durante a

sinalização do conteúdo preserve a coerência e a coesão do texto.

Para Krieger (2006),

os estudos teóricos e aplicados de Terminologia demonstram, portanto, seu aporte à competência profissional aqui manifestada pelo tradutor. Na realidade, a Terminologia é uma área de conhecimento que tem no termo técnico-científico seu objeto primeiro de estudo e de aplicação. Esta dualidade é inerente à área. Pode-se, inclusive, observar que muitos conhecimentos teóricos sobre a estrutura e comportamento dos termos nas comunicações especializadas assumem valor de diretrizes metodológicas para muitos tipos de aplicações (Krieger, 2006, p. 161).

A dualidade da atuação do TILS exige desse profissional preparação, pesquisa, reflexão e escolhas rápidas de equivalentes linguísticos ou de sinais-termo que faça sentido real ao termo traduzido do Português para a LSB. Tarefa complexa, cansativa e necessária para que o Surdo tenha acesso efetivo à informação.

A preparação que antecede o serviço de tradução, segundo Aubert (1994, p. 45), “se refere ao desenvolvimento da capacidade de buscar conhecer e se familiarizar com os referentes dos diversos universos em que uma atividade de tradução pode ocorrer”. Não se desconsidera, aqui, a importância da solicitação do resumo ou dos *slides* do expositor do evento. Na maioria das vezes, receber esses materiais não é realidade na prática de TILS.

Logo, a preparação antecipada é familiarizar-se com a atividade em conversa com o contratante, solicitar o site do evento que contém a informação sobre tema, palestras, palestrantes, objetivo, justificativa e referências teóricas sobre ele. Com essas informações, deve-se ler para apropriar-se dos conteúdos, anotar os sinais-termo focais do evento, pesquisar em dicionários de língua oral os conceitos deles, verificar em plataformas tecnológicas se existe alguma convenção sinalizada. Além disso, buscar de profissionais amigos se conhecem o sinal-termo, gravar ou arquivar em algum dispositivo, como o celular.

Se for uma atividade com uma equipe de tradutores, é indispensável organizar a lista de sinais-termo. Se a pesquisa for individual, é necessário socializar com cada membro da equipe para que todos usem os mesmos referentes para planificar o discurso, mantendo a coerência no revezamento de TILS no evento. A preparação antecipada de TILS relaciona-se a outro debate importante sobre o armazenamento das obras Terminológicas em LSB. A maioria não está de fácil acesso para a comunidade Surda em sites exclusivos e em *app* de celular. A situação dos glossários e dos dicionários é apresentada por Albres e Neves (2008, p. 18).

Portanto, vale frisar que o intérprete deve estar preparado em conjunto com o professor regente para repassar, em exato, o que se está sendo ministrado nas aulas do

professor, sem mudar por conta própria nem manipular as informações ao seu bel entendimento, para realizar uma tradução e interpretação autêntica, sem deixar escapar informação ou adicionar, porque acha que falta algo.

De acordo com o que foi proposto, analisamos os avanços dos aspectos que preveem uma melhor estrutura educacional para os surdos, considerando que as qualificações dos profissionais representam conquistas da comunidade surda, independentemente da graduação. Vale destacar a perspectiva aplicada diretamente no curso de Pedagogia para preparar um professor surdo eficiente e capacitado para lidar com outros em sala de aula.

Dito isso, a apresentação do sinal-termo criado, a partir da colaboração desses profissionais em conjunto com o aluno surdo no âmbito da Pedagogia, pode ser classificada como um ato de mudança, uma vez que insere novos termos pedagógicos aos glossários com representação lexicológica e terminográfica, eventualmente, em proporção de averiguar as práticas linguísticas da LSB.

Faulstich (2012) menciona que o sinal-termo é o uso terminológico que objetiva registrar o sinal e o termo, a partir de uma visão científica da linguística, pois, na LSB, os sinais são também termos. Não é apenas o ato de movimentar as mãos e o corpo, mas cada um desses movimentos possui termos expressivos com significados.

Dessa maneira, o processo de tradução simultânea torna-se mais efetivo, mesmo com as devidas dificuldades durante esse processo, conforme destaca Prometi (2015):

No processo de tradução simultânea do português para a Libras no ensino de surdos, diversas são as dificuldades encontradas, em relação aos termos, conteúdos e significados que a libras não abarca, com a inexistência de sinais de ou com a falta de comunicação entre os TILS e professores de forma antecipada às aulas. Nesse cenário, o estudo e compreensão dos sinais-termo facilitam esse procedimento, uma vez que sua criação otimiza o entendimento dos conceitos e significados pelo surdo (Prometi *et al.*, 2015 *apud* Rodrigues, 2023).

No âmbito do curso de Pedagogia, o sinal-termo é constituído para representar os conceitos, as características compostas pela singularidade e a simbologia a ser utilizada exclusivamente nesta área, explicitando as diferenças entre sinais-termo usados em outra área de conhecimento. Por isso, se pressupõe que cada área deva possuir sua própria lista de termos sinalizados de forma independente.

É nesse sentido que a tríade tem peso na criação do sinal-termo, pois reúne os conhecimentos gerais da área pedagógica do professor bilíngue, da estrutura técnica do intérprete e do conhecimento linguístico do aluno surdo, que é o falante/sinalizante oficial da língua para construir cada termo específico na área de Pedagogia.

Criado a partir do conjunto de sinal-termo, o glossário deve estar em concordância com as marcações previstas nas categorias linguísticas voltadas para as aplicações do léxico com as funções terminográficas atribuídas a ele. Por essa razão, faz-se necessário e imprescindível o conjunto da tríade para a sua formulação, dada a exigência cobrada pela língua, principalmente ao considerar a estrutura da língua aplicada nos termos técnicos da Pedagogia.

A demanda de alunos surdos no curso de Pedagogia será beneficiada com o trabalho eficaz, produzido por meio da união entre um professor bilíngue, um intérprete e um Surdo, para que a língua esteja estruturada e acessível a todos no processo de aquisição. Esse processo conta com a aquisição de termos e sinalização apresentados pela LSB. Assim, promover esta tríade diminui a distância entre o acadêmico e o conhecimento, mediada por meio da produção de um dicionário em LSB de Pedagogia.

Esta sessão versa sobre a metodologia de elaboração do glossário bilíngue da área da Pedagogia da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira – GBP (PT/LSB). Na coleta de dados, observamos os seguintes passos: i) delimitação do objeto de estudo e o público alvo; ii) definição do mapa conceitual; iii) seleção e organização do *corpus*; iv) seleção dos candidatos a sinais-termo. A segunda etapa diz respeito a triagem dos dados: i) avaliação e validação dos sinais-termo por especialistas da Linguística e da Pedagogia. A terceira etapa relaciona-se com a elaboração do repertório, sendo considerado: i) A elaboração e organização das fichas terminológicas; ii) reelaboração das definições; iii) organização da estrutura do verbete; iv) A organização dos vídeos em Libras. Este glossário é a compilação de sinais-termo já existentes, extraídos de sites, de dicionários impressos e de redes sociais, com a devida validação por especialistas de todo o Brasil, garantindo que o material se torne uma referência consolidada e acessada e para que o material em questão se constitua como uma referência sólida. Está disponível em aplicativo de celular acessível para dispositivos móveis do sistema *android*. Nesta seção, delineamos de forma detalhada.

5.1 Procedimentos para elaboração do Glossário bilíngue Língua Portuguesa/Língua de Sinais Brasileira – GBP-PT/LSB

O método aplicado a essa pesquisa segue os pressupostos teórico-metodológicos da Socioterminologia para a elaboração do Glossário bilíngue (Língua Portuguesa/Língua de Sinais Brasileira – GBP-PT/LSB) da área da Pedagogia. Faulstich (1995) afirma que a pesquisa nessa área, por utilizar os princípios básicos da Etnografia, aciona a habilidade de cada ator social, visto que eles apreendem outras culturas e a objetividade que surge em cada parte desse processo de desenvolvimento, além de utilizar fontes variadas que evitam que se acredite em apenas uma fonte de dados por seu caráter multifacetado.

Nesse sentido, as fontes variáveis devem atender aos quesitos da pesquisa, destacando as variantes linguísticas, de acordo com o princípio subjacente da Socioterminologia, dando destaque às variantes social, situacional, espacial e linguístico, ao evidenciar os contextos em que os termos circulam. Se for

utilizada a frequência de uso, pode ser um método de catalogação utilizado pelo pesquisador.

Com base nos elementos aplicados com o fomento das diretrizes da Linguística, o dicionário criado prevê as articulações gerais de predominância versátil para catalisar de forma objetiva os sinais-termo. Com isso, produz efeitos positivos na estrutura de aprendizagem e no conhecimento da língua de sinais e da Língua Portuguesa, principalmente pelo fato de existirem inúmeras dificuldades, tanto por parte dos alunos, como de professores e TILS.

- **Grande área do conhecimento:** ciência da Educação
 - **Área do conhecimento:** Pedagogia
 - **Subárea:** curso de Pedagogia
 - **Organização:** alfabética
 - **Tratamento:** bilíngue
 - **Idiomas:** Português e Língua de sinais
-
- **Destinatários:** público-alvo do glossário bilíngue de Pedagogia para a Língua de Sinais Brasileira. Destina-se aos professores ouvintes; surdos acadêmicos e profissionais Pedagogos; tradutores Intérpretes de Língua de Sinais – TILS.

 - **Função:** registro, descrição e difusão de sinais-termo do curso de Pedagogia.

Sob a perspectiva da Socioterminologia, o sinal-termo que for definido como formal para eventos acadêmicos, artísticos e que congreguem usuários da LSB de várias regiões do Brasil deve planificar a comunicação técnico-científica, a fim de considerar as singularidades de cada um dos usuários do glossário. Por isso, a importância de organizar a comunicação é para que todos compreendam o sinal-termo usado em qualquer ato acadêmico, como palestras, aulas, provas, salas de aula etc., ou até mesmo fora deste espaço.

A criação do GBP atrai grandes expectativas. Sua implementação advém dos seguintes procedimentos metodológicos:

1. Seleção dos informantes;
2. Elaboração de Fichas Terminológicas dos Termos selecionados;
3. Catalogação dos termos em PT da área da Pedagogia;
4. Busca de definições em obras terminológicas de referência;
5. Elaboração das definições em obras terminológicas de referência;
6. Reformulação dos termos extraídos de materiais lexicográficos e terminológicos para o público-alvo do dicionário bilíngue de Pedagogia;
7. Pesquisa a partir dos termos para a identificação de sinais-termo nas redes sociais disponíveis no país;
8. Sessões de validação dos sinais-termo existentes com definição formal terminológica e o formal de registro;
9. Filmagem dos sinais-termo e definições;
10. Macroestrutura e microestrutura do GBP – PT/LSB;
11. Divulgação do dicionário.

Conforme as características comuns de desenvolvimento de um dicionário, segue a descrição dos procedimentos supracitados.

5.2 Catalogação de Termos em Língua Portuguesa da área da Pedagogia Seleção dos Informantes

A seleção dos informantes ocorreu de forma direta, buscando um informante de cada região brasileira, classificando os sujeitos da pesquisa como surdos e ouvintes, totalizando 05³¹ e 5 especialistas da área pedagógica, como os pedagogos, graduandos, terminólogos da LSB e TILS com experiência no curso de Pedagogia e Terminologia.

³¹ Formulário usado para a seleção dos especialistas se encontra disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScu6DWcQvIWozLEvyEw_eWgMshmc3Ydzudc_A_AgKYfDWgXiQ/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0

A escolha deu-se a partir da necessidade de criar um glossário que²⁹ contemple a comunidade surda nacional, com intuito de facilitar o aprendizado dos envolvidos diretamente nas áreas de Pedagogia. Para que isso seja possível, é indispensável a participação de uma equipe de avaliadores do Brasil, considerando as variedades linguísticas presentes no país.

Para a seleção dos especialistas em LSB, lista-se os requisitos de acordo com base nos critérios a seguir:

1. Participar ativamente nessa comunidade Surda;
2. Ser fluente na LSB;
3. Ser formado em Pedagogia ou na área de Linguística da Língua de Sinais;
4. Ser acadêmico do curso de Pedagogia que integralizou 50% ou mais do currículo do curso;
5. Para os especialistas que são TILS, ter ou estar atuando no curso de Pedagogia.

O glossário da área da Pedagogia bilíngue GBP – PT/LSB é um material elaborado a partir da metodologia da Socioterminologia, uma área da ciência terminológica que reorganiza uma tipologia para classificação de variantes em categorias técnicas e científicas, com duas concorrentes: a variante formal terminológica e a variante formal de registro (Faulstich, 1995).

Os estudos propõem refinar o conhecimento dos discursos especializados, científico e técnico para explorar os que são passíveis de variação por relacionar terminologia às mudanças na comunicação entre os membros da sociedade. Assim, a seleção dos sujeitos segue os critérios: surdos e não surdos de todas as regiões brasileiras. O processo de criação e validação dos sinais-termo dar-se-á com a definição pelo grupo de especialistas da variação formal terminológica e uma ou mais variantes formais de registro, mediante debate para a convenção.

Entretanto, dada a variação e diferença regional da língua, consideramos um campo estreito em relação à dimensão territorial brasileira, situação esta que demanda dificuldade na fase de registro. O foco de pesquisas realizadas é na Universidade de Brasília – UnB, onde especialistas terminólogos e lexicógrafos do Laboratório de Linguística da Língua de Sinais criam sinais-termo validados para

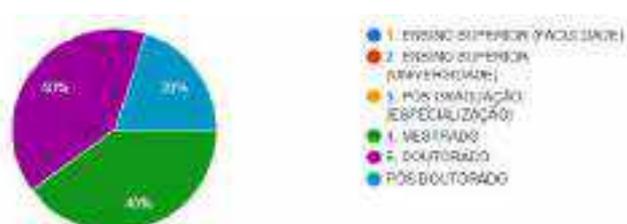
elaboração de glossários e de dicionários acadêmicos. Embora seja inegável a agilidade, a clareza e a padronização nos formatos dos materiais fornecidos por esses pesquisadores, o trabalho está restrito a um grupo pequeno, o que inviabiliza o alcance de outras regiões brasileiras, pelo fato da grande variedade geográfica da língua não estar registrada nos glossários e nos dicionários bilíngues com português e Língua de Sinais.

5.2.1 Seleção dos especialistas profissionais da área da Pedagogia

Além do grupo de especialistas em LSB, a pesquisa conta com um grupo de especialistas professores universitários não surdos, que atuam no curso de Pedagogia. Suas contribuições estão direcionadas aos aspectos que versam a respeito dos termos mais utilizados no âmbito da Pedagogia, com suas atribuições correspondentes.

Os especialistas envolvidos na pesquisa em questão são 5 (cinco) profissionais formados em Pedagogia, com ampla experiência na área educacional e na atuação específica no ensino superior, especialmente nos cursos de graduação em Pedagogia. Sendo eles, 4 (quatro) mulheres e 1 (um) homem, compondo um grupo diverso em termos de gênero, mas coeso no que diz respeito à formação acadêmica e às áreas de atuação.

Figura 22: Gráfico1- Perfil formação dos especialistas



Fonte: Elaborado pela autora.

A equipe é altamente qualificada, composta por 3 (quatro) doutores incluindo uma pós-doutora, 1 (uma) mestra. Essa diversidade de formações e de perspectivas contribuiu significativamente para o desenvolvimento e a validação

das etapas do estudo, ao garantir rigor científico e uma abordagem multidisciplinar³¹ alinhada.

As idades deles variam entre 30 e 44 anos, o que reflete um grupo jovem, mas com maturidade profissional e acadêmica suficiente para contribuir de forma significativa. A faixa etária sugere a possibilidade de equilíbrio entre inovação, energia para lidar com os desafios do ensino superior e a experiência adquirida ao longo de suas trajetórias como pedagogos.

Um aspecto comum e fundamental a todos os especialistas é o domínio da Língua Brasileira de Sinais-LSB. A familiaridade com a LSB e a experiência profissional deste grupo favorecem na compreensão das duas línguas disponíveis no GBP. Com isso, resulta-se na compreensão dos termos e entradas, assim, verifica-se a funcionalidade e a clareza de cada um deles.

Para a validação do Glossário em Língua Portuguesa, no que diz respeito as entradas e definições, foi elaborado um questionário no *google forms*³² com as questões.

Figura 23: Questionário de avaliação dos termos

A screenshot of a Google Form titled "ABORDAGEM QUANTITATIVA". The form contains a definition: "é a. Procura quantificar os dados e analisá-los com métodos matemáticos (com- plexos e simplifica o método social de abordagem)". Below the definition are three radio button options: "Pedagógico", "Interdisciplinar", and "Definir Termo". At the bottom, there is a section for "Comentários e sugestões adicionais" with a text input field.

Fonte: Elaborado pela autora.

O questionário consistia em responder se o termo era pedagógico ou interdisciplinar, além de a definição conseguia contemplar o sentido do termo. No caso de erros conceituais, na complementação ou na alteração, cada item possuía um campo para comentários e sugestões adicionais.

Os especialistas surdos são cinco, representando cada uma das regiões do Brasil, e desempenham um papel fundamental no ensino superior, sendo referências em suas respectivas áreas de atuação. Entre eles, há três homens e

³² Disponível em: <https://forms.gle/9R2hBctxm1rMYCW26>

duas mulheres, todos profissionais altamente qualificados que contribuem¹³² significativamente para a educação e a inclusão da comunidade surda no ambiente acadêmico. Suas idades variam entre 35 e 56 anos, abrangendo diferentes gerações de profissionais que, ao longo do tempo, vêm consolidando a presença e a importância dos surdos no meio universitário. Suas trajetórias são marcadas por desafios e conquistas, demonstrando a relevância da acessibilidade e da representatividade no ensino superior. Além disso, sua presença reforça a necessidade de políticas educacionais que garantam a igualdade de oportunidades para pessoas surdas, promovendo um ensino mais inclusivo e acessível a todos. Cada um desses especialistas tem sua própria experiência e abordagem pedagógica, enriquecendo o campo acadêmico com diferentes perspectivas e metodologias adaptadas às necessidades dos estudantes surdos.

Dentre esses cinco especialistas, três são mestres, um está atualmente cursando o doutorado e outro já obteve o título de doutor, demonstrando um alto nível de qualificação acadêmica. Suas pesquisas e atuações abrangem diversas áreas do conhecimento, promovendo avanços significativos na educação bilíngue e na acessibilidade para surdos dentro das universidades. O compromisso desses profissionais vai além da sala de aula, pois eles também desempenham um papel essencial na formulação de políticas educacionais, na criação de materiais didáticos acessíveis e no incentivo à formação de novos professores surdos. Com idades que variam entre 35 e 56 anos, esses especialistas acumulam uma rica bagagem de experiências, combinando inovação e tradição em suas práticas pedagógicas. Sua atuação não apenas fortalece a comunidade acadêmica surda, mas também influencia a sociedade como um todo, destacando a importância da diversidade e da representatividade no ambiente educacional.

5.3 Catalogação de Termos em Língua Portuguesa da área da Pedagogia

A escolha da área de Pedagogia e dos termos deu-se pela atuação da presente pesquisadora no curso de Pedagogia, anteriormente na condição de TILS, e, atualmente, como professora do curso na Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. Essa experiência soma dez anos, desde, então, houve a percepção

pessoal correlacionada ao ingresso e à conclusão de inúmeros Surdos no curso em³³ questão, sendo que vários sinais-termo são criados e ocasionalmente são registrados e socializados com a comunidade surda. Eventualmente, ocorrências sem nenhum glossário ou dicionário para os novos acadêmicos, o que resulta a sempre reiniciarem a criação de sinais-termo.

Para iniciar a catalogação dos termos para o glossário foi necessário eleger um ponto de partida, o qual se deu a partir da leitura minuciosa do Projeto Político Pedagógico³³ do curso da UFOPA, pelo fato de o curso de Pedagogia ser amplo e com sete eixos: o de estudos básicos, o de *aprofundamento*, o de estudos integrados, o de estudos integradores, o de estágio supervisionado, o trabalho de conclusão de curso e o das atividades complementares. Com cinco dimensões: formação interdisciplinar I; formação interdisciplinar II Educação; formação geral (Pedagogia e Informática educacional, *Fundamentos teóricos e práticos da docência*, Seminário de formação). O curso de Pedagogia soma 3.290h de formação, o que impossibilita, nesse primeiro momento, sinalizar o curso inteiro.

Figura 24: Mapa da estrutura conceitual do curso de Pedagogia da UFOPA

³³ https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&id=20.



Fonte: Elaborado pela autora.

Pela grandiosidade do curso, precisamos eleger eixo e dimensão para iniciar a presente pesquisa. É o eixo do núcleo de aprofundamento com a dimensão Pedagogia fundamentos teóricos e práticos da docência. Tal escolha se deu por se tratar do fazer pedagógico do trabalho docente em sala de aula, que contempla graduados, graduandos e formadores. São vocabulários usados no dia a dia que está ou não sinalizado e que precisa ser organizado e registrado.

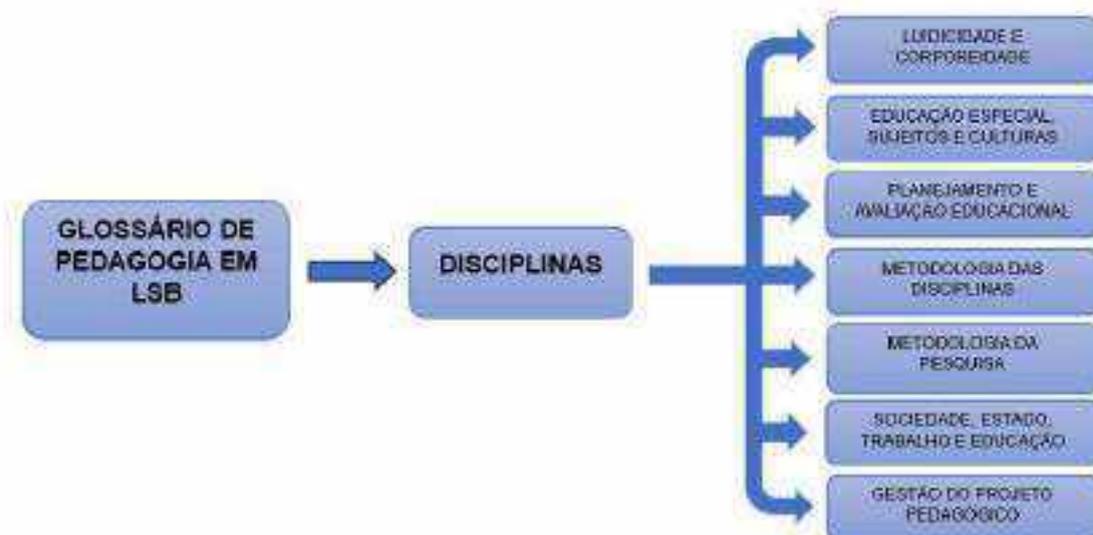
Para a seleção dos termos, fizemos a extração das disciplinas correlativas e ementa, conforme mencionado no PPC do curso:

As competências e habilidades próprias do pedagogo, decorrentes do projeto pedagógico do curso devem credenciá-lo ao exercício profissional em áreas específicas de atuação, tais como: educação especial, educação de jovens e adultos, educação indígena e do campo, educação ambiental e outras áreas emergentes do campo educacional (PPC, 2015, p. 28).

Para compor o glossário, foram selecionadas sete disciplinas: Ludicidade e corporeidade; Educação especoal, sujeitos e culturas; Planejamento e Avaliação educacional; Disciplinas de Metodologia; Metodologia da pesquisa; Sociedade, estado, trabalho e educação; Gestão do projeto pedagógico. Cada uma representando áreas distintas de conhecimento, com o objetivo de abranger uma diversidade de conteúdos e promover uma compreensão mais ampla das terminologias específicas no campo. Os termos escolhidos foram cuidadosamente

analisados e relacionados às respectivas disciplinas, ao considerar sua relevância, frequência de uso e importância na construção de saberes.

Figura 25: Árvore de domínio disciplinas



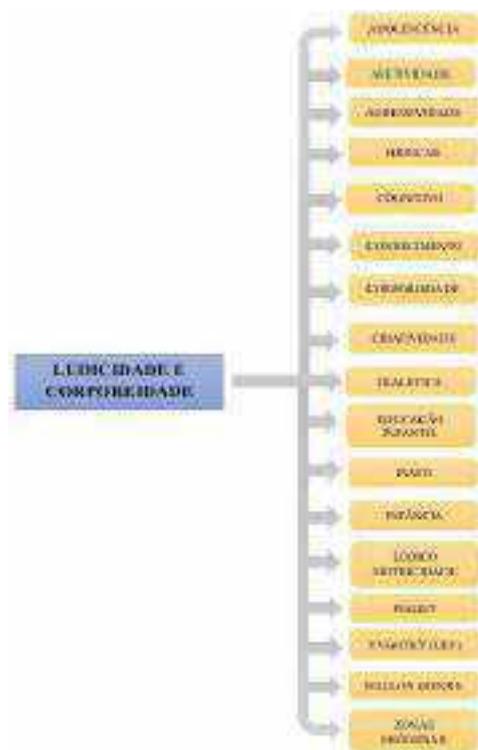
Fonte: Elaborado pela autora.

Essa seleção não reflete apenas a riqueza dos contextos educacionais e acadêmicos, mas também busca atender às necessidades de estudantes, professores e pesquisadores, facilitando o entendimento e a comunicação na Pedagogia. Além disso, o glossário configura-se como uma ferramenta essencial para o fortalecimento da interdisciplinaridade, permitindo que conceitos de diferentes campos dialoguem entre si e contribuam para uma formação mais integrada e crítica. Essa abordagem garante que o glossário sirva como um recurso didático e de referência, tanto para aqueles que estão se iniciando nas disciplinas, quanto para aqueles que já possuem familiaridade com os temas envolvidos.

O primeiro bloco é estruturado a partir da disciplina de Ludicidade e Corporeidade, que se destaca por sua abordagem interdisciplinar e por valorizar o corpo como elemento central nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento humano. Essa disciplina enfatiza o papel do lúdico como um recurso pedagógico essencial, capaz de estimular a criatividade, a interação social, o desenvolvimento cognitivo e a expressão emocional, especialmente no contexto

educativo. Além disso, a disciplina valoriza o resgate de práticas tradicionais e 36 culturais relacionadas ao brincar e ao movimento, bem como a pluralidade de experiências corporais.

Figura 26: Disciplina Ludicidade e corporeidade

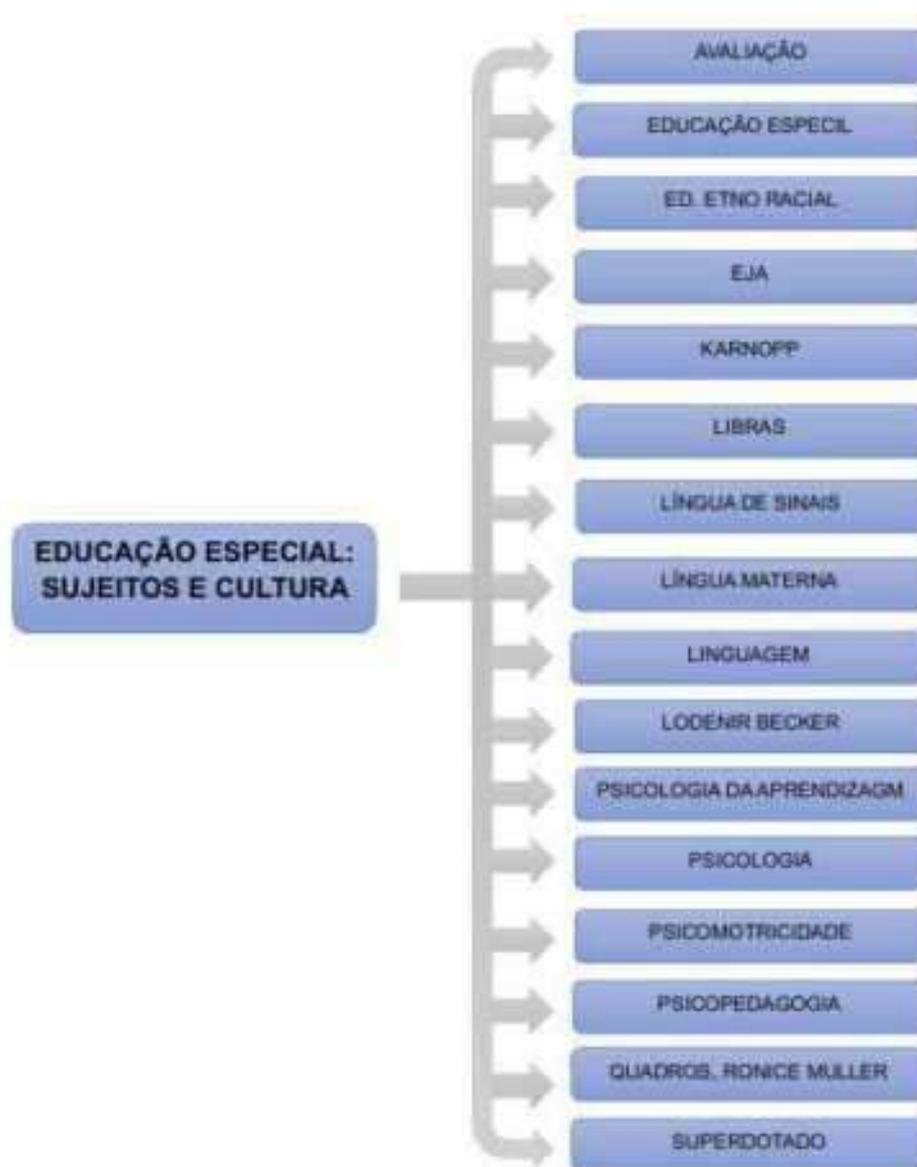


Fonte: Elaborado pela autora.

Os termos extraídos foram articulados com a disciplina Ludicidade e Corporeidade, tomando como base a sua ementa. Por exemplo, os termos brincar, lúdico e criatividade dialogam diretamente com a valorização do jogo e da expressão como ferramentas pedagógicas essenciais, enquanto corporeidade e motricidade destacam o corpo como um meio de aprendizagem e de interação com o mundo. A inclusão de teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon fortalece o embasamento da disciplina, explorando perspectivas sobre o desenvolvimento cognitivo, social e emocional nas diferentes fases da vida, da infância à adolescência. Além disso, conceitos como afetividade, agressividade e zonas erógenas ampliam o olhar sobre as dimensões emocionais e psíquicas, ao permitir compreender como essas influências nas vivências corporais e lúdicas. Assim, a disciplina é estruturada de forma integrada, mostrando como esses elementos interagem para formar uma base sólida e interdisciplinar.

A disciplina Educação Especial: Sujeitos e Cultura, inserida no Bloco 37

Dois, aborda de forma interdisciplinar as especificidades das práticas pedagógicas externas para a inclusão e o reconhecimento da diversidade no ambiente educacional. Ela destaca a importância de compreender as características, potencialidades e necessidades dos sujeitos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento ou altas habilidades, sempre considerando suas trajetórias culturais e sociais. No contexto atual, em que a educação inclusiva ganha cada vez mais relevância, essa disciplina se torna essencial para formar profissionais sensíveis e capacitados, capazes de promover práticas educacionais equitativas e de respeito aos direitos e às singularidades de cada indivíduo, fortalecendo a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Figura 27: Disciplina Educação Especial: Sujeitos e Cultura

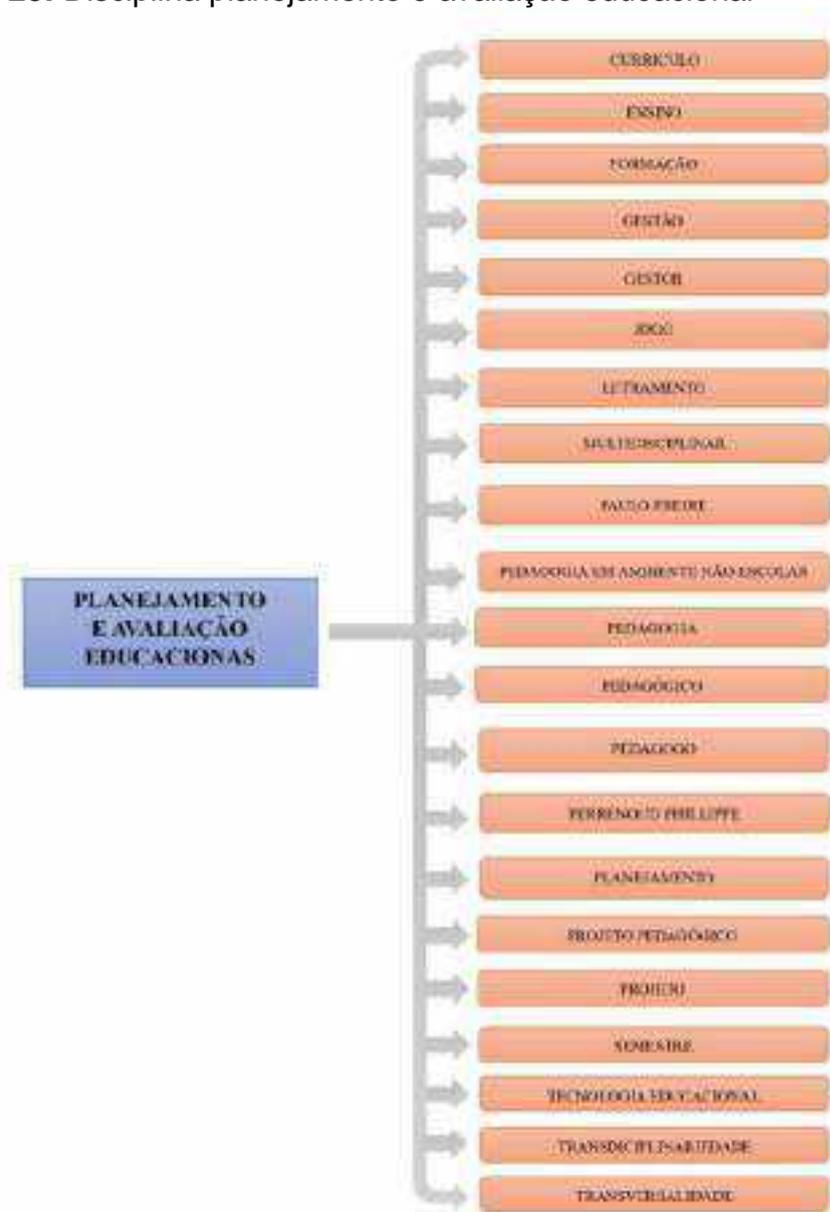
Fonte: Elaborado pela autora.

A disciplina Educação Especial: Sujeitos e Cultura abrange uma ampla gama de conceitos e práticas fundamentais para a inclusão educacional, explorando temas como avaliação e suas implicações no acompanhamento de estudantes com necessidades específicas, além de promover reflexões sobre a educação especial, educação étnico-racial e EJA, contextualizando os desafios de diferentes públicos no sistema educacional.

Autores como Lodenir Karnopp e Ronice Quadros são referências importantes para o entendimento da Libras e da Língua de Sinais como direitos

linguísticos das pessoas surdas, além de sua relação com a língua materna e os processos de linguagem. A disciplina também enfatiza aspectos relacionados à Psicologia da aprendizagem e Psicologia e psicomotricidade, essenciais para compreender o desenvolvimento dos estudantes, incluindo aqueles com altas habilidades ou superdotação. Esses elementos integrados fornecem uma base teórica e prática para que os futuros educadores compreendam a complexidade dos assuntos e da cultura na construção de uma educação inclusiva e equitativa.

A disciplina Planejamento e Avaliação Educacional compõe o terceiro bloco, concentrando-se na articulação entre o planejamento pedagógico e os processos avaliativos, fundamentais para a organização e a qualidade do ensino. Essa disciplina explora o planejamento como uma etapa estratégica, que orienta a definição de objetivos educacionais, a seleção de conteúdos, a escolha de metodologias e a previsão de resultados esperados, garantindo coerência e eficácia no processo de ensino-aprendizagem.



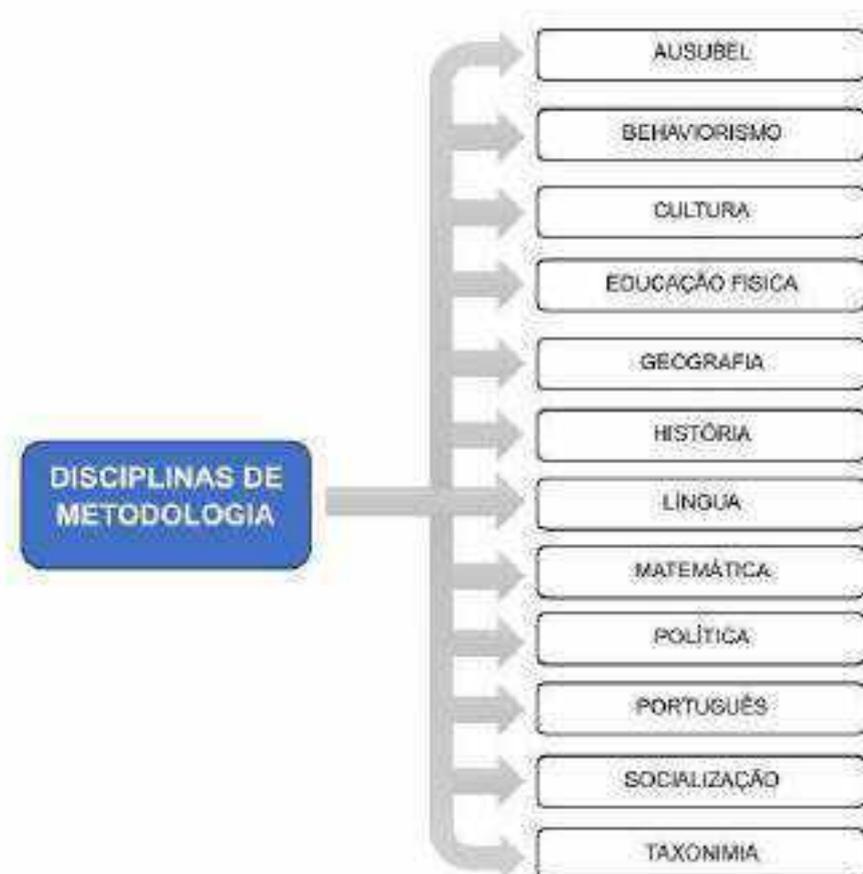
Fonte: Elaborado pela autora.

Os termos abrangem desde os fundamentos teóricos da pedagogia, representados por autores como Paulo Freire e Philippe Perrenoud, até aspectos práticos, como o planejamento, a elaboração de projetos pedagógicos e a gestão educacional, essenciais para a efetivação de uma educação de qualidade. O bloco também enfatiza a importância da integração de abordagens multidisciplinares, transdisciplinares e transversais, que promovem a articulação entre diferentes saberes e áreas de conhecimento, enriquecendo o processo de ensino-

aprendizagem. Conceitos como letramento e tecnologia educacional refletem os 41 desafios contemporâneos da educação, apontando para a necessidade de formar sujeitos críticos, capazes de interagir com diferentes linguagens e ferramentas digitais. Além disso, a inclusão de termos como jogo e Pedagogia em ambientes não escolares amplia o olhar para além do contexto formal, liberando a educação como um processo contínuo e presente em diversas esferas da sociedade.

O quarto bloco é mediado pelas disciplinas de Metodologia, voltadas para as áreas de conhecimento que os pedagogos podem ministrar do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, abrangendo conteúdos fundamentais para a formação inicial dos alunos. Essas disciplinas incluem metodologias específicas para o ensino de Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia, além de Práticas Interdisciplinares que integram essas áreas de forma contextualizada.

Figura 29: Disciplinas metodologias de ensino



Fonte: Elaborado pela autora.

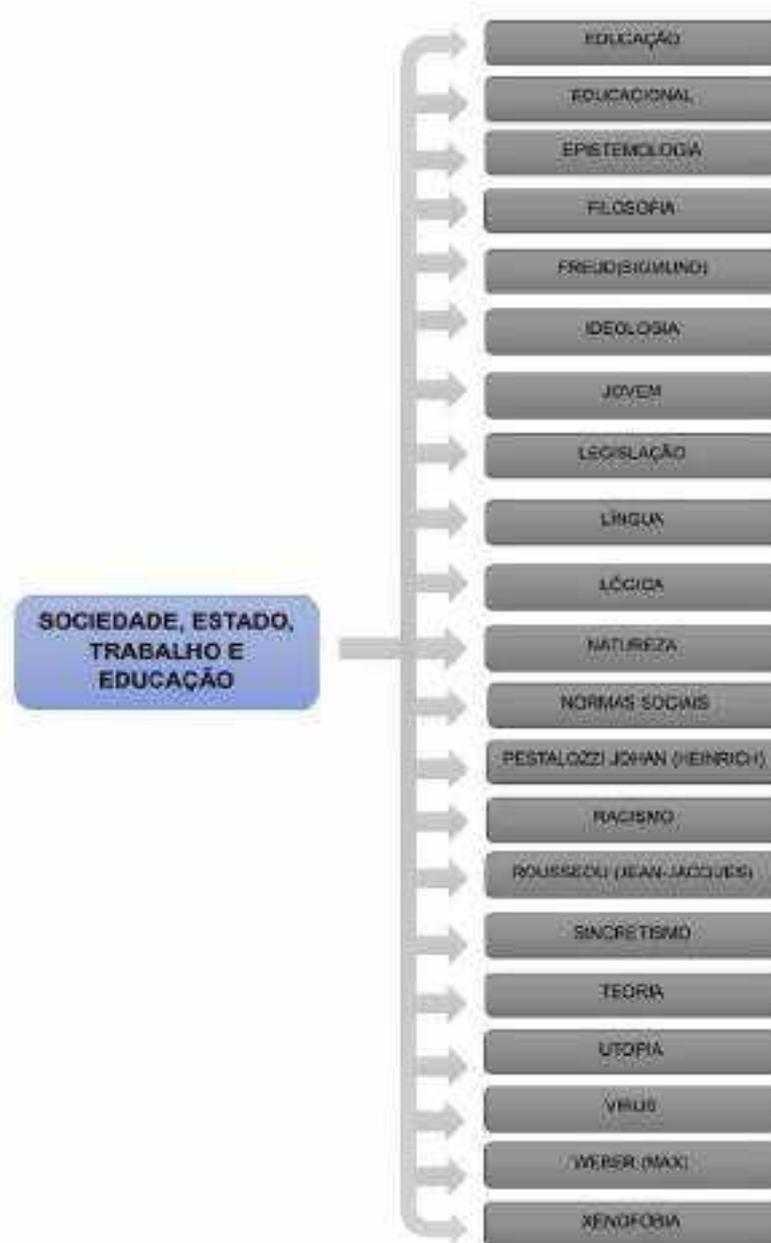
Os termos relacionados às disciplinas refletem a amplitude e a diversidade dos conteúdos e dos conceitos que compõem a formação pedagógica para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Português e Matemática aparecem como pilares da alfabetização e do letramento, fundamentais para o desenvolvimento das competências linguísticas e lógico-matemáticas essenciais para os alunos.

História e Geografia trazem à tona reflexões sobre a cultura, a política e a socialização, contribuindo para a construção da cidadania e do entendimento do mundo ao redor. Educação Física aborda práticas e teorias voltadas para o ensino dessa área no contexto escolar, com ênfase nas estratégias pedagógicas que promovem o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e social dos alunos. O pensamento de Ausubel, com sua teoria da aprendizagem significativa, reforça a importância de conectar novos conteúdos ao conhecimento prévio dos alunos, promovendo uma educação mais contextualizada e eficaz. Termos como língua e taxonomia estão diretamente relacionados às estratégias de organização e à mediação pedagógica, sendo fundamentais para estruturar o conhecimento, avaliar habilidades e orientar o processo de ensino-aprendizagem de forma efetiva.

O quinto bloco está estruturado em torno da disciplina de Metodologia da Pesquisa, que desempenha um papel essencial ao fornecer bases teóricas e práticas para a realização de investigações científicas. Essa disciplina se dedica a introduzir os estudantes aos principais conceitos, etapas e métodos que compõem o processo de pesquisa.

destacando o papel da escola na formação cidadã e na promoção da equidade¹⁴⁴. Além disso, aborda a forma como as mudanças econômicas e culturais afetam as práticas pedagógicas e as demandas do mercado de trabalho, formando os educadores para compreenderem os desafios da contemporaneidade.

Figura 31: Disciplina Sociedade, Estado, Trabalho e Educação



Fonte: Elaborado pela autora.

Os termos selecionados refletem a complexidade e a amplitude das discussões que permeiam a educação e o campo educacional, conectando

aspectos históricos, filosóficos, sociológicos e psicológicos. A epistemologia e a filosofia, por exemplo, fundamentam a construção do conhecimento e a reflexão crítica sobre práticas educacionais, enquanto autores como Freud Sigmund, Pestalozzi Johann, Rousseau Jean e Weber Max oferecem perspectivas essenciais sobre o desenvolvimento humano, a pedagogia e as relações sociais.

Temas como ideologia, racismo, sincretismo, xenofobia e normas sociais evidenciam os desafios de construir uma educação inclusiva e livre de preconceitos, promovendo uma convivência pautada no respeito à diversidade. Já conceitos como lógica, natureza e jovem apontam para as especificidades do aprendizado e a importância de compreender os assuntos em suas dimensões culturais e biológicas. Além disso, a legislação educacional, baseada em princípios de justiça e igualdade, contribui para o enfrentamento de questões estruturais. Utopia remete à busca por ideais transformadores e ao compromisso com a construção de um futuro educacional mais justo, mesmo diante dos desafios contemporâneos, como impostos por pandemias ou vírus que impactam profundamente as relações sociais.

A disciplina Gestão do Projeto Pedagógico, localizada no sétimo e último bloco, tem como foco principal a articulação teórica e prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação, promovendo uma visão integrada do planejamento, execução e avaliação de projetos educacionais. Ela propõe uma análise crítica das políticas educacionais e da organização dos sistemas. Além disso, prepara os educadores para lidar com os desafios contemporâneos, como a integração de novas tecnologias e a promoção da equidade educacional, fortalecendo sua atuação como agentes transformadores no âmbito escolar, de ensino, promovendo reflexões sobre a construção de práticas pedagógicas.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os termos alfabetização, ambiente de aprendizagem, atividade complementar, coordenador, didática, dinâmica, docente, EAD (Educação a Distância), tutor e teoria estão interconectados no contexto educacional, refletindo diferentes aspectos da prática pedagógica. Como processo fundamental, a alfabetização acontece em um ambiente de aprendizagem cuidadosamente planejado, que inclui atividades complementares ao enriquecem o aprendizado. A didática e a dinâmica são essenciais para a criação de estratégias de ensino eficazes, seja no ensino presencial ou na EAD, em que o papel do coordenador e do tutor se torna crucial na mediação e no acompanhamento dos alunos. Como facilitador do conhecimento, o docente utiliza teorias pedagógicas para fundamentar suas práticas e garantir uma educação de qualidade.

Para a coleta e seleção das definições deu-se na plataforma *Google* acadêmico em busca de livros e de dicionários disponíveis na área acadêmica com a entrada “dicionário de Pedagogia”. Dessa forma, foi possível localizar três obras:

1. *Dicionário breve de Pedagogia*, de Ramiro Marques, Editora Presença, 2000; está disponível para *download* na internet e em bibliotecas virtuais³⁴ para compra do livro físico;
2. *Dicionário prático de Pedagogia*, de Tânia Dias Queiroz, [organizadora]. São Paulo, Rideel, 2003;
3. *O Dicionário de Pedagogia*, de Mauro Laeng, editora dom quixote, 1973.

A coleta e seleção das definições foram realizadas por meio da plataforma *Google Acadêmico*, buscando glossários e dicionários disponíveis na área acadêmica com a pesquisa "dicionário de Pedagogia". Assim, foi possível identificar três obras relevantes:

O *Dicionário Breve de Pedagogia* destaca as teorias de aprendizagem, modelos de ensino, história da Pedagogia e os Pedagogos que foram percussores de teorias e desenvolvimento da Educação e ensino. Conta com conceitos sobre avaliação, currículo, métodos e técnicas de ensino; elaborado para atender as necessidades de professores, estudantes e pessoas interessadas em Educação. É uma edição de 2000, tendo em vista que o material disponível é abertamente na plataforma para *download* na internet e, em bibliotecas virtuais, para a compra do livro físico.

O *Dicionário Prático de Pedagogia* foca em elucidar termos em conformidade com os parâmetros curriculares nacionais, incluindo temas transversais³⁵ que dialogam com a grande área para orientar e referenciar práticas pedagógicas do cotidiano.

Quanto ao *Dicionário de Pedagogia*, o livro traz a seleção de termos oriundos da Pedagogia, de linguagem comum e especializadas das várias disciplinas. Consequentemente, congrega países e disciplinas transversais para organizar 25.00 termos. Logo, o dicionário trata de termos comuns ao curso de formação ao complementar termos e conceitos da graduação em Pedagogia.

³⁴ https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2011/10/Dicionario_de_pedagogia.pdf

³⁵ Os **temas transversais**, nesse sentido, correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. Com base nessa ideia, o MEC definiu alguns temas que abordam valores referentes à cidadania: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural.

É necessária a elaboração de fichas terminológicas dos termos selecionados, em virtude de que cada termo precisa ter um registro com dados claros e objetivos. Para Faulstich (1995, p. 4), a Ficha Terminológica (FT) compara-se a uma “certidão de nascimento”, pois a FT é um instrumento fundamental para descrever informações minuciosas sobre o termo e os sinais-termo. Para a descrição e análise dos termos, essa pesquisa usa o modelo de Fichas Terminológicas de Faulstich (2010).

Figura 33: Modelo de Ficha Terminológica

FICHA TERMINOLÓGICA	Numero de ficha:
1. Entrada	
2. Categoria gramatical	
3. Género	
4. Variante	
5. Sinónimo	
6. Área	
7. Definição	
8. Fonte de constituição da definição	
9. Contexto	
10. Fonte do contexto	
11. Remissiva	
12. Nota	
13. Equivalente	
14. Autor	
15. Redator	
16. Data	

Fonte: Garcia, 2021, p. 272.

O modelo adotado pelo Glossário de Pedagogia reúne itens da FT em Língua Portuguesa e do modelo adaptado para registro de sinais-termo em Língua de sinais. Por ser uma obra bilíngue, houve a opção de não fazer registro a nível da morfologia e da fonologia da LSB. O intuito do dicionário fundamenta-se no registro da lista de sinais-termo que se tem disponíveis em redes sociais sem o devido registro formal em uma obra terminológica e sua definição, para que pedagogos surdos e não surdos, TILS e acadêmicos da área tenham acesso a esse material como fonte de pesquisa de conceitos e sinais-termo.

FICHA TERMINOLÓGICA	
DESCRIBÇÃO DE UM TERMO DA LÍNGUA DE SINAIS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA	
BRASILEIRA, LSB (1993)	
1. Entrada	LÍNGUA DE SINAIS
2. Sinal-termo	https://www.youtube.com/watch?v=vFDW_KHkMA var
3. Categoria gramatical	Sintagma feminino
4. Definição PT	Língua natural visoespacial com estrutura linguística autónoma; língua falada pelas comunidades surdas no mundo.
5. Definição LSB	https://www.bol.com.br/lex/31324
6. Definição Fonte	Idioma autónomo, independente da língua falada, que tem mecanismos próprios de natureza espacial para relacionar a forma ao significado. Língua natural visoespacial usada pela comunidade surda.
7. Contexto de uso	Embora existam «línguas de sinais» em diversas partes do mundo, elas se desenvolvem de forma independente em diferentes comunidades ao redor do mundo.
8. Variação (s) PT	
9. Variação (s) LSB	Movimento circular em torno do peito para falar, conversar, convencer em libras. Sinal usado em (SP, PR, SE, CE, RS, PI)
10. Fonte da definição	Dicionário breve de Pedagogia.
11. Remissiva	
12. Autor	CSM
13. Redator	CSM
14. Data	27/03/2024

Fonte: Adaptado pela autora.

A Figura 23 é um modelo adaptado de FTs com itens em termo em Língua Portuguesa e sinal-termo em Língua de Sinais Brasileira para o glossário da área da Pedagogia bilíngue GBP – PT/LSB. Adaptamos com o intuito de corresponder à construção de uma obra bilíngue PT/LSB.

No item 7, no quadro 5, *variante* em LSB é para todas as possíveis formas coletadas da realização para cada sinal-termo. A validação dar-se-á pelos especialistas da área para definir a variante formal terminológica e a variante formal de registro por ser um dicionário socioterminológico. Serão registrados e validados todos os sinais-termo disponíveis e usados pela comunidade surda. Os itens 10 e 11 correspondem à sigla do nome da pesquisadora que organiza o dicionário, Carina da Silva Mota – CSM, que são as mesmas usadas em ambos os itens.

Com a elaboração da FT, será possível organizar os termos de acordo com os dados necessários para a montagem da microestrutura, estruturando o dicionário para que este apresente um conteúdo bilíngue, a fim de que o leitor entenda de forma clara e objetiva. Por isso, considera-se importante acrescentar imagens e vídeos animados na microestrutura. O foco está em elaborar definições e sinais-termo para facilitar o entendimento dos conceitos com sinal-termo, o que

facilitará a fluidez e a compreensão de discursos, de aulas e do ensino de pessoas⁵⁰ que atuam na área pedagógica.

5.5 Elaboração das definições em obras terminológicas de referência

As obras dicionaristas lexicográficas consultadas para elaboração do glossário de Pedagogia bilíngue GBP-PT/LSB seguem critérios que abordam temas de uso comum a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, por exemplo:

- 1 Dicionário breve de Pedagogia;
- 2 Dicionário prático de Pedagogia;
- 3 Dicionário de Pedagogia.

As definições foram retiradas das obras supracitadas, que são dicionários amplamente conhecidos, com definições claras e com alto grau de cientificidade na organização das obras que originaram a lista de termos do GBP-PT/LSB. Por isso, eles são fundamentais para a extração das definições que recebem uma nova versão nesse dicionário, cujo objetivo é a rápida consulta dos consulentes.

Essas obras lexicográficas e terminológicas compõem a ficha terminológica para a elaboração do GBP-PT/LSB, que acatam o modelo de Finatto (2011), decorrente de reelaboração descritiva das definições correspondentes aos aspectos gerais dos sinais-termo usados.

5.6 Reformulação dos termos extraídos de materiais lexicográficos e terminológicos para o público-alvo do dicionário bilíngue de Pedagogia

Para a reformulação dos termos de forma clara e objetiva, a partir do método elaborado por Finatto (2011 *apud* Nascimento, 2016, p. 99-100), utilizamos a definição reformulada e organizada, com clareza na reelaboração. Os predicados convenientes auxiliam na escolha dos aspectos fundamentais do termo para os consulentes do dicionário.

Número da ficha: 66	
Termo: Lúdico	
Definição original: * Relativo a jogos, brinquedos ou divertimentos, atividade que distrai ou diverte, instrumento educativo. * Através de jogos, brincadeiras, atividades criativas. Que faz referência a jogos ou brinquedos, brincadeiras lúdicas. Que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito; divertido. Que faz alguma coisa simplesmente pelo prazer de a fazer. * Feito através de jogos, brincadeiras, atividades criativas. Que faz referência a jogos ou brinquedos, brincadeiras lúdicas. Que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito; divertido. Que faz alguma coisa simplesmente pelo prazer de a fazer. Refere-se à manifestação artística que aparece na idade infantil e se acentua na adolescência aparecendo sob a forma de jogo.	
Decomposição da definição:	
SER em	brincar
Ser qual	Distrair, educar
POSSUIR	jogos, brinquedos
FAZER	Prazer
SERVIR para	Criatividade
Resultar de	Divertimento, aprendizado
Definição reformulada: É o aprendizado com jogos e brincadeiras com propósito de além do divertimento e distração a instrução e educação.	

Fonte: Modelo adaptado de Nascimento (2016).

Para descrever a característica do termo na reelaboração da definição, usamos os argumentos: ser, possuir, fazer, servir e resultar. As respostas desses argumentos conseguem originar uma definição objetiva e acessível para a rápida compreensão em ambas as línguas. A reelaboração de um termo consiste em uma tarefa difícil, pois necessita de atenção e estratégias de sistematização que visam a explicar o mesmo. No entanto, faz-se necessária para que a definição fique clara e objetiva, ressignificando a compreensão em PT e LSB na consulta.

As definições dos termos em Língua Portuguesa foram obtidas por meio de um processo detalhado e rigoroso, seguindo três etapas fundamentais que garantiram a precisão e a relevância das informações coletadas. A primeira etapa consistiu na consulta a referências bibliográficas especializadas, com base na análise de três dicionários amplamente reconhecidos na área da Pedagogia: o Dicionário de Pedagogia, o Dicionário Prático de Pedagogia e o Dicionário Breve de Pedagogia.

Esses materiais serviram como fontes iniciais para identificar e compreender as definições já estabelecidas para os termos analisados. Em seguida, foi realizada uma etapa de reelaboração dessas definições, seguindo o modelo proposto por Finatto (2011), que oferece um método estruturado para a reconstrução e o refinamento dos conceitos, garantindo maior clareza, precisão terminológica e coerência com o campo da Pedagogia. Esse processo de

reformulação foi essencial para adaptar as definições à realidade educacional¹⁵² contemporânea, assegurando que os termos expressassem com exatidão os conceitos pedagógicos aos quais se referem.

Por fim, como uma etapa crucial para validar as definições revisadas e garantir que refletissem adequadamente a visão da comunidade acadêmica e profissional da área, foram realizadas consultas a especialistas em Pedagogia. Esses profissionais, por meio de sua expertise e experiência no campo educacional, contribuíram com sugestões, ajustes e aprimoramentos, permitindo que as definições fossem revisadas com base em uma perspectiva mais ampla e aplicada. Esse processo colaborativo entre fontes bibliográficas consolidadas, metodologia de reelaboração e validação com especialistas proporcionou um resultado mais preciso e atualizado, assegurando que os termos em Língua Portuguesa fossem definidos de maneira rigorosa e alinhada às necessidades do ensino e da pesquisa pedagógica. Dessa forma, a metodologia adotada garantiu não apenas a qualidade das definições coletadas, mas também sua aplicabilidade no contexto educacional, contribuindo para o aprofundamento e a disseminação do conhecimento na área da Pedagogia.

5.7 Pesquisa a partir dos termos para a identificação de sinais-termo nas redes sociais disponíveis no país

A pesquisa é de 114 termos no GBP-PT/LSB, a partir dos termos para a identificação de sinais. Portanto, para não começar nova criação de sinais-termo e gerar outra lista enorme que poderia não ser usada ou criada a confusão sobre que sinal-termo usar em situações oficiais de aula, palestras etc., realizamos uma busca em redes sociais e dicionários dos termos criados e usados pela comunidade surda, principalmente pelo fato de, atualmente, ser comum encontrar em páginas de professores surdos ou de TILS vocabulários diversos de áreas especializadas ou não.

A busca resultou na coleta de 102 sinais-termo distribuídos em dicionários, como o de Capovilla, versão impressa, *Manuário*³⁶ de Língua de Sinais,

³⁶ Disponível em: <http://www.manuario.com.br/>

do Instituto nacional de Surdos-INES, do *Glossário de língua de sinais* da UFSC³⁷,¹⁵³ do aplicativo *Hand Talk*³⁸, disponível na *Play Store* do celular *Android*, em algumas páginas de glossários no Instagram, dentre outros. Apesar de não conseguir comprovar o nível de cientificidade na maioria das postagens, quanto a protocolos de criação e validação, é inegável que surdos, professores e TILS da LSB postam e consomem diariamente os sinais-termo listados nessas redes.

A verificação dos termos nas redes sociais permitiu encontrar várias instituições e grupos de estudos e pesquisa, que armazenam os sinais-termo por meio de catálogos em páginas de redes sociais, como o *youtube*, *Facebook* e/ou *Instagram*. São páginas acadêmicas ou de profissionais surdos e TILS que postam constantemente dicionários, glossários e sinalários de diversas áreas, com sinais-termo usados em distintas regiões do Brasil.

Com a ausência de materiais organizados de consulta, sempre houve um incômodo pessoal sobre a necessidade de construção de um dicionário para registro e vitalidade da língua.

Logo, optamos por apresentar, neste dicionário de Pedagogia, o usual, para o entendimento do conteúdo especializado com os sinais-termo, que deve ser validado e incluso em obras terminológicas, ao invés de criar outros sinais-termo e gerar uma miscelânea sinalizada sem a devida padronização científica.

Pela necessidade comunicacional em sala de aula, a tríade professora ouvinte, surdo e TILS criam sinais-termo sem existência de registro e sem processos formais de criação e de validação. Isso compreende a necessidade da elaboração, conforme a realidade mencionada por Castro Júnior (2011):

Muitos sinais são criados e produzidos em sala de aula, por exemplo, quando para uma palavra da Língua Portuguesa, não existe um sinal correspondente em LSB. Para isso um sinal é criado e não é disseminado, nem é reconhecido por uma instituição, com vistas a ser um sinal padrão (Castro Júnior, 2011, p.43).

O glossário GBP-PT/LSB é o primeiro no país, oriundo da coleta de sinais-termo, que, espalhados em várias plataformas, estão sendo reunidos em uma lista oficial validada nacionalmente pela comunidade surda brasileira, a fim de

³⁷ Disponível em: <https://glossario.libras.ufsc.br/glossario/letras-libras/>

³⁸ Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.handtalk>

uniformizar a comunicação científica na área da Pedagogia na academia junto a⁵⁴ uma outra lista com as variedades regionais. De fato, o intuito é mostrar a flexibilidade da língua e a necessidade da uniformização da comunicação científica em ambientes acadêmicos.

5.8 Sessões validação dos sinais-termo existentes com definição: o formal terminológico e o formal de registro

Os sinais-termo do GBP-PT/LSB são de pelo menos quatro tipos, criados e convencionados em rede social usados por surdos de diferentes regiões do Brasil. O primeiro são os sinais-termo criados e socializados em dicionários virtuais ou impressos, que são materiais de áreas diversas. Eles foram catalogados e estão organizados no dicionário de Pedagogia GBP (PT/LSB), como exemplo, política.

Figura 36: Política



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kZNjdzQUzKQ>

O segundo, os sinais-termo postados em páginas de rede social, mas que não são encontrados em dicionários, apesar de serem validados pela frequência de uso³⁹ por vários usuários da LSB como, exemplo, lúdico.

³⁹ **A Linguística de *Corpus* e as ferramentas de análise linguística** permitiram a criação de listas de palavras de uma língua, conforme a sua frequência. Tal recurso possibilitou que dicionários pudessem efetivamente compilar as palavras mais usadas de uma língua ou da linguagem especializada de uma área específica (Castro Junior, 2011, p. 113).

Figura 37: Lúdico

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=N1V-zHKBZO8>

O terceiro, sinais-termo são os criados e convencionados, que têm baixa ocorrência. Encontram-se em uma única página em rede social. Estão registrados no GBP-PT/LSB, porém será necessário a sua validação com o grupo de especialistas da área, para sua manutenção ou não. Como exemplo, taxonomia:

Figura 38: Corporeidade

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WOMcdHLVGPo>

O quarto, são os sinais-termo no GBP-PT/LSB. São os inexistentes, isto é, aqueles que não apresentam ocorrência de registro em rede social, sites e/ou dicionários, totalizando 8 (oito) sinais-termo. Nesse caso, será disponibilizado o vídeo com a definição do termo em LSB. Solicitei que os especialistas sugiram 3 (três) opções de sinal-termo ou, caso tenham alguma opção usada em sua região,

que socializem com o grupo para que entre na enquete do mais votado, assim será⁵⁶ o de uso formal e os outros menos votados para o registro de suas variantes. Cada enquete durará 24h e serão prorrogadas, em caso de inconsistências, dúvidas e esclarecimentos por mais, no máximo, 24h.

O Sistema de validação é composto de questionário virtual, via *WhatsApp*, para o grupo de 05 especialistas, correspondente a cada região brasileira. Obedeceu a seguinte metodologia: enviei o questionário no *google forms*⁴⁰ com os vídeos com os sinais-termo e suas definições. Perguntas como se conhecem aquele ou outro sinal-termo, se deve manter a convenção, e se podem sugerir outro sinal-termo para definir o termo em LP na LSB.

Figura 39: Validação dos Sinais-termo



Sinal-termo SINCRETISMO
Definição: Fusão de doutrinas religiosas distintas com elementos diversos de conhecimentos filosóficos, culturas diversas, oriundos de vários sistemas sociais.

Validação (concordo com o sinal)

Não validar (não concordo com o sinal)

Envio de sinal-termo

ME ENVIE OUTRO SINAL
LIBRAS Sinais-termo

The image shows a Google Form interface. At the top, it displays the term 'Sinal-termo SINCRETISMO' and its definition: 'Fusão de doutrinas religiosas distintas com elementos diversos de conhecimentos filosóficos, culturas diversas, oriundos de vários sistemas sociais.' Below this, there are two radio button options: 'Validar (concordo com o sinal)' and 'Não validar (não concordo com o sinal)'. A horizontal line separates this section from the next. The second section is titled 'Envio de sinal-termo' and features a video player. The video thumbnail shows a person holding a red play button icon, with the text 'ME ENVIE OUTRO SINAL' and 'LIBRAS Sinais-termo' overlaid on the image.

⁴⁰ Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1Zz2T0o7ZxIVBaSMCcV4bvJhuKOt4I7CyLN0fJWS76dU/preview/Response>

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 - inútil, 2- pouco útil, 3- útil, 4- muito útil e 5- extremamente útil, como você considera esse glossário para os usuários surdos(as) e ouvintes usuáries e não-usuáries de LSB?

1 2 3 4 5

Obrigado(a), pela contribuição! +
 Anexar aqui a carta assinada

Faculdade de 1 arquivo adjunto PDF. O tamanho máximo é de 10 MB.

[+ Adicionar arquivos](#)

Fonte: Elaborada pela Autora

As perguntas do questionário foram baseadas em Barros (2004, p. 197). Na parte inicial, solicitamos que algumas informações pessoais fossem preenchidas, a título de registro. Somente em seguida apresentamos as perguntas. Observe as perguntas aplicadas: O questionário *on-line*, em Língua Portuguesa e em Libras, com perguntas abertas e de múltipla escolha, quer investigar se os especialistas responderam. Diante disso, é realizada a análise final de forma qualitativa da relevância do produto socioterminológico.

5.9 Filmagem dos sinais-termo e definições

As filmagens ocorreram no estúdio caseiro, com plano de fundo verde, tripé e câmera fotográfica semiprofissional.

Figura 40: Estúdio de filmagem



Fonte: Elaborada pela Autora

O espaço de filmagem foi um estúdio caseiro, equipado com um tripé e um fundo de tecido croma verde suspenso em um suporte de fundo infinito. A sequência foi cuidadosamente planejada e roteirizada em texto, sendo posteriormente reorganizada em um áudio *off* para guiar a filmagem realizada em Língua de Sinais Brasileira (LSB). Essa estrutura proporcionou uma organização eficiente entre os elementos visuais e o roteiro, garantindo que a entrega fluida fosse alinhada aos objetivos da produção do glossário bilingue.

5.10 Macroestrutura e microestrutura do GBP – PT/LSB

A macroestrutura refere-se ao conjunto de critérios e a organização geral dos termos, que serão apresentados no glossário. Esses critérios incluem a definição do número de entradas, a ordem de apresentação, a inclusão de sinônimos ou variantes e a categorização dos termos por áreas de conhecimento. A macroestrutura define o "esqueleto" do glossário, estabelecendo as diretrizes para a escolha e a disposição das unidades terminológicas, com o objetivo de facilitar a consulta e o entendimento por parte dos usuários.

Demonstrada no quadro 6, a estrutura do dicionário GBP–PT/LSB apresenta termo e definições em duas línguas, quais sejam, português escrito e Língua Brasileira de Sinais em vídeo. O *APP* está organizado para a rápida consulta. Na capa do GBP-PT/LSB (Figura 30), há dois botões de acesso às interfaces. A primeira é um catálogo de publicações: sites, dissertações e teses; na segunda, está o dicionário de Pedagogia.



Fonte: Autora

No glossário, as entradas são alfabéticas, conforme a Figura 31. Este modelo é definido como um “repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência” (Faulstich, 1995, p. 16).

Figura 42: Macroestrutura Lista alfabética



Fonte: Elaborado pela autora.

Organizar a macroestrutura de forma clara e acessível as informações contidas no glossário asseguram que os termos sejam facilmente encontrados e compreendidos. Isso implica na definição de regras sobre como os termos são inseridos, como suas definições são apresentadas e que tipos de informações complementares (como exemplos de uso, de traduções ou de contextos específicos) serão incluídos. A boa organização da macroestrutura melhora a navegabilidade do glossário, permitindo uma consulta eficiente, principalmente em contextos técnicos e especializados.

Na figura 32, observa-se a entrada do *APP* com o sinal-termo e com a definição abaixo. Inicia com o termo e a definição em PT. O segundo item é o sinal-termo e o terceiro é a definição em LSB.

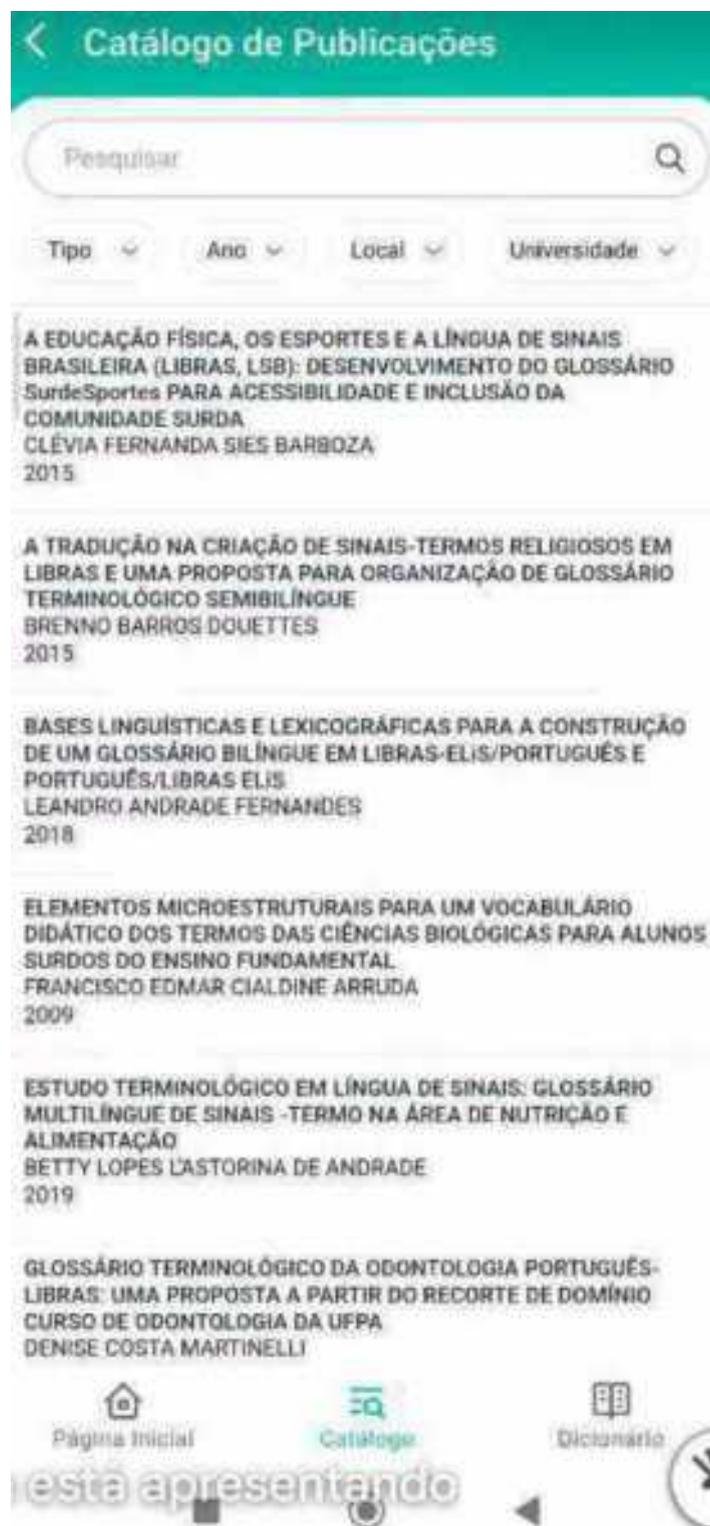
Figura 43: Macroestrutura Entrada



Fonte: Elaborado pela autora.

Na interface do catálogo de publicações (Figura 33), há uma lista das 61 publicações disponíveis no Brasil sobre Terminologia, que produziram dicionários, glossários e enciclopédias.

Figura 44: Macroestrutura Catálogo de Publicações

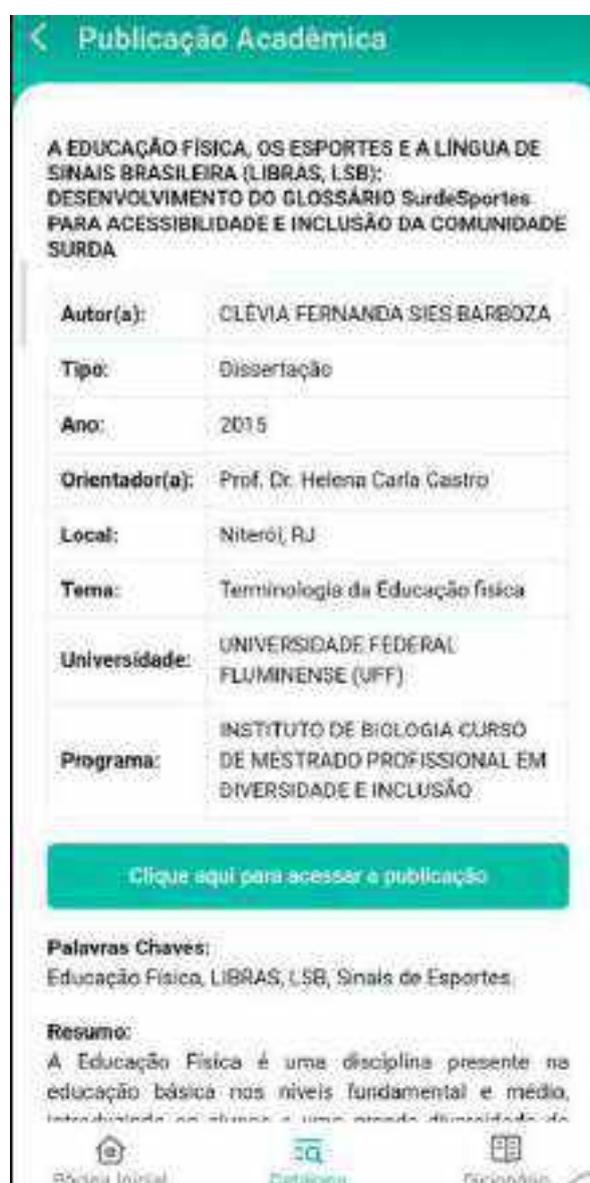


Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 34 mostra o acesso à publicação, que apresenta informações sobre ela como autor, tipo, ano, orientador, local, tema, universidade. O botão no meio da página disponibiliza o *link* de acesso à publicação completa. Posteriormente ao botão, foram acrescentadas as palavras-chave e o resumo informado pelo autor na pesquisa.

Ainda nesta figura, na barra superior, estão as abas de filtros: tipo de publicação, ano, local e universidade. Na barra inferior, estão os ícones de *casa* para retornar à página inicial; *lupa*, para fazer busca no catálogo; e de *livro aberto*, para acessar o dicionário.

Figura 45: Macroestrutura Ficha Completa da Publicação



Fonte: Elaborado pela autora.

A elaboração do modelo digital do aplicativo do glossário bilíngue de Pedagogia GBP-PT/LSB possui singularidade, por ser o primeiro com as duas línguas PT/LSB na área. Por seguir o pressuposto teórico da Socioterminologia, o registro dos sinais-termo apresenta um formal e um ou mais de registro social.

A FT organiza o termo. Além disso, a partir dela, é possível definir a microestrutura do dicionário, conforme o modelo na Figura 46:

Figura 46: Microestrutura DBP - LSB

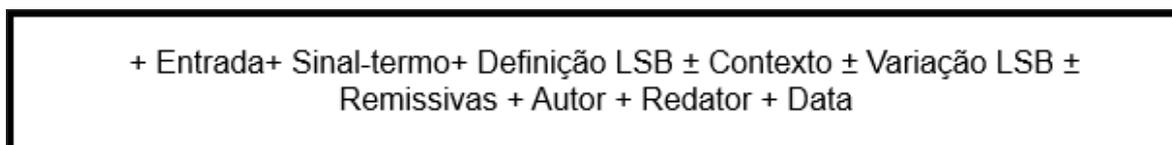
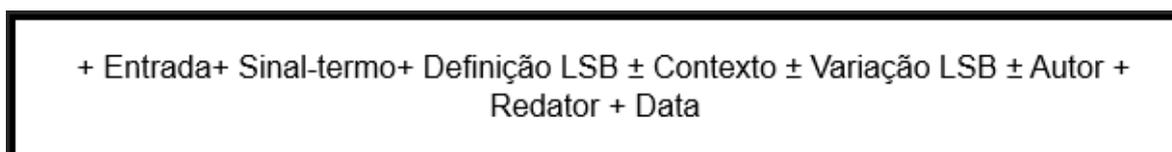


Figura 47: Microestrutura DBP - PT

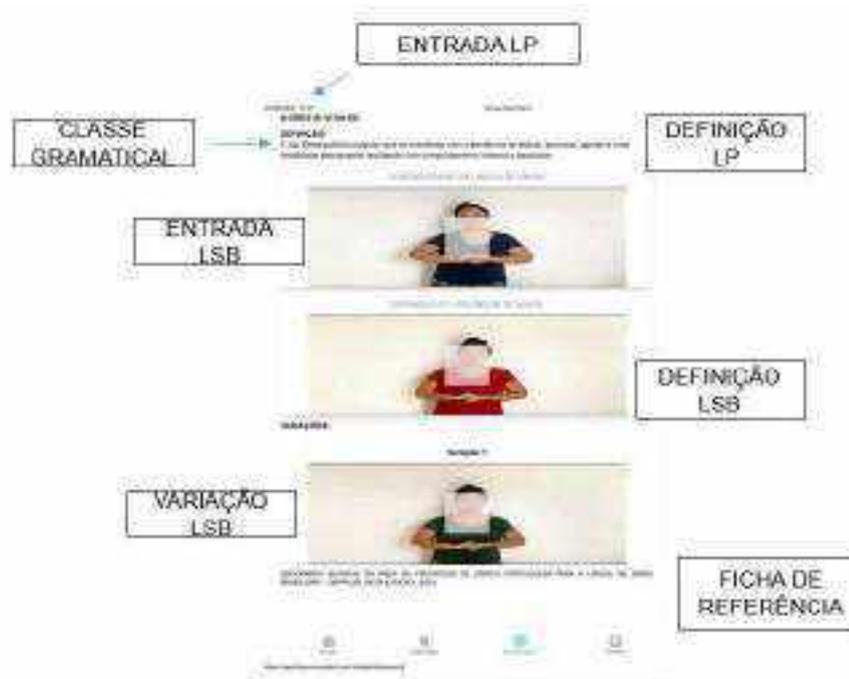


Fonte: Modelo adaptado de Nascimento (2016).

O glossário é composto de entrada em LSB e em PT no centro na parte superior da página do *APP*, divisão silábica, classe gramatical, definição em Língua portuguesa, sinal – termo LSB, definição em LSB, variação, remissiva, autor, redator e data. Os aspectos principais do glossário é o registro, a definição, o sinal-termo e as variações. Por isso, não consideramos necessário acrescentar imagens relacionadas ao termo, *signwriting*.

As entradas no glossário dentro da estrutura do *APP* são como a demonstrada na figura 34.

Figura 48: Microestrutura do Glossário



Fonte: Elaborado pela autora.

A microestrutura de um glossário refere-se à organização interna de cada entrada de termo, ou seja, como as informações relacionadas a cada termo são apresentadas. Isso inclui o termo principal, sua definição, as categorias gramaticais, os sinônimos, os exemplos de uso, os equivalentes em outras línguas, as informações contextuais e, em alguns casos, o uso em diferentes áreas do conhecimento. A microestrutura é essencial para fornecer uma descrição detalhada e funcional dos termos, garantindo que os usuários possam entender claramente o significado, o uso e a aplicação do termo.

A microestrutura está organizada em uma perspectiva bilíngue. Cada entrada inicia com a Língua portuguesa: o termo, a classe gramatical e a definição. Logo, o sinal-termo, a definição e a variação em LSB.

Acrescento que para efeito estético e recurso visual de delimitação de item, cada vídeo em categoria é feito com uma cor de camisa diferente. As cores foram convencionadas assim: entrada de camisa preta, definição de camisa vermelha e variação de camisa verde. Em todas as entradas, o último item é a ficha

de referência que, embora seja a mesma para todos, mesmo assim está presente em todos.

Figura 49: Microestrutura e cores



Fonte: Elaborado pela autora.

O uso de camisas específicas, ao organizar um glossário em LSB, é uma prática essencial para facilitar a compreensão e o aprendizado. A criação dessa definição de núcleos ajudam a diferenciar facilmente quem está sinalizando, permitindo que cada item seja rapidamente reconhecido, o que melhora a concentração e o foco nas explicações. Além disso, essa distinção visual contribui para que os aprendizes identifiquem rapidamente o significado dos sinais-termo. Assim, as camisas de cores específicas, para cada item do glossário, tornam-se uma ferramenta pedagógica prática e eficaz, promovendo clareza e organização.

O glossário usa o registro de definições PT e LSB, ou seja, não pode ser definido como um sinalário⁴¹, por se tratar de uma obra com definição de conceitos que esclarecem os termos e sinais-termo reunidos em um único material de consulta. Trata-se de uma coleta minuciosa e do estudo de toda a produção da área da Pedagogia disponível, que estava espalhada em glossários, dicionários de outras áreas e nas redes sociais.

Consideramos que o glossário bilíngue da área da Pedagogia da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira–GBP (PT/LSB) é inovador, pois

⁴¹ Sinalário é o conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais (Stumpf, 2005).

organiza dados de uma área especializada (a Pedagogia) em um glossário⁶⁶ disponível na loja de aplicativos do sistema *android*. Pela *Play Store* de *smartphones*, cria uma segunda interface com um catálogo de publicações na área da terminologia em LSB e por adotar um critério diferencial, que diz respeito à seleção dos especialistas envolvidos na validação dos sinais-termo. Ao invés de selecionar pesquisadores de uma mesma região, convida pesquisadores de todo Brasil para o tornar abrangente para o uso. Sem excluir sinais-termo, pois utilizamos o pressuposto teórico da Socioterminologia com a definição de um sinal-termo formal para uso em eventos, aulas ou outras situações públicas, com a possibilidade de reunir usuários da LSB de diversas regiões, uniformizando a comunicação científica dessa língua, bem como promovendo o registro de variantes de uso social. A seção seis, que segue, demonstra os resultados obtidos na pesquisa.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No âmbito desta tese, elegeu-se o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), especificamente o eixo de núcleo do aprofundamento, que aborda a dimensão de formação em fundamentos teóricos e práticos da docência e a dimensão de formação de fundamentos teóricos e práticos da docência.

A proposta curricular contempla disciplinas e termos focais que promovem uma formação integral e contextualizada para os futuros docentes. Busca assegurar que os discentes não apenas compreendam os fundamentos da educação, mas também desenvolvam habilidades práticas e reflexivas que lhes permitam atuar de maneira eficaz em diferentes espaços pedagógicos. A interdisciplinaridade na Pedagogia fica evidente no eixo e a dimensão selecionada para composição do glossário, característica essencial para integrar os conhecimentos e promover uma formação ampla.

A sessão apresenta a análise linguística dos sinais-termo do glossário, destacando suas configurações de mãos, pontos de articulação, movimentos e expressões faciais. Essa abordagem busca compreender os aspectos semânticos, pragmáticos e culturais envolvidos na construção e no uso desses termos sinalizados, contribuindo para a sistematização e o enriquecimento da Libras em contextos acadêmicos e profissionais.

6.2 Sinais-termo convencionados com especialistas surdos:

Na LSB, é comum que certos termos ou personalidades sejam criados no contexto comunicativo cotidiano, mas não recebam registro formal em materiais oficiais ou acadêmicos, o que pode gerar lacunas na padronização e na divulgação desses sinais.

O glossário de Pedagogia é uma lista de 114. O glossário foi estruturado em quatro categorias de análise, abrangendo: 1. Sinais-termo dicionarizados; 2. Sinais-termo com frequência de uso; 3. Sinal-termo sem convenção; e os 4. Sinais-termo com uma única convenção.

Os sinais-termo da 1 e 2 categorias de análise foram coletados e registrados sem a necessidade de avaliação por especialistas surdos, ao considerar que possuem ampla aceitação e legitimidade dentro da comunidade surda nacional. Essa abordagem visa garantir a representatividade e a funcionalidade dos termos para os usuários.

A lista dos termos já dicionarizados é composta por sinais amplamente reconhecidos e utilizados na comunidade surda nacional. Esses sinais possuem registro oficial, garantindo sua legitimidade e padronização para uso acadêmico e comunicativo.

Na categoria 1, os dicionarizados são (37) trinta e sete sinais-termo. Amplamente reconhecidos e utilizados na comunidade surda nacional. Esses sinais possuem registro oficial, garantindo sua legitimidade e padronização para uso acadêmico e comunicativo.

Figura 50: Quadro 1 – Termos Dicionarizados

1.	Pedagogia;	2.	Psicologia;	3.	Português;	4.	Matemática;	5.	Geografia;
6.	História;	7.	Vírus;	8.	Língua;	9.	Cultura;	10.	Política
11.	Educação Física;	12.	Filosofia;	13.	Coordenador;	14.	Seminário		
15.	Weber;	16.	Freud;	17.	Pestalozzi;	18.	Rousseau;	19.	Freire
20.	Piaget;	21.	Vygotsky;	22.	Ensino;	23.	Educação;	24.	Jovem
25.	Teoria;	26.	Didática;	27.	Brincar;	28.	Natureza;	29.	Legislação
30.	Questionário;	31.	Semestre;	32.	Docente;	33.	Autor;	34.	Linguagem;
35.	Libras;	36.	Língua de Sinais;	37.	Língua Materna.				

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos sinais-termo relacionados à 2 categoria de análise, a frequência de uso foi catalogada (61) sessenta e um Csinais-termo. A Linguística de Corpus e as ferramentas de análise linguística permitiram a criação de listas de palavras de uma língua, conforme a sua frequência. Tal recurso possibilitou que dicionários pudessem efetivamente compilar as palavras mais usadas de uma língua ou da linguagem especializada de uma área específica (Castro Junior, 2011, p. 113), que abrange os termos:

Figura 51: Quadro 2 – Termos Frequência De Uso

1.	Abordagem qualitativa;	2.	Abordagem quantitativa;	3.	Tutor;	4.	Atividade complementar;
5.	Racismo;	6.	Ambiente de aprendizagem;	7.	Quadros, Ronice		
8.	Karnopp, Lodennir;	9.	Método;	10.	Metodologia;	11.	Objetivo geral
12.	Objetivo específico;	13.	Multidisciplinar;	14.	Gestão;	15.	Gestor;
16.	Jogo						
17.	Letramento;	18.	Socialização;	19.	Alfabetização;	20.	Planejamento
21.	Projeto;	22.	Pedagogo;	23.	Norma social;	24.	Tecnologia educacional
25.	Criatividade;	26.	Conhecimento;	27.	Infantil;	28.	Educação infantil

29. Lúdico; 30. Formação; 31. Seminário; 32. Didática; 33. Projeto pedagógico; 34. EAD; 35. Adolescência; 36. Afetividade; 37. Agressividade; 38. Cognitivo; 39. Conceito; 40. Conteúdo; 41. Coordenador; 42. Corporeidade; 43. Cultura; 44. Currículo; 45. Teoria; 46. Superdotado; 47. Psicologia da aprendizagem; 48. Psicopedagogia; 49. Psicomotricidade; 50. Educação de jovens e adultos; 51. Epistemologia; 52. Dinâmica; 53. Hipótese; 54. Ideologia; 55. Inato; 56. Pesquisa empírica experimental ;57. Disciplina; 58. Educação especial; 59. Educação étnico-racial; 60. Xenofobia; 61. Taxonomia.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na 3 Categoria de análise, identifiquei (07) sete convenções sinalizadas: educacional, pesquisa participante, etnográfica, documental, ação, Perrenoud Phillipe, David Ausubel, zonas erógenas. Embora amplamente utilizadas por professores e intérpretes em contextos educacionais, ainda não foram oficialmente catalogadas ou registradas em dicionários ou bancos de dados de sinais. Essas convenções, muitas vezes nascem de necessidades locais, adaptações contextuais ou interpretações específicas de conceitos pedagógicos, demonstrando flexibilidade e criatividade inerentes à LSB.

Contudo, a ausência de registro formal pode dificultar o acesso de novos usuários ou estudiosos da língua a esses sinais, comprometendo a uniformidade na comunicação e na inclusão. Assim, a sistematização e a documentação dessas criações são desafios importantes, tanto para a preservação cultural quanto para a expansão do uso da LSB em contexto acadêmico.

Nessa perspectiva, apresento o sinal-termo do teórico David Ausubel, um renomado estudioso e pesquisador na área da Pedagogia, cuja contribuição é exclusivamente reconhecida por suas teorias sobre aprendizagem significativa. Apesar de sua relevância no campo educacional e de ser frequentemente citado em contextos acadêmicos e profissionais, não possuía o sinal-termo do representante na LSB, até então. Qualquer registro formal em dicionários, glossários ou mesmo em redes sociais era externo à comunidade surda.

Essa ausência reflete uma lacuna importante em documentos de conceitos e personalidades acadêmicas, especialmente aqueles de impacto internacional, dentro da LSB. A inexistência de um registro padronizado pode dificultar a comunicação e a disseminação de suas ideias entre os usuários da língua, evidenciando a necessidade de

um esforço coletivo para identificar, registrar e difundir sinais que representem o desenvolvimento de teóricos fundamentais.

Figura 52: Quadro 3 – Sinal –Termo Teoria

TERMO		SINAL-TERMO
DAVID AUSUBEL		

Fonte: Elaborado pela autora.

Convencionar o sinal-termo para instituições e pessoas é uma prática essencial na LSB, pois facilita a compreensão dos interlocutores e contribui significativamente para a fluidez do discurso em diferentes contextos comunicativos. Sem essa padronização, seria necessário recorrer à soletração datilológica, um processo mais lento e, muitas vezes, menos eficaz, especialmente em situações em que a comunicação precisa ser ágil, como em palestras, aulas ou debates.

Na 4 Categoria de análise, foi registrado os sinais-termo: taxonomia, corporeidade, xenofobia, utopia, pedagógico, Pedagogia em ambiente não escolar, dialética, motricidade, sincretismo, transdisciplinaridade, transversalidade, que possuem apenas uma convenção. O que levanta questionamentos sobre a existência de outras sinalizações em diferentes regiões do país. Assim, a presença de apenas uma convenção para determinados sinais-termo pode indicar tanto uma padronização limitada quanto à ausência de um levantamento mais amplo e representativo.

A LSB, enquanto língua visual e espacial, reflete a riqueza das diversidades culturais e sociais das comunidades surdas, manifestando-se em variações regionais marcantes. Essa pluralidade ocorre, em parte, porque grupos regionais frequentemente se reúnem para criar léxicos e termos sinalizados, sem articulação com outros grupos, o que pode gerar múltiplas sinalizações para um mesmo termo, até mesmo dentro de uma mesma região. Essa dinâmica evidencia a necessidade de maior diálogo e padronização para facilitar a comunicação e a compreensão em contextos mais amplos.

Essas situações despertam a necessidade de investigações que mapeiem possíveis variações regionais e avaliem se a uniformidade desses sinais é resultado de

um consenso ou de uma invisibilidade de práticas locais. Ampliar o repertório de convenções no glossário é essencial para garantir a pluralidade linguística.

Figura 53: Quadro 4 – Sinal –Termo Teoria

TERMO	SINAL-TERMO
CORPORIEDADE	

Fonte: Elaborado pela autora.

O sinal-termo corporeidade⁴² foi identificado exclusivamente no glossário da Universidade Federal do Pará (UFPA), disponível em uma página na rede social *YouTube*. Sua construção utiliza a composição do classificador manual <CL<peessoa de pé> com os dedos polegar, indicador e médio estendidos, associado ao movimento representando "habilidade", realizado à frente do classificador>.

A datilologia pode causar barreiras de entendimento para aqueles que ainda não dominam completamente o manual do alfabeto, dificultando o acesso à informação e a participação em diálogos complexos. Por outro lado, a criação de sinais-termo específicos para instituições e personalidades reflete o compromisso da comunidade surda e dos estudiosos da língua, principalmente em garantir que ela continue evoluindo de forma a atender às demandas de seus usuários.

Para nomes próprios, é comum e natural o uso da iconicidade como recurso principal para a convenção sinalizada, aproveitando características visuais marcantes ou traços distintivos da pessoa em questão. Essa prática baseia-se em elementos perceptíveis, como uma característica física evidente, seja um formato de cabelo, um tipo de óculos, um movimento típico, ou até mesmo expressões faciais frequentemente associadas a pessoas.

A iconicidade desempenha um papel fundamental nesse processo, pois permite que o sinal criado seja facilmente reconhecido e associado à pessoa representada, promovendo maior clareza e eficiência na comunicação. Além disso, essa

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WOMcdHLVGPo>

abordagem torna o uso do sinal mais prático, eliminando a necessidade de soletração datilológica, que compromete o discurso.

Outro item avaliado pelos especialistas foi a presença de sinais-termo com ocorrência única, ou seja, sinais que aparecem isoladamente, sendo utilizados apenas uma vez em conteúdos publicados em redes sociais. É significativo, pois destaca tanto o dinamismo quanto os desafios de expansão e de padronização da LSB no ambiente digital. A utilização desses sinais-termo de forma esporádica pode ocorrer devido à criatividade espontânea dos usuários, ao se depararem com a necessidade de representar novos conceitos, nomes ou expressões.

Contudo, a falta de reprodução ou consenso em seu uso dificulta que esses sinais sejam reconhecidos, aceitos ou incorporados ao vocabulário mais amplo da língua. Além disso, a circulação restrita em plataformas digitais pode limitar seu significado, tornando difícil para outros usuários acessarem ou entenderem os sinais fora de seu contexto original.

Os especialistas têm um papel fundamental no processo de identificar, avaliar, validar e registrar os sinais-termo e suas possíveis variações, contribuindo diretamente para que a LSB continue a se desenvolver de forma sistemática e estruturada.

Esse trabalho é especialmente relevante em um cenário contemporâneo, no qual as redes sociais assumem um papel crescente como meio de comunicação, troca de informações e criação de novos sinais-termo. A atuação desses profissionais garante não apenas a preservação da identidade linguística da comunidade surda, mas também promove a padronização necessária para o discurso acadêmico, permitindo que conceitos e teorias sejam apresentados de maneira clara, acessível e uniforme.

Além disso, ao documentar e validar sinais, os especialistas ajudam a evitar ambiguidades e promovem o reconhecimento formal desses termos em contextos educacionais, profissionais e científicos. Essa padronização é crucial para a difusão do conhecimento, especialmente no meio acadêmico, cuja a precisão terminológica é necessária.

Sem desconsiderar os sinais-termo que emergem do contato cotidiano e da criatividade linguística da comunidade surda, é fundamental reconhecer a importância desses elementos na construção e evolução da Língua. Assim, além do registro formal da terminologia acadêmica e técnica, essa pesquisa também se preocupa em zelar pelo registro socioterminológico, que abrange as variações regionais e contextuais identificadas durante as pesquisas de campo no âmbito nacional. Essa abordagem é essencial, pois reflete a diversidade cultural e linguística presente nas diferentes comunidades surdas do Brasil, onde a criação de sinais-termo muitas vezes é influenciada

por fatores como localização geográfica, práticas culturais, ocupações e experiências locais.

Ao registrar essas variações, a pesquisa não apenas contribui para a preservação de um patrimônio linguístico rico e multifacetado, mas também promove o respeito à identidade de cada grupo. Essa abordagem equilibrada permite que a LSB continue a se expandir e se adaptar às demandas contemporâneas, sem perder sua conexão com as raízes sociais e culturais que a sustentam, garantindo que a língua atenda tanto aos padrões acadêmicos.

6.3 Sinais-termo com variação socioterminológica

A variação socioterminológica na LSB reflete a diversidade cultural, social e regional dos grupos que utilizam essa língua visual-espacial. Criados para expressar conceitos específicos de áreas técnicas, científicas ou acadêmicas, os sinais-termo não apenas acompanham o avanço das disciplinas, mas também se adaptam às particularidades dos contextos nos quais são usados. Segundo Faulstich (1995), a socioterminologia é: “disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social”. No caso da LSB, essa abordagem é particularmente relevante, pois permite que os conceitos especializados sejam adaptados às necessidades e à cultura da comunidade surda, promovendo uma terminologia inclusiva e acessível.

Essa variação surge a partir de fatores como localização geográfica, identidade cultural e a influência de diferentes comunidades surdas, que, muitas vezes, possuem interpretações e necessidades distintas para representar conceitos similares. Por exemplo, um mesmo termo pode ser sinalizado de formas variadas entre comunidades de diferentes estados, refletindo as práticas locais e as interações com instituições educacionais e científicas.

Além disso, as condições de acesso à educação bilíngue e os espaços de convivência surda impactam diretamente na padronização ou na criação de novos sinais, evidenciando que a LSB é dinâmica. Nesse processo, a relação entre surdos e ouvintes que participam da elaboração terminológica, bem como as discussões sobre a adequação semântica e cultural dos sinais criados, desempenham um papel crucial para garantir que a língua de sinais continue sendo uma expressão genuína da experiência surda para os diversos campos do conhecimento.

No Glossário de Pedagogia, a validação de vários termos ocorreu com base na frequência de uso observada entre os sujeitos. Durante o processo, em alguns casos, foi possível catalogar dois sinais diferentes para o mesmo conceito, distinguindo entre uma variação acadêmica e uma variação social. Para garantir essa classificação,

estipulou-se um critério de análise baseado na frequência com que cada termo era apresentado em vídeos registrados nas redes sociais.

O sinal mais utilizado foi eleito como a variação acadêmica, por representar um uso mais padronizado e comum no contexto educacional e técnico. Já o sinal com menor frequência de uso, em relação ao primeiro, foi considerado como a variação social, refletindo um emprego mais espontâneo e situacional entre os falantes da língua. Esse processo de validação não só contribuiu para a organização terminológica da Pedagogia na LSB.

Figura 54: Quadro 5 – Sinal –Termo Teoria

TERMO	Sinal-termo 1	Sinal-termo 2 (var)
TEORIA ⁴³		

Fonte: Elaborado pela autora.

No sinal "teoria", observa-se uma variação sutil, mas relevante, entre os contextos de uso técnico-científico e social, demonstrando como a Língua de Sinais Brasileira (LSB) se ajusta às diferentes demandas comunicativas. No uso técnico-científico, o sinal é realizado com a <palma da mão aberta, efetuando um movimento retilíneo que parte da fonte (região da cabeça) e segue para frente e para cima>, representando uma forma mais formal e frequentemente associada a contextos acadêmicos, educacionais e científicos.

Por outro lado, no uso social, a variação está na inserção da <configuração de mão em "T", que acompanha o mesmo movimento retilíneo da fonte para frente e para cima>. Essa modificação na configuração de mão adiciona uma camada simbólica que pode refletir práticas mais informais ou regionais entre os usuários da língua. Apesar de o movimento e a direção do sinal permanecerem iguais em ambos os casos, a diferença na configuração de mão ilustra a capacidade da LSB de diversificar sua expressão, conforme o contexto e a finalidade comunicativa. Embora aparentemente pequena, essa distinção carrega implicações importantes para a compreensão da variação linguística dentro da LSB.

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LamOv82kb0A&t=27s>

Alguns sinais-termo caem em desuso ao longo do tempo, quando novos sinais surgem. São propostos e, após debates na comunidade, alcançam uma boa aceitabilidade, sendo então adotados como padrão. Esse processo de substituição é natural, assim como as línguas orais. Diante disso, o processo está em constante evolução para atender às necessidades de clareza dos seus usuários.

Figura 55: Quadro 6 – sinal –termo semestre

TERMO	Sinal-termo 1	Sinal-termo 2 ⁴⁴
SEMESTRE		

Fonte: Elaborado pela autora.

Um exemplo disso é o sinal-termo "semestre", que anteriormente foi realizado pela composição do <número "6" + o movimento retilíneo em direção lateral>, representando o conceito de "metade do ano". Contudo, com o passar do tempo, foi introduzido um novo sinal, que passou a ser feito com <ambas as mãos em configuração do número 6, realizando um movimento circular alternado a frente do corpo>.

Essa modificação, além de ser visualmente mais intuitiva, conseguiu ser mais acessível por parte da comunidade surda, sendo agora amplamente utilizada em contextos educacionais e acadêmicos, complementando o sinal antigo. Esse fato evidencia a adaptabilidade da Língua de Sinais e a importância do consenso coletivo no fortalecimento de seu uso enquanto língua.

6.3.1 Sinais – termo com composição

A Composição, de acordo com Bybee (1985, p. 200), é o processo que assemelha características sintáticas e lexicais e permite combinações que possibilitam palavras previsíveis ou de reunião de significados com as partes do morfema.

O sistema de composição de sinais na LSB é um processo linguístico que permite a formação de novos sinais-termo, por meio da combinação de elementos

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/dCcaYLqtC0A>

básicos, tais como configurações de mão, movimentos, pontos de articulação, orientações de palma e expressões não-manuais. Esse sistema é fundamental para a riqueza e a flexibilidade da língua, permitindo que ela atenda às necessidades comunicativas de seus usuários.

No glossário, é possível encontrar algumas entradas que utilizam desse recurso como: Normas sociais e Tecnologia educacional.

Figura 56: Quadro 7 – Sinal –Termo Regra Social

TERMO	Sinal-termo 1 ⁴⁵
NORMA SOCIAL	

Fonte: Elaborado pela autora.

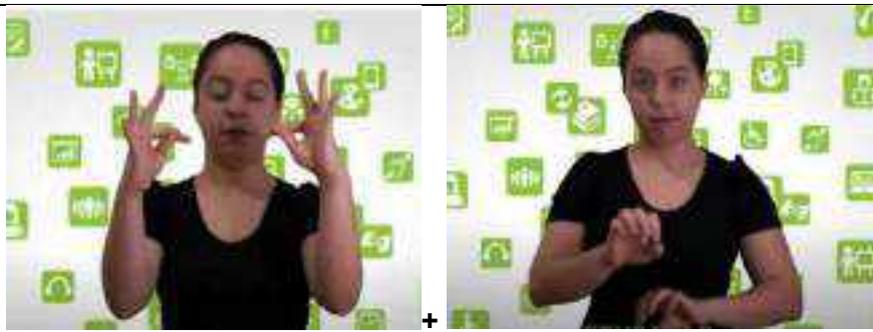
A composição para o termo norma social é a junção de regra + social, utilizando uma estrutura que um dos conceitos de maneira sequencial e contextualizada. Essa composição é comum para representar ideias específicas a partir de sinais básicos.

É importante pontuar que quando muitos sinais básicos são combinados para formar termos concretos e complexos, a composição pode se tornar difícil de compreender, especialmente para usuários com menos fluência na LSB, como crianças, iniciantes.

Na LSB, o termo tecnologia educacional pode ser representado pela composição dos sinais de tecnologia + educação. O Sinal de Tecnologia é representado por <movimentos que remetem a mecanismos, circuitos ou ferramentas tecnológicas. - Configurações de mão em: T com movimento sinuoso de baixo para cima>. Essa combinação segue a lógica de unir conceitos básicos para formar termos mais complexos.

Figura 57: Quadro 8 – Sinal –Termo Tecnologia Educacional

⁴⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/14T9YkerSe8/> / <https://www.youtube.com/shorts/MkfpdsURB80>

TERMO	Sinal-termo 1 ⁴⁶
TECNOLOGIA EDUCACIONAL	

Fonte: Elaborado pela autora.

O sinal-termo "tecnologia educacional" reflete a união de dois nomes próprios, "tecnologia" e "educação", que, quando combinados, formam um conceito específico, mas cujo significado pleno não é imediatamente evidente sem o conhecimento prévio das propriedades e funções de cada uma dessas áreas.

"Tecnologia", isoladamente, remete a um campo voltado para a criação, a aplicação e o desenvolvimento de ferramentas, processos e sistemas inovadores, enquanto "educação" se refere ao campo dedicado ao ensino, à aprendizagem e ao desenvolvimento do ser humano. Juntas, essas áreas originam um novo termo que transcende a mera soma de suas partes, descrevendo um domínio interdisciplinar que explora como: recursos tecnológicos, que podem ser utilizados de maneira estratégica e pedagógica para potencializar processos de ensino e aprendizagem.

No entanto, sem uma compreensão prévia de como cada área contribui para essa fusão, não é possível identificar que o termo representa uma interseção complexa. Isso por exigir tanto o entendimento técnico das ferramentas, quanto a sensibilidade pedagógica para aplicá-las.

Outro exemplo, reunindo duas outras áreas, é o sinal-termo "psicopedagogia", que resulta da união de Psicologia e Pedagogia. Ele carrega um significado profundo que transcende a mera combinação de duas palavras. Ele representa a confluência de duas áreas do conhecimento que, em seu entrelaçamento, originaram um campo interdisciplinar de carreiras para compreender e intervir nos processos de aprendizagem humana.

⁴⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hl_YqRYEsBI/ / <https://www.youtube.com/watch?v=beaUcelXZSs>

Figura 58: Quadro 9 – Sinal –Termo Psicopedagogia

TERMO	Sinal-termo 1 ⁴⁷
PSICOPEDAGOGIA	

Fonte: Elaborado pela autora.

Sem o devido conhecimento prévio sobre os fundamentos e a natureza de cada uma dessas disciplinas, torna-se difícil perceber que o termo vai além da justaposição dos seus elementos constitutivos. Essa fusão semântica não é evidente de forma intuitiva, pois os nomes próprios Psicologia e Pedagogia, isoladamente, remetem a campos distintos de atuação e pesquisa. Um está centrado nos aspectos comportamentais e emocionais do indivíduo, já o outro, dedicado às práticas e teorias de ensino. Assim, uma Psicopedagogia emerge como um novo horizonte conceitual que exige o reconhecimento prévio das bases epistemológicas de cada área, para que seu significado seja pleno, como a integração de saberes que culmina em um novo campo de atuação.

A LSB apresenta variações regionais específicas. A forma como sinais compostos são criados e usados pode variar de uma comunidade para outra. Isso pode gerar confusão e dificultar a padronização.

A declaração de “sinais básicos” nem sempre resulta em um significado claro ou universalmente aceito. Dependendo do contexto, um sinal composto pode ser interpretado de maneiras diferentes. A composição pode envolver frequentemente uma sequência de dois, três ou mais sinais, que pode tornar a comunicação mais lenta em comparação com palavras de línguas orais. Isso pode ser problemático em situações que exigem rapidez ou discursos longos.

Esses tipos de composição demonstram a flexibilidade da LSB em adaptar e criar termos e conceitos mais concretos e complexos, usando elementos já existentes. Quando utilizado no contexto educacional ou social, o sinal composto facilita a compreensão.

Ainda no campo da composição, destacam-se os sinais-termo que mudam ao

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jsi6xSz36lg>

longo do tempo devido à evolução natural da língua, às transformações culturais e tecnológicas, bem como às demandas comunicativas da comunidade surda. Assim como ocorre nas línguas orais, novos sinais surgem e outros podem se modificar ou cair em desuso. Essas transformações enriquecem a língua e se tornam mais adaptadas às necessidades atuais da comunidade surda. No entanto, elas também podem criar desafios, como a necessidade de aprendizado constante e a convivência de variações de sinais em diferentes gerações.

Figura 59: Quadro 10 – Sinal –Termo Educação De Jovens E Adultos

TERMO	Sinal-termo 1 ⁴⁸	Sinal –termo 2 ⁴⁹	Sinal –termo 3 ⁵⁰
Educação de jovens e adultos			

Fonte: Elaborado pela autora.

A evolução do sinal-termo Educação de Jovens e Adultos, inicialmente era formado pela combinação dos conceitos: "educação + jovem + adulto". Por ser composto de três palavras distintas e relativamente longas, o termo original apresentava uma complexidade que poderia dificultar sua aplicação em situações que exigem rapidez e eficiência, como debates e interações didáticas.

Posteriormente, foi convencionada a sigla EJA com soletração rítmica E+J+A. Reflete uma adaptação que possivelmente ocorreu em resposta à necessidade de maior agilidade nos processos de tradução e comunicação, especialmente em contextos em

⁴⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MX_mAVUzeBg

⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8e6gehl3jo>

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pJQdtf4StXE>

que a fluidez da transmissão da informação é crucial. A transformação para a sigla não apenas simplifica a união linguística, mas também oferece maior praticidade ao reduzir o esforço cognitivo envolvido na interpretação do termo, mantendo, contudo, sua essência e significado originais. Esse processo de condensação, comum em contextos educacionais e institucionais, demonstra como a economia linguística pode ser estratégica para facilitar a difusão de ideias.

O sinal-termo atualmente convencionado para representar a Educação de Jovens e Adultos em LSB reflete uma construção semântica visualmente clara e altamente significativa, utilizando classificadores que sintetizam os principais elementos do conceito. Esse sinal combina <o classificador CL < pessoa de pé >, representando genericamente a figura humana com o indicador esticado, acrescido do movimentos circular sobre o dedo indicador que adiciona o termo "adulto". Enquanto que o movimento na lateral do dedo indicador expressa a ideia de "jovem">, estabelecendo uma relação entre as fases da vida contempladas pelo público da EJA. Essa composição traduzida, de forma prática, a essência da proposta educacional voltada para essas duas categorias etárias, público dessa modalidade de ensino.

No sinal-termo "língua materna" passou por um processo de simplificação gradual. Ilustra claramente como os sinais evoluem para se tornarem mais simples e eficientes ao longo do tempo, sem perder o significado central. Inicialmente, esse termo era representado pela combinação de < língua + mãe >, o que enfatizava a ideia de que a língua materna é aquela aprendida naturalmente no convívio com a figura materna, geralmente no ambiente familiar.

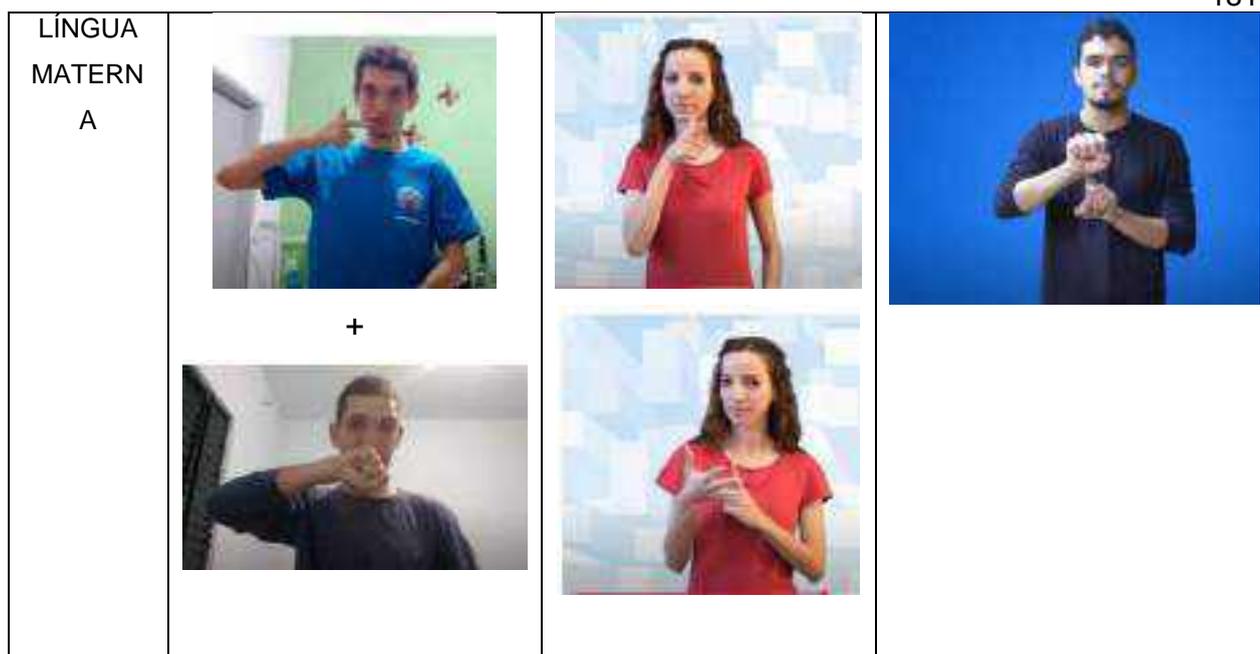
Figura 60: Quadro 11 – Sinal –Termo Língua Materna

TERMO	Sinal-termo 1 ⁵¹	Sinal –termo 2	Sinal –termo 3 ⁵²⁵³
-------	-----------------------------	----------------	--------------------------------

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhT4Y0UPL1g> / <https://www.youtube.com/watch?v=DhEripaqvNk>

⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIEIcZcJdpU>

⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QrFA0h3UMG0>



Fonte: Elaborado pela autora.

Com o passar do tempo, essa forma foi transformada em uma representação mais visual e icônica⁵⁴, unindo o sinal ,<língua+o classificador CL < pessoa de pé>, simbolizado pelo dedo indicador, em conjunto com uma mão flexionada que realiza um movimento de abrir e fechar, transmitindo de forma metafórica o conceito de "sugar" algo externo> . Essa imagem reforça a ideia de que a língua materna é assimilada de maneira natural e espontânea no processo de interação social. Atualmente, o sinal-termo foi ainda mais simplificado, removendo o elemento explícito de "língua" e mantendo apenas o <classificador CL <pessoa de pé> com o gesto de abrir e fechar da mão transmitindo de forma metafórica o conceito de "sugar" algo externo>, que por si só carrega o significado necessário. Essa transformação reflete a tendência das línguas de eliminar excessos para otimizar a comunicação, mantendo o claro e os esforços específicos, o que é essencial em uma língua visual como a LSB. Assim, o sinal evoluiu para um formato mais funcional, sem sacrificar a riqueza semântica, demonstrando a adaptabilidade e eficiência da língua.

6.4 Sinais termo com derivação

Na LSB, os sinais-termo que utilizam a base de um sinal existente para criar um novo evidenciam a dinâmica de formação lexical e a capacidade da língua de expandir seu vocabulário de forma criativa e eficiente.

Para Abreu, "a derivação é um processo morfológico que cria novos sinais a partir de afixação de morfemas a uma raiz" (2019, p. 80). Esse processo ocorre quando um léxico sinalizado já consolidado serve como ponto de partida para a criação de outro

⁵⁴ Para (Tuxi, 2017) as características do objeto ou sujeito, a imagem, forma é considerada para a convenção sinalizada.

sinal relacionado, por meio de modificações na configuração de mão, no movimento, na localização ou na incorporação de elementos adicionais, como expressões verbais ou marcadores contextuais.

Essa estratégia é amplamente utilizada em contextos acadêmicos, científicos ou técnicos, em que a necessidade de nomear novos conceitos exige soluções linguísticas que mantenham uma relação de significado com termos pré-existentes. Pode ser uma base para formar sinais com a adição de elementos que remetem às suas especificidades. Além disso, esse tipo de formação lexical facilita a memorização e o reconhecimento pelos usuários, pois a relação entre o sinal original e o derivado permite uma compreensão mais intuitiva. Esse mecanismo de derivação não apenas enriquece o vocabulário da LSB, mas também demonstra sua flexibilidade e capacidade de adaptação às novas demandas comunicativas, garantindo que a língua continue a atender às necessidades da comunidade surda.

No glossário de Pedagogia, é possível identificar exemplos de sistema de derivação que utilizam uma base lexical consolidada na LSB, evidenciando a criatividade linguística na formação de novos sinais. Um desses exemplos é o sinal-termo Lúdico, que deriva de sinal base brincar.

Figura 61: Quadro 12 – Sinal –Termo Lúdico

TERMO	Sinal-termo 1
LÚDICO ⁵⁵	

Fonte: Elaborado pela autora.

A criação do termo Lúdico utiliza a <configuração de mãos Y (mão direita) e L (mão esquerda), incorporando um movimento circular alternado entre o dedo mínimo e o polegar>, evocando o conceito de atividades relacionadas ao brincar com intencionalidade pedagógica. A escolha do movimento circular e das configurações de mão são estrategicamente articulados para transmitir a ideia de interação dinâmica do brincar, demonstrando a capacidade da LSB de criar sinais que sintetizam significados

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oFtP4Q8RfiU>

complexos.

Outro exemplo de derivação lexical na LSB, é o sinal-termo conhecimento, que tem como base o sinal conhecer. Essa derivação ocorre por meio de modificações que adicionam elementos semânticos, modificando o significado do sinal original em um conceito mais amplo e abstrato. Enquanto conhecer expressa a ideia de uma ação específica e momentânea de identificar ou se familiarizar com algo, o conhecimento amplia esse conceito, ao representar o resultado acumulado desse processo ou a noção geral de saber.

Figura 62: Quadro 13 – Sinal –Termo Conhecimento

TERMO	Sinal-termo
CONHECIMENTO. ⁵⁶	

Fonte: Elaborado pela autora.

A diferença entre o sinal base e o sinal derivado na LSB, é a reprodução da configuração de mãos enquanto os outros parâmetros, como ponto de articulação, movimento, orientação e direcionalidade, permanecem inalteradas, preservando a conexão semântica entre os dois. Essa mudança sutil na configuração das mãos é suficiente para gerar uma nova camada de significado, adaptando o sinal a um contexto mais específico ou ampliando sua aplicação sem romper completamente a relação com o termo original. No sinal-termo conhecimento, a configuração de mãos é ajustada para destacar o aspecto abstrato ou coletivo do conceito. Esse mecanismo demonstra a capacidade da LSB de criar novos sinais de maneira sistemática, aproveitando a estrutura já existente para economizar esforço cognitivo e facilitar a memorização pelos usuários, ao mesmo tempo que expande seu vocabulário de forma lógica e eficiente.

Apesar de conhecerem o conhecimento e compartilharem a mesma base prefixal, os sinais-termo divergem em suas aplicações e contextos de uso na LSB e na Língua Portuguesa, por possuírem sentidos distintos, refletindo a diferença entre uma ação pontual e um conceito abstrato. Na Língua Portuguesa (LP) e na Língua de Sinais

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9vvLoc5Buk>

Brasileira (LSB), encontramos casos em que termos com prefixos iguais, mas com significados e conceitos distintos, observações de sinais-termo específicos para evitar confusão contextual.

Um exemplo disso são os substantivos Pedagogia e pedagógico, que, apesar de compartilharem o mesmo prefixo, têm sentidos diferentes: Pedagogia refere-se ao campo de estudo e prática relacionados ao ensino e à educação, enquanto pedagógico se refere aquilo que diz respeito à didática e às práticas educacionais.

Figura 63: Quadro 14 – Sinais –Termo Pedagogia/ Pedagógico

TERMO PEDAGOGIA ⁵⁷	TERMO PEDAGÓGICO ⁵⁸
	

Fonte: Elaborado pela autora.

Um aspecto interessante sobre os sinais de Pedagogia e pedagógico na LSB é que, embora esses termos possuam significados diferentes, eles contêm semelhanças notáveis na sua estrutura, com a diferença principal sendo uma pequena mudança no ponto de articulação. Em ambos os casos, o <dedo médio de configuração "P">, mas o ponto de contato e o movimento são variados. No sinal de Pedagogia, o <dedo médio toca primeiro no cotovelo e se desloca em movimento semicircular até o antebraço>.

Já no sinal de pedagógico, <o toque do dedo médio ocorre no meio do antebraço e segue até o pulso>. Embora as configurações são a mesma, a diferença na trajetória do movimento permite que os dois termos sejam compreendidos de maneira precisa, sem que haja confusão de significados. Essa variação sutil no ponto de articulação demonstra como a Língua é capaz de distinguir conceitos relacionados.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnXXDV0zP0E>

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/lvWMJH2g-MwF>

6.5 Sinais-termo padronizados com o Letras Libras

A criação do curso de Letras-Libras EAD, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, representa um marco significativo na formação de profissionais capacitados para atuar na educação de surdos e na tradução e na interpretação da Língua Brasileira de Sinais. Este curso não apenas amplia o acesso à formação acadêmica para um público diversificado, mas também contribui de maneira decisiva para a criação e a padronização de sinais-termo na LSB. A formação oferecida permitiu que os estudantes adquirissem o conhecimento necessário para refletir sobre a construção de novos sinais, considerando a realidade vivenciada pela comunidade surda e a necessidade de uma comunicação clara e eficiente nas diversas áreas do saber.

Além disso, a padronização de termos técnicos e científicos, uma das principais contribuições do curso, garante que a LSB, seja gradativamente utilizada de maneira precisa e unificada, promovendo uma maior integração entre a educação formal e a comunidade surda, além de fortalecer a língua como um meio legítima e oficial de expressão no ambiente acadêmico e profissional. Ao longo do curso, a UFSC desempenhou um papel fundamental na construção de uma linguagem técnica acessível, que possibilita o avanço do conhecimento e a inclusão dos surdos na educação superior.

O sinal-termo Avaliação, anteriormente utilizado em Belém, era o mesmo que o usado para o termo Documento. Com o Letras/Libras, foi padronizado dois termos diferentes para os conceitos, atualizando e simplificando a comunicação em LSB, especialmente em contextos acadêmicos.

Figura 64: Quadro 15 – Sinal –Termo Documento/Avaliação.

TERMO	Sinal-termo documento ⁵⁹	Sinal –termo avaliação ⁶⁰
AVALIAÇÃO		

Fonte: Elaborado pela autora.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DtxfZwfbxs>

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DaNBCX3spSY>

O sinal-termo para Documento é realizado com os <dedos indicadores e mínimo esticados, executando um movimento retilíneo de cima para baixo, direcionado à mão de apoio, em posição de palma aberta que iconicamente simboliza uma folha de papel aberta>. Para Avaliação (prova), é realizado com <as palmas abertas, posicionadas de forma paralelamente, e um movimento sincrônico dos pulsos de cima para baixo>, o que transmite a ideia de uma ação de verificação ou exame, como a realização de uma prova. Essa convenção específica para cada um dos termos ajudou evitar ambiguidades na interpretação. Essa divisão entre os sinais-termos avaliação e documento foi essencial para superar a confusão de expressar dois sentidos distintos com o mesmo sinal.

A separação entre esses sinais possibilitou uma maior clareza na comunicação, garantindo que os usuários de LSB possam distinguir com facilidade entre um processo de avaliação acadêmica e um objeto físico, como um documento escrito. Esse avanço impulsionado pelo curso de Letras/Libras reflete a importância da educação linguística na organização e na adaptação da língua, para garantir uma comunicação mais precisa, eficiente e sem ambiguidades no contexto educacional e em outros campos de conhecimento. A adaptação e a evolução dos sinais com o tempo mostram a flexibilidade e a criatividade da língua, que se ajusta à realidade de seus usuários e às necessidades comunicativas do contexto.

A modalidade de distância do curso de Letras/Libras foi um fator decisivo para o impulso da criação de um sinal-termo mais refinado e preciso para representar a sigla EAD, buscando garantir uma comunicação mais clara e eficaz. Inicialmente, o sinal para Educação à distância era composto pela composição de educação + longe, refletindo a ideia de uma educação que ocorre à distância, embora essa junção pudesse não ser tão específico ou intuitivo para todos os usuários da língua.

Figura 65: Quadro 16 – Sinal –Termo Educação A Distância

TERMO	Sinal-termo 1 ⁶¹	Sinal –termo 2 ⁶²
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA.	 +	 +

⁶¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xL_RHsEUSfg

⁶² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ejdH_NTsq-4



Fonte: Elaborado pela autora

Para aprimorar essa expressão e torná-la mais condizente com o conceito de ensino a distância de forma mais clara, foi convencionado um novo sinal-termo: <ensino + o classificador <ver> , mãos paralelas que se distanciam sincronicamente, simbolizando a separação física entre os participantes>. Mantém-se uma conexão entre eles através do ensino mediado, como é específico no formato a distância.

Esse sinal transmite a ideia de um processo educacional que, embora não ocorra presencialmente, mantém sua essência de troca de conhecimento e interação, agora mediada por plataformas digitais. A adaptação do sinal para a modalidade EAD foi fundamental para melhorar a compreensão desse novo formato de ensino, tornando-o mais intuitivo e diretamente relacionado à experiência do aluno e do professor, que interagem a distância, mas de maneira conectada. Essa evolução também ilustra como a LSB se adapta às novas realidades e necessidades da sociedade, criando termos sinalizados mais precisos e eficaz para comunicar conceitos contemporâneos, como o ensino o distância.

6.6 Reformulação das definições

As definições do glossário de Pedagogia foram reformuladas, no primeiro momento, com base no modelo proposto por Finatto (2011), redefinindo e sintetizando o sentido dos termos de maneira mais clara e acessível. Esse modelo enfatiza a importância da precisão terminológica e da objetividade na construção de definições, de modo a facilitar a compreensão dos conceitos pelos usuários, sejam eles estudantes, professores ou pesquisadores. Na reformulação, priorizou-se a utilização de linguagem simples e direta, evitando ambiguidades e explicando os termos de forma concisa, sem perder a profundidade conceitual necessária ao contexto acadêmico e pedagógico.

Além disso, o modelo de Finatto orienta para uma abordagem descritiva, que considera o uso real dos termos no cotidiano das práticas pedagógicas, garantindo que as definições reflitam de forma fiel e prática os significados atribuídos pelos profissionais da área. Esse processo de reestruturação não apenas promoveu maior clareza e

uniformidade no glossário, mas também contribuiu para tornar os termos mais acessíveis e úteis em diferentes contextos educacionais.

Na reelaboração dos termos do glossário de Pedagogia, o segundo momento envolveu uma análise criteriosa realizada por especialistas em Pedagogia, cujo objetivo foi garantir que as definições fossem não apenas precisas, mas também contextualizadas e homologadas às práticas contemporâneas da área educacional. Esses especialistas, com sua experiência e formação, avaliaram os termos com um olhar atento às nuances do campo pedagógico, proporcionando ajustes que contribuíram para a clareza e a adequação conceitual.

Menciono a definição original do termo "Educação Física", que foi considerada por um especialista como simplista, conformista e positivista, pois reduzia a compreensão da disciplina a uma visão restrita, focada unicamente em aspectos físicos e no desenvolvimento de habilidades motoras, sem levar em conta suas dimensões sociais e culturais mais amplas.

Figura 66: Quadro 17 – Termo Educação Física

TERMO	DEFINIÇÃO REFORMULADA 1	DEFINIÇÃO REFORMULADA 2
EDUCAÇÃO FÍSICA	Disciplina que promove o desenvolvimento harmonioso do corpo humano por formar hábitos e atitudes sobre higiene corporal e mental através de exercícios, esporte e jogos	Disciplina que tem como forma de expressão as atividades corporais, como jogo, esporte, lutas e ginástica. Área do conhecimento chamada de cultura corporal.

Fonte: Elaborado pela autora.

A retirada das expressões "hábitos e atitudes sobre higiene corporal e mental" do texto evidencia a associação com a tendência higienista, que historicamente esteve vinculada ao controle disciplinar dos corpos e ao ideal de adestramento humano. Tal perspectiva, originada no período nazista, remete à valorização de uma seleção natural perversa, na qual o cuidado com o corpo era instrumentalizado como forma de controle social e exclusão. O especialista destacou que esta abordagem não reflete a complexidade da área na contemporaneidade, que envolve também a formação crítica do indivíduo e a promoção de um entendimento mais profundo sobre o corpo e suas expressões.

Após suas considerações e sugestões, a definição foi revisada e enriquecida, incorporando conceitos como "expressão" e "cultura corporal". A inclusão desses termos ampliou a perspectiva sobre a Educação Física, destacando sua relevância não apenas como prática de atividades físicas, mas como uma manifestação cultural e uma forma de expressão individual e coletiva. Esses elementos reforçam a ideia de que a Educação Física é um campo educativo que contribui para o desenvolvimento integral do ser humano, abordando aspectos físicos, emocionais e culturais. Permite também uma compreensão mais holística da disciplina. Assim, a definição passou a refletir uma visão mais contemporânea e abrangente, alinhada com as novas abordagens pedagógicas que apoiam a importância da diversidade e da cultura no processo de ensino-aprendizagem.

Figura 67: Quadro 18 – Termo Geografia

TERMO	DEFINIÇÃO REFORMULADA 1	DEFINIÇÃO REFORMULADA 2
GEOGRAFIA.	Ciência que faz a descrição detalhada da superfície da terra seu conjunto de características físicas: acidentes físicos, clima, produção, população, divisão, política, um outro planeta.	Disciplina que analisa e descreve fenômenos espaciais e sociais, como território, região, espaço e política. Refere às ações e decisões que moldam e regulam essas relações no espaço geográfico, influenciando o uso e a organização territorial, clima, produção, população, divisão, política.

Fonte: Elaborado pela autora.

O termo Geografia recebeu sugestões por parte da banca e na pesquisa com os especialistas também foram sugeridas alterações, que destacou a necessidade de incluir uma abordagem mais ampla, contemplando os aspectos geopolíticos e sociais dessa área do conhecimento. Eles apontaram que a definição apresentada inicialmente estava limitada à descrição de aspectos físicos, como a divisão territorial e as características do solo, deixando de lado dimensões fundamentais que refletem a complexidade e a dinâmica das interações humanas e políticas no espaço geográfico.

Além de estudar os elementos naturais e as delimitações territoriais, a geografia contemporânea aborda as relações de poder, os conflitos, a organização social e os processos históricos que moldam as paisagens e os territórios. Essa perspectiva integrada permite compreender como fatores sociais, econômicos e políticos influenciam a configuração espacial e impactam diretamente a vida das populações. Assim, a reformulação solicitada busca refletir a multidimensionalidade da Geografia, valorizando sua contribuição para a análise crítica e contextualizada sobre como os espaços são organizados, vívidos e transformados.

Os *feedbacks* recebidos foram fundamentais, não apenas nesses dois termos, mas em todo o material para refinar e enriquecer o conteúdo do glossário, permitindo ajustes que o alinhassem com mais precisão às demandas da prática pedagógica. As avaliações e observações pela banca e os especialistas destacaram pontos de aprimoramento, como a inclusão de conceitos mais abrangentes, a ampliação de definições com dimensões críticas e interdisciplinares, bem como a adaptação da linguagem para torná-la mais acessível a diferentes públicos da área educacional.

Esse processo de revisão colaborativa não apenas garantiu maior precisão terminológica, mas também valorizou a conexão entre ferramentas teóricas e práticas, assegurando que os termos e as explicações específicos fossem usados como úteis no cotidiano escolar. Assim, o glossário evoluiu para um material não apenas informativo, mas também reflexivo, capaz de atender às necessidades de professores, acadêmicos e TILS, contribuindo para a qualificação dos processos de ensino e aprendizagem. Além disso, fortaleceu o diálogo entre conhecimento acadêmico e a realidade das salas de aula.

Analisar os termos e suas determinadas construções linguísticas é imprescindível para entender, por meio da descrição deles, a formação morfológica dos sinais-termo. A LSB possui uma estrutura linguística própria, que, assim como as línguas orais, segue uma série de regras e convenções que permitem a construção e a compreensão dos sinais. Entretanto, ao contrário da Língua Portuguesa, que é baseada em sons e fonemas, a LSB utiliza as mãos, os movimentos, a expressão facial e a posição corporal para transmitir significados. Dessa forma, a análise das construções linguísticas dos sinais-termo torna-se um exercício fundamental para compreender como se formam os léxicos sinalizados.

7 GLOSSÁRIO DE PEDAGOGIA BÍLINGUE PORTUGUÊS E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LSB.

Os resultados da pesquisa envolvem aspectos que gerenciaram o desenvolvimento de um glossário bilíngue Português-Libras e um aplicativo para celular.⁶³ O glossário possui uma lista de 114 termos extraídos de em 7 disciplinas do eixo de aprofundamento da formação. A Pedagogia é uma área de formação que assume um caráter transversal sobre as ciência, abordagem e estudo na formação do profissional. O glossário é composto de substantivos próprios, adjetivos, substantivos, verbos.

A criação de um aplicativo de terminologias pedagógicas em Língua Brasileira de Sinais (LSB) no sistema *Android* é um projeto inovador e de grande impacto social. Este tipo de aplicação não apenas favorece a inclusão acadêmica de estudantes surdos, mas também contribui para a padronização e a divulgação de termos específicos. No Brasil, a acessibilidade à educação superior para pessoas ainda enfrenta desafios, especialmente em cursos de Pedagogia, cujo vocabulário técnico é extenso e especializado. Muitas vezes, termos acadêmicos não possuem sinais padronizados, dificultando a compreensão dos conteúdos e a criação de um glossário bilíngue (Português – LSB).

7.1 Aplicativo Glossário Bilingue Português-Libras

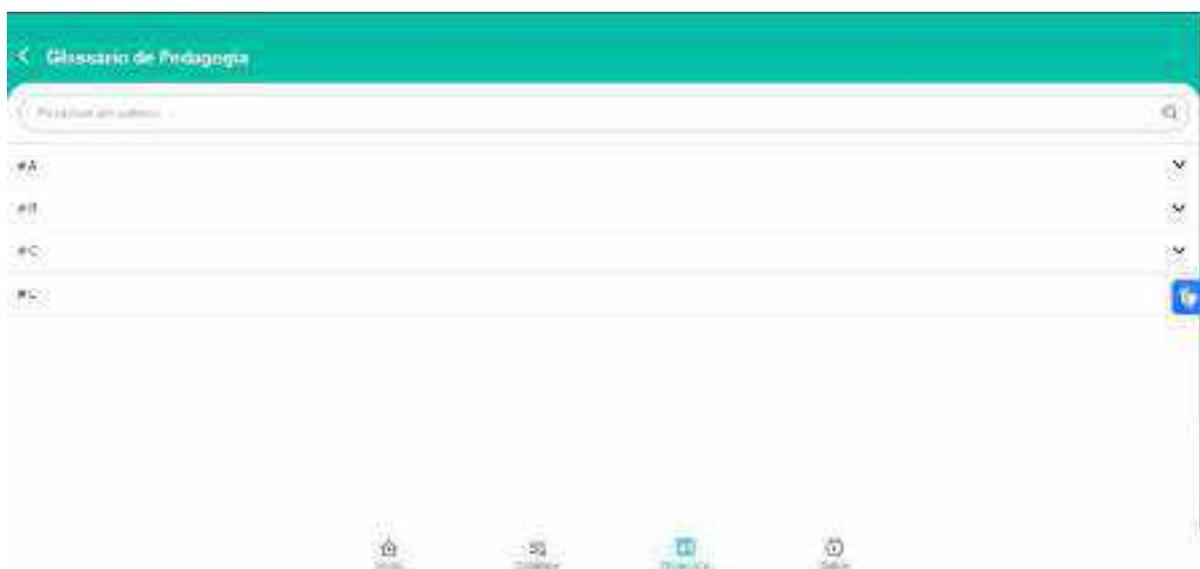
O aplicativo está distribuído em quatro botões (figura, 37): o primeiro é de acesso ao glossário e nele será possível acrescentar pesquisas de profissionais de todo Brasil com outros materiais bilíngues; o segundo, o catálogo de publicações com a lista de pesquisas acadêmicas de glossários e dicionários. Essa interface permite acessar o título do trabalho, ano, autor, resumo da obra e *link* para a pesquisa completa. O terceiro é o questionário científico que seleciona os pesquisadores que são os consultores do glossário bilíngue de Pedagogia GBP. Por fim, a quarta interface são os contatos que os pesquisadores podem acessar para nos contatar e adicionar suas pesquisas nesse aplicativo.

⁶³ Disponível em: <https://app.libras-socioterm.com.br>

Figura 68: Página inicial

Fonte: Elaborado pela autora.

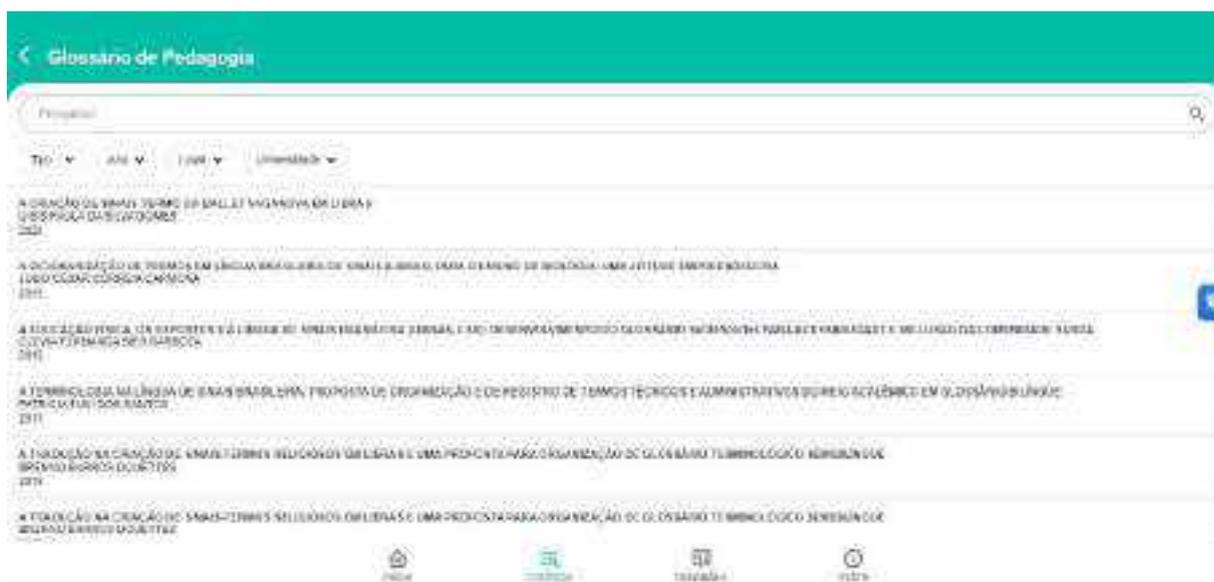
O glossário (figura 38) está organizado em ordem alfabética, dispõe de 114 termos que corresponde as letras: de A a Z.

Figura 69: Glossário

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda interface (figura 39) é o catálogo de publicação. Ele tem três filtros para pesquisa das obras: tipo de trabalho (dissertação ou tese), ano de publicação, local e universidade que a pesquisa está vinculada.

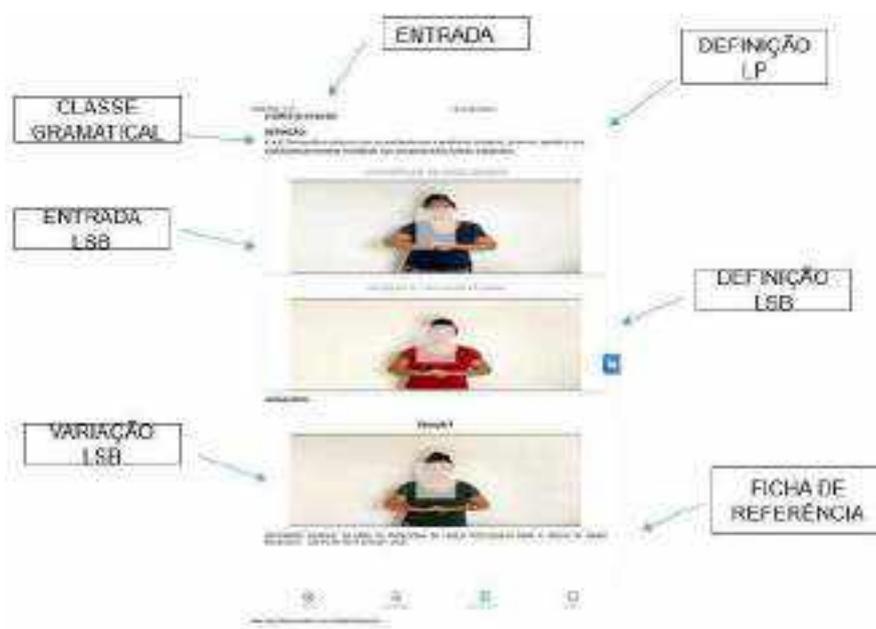
Figura 70: Catálogo de Publicações



Fonte: Elaborado pela autora.

A macroestrutura do glossário (figura 40) trata da leitura que inicia com o termo, classe gramatical, definição e, se tiver, suas respectivas variações em português e vídeo em LSB. A sequência em todos os termos foi padronizada por cores de camisa a azul para a entrada, a vermelha para a definição e verde para variação em LSB.

Figura 71: A macroestrutura do glossário



Fonte: Elaborado pela autora.

O QR CODE (figura 41) direciona para o *link* de acesso ao aplicativo e suas respectivas interfaces.

Figura 72: QR Code

64



Fonte: Elaborado pela autora.

7.2 Apresentação do Glossário bilíngue de Pedagogia português-Libras

INTRODUÇÃO⁶⁵:

1 OBJETIVO

O Glossário bilíngue de Pedagogia Português/Libras reúne denominações em LSB de termos utilizados nas disciplinas do eixo núcleo de aprofundamento com a dimensão fundamentos teóricos e práticos da docência do curso de Pedagogia. Tem o intuito de contribuir para a compreensão dos conteúdos estudados, não apenas na UFOPA, mas também em outras universidades e faculdades que possuam o curso de Pedagogia no seu plano institucional.

2. Destinatários:

Público-alvo do glossário bilíngue de Pedagogia. Destina-se aos professores ouvintes; surdos acadêmicos e profissionais Pedagogos; tradutores Intérpretes de Língua de Sinais – TILS.

⁶⁴ Está sendo atualizado até 31 de janeiro de 2025, funcionará completamente como app de celular.

⁶⁵ <https://youtu.be/2TBR44-uenk>

3. Função:

Registro, descrição e difusão de sinais-termo do curso de Pedagogia.

4. O GLOSSÁRIO

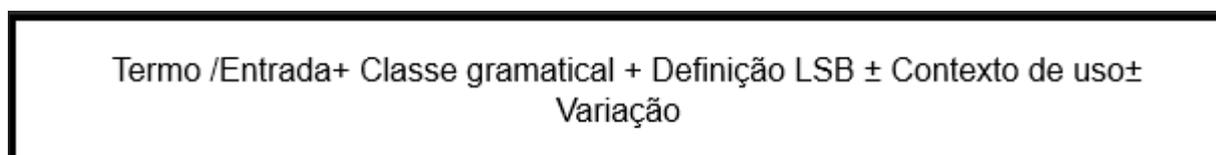
O glossário bilíngue de Pedagogia segue a estrutura por ordem alfabética. Os verbetes foram organizados em duas partes, verbetes em Língua Portuguesa (LP), que estão localizados na parte superior da página, e os verbetes em LSB, que estão localizados inferior da página.

As definições dos termos em LP foram coletadas por meio da 1. Consulta à bibliografia em três dicionários: o dicionário de Pedagogia, dicionário prático de Pedagogia e o dicionário breve de Pedagogia; 2. A redefinição das definições foi realizada com o modelo de Finatto (2011) de reelaboração de definição; 3. Consulta aos especialistas da área da Pedagogia.

Os exemplos de uso do termo em LP foram elaborados pela pesquisadora, considerando experiências de TILS e o contato com a comunidade surda.

Para que haja uma descrição minuciosa ao consulente dos aspectos da macroestrutura dos verbetes do glossário, segue a descrição nas figuras 73 e 74:

Figura 73: Macroestrutura do glossário



1.Termo/entrada, 2. Classe gramatical, 3. Definição, 4. Contexto de uso, 5. Variação, no glossário de Pedagogia.

5. COMO USAR O GLOSSÁRIO

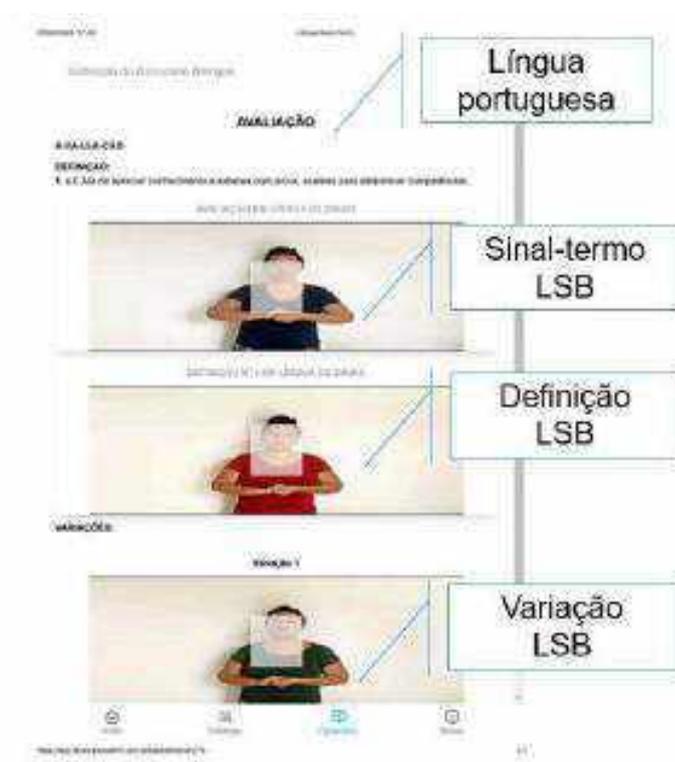
Além do texto em Língua Portuguesa, o glossário dispõe de sinal-termo, a definição e sua variante em LSB. Esta opção é de grande ajuda na compreensão das configurações de mão, dos movimentos, do ponto de articulação e das expressões não-manuais, visto que a LSB é uma língua tridimensional. O leitor do glossário pode não compreender completamente como se dá a realização do sinal-termo, apenas fazendo a leitura por meio das ilustrações.

Figura 74: Verbetes em LP



1.Termo/entrada, 2. Classe gramatical, 3. Definição, 4. Contexto de uso, 5. Variação, no glossário de Pedagogia.

Figura 75: microestrutura do glossário



1.Termo/entrada LP, 2. Classe gramatical LP, 3. Definição LP, 4. Contexto de uso LP, 5. Variação LP, 6. Termo/entrada LSB, 7. Classe gramatical LSB, 8. Definição LSB, 9. Contexto de uso LSB, 10. Variação LSB, no glossário de Pedagogia.

6. LISTA DE SIGLAS

Figura 76: Lista de Siglas

Sm: sintagma masculino Sf: sintagma feminino Sfm: sintagma feminino e masculino	a) Símbolos <>: contexto de uso
---	------------------------------------

As figuras de 191 a 247 são as folhas completas com termos do glossário.

A

ABORDAGEM QUALITATIVA s.f.

Método de pesquisa que compreende fenômenos, comportamentos, motivações e experiências de maneira profunda e detalhada, enfatizando o contexto e a complexidade das estruturas sociais. Relacionado à cultura e ideologia, busca descrever, interpretar e explorar significados e padrões nas interações.

EX. Ela observa tanto as pessoas que cada conversa se torna uma verdadeira pesquisa de <abordagem qualitativa>, analisando gestos, expressões e experiências das pessoas.

<p>SINAL - TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

ABORDAGEM QUANTITATIVA s.f.

Método de pesquisa que recorre não só a dados matemáticos, mas certamente estatísticos. Ele se concentra na coleta e análise de dados numéricos para quantificar variáveis e identificar padrões estatísticos com amostras numéricas que avaliam e investigam o retrato social da população.

EX. Para entender a dimensão do desmatamento, ele utilizou uma <abordagem quantitativa>, coletando dados precisos sobre a área devastada e a taxa de perda de floresta.

<p>SINAL - TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

ALFABETIZAÇÃO *s.f.*

É realizada por volta dos 4 aos 6 anos e consiste na instrução primária para a aquisição de códigos linguísticos e numéricos; aprendizado da leitura e escrita rudimentar.

EX. <Alfabetização> é um dos processos do desenvolvimento cognitivo e social das crianças, pois permite que elas adquiram as habilidades possíveis para ler, escrever e interpretar o mundo ao seu redor.

**ADOLESCÊNCIAS** *s.f.*

Fase do desenvolvimento humano, transição entre a infância e a vida adulta, a puberdade. Caracterizada por mudanças físicas, intelectuais e emocionais, no período dos 12 aos 18 anos.

EX. Ainda na <adolescência>, Jorge se dedicou ao artesanato e conquistou sua independência financeira, transformando talento em fonte de renda.

VAR. juventude.



AFETIVIDADE *s.f.*

Capacidade de sentir, expressar e vivenciar emoções e sentimentos nas relações interpessoais. São atravessamentos de sentimentos humanos que compõem o campo das emoções; a forma como as pessoas se conectam emocionalmente umas com as outras, influenciando comportamentos, atitudes e interações.

EX. A <afetividade> desempenha um papel crucial nas relações humanas, pois é através dela que construímos vínculos emocionais fortes e saudáveis.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
<p>   </p> <p>View PDF for Afetividade (s.f.) (PDF)</p>	<p>   </p>

AGRESSIVIDADE *s.f.*

Comportamento verbal ou físico que pode ser prejudicial, tanto emocionalmente quanto fisicamente, em relação a outras pessoas. É a tendência de atacar, provocar, agredir. Não significa dizer que é permanente.

EX. Embora seja um acontecimento natural em algumas situações, a <agressividade> quando não controlada, pode prejudicar as relações interpessoais e gerar ambientes negativos.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
<p>   </p> <p>View PDF for Agressividade (s.f.) (PDF)</p>	<p>   </p>

AMBIENTE DE APRENDIZAGEM *s.m.*

Conjunto de processos tecnológicos (ou não) com interação síncrona ou assíncrona com conteúdo teóricos e práticos e pode envolver diversas localizações físicas, contextos e culturas nos quais estudantes aprendem, como ambientes exteriores, residências privadas, creches, pré-escolas, estruturas temporárias e escolas.

EX. João concluiu sua graduação EAD em um <ambiente de aprendizagem> bem estruturado, o que promoveu o desenvolvimento de suas habilidades, estimulando sua curiosidade e pensamento crítico ao longo do curso.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****AUSUBEL (DAVID)** *s.m.*

Psicólogo e pedagogo norte-americano (1918-2008); orientou estudos para o conhecimento e elaborou a Teoria das Aprendizagens Significativas.

EX. Os alunos questionaram a prova sobre <David Ausubel> e a aprendizagem significativa, destacando a contradição de abordar esse conceito em um contexto de ensino tradicional e mecânico.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

ATIVIDADE COMPLEMENTAR *s.f.*

Formação humana e profissional com atividades diversas adicionais e diferentes das vividas em sala de aula. São experiências para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem.

EX. Os discentes de Pedagogia participaram de <atividade complementar> para enriquecer o aprendizado, desenvolveram habilidades práticas.

**AUTOR** *s.m.*

Escritor (a) que cria, inventa e registra uma obra literária, científica ou artística.

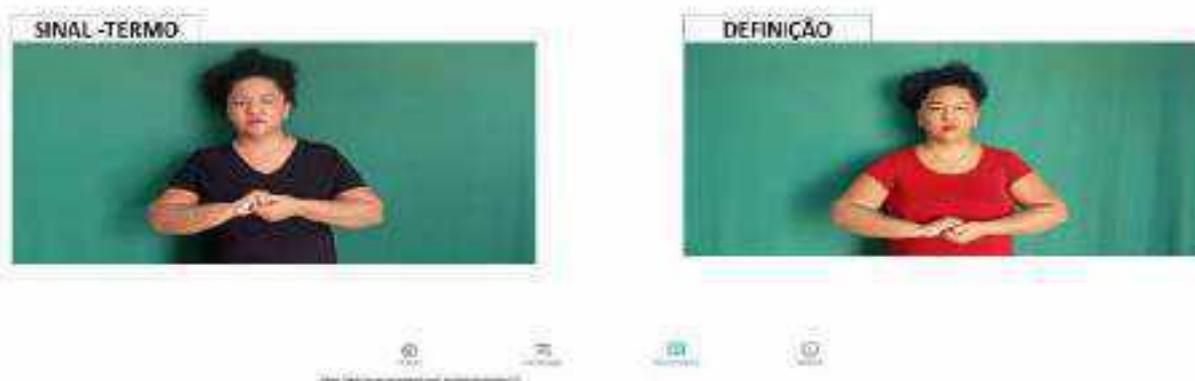
EX. O lançamento de um livro é um momento especial, que celebra a concretização de um trabalho criativo e aproxima o <autor> de seus leitores.



AVALIAÇÃO *s.f.*

Processo de verificação de saberes aprendidos por coletar, analisar e interpretar informações com o objetivo de julgar, medir ou compreender a qualidade, o valor ou a eficácia de algum conhecimento em contextos de ensino-aprendizagens.

EX. Os alunos, preocupados com a <avaliação> do ENADE, se dedicam intensamente aos estudos, buscando garantir um bom desempenho que reflita a qualidade de sua educação.

**B****BEHAVIORISMO** *s.m.*

Teoria da Psicologia que se propõe ao estudo do condicionamento do comportamento humano e não humano, a partir da cadeia estímulo-resposta. Argumenta que o comportamento é moldado por fatores ambientais e experiências e que pode ser analisado de forma objetiva.

EX. No contexto do <behaviorismo>, a prova é vista como um estímulo que pode moldar o comportamento dos alunos, incentivando a repetição e a retenção de respostas corretas por meio do ensino.



BRINCAR *s.f.*

Relacionar-se com outros consistindo em uma atividade que colabora com o desenvolvimento humano e auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. A criança interage, assume a postura de faz de conta, aprende regras e aprende a saber a sua vez, desenvolve a concentração, entre outras habilidades que levará para a vida adulta.

EX. As crianças gostam de <brincar> de fazer comida, improvisando receitas criativas com imaginários e explorando o mundo de ingredientes da culinária de forma lúdica e cheia de imaginação.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

C**COGNITIVO** *s.m.*

Relativo à cognição. Estrutura mental que possibilita ao ser humano aprender. Esta estrutura proporciona o desenvolvimento de um conjunto de habilidades, entre os quais estão a memória (curto, médio e longo prazos), a organização, a expressão de sentimentos, a atenção, o raciocínio, a imaginação, o juízo e a resolução de problemas.

EX. Após o acidente, ele sofreu perdas significativas no sistema <cognitivo> central, o que afetou sua memória, capacidade de concentração e hábitos.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO	VARIAÇÃO
		
		

CONCEITO *s.m.*

Representação mental que é compreendida e caracterizada para qualificar uma classe de seres, objetos ou de entidades materiais.

EX. O autor apresentou um <conceito> complexo no texto, desafiando os leitores a refletirem sobre as múltiplas dimensões do tema e suas implicações.

**CONHECIMENTO** *s.m.*

Processo acentuadamente intelectual de informações e princípios e conceitos de ciência, arte, método e procedimentos apreendidos com a capacidade da inteligência intelectual.

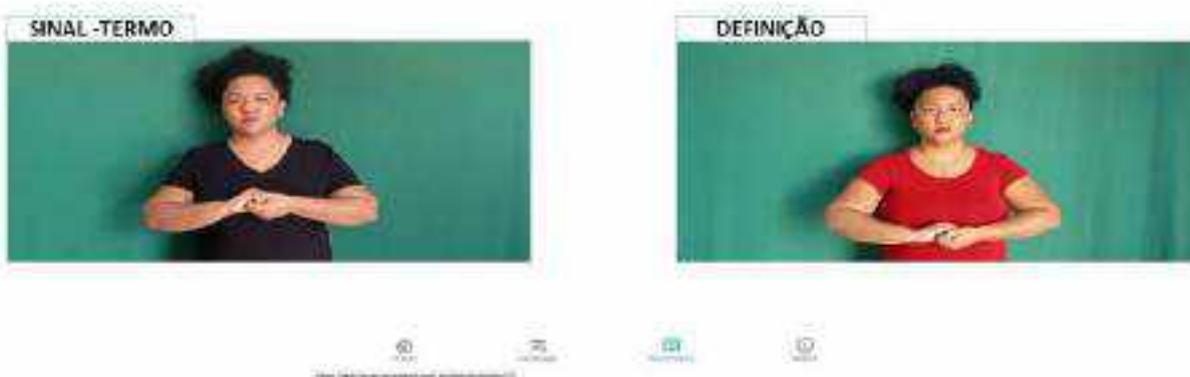
EX. Ele adquiriu tanto <conhecimento> ao longo da vida que, em toda ocasião, encontra uma oportunidade para compartilhar o que sabe, enriquecendo as conversas ao seu redor.



CONTEÚDO *s.m.*

Teor de informações, assunto, tema, matéria encontrado em livros, documentos, cartas, tese etc. contendo ideias concluídas com força e intensidade.

EX. O <conteúdo> da prova do concurso seguiu fielmente as bibliografias sugeridas, garantindo que os candidatos fossem avaliados

**COORDENADOR** *s.m.*

Responsável por coordenar e dar organização metódica e estruturação relacional no meio pedagógico ou de projetos.

EX. O <coordenador> reuniu os professores para uma reunião, buscando alinhar estratégias e discutir melhorias para o processo educacional.



CORPOREIDADE *s.f.*

Experiência vivida do corpo no mundo; o corpo é uma totalidade orgânica. Tem duplo sentido na ciência cognitiva com a prática humana vivida.

EX. Os acadêmicos ficaram surpresos com as possibilidades que a <corporeidade> oferece para ampliar a compreensão do aprendizado e das relações humanas.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

CRIATIVIDADE *s.f.*

Talento, capacidade inata de compreender e produzir com originalidade uma inovação na área que atua, uma invenção a partir de sua imaginação.

EX. Os artistas de rua usam a <criatividade> para transformar espaços urbanos em palcos vivos, encantando o público com performances.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

CULTURA *s.f.*

Comportamentos adquiridos e transmitidos, conjunto de manifestações intelectuais, artísticas, religiosas, de conhecimentos, costumes; produção de saberes, ritos, expressões religiosas transmitidas e ressignificadas, passadas de geração a geração em diferentes comunidades.

EX. A diversidade da <cultura> paraense reflete a rica mistura de tradições indígenas, africanas e europeias, expressas em sua música, culinária, danças e festividades únicas, como o Cirio de Nazaré.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	
	

CURRÍCULO *s.m.*

Documento que reúne as disciplinas e descreve a organização dos conteúdos de um curso ou programa educacional. Ele estabelece as diretrizes, objetivos, metodologias, avaliações e conteúdos que serão abordados durante o processo de ensino-aprendizagem. Pode ser entendido como um planejamento que orienta tanto os professores quanto os alunos sobre o que deve ser ensinado e aprendido.

EX. Após uma visita ao MEC, os professores estão reorganizando o <currículo> do curso, ajustando-o às novas diretrizes e buscando aproximar a qualidade do ensino oferecido.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	
	

DIALÉTICA *s.f.*

Diálogo em que se apresenta uma tese, seu contraponto, a antítese, do qual resulta uma síntese. Esta se converte em nova tese que se materializa e, com uso da argumentação, se demonstra o movimento para a descrição do real.

EX. O advogado usou uma <dialética> na defesa, contrapondo argumentos de forma estratégica para persuadir o juiz e fortalecer sua tese.

<div data-bbox="252 510 400 533" data-label="Text">SINAL -TERMO</div> 	<div data-bbox="938 510 1054 533" data-label="Text">DEFINIÇÃO</div> 
	

DIDÁTICA *s.f.*

Arte de ensinar, conjunto de teorias e técnicas para transmitir e construir o conhecimento a partir das experiências culturais do educador para o educando.

EX. Todos ficam fascinados com a <didática> da professora, que consegue tornar os assuntos complexos em acessíveis.

<div data-bbox="252 1359 400 1382" data-label="Text">SINAL -TERMO</div> 	<div data-bbox="938 1359 1054 1382" data-label="Text">DEFINIÇÃO</div> 
	

DINÂMICA s.f.

Interação social promovida no trabalho ou estudo compartilhado. As pessoas se conectam através de atividades que estimula o relacionamento coletivo.

EX. Todos ficaram emocionados com a <dinâmica> proposta na aula e com a forma como os alunos com deficiência se sentiram realmente incluídos, participando ativamente.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****DISCIPLINA s.f.**

Unidade de estudo específica, parte integrante do currículo de um curso educacional, que aborda um conjunto de conteúdos, habilidades e competências em uma determinada área do conhecimento.

EX. A ementa da <disciplina> está disponível no SIGAA, onde os alunos podem consultar os conteúdos programáticos e as orientações necessárias para o acompanhamento da disciplina.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

DOCENTE s.m.

Responsável por criar estratégias em processos de ensino-aprendizagens, ensinar normas e regras em instituições educacionais, como escolas, faculdades e universidades.

EX. O professor do Sistema de Ensino Souza ganhou o Prêmio de <Docente> Nota 10 na SEDUC, sendo reconhecido por sua excelência pedagógica e compromisso com a qualidade da educação.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****E****EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA s/f**

Ensino se dá em tempo e espaço diferente, com uso das tecnologias de comunicação e informação, e faz uso de televisão e internet para transmissão das aulas.

EX. A <Educação à Distância> é fundamental para pessoas que trabalham o dia inteiro, pois oferece flexibilidade e permite que conciliem seus estudos com as demandas profissionais e pessoais.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

EDUCAÇÃO ESPECIAL s.f.

Modalidade de ensino transversal a todas as outras modalidades e níveis de ensino. O Atendimento Educacional Especializado – AEE –, é um dos serviços disponibilizados que complementa ou suplementa a educação de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação; visa a promover a inclusão social e a igualdade de oportunidades.

EX. Os alunos com deficiência evoluíram muito com o AEE (Atendimento Educacional Especializado), modalidade da <Educação Especial>, que proporcionou suporte personalizado e estratégias pedagógicas.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****VARIAÇÃO****EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL s.f.**

Disciplina para entender a realidade do negro brasileiro, desde suas características físicas à classificação racial, sua dimensão simbólica, cultural, territorial, mítica, política e identitária, imersa na alteridade e construída historicamente.

EX. Uma das estratégias antirracismo e sem preconceito é uma <educação étnico-racial>, que promove o respeito à diversidade, valoriza as culturas afro-brasileiras e indígenas e combate estereótipos e discriminação racial.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

EDUCAÇÃO s.f.

Processo sistemático de transmissão e aquisição de conhecimentos, bons modos, habilidades, valores e atitudes, que ocorre em diferentes contextos, como escolas, famílias, comunidades e ambientes informais.

EX. A <educação> transforma vidas, comportamentos e proporciona novas perspectivas, abrindo portas para o desenvolvimento pessoal, social e profissional.

**EDUCAÇÃO FÍSICA s.f.**

Disciplina que tem como forma de expressão as atividades corporais, como jogo, esporte, lutas e ginástica. Área do conhecimento chamada de cultura corporal que trabalha com o ser humano.

EX. Os alunos se arrumaram rapidamente para aproveitar a aula de <Educação Física> do professor Manoel, entusiasmados com as atividades dinâmicas.



EDUCAÇÃO INFANTIL *s.f.*

Etapa de zero a cinco anos, objetiva ensinar a criança a aprender noções de convívio social, precede o ensino fundamental. Engloba aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos e busca proporcionar experiências que favoreçam o aprendizado, a socialização e a formação de valor.

EX. A mãe, mesmo com medo, matriculou a filha na escola de «Educação Infantil» com 2 anos, acreditando que a educação precoce favoreceria seu desenvolvimento social e aprendizado.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

EDUCACIONAL *sf.m.*

Relativo à educação. Ensino com métodos e materiais educacionais para aperfeiçoar capacidades intelectual e moral. Tem a função de promover o desenvolvimento integral do indivíduo, preparando-o para a vida em sociedade e contribuindo para a formação de cidadãos críticos, éticos e participativos.

EX. O processo de desenvolvimento «educacional» no Brasil é lento e o investimento ainda é insuficiente, o que compromete a qualidade do ensino e o acesso igualitário à educação.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA – *s.f.*

Modalidade de ensino criada para jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação escolar na idade apropriada. Objetiva democratizar o ensino da rede pública do Brasil. A EJA do ensino fundamental é destinada a jovens a partir de 15 anos e tem duração média de 2 anos; e a EJA do ensino médio é destinada a adultos maiores de 18 anos, sua conclusão é, em média, 18 meses.

EX. Pessoas da área da várzea de Monte Alegre serão beneficiadas com uma turma de <Educação de Jovens e Adultos – EJA> em 2025, proporcionando acesso à educação para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na idade adequada.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
<p style="text-align: center;">     </p> <p style="text-align: center;"><small>http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/pt-br/</small></p>	

EPISTEMOLOGIA *s.f.*

Teoria que estuda a sistemática do conhecimento humano no ramo da filosofia e que se dedica ao estudo do conhecimento, sua natureza, origens, limites e validade. Busca compreender como sabemos o que sabemos, questionando os processos pelos quais adquirimos conhecimento e a justificação das crenças.

EX. Cientistas políticos estudam a <epistemologia> da política brasileira para entender as dinâmicas e as causas da polarização no Brasil.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
<p style="text-align: center;">     </p> <p style="text-align: center;"><small>http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/pt-br/</small></p>	

ENSINO *s.m.*

Criação de múltiplas estratégias para que o ser humano aprenda um determinado saber, para transmitir conhecimento. Pode ser de forma sistemática, como na escola, ou com treinamento, informação e orientação para educar.

EX. O Plano Nacional de Educação discutiu o <ensino> nas séries iniciais, destacando a importância de garantir uma base sólida de aprendizagem, com foco na alfabetização, no desenvolvimento de competências básicas e na inclusão educativa.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
 	 

FILOSOFIA *s.f.*

Área do conhecimento que se dedica ao estudo das questões fundamentais sobre a existência, o conhecimento, a moral, a mente e a linguagem. Ela envolve uma reflexão crítica e sistemática sobre temas complexos e universais, buscando entender a natureza da realidade e o lugar do ser humano no mundo.

EX. Países alinhados à política de extrema direita se mobilizaram para solicitar a exclusão da disciplina de <Filosofia> do currículo escolar, sob a alegação de que ela promove doutrinação política, gerando intensos debates sobre liberdade de ensino.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
 	 

FORMAÇÃO *s.f.*

Ação de formar, educação acadêmica, conhecimento e instrução sobre assuntos específicos em cursos com obtenção de certificados, diplomas e títulos.

EX. A <formação> na escola inclui todos os que compõem a comunidade escolar, promovendo a participação integrada de alunos, professores, funcionários e familiares.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****FREIRE (PAULO)** *s.m.*

Educador e filósofo brasileiro (1921-1997). Natural de Recife (PE) e considerado grande pedagogo no mundo. Dentre suas teorias, destacam-se: a Pedagogia dialética; criou o método de alfabetização de adultos e a Educação Libertadora.

EX. Para <Paulo Freire>, a verdadeira educação exige empatia, diálogo e compromisso com a transformação social. Ele via o amor como um elemento central na luta pela justiça e na construção de relações educacionais baseadas no respeito e na liberdade.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

FREUD (SIGMUND) *s.m.*

Médico austríaco, especialista em neurologia (1856-1939). Criou a Teoria da Psicanálise. Elaborou um tratamento terapêutico para cuidar de disfunções ou perturbações mentais e psicossomáticas.

EX. A dissertação versa sobre a teoria da psicanálise de <Sigmund Freud>, explorando seus conceitos fundamentais, como o inconsciente, os mecanismos de defesa e a dinâmica entre id, ego e superego, para compreender a mente humana e os comportamentos.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

GEOGRAFIA *s.f.*

Disciplina que analisa e descreve fenômenos espaciais e sociais, como território, região, espaço e política. Refere às ações e decisões que moldam e regulam essas relações no espaço geográfico, influenciando o uso e a organização territorial, clima, produção, população, divisão, política.

EX. Estudar a <Geografia> do estado do Pará permite compreender as complexidades e questões específicas da região, como sua vasta diversidade ambiental, os desafios de infraestrutura e as dinâmicas socioeconômicas que influenciam o desenvolvimento.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

GESTÃO *s.f.*

Ação de gerir, administrar, dirigir, gerenciar uma instituição, incluindo-se a gestão pública, a gestão escolar e a gestão na iniciativa privada.

EX. Ele está elaborando o plano de <gestão> da escola para entregar a avaliação final do curso de gestores da UFOPA, com o objetivo de apresentar estratégias que promovam a melhoria da qualidade educacional.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****GESTOR** *s.m.*

Responsável pela administração escolar, planejamento, organização, controle de negócios alheios ou próprio.

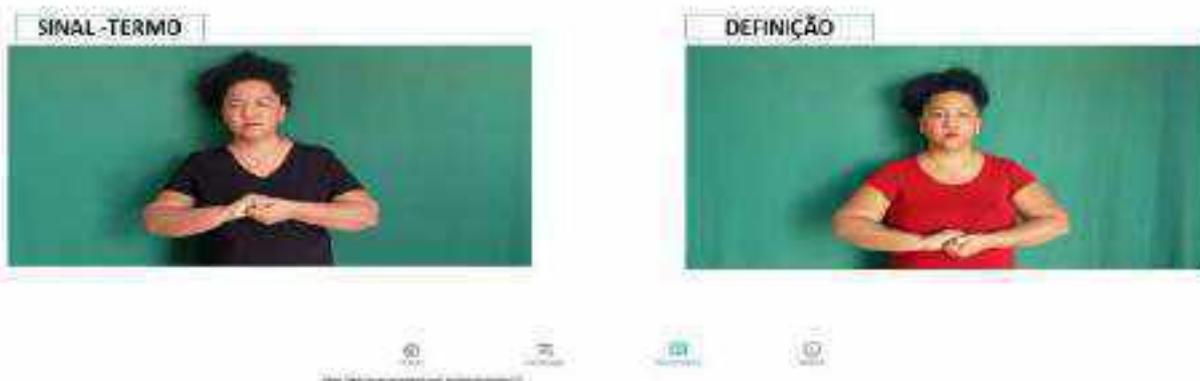
EX. O <gestor> da EETEPA participou do curso da UFOPA, buscando aprimorar seus conhecimentos e práticas de gestão educacional para promover melhorias no ensino.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

HISTÓRIA *s.f.*

Disciplina que narra e registra cronologicamente eventos da evolução da humanidade, aprecia fatos do passado de povos, nações, período ou indivíduos, a partir de dados documentais.

EX. O curso de <História> mostra as barbaridades, com episódios de violência, intolerância e crueldade que marcam períodos sombrios da humanidade.

**HIPÓTESE** *s.f.*

Proposição e/ou suposição com base em evidências incompletas que pode deduzir um determinado conjunto de consequências. Afirmação ou relação especulativa entre duas ou mais variáveis.

EX. A <hipótese> de que o SARS-CoV-2 teria sido originado de um acidente em laboratório foi uma das principais especulações durante a pandemia.



IDEOLOGIA *s.f.*

Ciência que trata da formação das ideias e valores sociais que reconhecem o poder econômico da classe dominante.

EX. Os ensinamentos sociais tem heranças ideológica forte.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
 	 

INATO *s.m.*

Relativo ao que nasce com, é inerente, congênito, intrínseco.

EX. É <inato> ao ser humano a relação com o meio, pois é através dessa interação que ele constrói sua identidade.

VAR. natural.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
 	 

INFÂNCIA *s.f.*

Período primeiro de existência, considerado o momento da meninice e inocência – desde o nascimento até o início da adolescência, cerca dos 12 anos.

EX. As memórias da <infância> são eternizadas e constantemente rememoradas, pois carregam sentimentos e experiências.

VAR. puerícia.

SINAL -TERMO**DEFINIÇÃO****INFANTIL** *s.f.m.*

Relativo à criança, ingênuo, pueril.

EX. Ser <infantil> é resgatar a inocência e o olhar de admiração das crianças para enxergar a beleza simples e pura da vida.

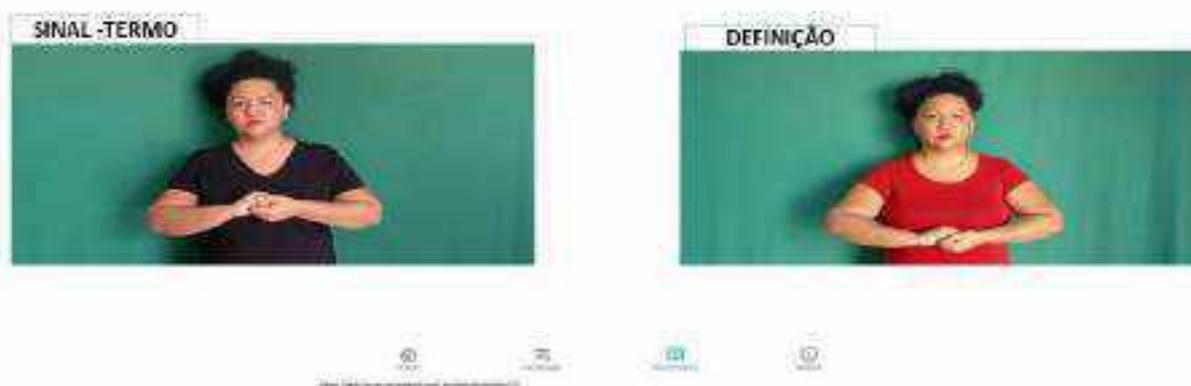
SINAL -TERMO**DEFINIÇÃO**

J

JOGOS *s.m.*

Atividade que pode ser realizada em ambiente restrito ou livre, pode ser recreativa e usada para desenvolver habilidades. Pode, ainda, envolver competição e estar sujeita a certas regras.

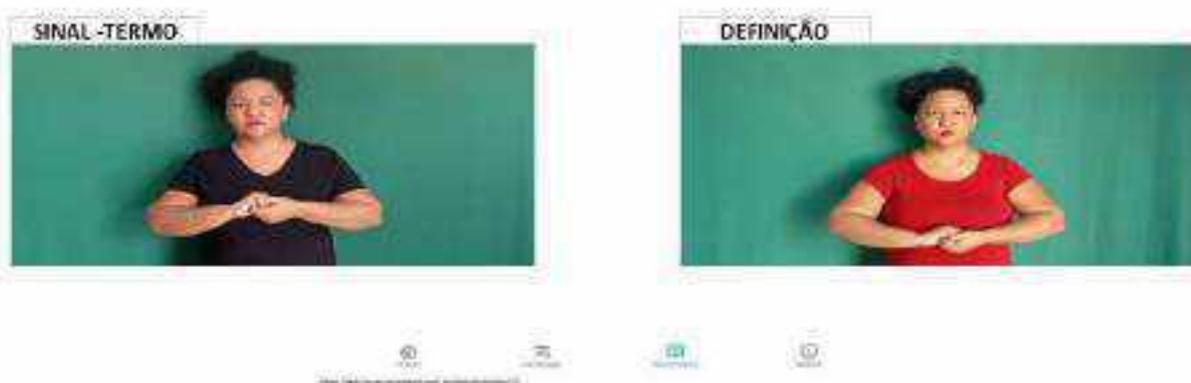
EX. O fazer pedagógico com <jogos> e brincadeiras dinamiza a aula e potencializa o aprendizado, tornando-o mais envolvente, prazeroso.

**JOVEM** *s.f.m.*

Pessoa com faixa etária no período compreendido entre a infância e a idade adulta, apesar de já ser adulto e a ter a idade com vigor e graça.

EX. O alistamento militar é um processo que exige do <juvem> do sexo masculino registro obrigatório no serviço militar e, dependendo da disponibilidade de vagas, pode ser selecionado para o serviço ativo.

VAR. rapaz.

**K**

KARNOFF (LODENIR BECKER) S.f.

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1966), graduada em Letras, com mestrado e doutorado; atua em pesquisas no campo dos estudos culturais em Educação com ênfase na Educação de Surdos.

EX. A professora <Karnoff, Lodenir Becker > e outros pesquisadores têm contribuído para a criação de materiais educativos, livros e projetos que promovem a inclusão dos surdos na educação e na cultura literária.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

L

LETRAMENTO s.m.

Processo pedagógico de aquisição das linguagens de leitura e escrita; a capacidade de compreender diferentes contextos sociais e culturais.

EX. Pensar em sequências e aulas de <letramento> pleno é fundamental para que a escola não só ensine a ler e escrever, mas também prepare os alunos para serem usuários ativos da linguagem em suas habilidades de comunicar-se de maneira crítica e reflexiva.

VAR. alfabetização.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

LEGISLAÇÃO *s.f.*

Conjunto de leis promulgadas no ato legislativo da matéria de um país. São diretos em atos das legislações: trabalhistas, penal, fiscal, civil etc.

EX. A <legislação> educacional do Brasil prevê diversas medidas de inclusão de pessoas com deficiência, com o objetivo de garantir o direito à educação de qualidade para todos.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
 	 

LÍNGUA *s.f.*

Idioma falado por uma nação com signos, regras, conjunto de palavras, modos de expressões usados para interação e comunicação.

EX. É natural que cada <língua> siga seus próprios padrões e regras de uso, pois as línguas se desenvolvem dentro de contextos culturais, históricos e sociais específicos.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
 	 

LÍNGUA MATERNA *s.f.*

Língua materna e/ou nativa é a primeira língua de uma criança e com que ela se identifica culturalmente, é a língua em que é fluente, já que utiliza com propriedade, até de forma inconsciente.

EX. O acesso à <língua materna> é fundamental para que os indivíduos possam acessar o mundo e se humanizar.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

LINGUAGEM *s.f.*

Sistema organizado para exprimir sentimentos, pensamentos, palavras, mensagens para se comunicar, podendo ser conjunto de sinais falado, escrito ou gesticulado.

EX. Na área de tecnologia, a <linguagem> computacional é usada para desenvolver, comunicar e executar instruções.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

LIBRAS s.f.

Língua gestual usada pela comunidade surda-brasileira. Cada língua de sinais é única e com gramática própria.

EX. O aprendizado e o uso da <Libras> permite as pessoas surdas se conectarem com sua identidade cultural e com a comunidade surda.

**LÍNGUA DE SINAIS s.f.**

Língua natural visoespacial com estrutura linguística autônoma; língua falada pelas comunidades surdas no mundo.

EX. Embora existam <línguas de sinais> em diversas partes do mundo, elas se desenvolvem de forma independente em diferentes comunidades ao redor do mundo.



LÓGICA *s.f.*

Seqüência coerente de ideias, opiniões que são discutidas a partir diferentes maneiras de raciocinar com operações intelectuais e várias formas de pensamento.

EX. Apesar da divergência de opiniões, o casal precisa usar uma <lógica> para a aplicação de dinheiro.

SINAL -TERMO



DEFINIÇÃO

**LÚDICO** *s.m.*

Relativo à ludicidade. É o aprendizado com jogos e brincadeiras com propósito de além do divertimento e distração a instrução e educação.

EX. O enredo <lúdico> da apresentação do palestrante ajudou no entendimento dos espectadores.

SINAL -TERMO



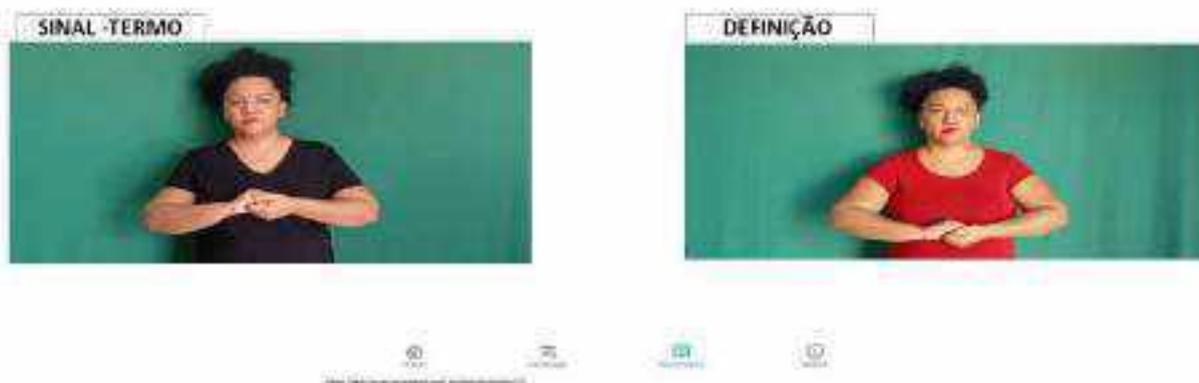
DEFINIÇÃO



MATEMÁTICA *s.f.*

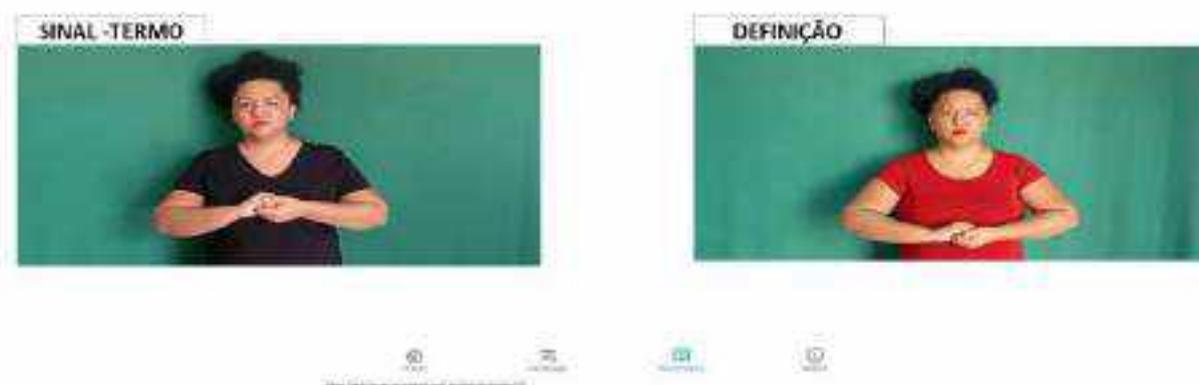
Disciplina que estuda a relação de entidades abstratas e lógicas, físicas e naturais. Estabelece relações entre aritmética, álgebra, trigonometria, medidas, propriedades e cálculos.

EX. O professor chegou para aplicar a prova de <Matemática> do conteúdo cálculo.

**MÉTODO** *s.m.*

Conjunto ordenado de regras, procedimentos e passos para realização de algo, no caso uma pesquisa; são procedimentos arranjados e seguidos sistematicamente.

EX. Definir um <método> claro de avaliação é fundamental para garantir transparência, equidade e coerência no processo educacional.



METODOLOGIA *s.f.*

Conjunto de técnicas e procedimentos utilizados em uma pesquisa ou em um processo de ensino-aprendizagem para alcançar objetivos específicos.

EX. O planejamento rigoroso da <metodologia> é essencial para garantir a qualidade, a confiabilidade e a validade dos dados coletados de uma pesquisa.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****MOTRICIDADE** *s.f.*

Propriedade da qualidade de certas células nervosas para comandar atividades musculares.

EX. Atividades como correr, baixar e levantar desempenham um papel crucial no desenvolvimento motor e proporcionam uma série de benefícios para a <motricidade>.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

MULTIDISCIPLINAR *s.f.m.*

Relativo ao conjunto de diversas áreas do conhecimento desenvolvidas ou aplicadas simultaneamente, inclusive em aulas ou pesquisas.

EX. A abordagem <multidisciplinar> torna a pedagogia uma ferramenta poderosa para a transformação social e o desenvolvimento humano.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****N****NATUREZA** *s.f.*

Ambiente físico; envolve as características dos seres vivos, a essência deles, e as interações entre os humanos e seu meio ambiente.

EX. A <natureza> pede socorro, e é nossa responsabilidade agir agora para preservar o equilíbrio dos ecossistemas e garantir um futuro sustentável.

VAR. natura.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

NORMAS SOCIAIS *s.f.*

Regras e normas de conduta que controlam e regulam comportamentos de um grupo social.

EX. É dever respeitar as <normas sociais> estabelecidas para garantir a convivência harmoniosa e evitar sanções legais.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

O

OBJETIVOS ESPECÍFICOS *s.m.*

Itens que propõem aprofundar determinado assunto para alcançar o objetivo geral de uma pesquisa. É um subproduto do trabalho; usa verbos de ação, como apontar, classificar, comparar, conceituar, caracterizar, enumerar, formular, enunciar, diferenciar, coletar, inspeccionar, identificar, levantar, diagnosticar.

EX. Os <objetivos específicos> da pesquisa de Débora define, de forma clara e detalhada, as metas a serem alcançadas ao longo do estudo.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

OBJETIVO GERAL *s.m.*

Item que define o propósito principal de um projeto, pesquisa, programa ou atividade. Ele orienta todo o planejamento e a execução das ações, servindo como um guia para as metas e os objetivos específicos que podem ser estabelecidos.

EX. O <objetivo geral> de uma pesquisa de Débora representa a visão ampla e abrangente do que se pretende alcançar.

<p>SINAL - TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

P

PEDAGOGIA *s.f.*

Ciência que se debruça sobre os estudos e as teorias da educação, seus métodos e princípios. Regras para instruir e educar tanto do ponto de vista teórico quanto prático da profissão de professor e do ensino.

EX. É comum que pessoas surdas escolham o curso de <Pedagogia> com o objetivo de melhorar as condições de aprendizado para as novas gerações de surdos.

<p>SINAL - TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PEDAGOGIA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR *s.f.*

Práticas educativas realizadas em espaços para além dos muros da escola que valorizam o conhecimento e saberes da prática social. O trabalho é realizado com ações pedagógicas fundamentais para atuação em grupos culturais, hospitais, associações, instituições religiosas, filantrópicas e espaços de ressocialização.

EX. A <pedagogia em ambiente não escola> desempenha um papel fundamental ao garantir o direito à educação para aqueles que, por diversas razões, não podem frequentar a escola regular.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO****PEDAGÓGICO** *s.m.*

Relativo à pedagogia. Envolve conjunto de estudos científicos de como o professor deve fazer uso de recursos educativos para o ensino e aprendizagem de pessoas em qualquer faixa etária.

EX. O principal recurso <pedagógico> para ensinar crianças surdas é, de fato, o uso da LSB. Essa língua desempenha papel essencial no desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e educacional.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

PEDAGOGO *s.m.*

Profissional que medeia processo de ensino-aprendizagem em múltiplos contextos em que se realiza educação, com o objetivo de contribuir para a formação integral do indivíduo.

EX. A presença do <pedagogo> é fundamental nas instituições escolares, pois ele desempenha papel estratégico na elaboração e implementação de práticas educativas que visam ao desenvolvimento integral dos alunos e a melhoria contínua da escola.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PERRENOUD (PHILLIPPE) *s.m.*

Doutor em sociologia e antropologia, suíço (1944). Suas contribuições são: na avaliação que foi amplamente debatida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Pedagogia Diferenciada, dez novas competências para ensinar, formação de professores e as competências dos alunos.

EX. A formação escolar baseada na teoria de <Philippe Perrenoud> contribuiu significativamente para a melhoria do processo de avaliação dos professores.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PESQUISA-AÇÃO *s.f.*

Abordagem que visa a encontrar soluções para problemas, de forma participativa e colaborativa. Usada para promover mudanças e melhorias em contextos específicos, como escolas, comunidades ou organizações. Essa metodologia é frequentemente utilizada em ciências sociais, educação e áreas relacionadas.

EX. A presença de acadêmicos de Pedagogia na Escola de Aplicação da UFPA para a realização de projetos de <pesquisa-ação> representa, de fato, uma oportunidade valiosa para ambas as partes envolvidas: os futuros pedagogos e a comunidade escolar.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PESQUISA DOCUMENTAL *s.f.*

Abordagem que utiliza documentos como fontes primárias de informação. É comum em diversas áreas do conhecimento, incluindo ciências sociais, história, educação e direito. Coleta dados, analisa contextos para entender fenômenos a partir de registros escritos, visuais ou audiovisuais.

EX. A realização da <pesquisa documental> no Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós (IHGTAP), pelos acadêmicos do curso de História da UFOPA, contribui significativamente para a preservação e valorização do patrimônio histórico da região.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PESQUISA EMPÍRICA EXPERIMENTAL *s.f.*

Abordagem que a recolha de dados relevantes, a partir de fontes diretas às pessoas, já que conta com a troca de experiências e vivências do pesquisador e a maturidade experimental do outro.

EX. A <pesquisa experimental> para a implementação de uma Afroteca no Campus Tapajós realmente representa um passo crucial para promover a valorização da cultura afro-brasileira e para garantir o acesso a conhecimentos que historicamente foram marginalizados.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PESQUISA ETNOGRÁFICA *s.f.*

Abordagem que consiste em explorar sistemas sociais e culturais. É um recorte analítico, antropológico, com trabalho de campo com contato intenso e prolongado com o grupo social pesquisado e sua cultura.

EX. A <pesquisa etnográfica> realizada no TCC de Márcio sobre o Quilombo São José é, sem dúvida, um registro crucial para a preservação da história e cultura dessa comunidade.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

PESQUISA PARTICIPANTE *s.f.*

Abordagem qualitativa que pressupõe implicação ético-política do pesquisador com seu campo de estudo e, por conseguinte, com seus participantes, para emancipar com a intervenção e com a construção de relações democráticas.

EX. A <pesquisa participante>, envolvendo professores da UFOPA e IFPA para encontros e propostas de preservação ambiental, é uma excelente iniciativa que visa a promover ações concretas para a sustentabilidade e a conservação ambiental.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

PESTALOZZI (JOHANN HEINRICH) s.m.

Educador pioneiro da Pedagogia moderna, suíço (1746-1826). Seu método de educação era partir do concreto para o abstrato, com as crianças. Entendia que a educação pode regenerar a sociedade para a reforma social, assegurando, a todas as crianças, desenvolvimento moral e intelectual.

EX. A aula da disciplina Educação e Sociedade, baseada nos estudos de <Pestalozzi, Johann Heinrich >, oferece uma excelente oportunidade para entender a evolução das práticas pedagógicas e a importância da educação no desenvolvimento integral do ser humano.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

PIAGET (JEAN) s.m.

Psicólogo e epistemólogo, suíço, doutor em Biologia (1896-1980). Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica. Elaborou a teoria dos estágios do desenvolvimento cognitivo para demonstrar que “a capacidade cognitiva humana nasce e se desenvolve, não vem pronta”.

EX. É extremamente importante que os pais conheçam a teoria de <Jean Piaget > sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo para poderem estimular e observar o desenvolvimento de seus filhos de maneira mais eficaz.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

PLANEJAMENTO s.m.

Organização de trabalho sistemático com: método, plano de trabalho, etapas, metas estipuladas para a execução da proposta.

EX. Maria, como professora da Educação Infantil, aproveita sua hora pedagógica às sextas-feiras para realizar o <planejamento> semanal.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

POLÍTICA s.f.

Ciência ou arte de governar, administrar nações ou estado. Para isso, precisa pensar, ouvir e relacionar-se com outras pessoas, considerando seus princípios e opiniões.

EX. A <política> é fundamental em diversos âmbitos das decisões sociais, pois ela é a base para a construção e regulação das normas e direitos que orientam a convivência em sociedade.

**PORTUGUÊS s.m.**

Idioma indo-europeu, de origem latina, língua românica. Oficialmente falada em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Língua natural de alguns habitantes desse país. É disciplina integrante do desenho curricular das escolas no Brasil.

EX. O <Português> é uma língua falada em várias regiões dentro e fora do Brasil, sendo o idioma oficial de diversos países e com uma grande comunidade de falantes ao redor do mundo.



PROJETO *s.m.*

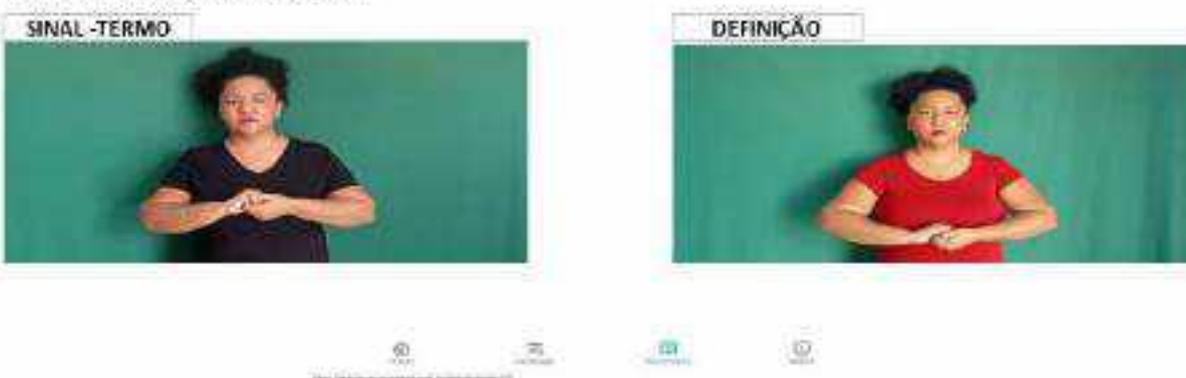
Plano contendo descrições, orçamento, quantidade de pessoas envolvidas. Texto detalhado que contém o que se pretende realizar em um empreendimento.

EX. O <projeto> sobre Consciência Negra realizado pela Escola, em novembro, é uma maneira excelente de celebrar a cultura afro-brasileira e refletir sobre a importância da luta contra o racismo e pela valorização da diversidade.

**PSICOLOGIA** *s.f.*

Ciência que estuda o comportamento humano e os processos mentais, buscando compreender como os indivíduos pensam, sentem e se comportam em diferentes contextos. Considera fatores do ambiente físico, social e biológico para compreender e prever ações de controle do comportamento humano.

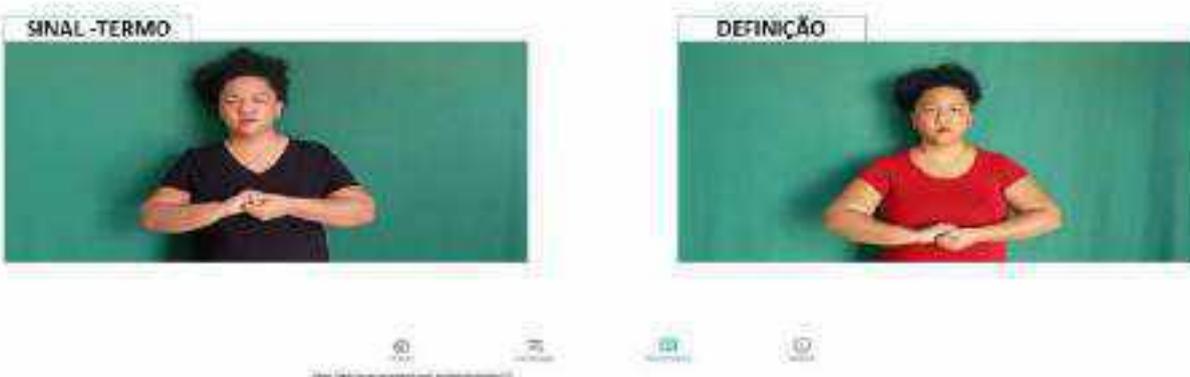
EX. A <Psicologia> oferece uma variedade de abordagens terapêuticas, todas com foco no entendimento profundo de como nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos estão interligados e como podemos melhorar nossa qualidade de vida.



PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM *s.f.*

Estudo do processo de aquisição do conhecimento com as operações cognitivas desenvolvidas no processo de vir a conhecer construída pelas interações sociais.

EX. Ana aprendeu na disciplina de <Psicologia da Aprendizagem> que os fatores individuais e ambientais têm um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

**PSICOPEDAGOGIA** *s.f.*

Campo de conhecimento que agrega saberes pedagógicos e psicológicos que envolvem o ser humano, seu aprendizado e desenvolvimento biopsicossocial, para compreender a aquisição e desenvolvimento cognitivo, linguístico, afetivo, emocional e social da criança e propor procedimentos de intervenção.

EX. As terapias de crianças com deficiência muitas vezes envolvem atividades de <Psicopedagogia>, pois essa abordagem busca compreender e intervir no processo de aprendizagem da criança.



PSICOMOTRICIDADE *s.f.*

Conjunto de integração das funções motoras e psíquicas para o desenvolvimento do sistema nervoso que coordena os movimentos corporais das funções motrizes e mentais.

EX. Crianças com e sem deficiência devem ser estimadas e incentivadas a participar de atividades de <psicomotricidade>.

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

Projeto Pedagógico

PROJETO PEDAGÓGICO *s.m.*

Documento que define como a escola irá trabalhar, a intencionalidade educativa da escola, sua identidade. Ele faz o diagnóstico, apresenta princípios didático-pedagógicos e planejamento das ações da escola.

EX. O Projeto Pedagógico da Escola Álvaro Adolfo foi premiado nacionalmente!

<p>SINAL -TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

Q

QUADROS (RONICE MULLER) s.f.

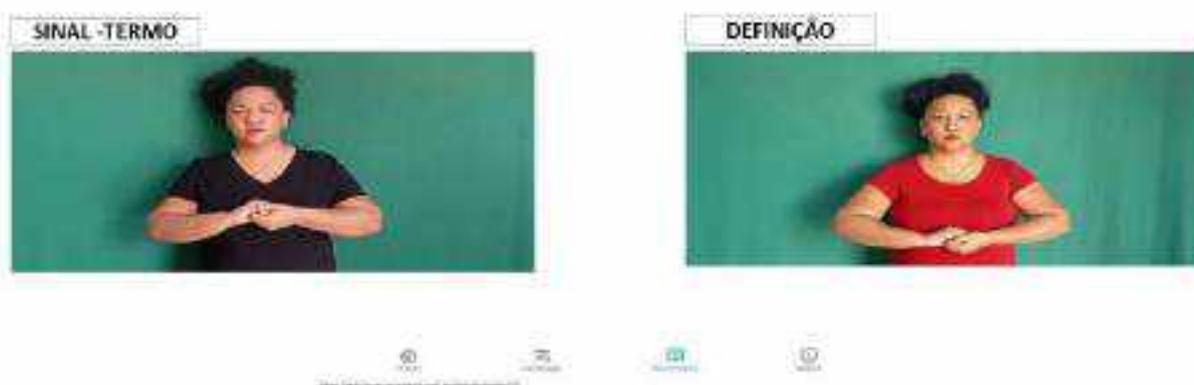
Linguista e Pedagoga brasileira (1969). Mestre e doutora nascida em Porto Alegre, é Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, consolidou o Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais e Corpus da Libras.

EX. O curso de Letras Libras foi idealizado e implementado pela Professora <Quadros, Ronice Müller>, sendo pioneira na pesquisa e desenvolvimento de metodologias educacionais para a comunidade surda.

**QUESTIONÁRIO s.m.**

Seqüência de questões objetivamente ordenadas; instrumento de coleta de informação; utilizado numa sondagem ou inquérito.

EX. Para inscrição em cursos de graduação, as instituições de ensino exigem o preenchimento de um <questionário> socioeconômico. O objetivo é coletar informações sobre a sua condição financeira, estrutura familiar e outros dados relevantes.



R

RACISMO *s.m.*

Preconceito contra determinada raça ou etnia. Em muitos casos, baseado em teoria ou crença que defende a existência de uma hierarquia e que tem uma raça (etnia) superior em suas características físicas e culturais. Resulta em desigualdades sociais, econômicas e políticas, afetando a vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

EX. Infelizmente, o <racismo> ainda é um problema presente dentro de muitas instituições de ensino superior no Brasil e em outros países, apesar dos avanços nas políticas de inclusão e igualdade racial.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

ROUSSEAU (JEAN-JACQUES) *s.m.*

Filósofo e escritor. Suíço (1712-1778), precursor da Pedagogia libertária cujo sermão parte de uma educação que objetiva criar condições para a vida da criança se desenvolver livre e espontaneamente.

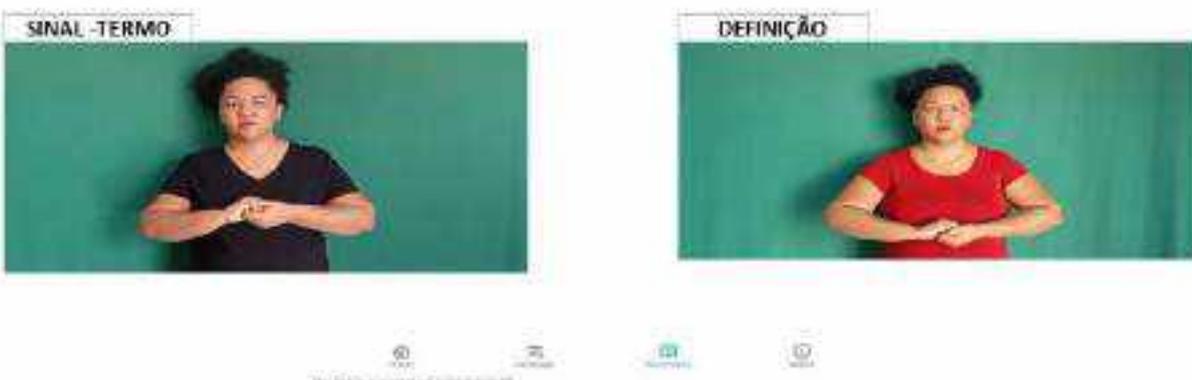
EX. Ministrar a aula sobre as teorias de <Jean-Jacques Rousseau>, na educação infantil, é uma forma de desafiar as estruturas tradicionais de ensino e abrir espaço para práticas pedagógicas que respeitam e promovem a liberdade de ser e de aprender das crianças.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

SEMINÁRIO *s.m.*

Evento acadêmico ou profissional que reúne um grupo de pessoas para discutir, apresentar e debater temas específicos, geralmente relacionados a uma área de estudo ou prática. Os seminários são comuns em ambientes educacionais, conferências, instituições de pesquisa e organizações profissionais ou até em sala de aula.

EX. O SEPA, <Seminário> de Pesquisa em Andamento, é um evento acadêmico importante no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA.

**SEMESTRE** *s.m.*

Período que decorre de, aproximadamente, 180 dias, tem duração de seis meses seguidos.

EX. O <semestre> final pode gerar uma pressão emocional considerável. O TCC representa a última etapa antes da colação de grau, e o medo do fracasso, a ansiedade por cumprir prazos e a necessidade de excelência podem ser fatores que geram estresse.

VAR. semestral.



SINCRETISMO *s.m.*

Fusão de doutrinas religiosas distintas com elementos dispares de conhecimentos filosóficos, culturas diversas, oriundos de vários sistemas sociais.

EX. O <sincretismo> religioso no Brasil é um fenômeno cultural e religioso caracterizado pela mistura e fusão de crenças, práticas e tradições de diferentes religiões e sistemas espirituais.

VAR. ecletismo.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

SOCIALIZAÇÃO *s.f.*

Integração por meio da qual os indivíduos aprendem e internalizam as normas, valores, comportamentos e práticas de sua cultura e sociedade. Esse processo é fundamental para a formação da identidade e do papel social dos indivíduos, permitindo a integração e a convivência em grupo.

EX. Os debates em sala de aula são momentos fundamentais de <socialização> no ambiente educacional. Esses momentos não apenas promovem a troca de ideias, mas também favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas nos alunos.

<p>SINAL-TERMO</p> 	<p>DEFINIÇÃO</p> 
	

TAXONOMIA s.f.

Ciência que classifica, descreve grupos da biologia, dos princípios gerais dos seres vivos, animais ou vegetais.

EX. A <taxonomia> na Pedagogia refere-se a um sistema de classificação e organização das habilidades cognitivas e dos objetivos de aprendizagem.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

TECNOLOGIA EDUCACIONAL s.f.

Área da Ciência da tecnologia e da internet, que dispõe de ferramentas, recursos e métodos para facilitar e melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Essa área abrange uma variedade de dispositivos, plataformas e práticas que visam a otimizar a educação, tornando-a mais acessível, interativa e eficaz.

EX. A Educação a Distância (EAD) provê uma série de recursos de <tecnologia educacional> que facilitam o acesso ao conhecimento e a interação entre professores e alunos, independentemente da localização física.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

TEORIA *s.f.*

Conjunto de princípios, regras ou leis testados e fundamentados que sistematizam opiniões e ideias sobre um assunto e/ou campo de conhecimento.

EX. Estudar a <teoria> educacional é essencial para fortalecer a prática pedagógica, pois fornece uma base sólida de conhecimento e reflexão que orienta as ações do educador.

VAR. doutrina.

SINAL-TERMO



DEFINIÇÃO





TRANSDISCIPLINARIEDADE *s.f.*

Interação entre áreas de conhecimento cujo objetivo é abordar problemas complexos de forma holística e abrangente para a construção do conhecimento pelo diálogo, colaborando com o desenvolvimento do comportamento e da cognição do sujeito.

EX. A proposta do seminário de apresentar a <transdisciplinaridade> entre Educação e Saúde é extremamente relevante, pois busca integrar dois campos do conhecimento que, embora distintos, estão profundamente interligados no contexto da formação integral dos indivíduos.

SINAL-TERMO



DEFINIÇÃO



VARIAÇÃO





TRANSVERSALIDADE *s.f.*

Disciplina que possibilita compreender as outras com propriedades e características estabelecida pelas suas relações linear.

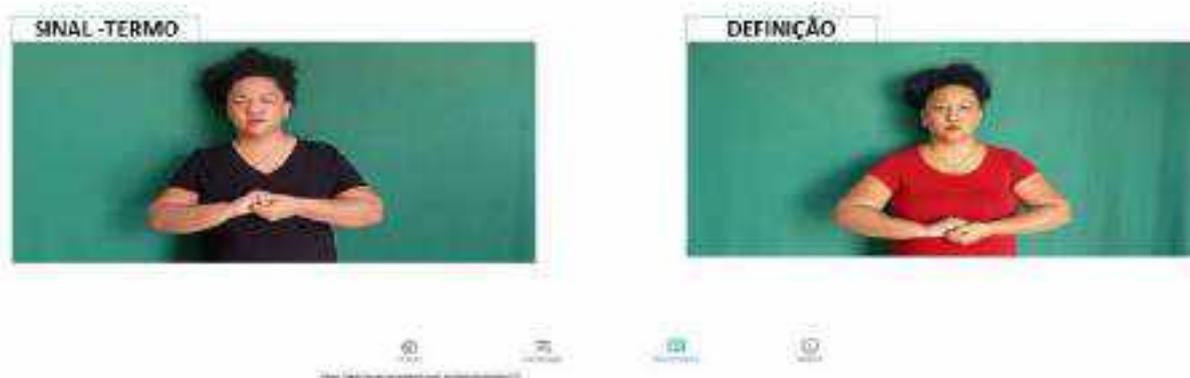
EX. A aula demonstrou a <transversalidade> dentro da Educação e outras áreas.

**TUTOR** *s.m.*

Profissional que exerce a tutela no papel de professor na instituição educacional, instruindo e orientando os alunos.

EX. A Universidade Aberta do Brasil (UAB) está com edital aberto para a seleção de <tutor> para o curso de Pedagogia Bilingue.

VAR. educador.



U

UTOPIA s.f.

Situação ou local idealizado que descreve o sistema social, político e econômico ideal.

EX. Pensar que o mundo pode ser um lugar de paz, amor e harmonia para todos pode parecer uma grande <utopia>, especialmente considerando as inúmeras adversidades e conflitos que ainda marcam a realidade de muitas pessoas ao redor do mundo.

VAR. fantasia.



V

VÍRUS s.m.

Grupo de células hospedeiras; organismos que não possuem célula, sendo sua estrutura formada basicamente por proteínas e ácido nucleico. Organismos microscópicos transmissores de vários tipos de infecções.

EX. A COVID-19 é causada por um <vírus>, e suas implicações para a saúde global continuam sendo um foco de atenção e pesquisa científica.

VAR. microrganismo.



VYGOTKY (LEV) s.m.

Psicólogo russo (1898-1934) que se destacou por suas contribuições à psicologia do desenvolvimento e à educação. Especialmente conhecido por suas ideias sobre a mediação social, a zona de desenvolvimento proximal e a importância da linguagem no processo de aprendizado.

EX. A psicopedagogia, ao abordar os estudos de <Lev Vygotsky >, foca principalmente em sua teoria sociocultural, que tem grande importância para a compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

W

WALLON (HENRI) s.m.

Filósofo, médico, psicólogo e político francês (1879-1962). Sua teoria propõe o processo de aprendizagem dialética e se dedica ao estudo da pessoa completa, em várias direções, e possibilidades relacionadas ao caráter cognitivo, afetivo e motor.

EX. As teorias de <Wallon, Henri> sobre o desenvolvimento humano têm uma grande importância para a prática educativa, especialmente na Educação Infantil e em contextos pedagógicos que consideram as dimensões emocionais e afetivas no processo de aprendizagem.

SINAL -TERMO	DEFINIÇÃO
	
	

WEBER (MAX) s.m.

Intelectual, jurista e economista alemão (1864-1920). É um dos fundadores do estudo moderno da sociologia. Seus estudos têm forte influência na economia, na filosofia, no direito, na ciência política e na administração sobre o capitalismo e o processo de racionalização e desencantamento do mundo.

EX. O pensamento de <Max Weber> sobre estrutura social e religião fornece um referencial importante para analisar o Brasil contemporâneo, especialmente quando se consideram as desigualdades sociais, econômicas e culturais.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO	VARIAÇÃO

X

XENOFOBIA s.f.

Preconceito associado à repugnância à pessoa ou a coisas provenientes de países estrangeiros, e/ou refugiados. Hostilidade, temor ou antipatia, chegando a ser um repúdio patológico.

EX. Infelizmente, casos de <xenofobia> contra brasileiros e outros estrangeiros ainda ocorrem em diversas partes da Europa.

VAR. preconceito.

SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO

Z

ZONAS ERÓGENAS *s.f.*

Partes do corpo, que, se estimuladas, podem provocar sensações de desejo e prazer sexual, quais sejam: pescoço, nuca, lóbulo da orelha, lábios e língua, mamilos, nádegas, coxas e dedos. Presente em muitas espécies e podem causar excitação, o que favorece o ato sexual e a reprodução; essas áreas variam de indivíduo para indivíduo.

EX. Na biologia, Psicologia, neurociência, o termo <zonas erógenas> se refere a áreas do corpo humano que, quando estimuladas, podem provocar sensações de prazer sexual.

SINAL-TERMO**DEFINIÇÃO**

8. Conclusão

A pesquisa apresentada nesta tese teve como objetivo principal a elaboração de um glossário bilíngue em Pedagogia, contemplando a Língua Portuguesa e a LSB. Esse glossário reúne 114 sinais-termo, os quais abrangem a terminologia específica do campo pedagógico, acompanhados de suas respectivas definições e exemplos de aplicação em contextos reais. A proposta surgiu da necessidade de tornar o conhecimento técnico e acadêmico dessa área mais acessível às pessoas surdas e ouvintes, promovendo a inclusão e a redução de barreiras linguísticas no âmbito educacional e profissional.

Dentre os 114 sinais – termo do glossário, apenas 37 foram encontrados em dicionários ou glossários oficializados pela comunidade surda. Enquanto 61 são das redes sociais e muitos desses são amplamente divulgados, tendo sua validação baseada na frequência de uso pela repetição deles em inúmeras páginas pessoais, institucionais de grupos de pesquisa acadêmica ou de empresas privadas de ensino de LSB. Esse intenso movimento de criação e socialização de sinais-termo suscita reflexões importantes: como esses sinais estão sendo criados e validados; por que os sinais-termo criados em contextos acadêmicos demoram a chegar ou não são acessados pela comunidade surda; e como é possível estruturar um movimento nacional que promove a criação, a validação e a rápida difusão na comunidade surda.

O processo de construção do glossário envolveu uma análise detalhada da história e da evolução terminológica, tanto na língua oral (Português) quanto na língua de sinais, demonstrando as transformações linguísticas e culturais que influenciam o desenvolvimento dessas línguas. Além disso, foi realizada uma pesquisa colaborativa com especialistas da área e com membros da comunidade surda, o que garantiu a precisão e a relevância dos sinais selecionados.

Ao explorar as particularidades da terminologia pedagógica, o trabalho revelou a escassez de materiais bilíngues de qualidade voltados para essa área e destacou a importância de iniciativas que promovam o acesso à informação em diferentes línguas. Assim, a tese contribui significativamente para o fortalecimento da acessibilidade no ensino superior e na formação de professores, ao proporcionar um recurso inédito e de fácil utilização.

Este glossário representa um marco na disseminação do conhecimento inclusivo, ao servir como referência para futuras pesquisas e para a criação de outros materiais acessíveis em diversas áreas do saber. Com isso, a pesquisa reafirma a relevância de iniciativas que valorizam a diversidade linguística e cultural, ao promover a equidade no acesso à educação.

Conduzido a partir de uma revisão aprofundada dos conceitos históricos e teóricos, o estudo da terminologia revelou as nuances e algumas complexidades

inerentes tanto à Língua Portuguesa, quanto à LSB. Essa análise destacou a importância de adotar uma abordagem socioterminológica, que considere as variações e dinâmicas socioculturais. Essa abordagem influencia os sinais-termos, ao reforçar que a linguagem é intrinsecamente ligada ao contexto social e histórico.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que a terminologia não é um elemento fixo e imutável. Pelo contrário, trata-se de um fenômeno em constante transformação, moldado pelo avanço das práticas sociais, pelas mudanças culturais e pelo próprio desenvolvimento das áreas de conhecimento. No caso da LSB, essa evolução é ainda mais evidente, uma vez que os sinais-termo refletem diretamente as vivências e as necessidades da comunidade surda, adaptando-se às novas demandas educacionais e tecnológicas.

Esse caráter dinâmico da terminologia foi particularmente perceptível no contexto pedagógico, cujo o processo de ensino e de aprendizagem desempenha papel central na construção e adaptação dos conceitos. A pesquisa demonstrou que o diálogo entre os falantes da Língua Portuguesa e os usuários da LSB é essencial para garantir que os sinais-termo sejam representativos e relevantes, respeitando a diversidade linguística e cultural.

Além disso, o estudo ressaltou a necessidade de criar materiais que acompanhem essa evolução terminológica, contribuindo para a disseminação de um conhecimento inclusivo e acessível. Essa abordagem socioterminológica não apenas valoriza a pluralidade linguística, mas também promove a equidade no acesso ao saber, reconhecendo a linguagem como um elemento vivo e transformador que acompanha a sociedade em seu processo contínuo de desenvolvimento e aprendizado.

A inclusão de um glossário bilíngue de Pedagogia representa um passo significativo no fortalecimento da educação inclusiva, pois fornece aos profissionais da área ferramentas linguísticas, que podem ser utilizadas no ensino de surdos, no contexto específico da Pedagogia. Essa construção não só busca a padronização dos sinais, mas também a preservação da riqueza cultural e linguística da comunidade surda brasileira.

Desenvolvido sob a ótica de sua variação socioterminológica, o processo de elaboração dos sinais-termo permitiu entender as diversas formas de expressão que surgem no contexto educacional, considerando os sinais como variações, composição, derivação e padronização na língua acadêmica com a criação do curso de graduação Letras/Libras.

A pesquisa demonstrou que a variação é um aspecto natural na língua de sinais, além de ser fundamental aspecto reconhecido e respeitado no desenvolvimento de materiais de ensino e aprendizado. Na prática, isso significa que os materiais didáticos e

glossários devem considerar as diferenças regionais e sociais presentes nos sinais utilizados em diversas comunidades surdas do Brasil.

A análise da terminologia na língua oral, no caso, o Português, e na língua gestual, a LSB, revelou a importância da Socioterminologia no processo de construção dos sinais-termo. Essa abordagem não apenas resgata os aspectos históricos e culturais de cada uma dessas línguas, mas também reflete as variações sociais e contextuais que influenciam a criação e o uso dos sinais-termo. A pesquisa foi além da mera catalogação linguística, pois consideramos a criação, a variação e a adaptação de termos a partir das necessidades.

Além disso, a reflexão sobre a criação de sinais-termo, tanto no âmbito formal quanto na adaptação de definições para o público-alvo, foi essencial para garantir que o glossário fosse prático e utilizável. O estudo da estrutura dos dicionários e glossários em LSB, com a análise das macro e microestruturas, também proporcionou uma visão crítica sobre as melhores práticas no desenvolvimento de dicionários e de glossários bilíngues, sendo um apoio importante para futuros.

O desafio, portanto, é criar recursos que, ao mesmo tempo, respeitem as variações socioterminológicas e proporcionem uma padronização mínima para facilitar a comunicação entre diferentes comunidades. Essa tensão entre diversidade e padronização deve ser tratada com cuidado na criação de materiais pedagógicos.

A análise linguística dos sinais-termo realizada nesta pesquisa revelou a importância de uma atualização contínua dos materiais terminológicos, considerando as transformações sociais, políticas e culturais que influenciam diretamente o ensino de surdos no Brasil. Esses resultados destacam a necessidade de um olhar atento às mudanças na sociedade e à forma como elas moldam a linguagem, especialmente no contexto da LSB, em que os sinais-termo refletem não apenas conceitos acadêmicos, mas também vivências e identidades culturais.

Nesse cenário, a Socioterminologia emerge como um campo de estudo indispensável, pois reconhece a construção terminológica como um processo intrinsecamente ligado às dinâmicas sociais. Essa abordagem considera que a LSB não é estática, mas sim viva e em constante evolução, adaptando-se às necessidades comunicativas e educativas da comunidade surda. Assim, ao integrar a perspectiva socioterminológica, a pesquisa propõe uma metodologia que vai além do registro linguístico, promovendo a flexibilidade e a representatividade dos sinais-termo.

Além disso, a pesquisa evidenciou que materiais desatualizados podem dificultar o acesso ao conhecimento e comprometer a efetividade do ensino. Portanto, torna-se essencial investir em ferramentas que permitam revisões periódicas e colaborações entre especialistas, educadores e membros da comunidade surda. Essa prática não só

enriquece a terminologia, mas também fortalece a inclusão e a acessibilidade no ambiente educacional.

Ao documentar e analisar as particularidades linguísticas dos sinais-termo, este trabalho contribui para o avanço do campo da terminologia em línguas de sinais, reforçando a importância de práticas que valorizem a diversidade e promovam a equidade linguística. Assim, a pesquisa reafirma o papel central da linguagem na construção de uma sociedade mais inclusiva e dinâmica.

Ao consolidar os resultados das diversas etapas da pesquisa, o *APP* desenvolvido oferece uma contribuição significativa para o campo da educação de surdos. Embasado em fundamentos científicos e metodológicos sólidos, o glossário bilíngue não apenas organiza e registra a terminologia em Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais, mas também potencializa o entendimento e a aplicação prática da LSB na Pedagogia. Essa iniciativa preenche uma lacuna importante, quando fornece ferramentas acessíveis e de qualidade para apoiar a formação de professores e de formadores bilíngues.

Um dos grandes diferenciais do projeto é a implementação do glossário no formato de um aplicativo digital. Essa proposta representa um marco no avanço tecnológico voltado para a inclusão, ao disponibilizar os sinais-termo e suas definições de forma interativa e fácil de acessar. O aplicativo permite que educadores, estudantes e membros da comunidade surda explorem os conceitos pedagógicos em tempo real, fortalecendo a interação e o aprendizado tanto no ambiente escolar quanto no cotidiano.

Além disso, o projeto reforça o papel da LSB como uma ferramenta essencial para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. A disponibilização de recursos bilíngues acessíveis promove a igualdade de oportunidades, ampliando o acesso ao conhecimento e valorizando a diversidade linguística e cultural presente no Brasil.

Por meio dessa abordagem inovadora, o glossário bilíngue e o aplicativo consolidam-se como elementos fundamentais para o avanço da educação bilíngue, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva. O projeto não apenas atende às demandas imediatas da formação pedagógica, mas também inspira novas iniciativas que priorizem a acessibilidade, a tecnologia e a inclusão como pilares do ensino e da aprendizagem.

Finalmente, este estudo reforça a importância da continuidade da pesquisa sobre a LSB e suas implicações pedagógicas, com vistas a promover a inclusão plena dos surdos no processo educacional. A educação bilíngue, que respeita as especificidades linguísticas e culturais dos surdos, deve ser um direito garantido. Além disso, a construção de materiais como o glossário bilíngue é uma das formas mais eficazes de garantir essa inclusão, ao proporcionar uma educação de qualidade a educandos surdos e não surdos.

Para alcançar esse objetivo, é fundamental que haja políticas públicas que apoiem a criação e a disseminação de recursos didáticos bilíngues, bem como a formação contínua de professores capacitados para atuar em contextos educacionais inclusivos. Além disso, o envolvimento ativo da comunidade surda no desenvolvimento desses materiais é essencial para garantir que as soluções propostas reflitam suas reais necessidades e demandas.

A continuidade da pesquisa sobre a LSB também deve abranger estudos interdisciplinares que explorem a relação entre linguagem, cognição e aprendizagem, contribuindo para a elaboração de práticas pedagógicas ainda mais eficazes. Isso inclui a integração de tecnologias assistivas e digitais, como aplicativos e plataformas interativas, que facilitem o aprendizado e ampliem o alcance dos materiais educacionais.

Outro aspecto a ser considerado é a conscientização da sociedade sobre a importância da educação bilíngue e da valorização da LSB como língua oficial e patrimônio cultural. Campanhas de sensibilização, eventos acadêmicos e parcerias com instituições de ensino podem desempenhar um papel importante nesse processo, promovendo a inclusão além dos muros da escola e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, este estudo não apenas reafirma a relevância de ações que fortaleçam a inclusão educacional, mas também aponta caminhos para a ampliação e o aprofundamento das iniciativas existentes. A construção de uma educação verdadeiramente bilíngue e inclusiva requer esforços contínuos e colaborativos, em que a pesquisa desempenha um papel central ao oferecer um glossário bilíngue em Pedagogia, que causará transformações significativas no ensino e na aprendizagem de surdos em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

ABATI, F. R. **Proposta de glossário bilíngue:** terminologia dos procedimentos de tradução em Língua de Sinais Brasileira. Dissertação de mestrado, Brasília, 2018.

ALBRES, N. de A.; NEVES, S. L. G. **De sinal em sinal:** comunicação em LIBRAS para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares. São Paulo: FENEIS, 2008.

ALMEIDA, M. L.; MORAES, A. H. C.; BRAYNER, I. C. S. Aplicativo de tradução de libras na construção de sentido em língua portuguesa. **Editorarealize**, 2016 apud LOCATELLI, Tamiris. Libras: Aspectos, Desafios e Possibilidades Proporcionadas pela Tecnologia. Revista Núcleo do Conhecimento, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/libras-pela-tecnologia> Acesso: 15 jun. 2023.

AMPESAM, J. P.; GUIMARÃES, J. S. P.; LUCHI, M. **Intérpretes educacionais de LIBRAS:** orientações para a prática profissional. Florianópolis: DIOESC, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia.** Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BASÍLIO, M. Teoria lexical. São Paulo: Ática, 1978. BIDERMAN, M.T.C. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BASÍLIO, M. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil** (São Paulo, Editora Contexto, 2004, pág. 10)' in. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/lexico-interno-e-lexico-externo/26542#> Acesso: 15 abr. 2023.

BENTES, R.; BENTES, J. A. de O. Normalidade, diversidade e alteridade na história da unidade de educação especial “Professor Astério de Campos”. In: ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2014, São Carlos. **Anais eletrônicos.** Campinas, Galoá, 2014. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee6/papers/normalidade-diversidade-e-alteridade-na-historia-da-unidade-de-educacao-especial?lang=pt-br> Acesso em: 28 mai. 2023.

BIDERMAN, A. **Léxico e terminologia:** uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do léxico.** Conselho editorial da UFMS 2º ed. Campo Grande, 2001. p. 18. Disponível em: https://filologiauefs.files.wordpress.com/2019/03/biderman_o-1c3a9xico.pdf Acesso: 20

abr. 2023.

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Filologia Linguística Português**, n. 5, p. 85-116, 2002.

BIDERMAN, M. T. C. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Cienc. Cult.** vol. 58 n. 2 São Paulo *Apr./June* 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014 Acesso: 20 abr. 2023.

BIGOGNO, P. G. Cultura, comunidade e identidade surda: o que querem os surdos? *apud* PINTO, P. D. et al. **Desafios e conquistas**: o professor surdo na sala de aula. UNIFESSPA, 2017. Disponível em: https://cpee.unifesspa.edu.br/images/anais_ivcpee/Comunicacao_2017/DESAFIOS-E-CONQUISTAS-O-PROFESSOR-SURDO.pdf Acesso: 24 mai. 2013.

BISOL, C., VALENTINI, C., SIMIONI, J., & ZANCHIN, J. (2010). Estudantes surdos no ensino superior: Reflexões sobre a inclusão. **Caderno de pesquisa**, 40(139), 147-172.

BONNAL-VERGÈS, F. Linguagem Gestual Francesa: Léxico DO XVIII. GLOTTOPOL. **Revista sociolinguística** on-line nº 7 – janeiro de 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Aviso Circular n. 277/MEC/GM**, de 8 de maio de 1996. Dirigido aos reitores das IES, solicitando a execução adequada de uma política educacional dirigida aos portadores de necessidades especiais, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aviso277.pdf>. Acesso: 23 mai. 2023.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.html Acesso: 09 mai. 2023.

BRASIL, Ministério do Império. Ministro (Pedro de Araujo Lima). **Relatório do annode 1862 que se devia apresentar a Assembleia Geral Legislativa na 3ª sessão da 11ª Legislatura**. (Publicado em 1863). Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1735>. Acesso em: 02/11/2021.

BRASIL, Ministério do Império. Ministro (João Alfredo Corrêa de Oliveira). **Relatório do anno de 1872 apresentado a Assembleia Geral Legislativa na 2ª sessão da 15ª Legislatura**. (Publicado em 1873). Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1700/>. Acesso em: 02/11/2021.

BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998., apud SOUSA, Danielle. Um olhar sobre os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais. **Littera on-line**. São Luís, nº 2, v. 1, p.88-100, 2010. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=9&idart=129>. Acesso: 04 mai. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo da Educação Superior**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/>

BRITO, L. F. *et al.* Língua Brasileira de Sinais-Libras. In: _____. (Org.). BRUNO, M. M. G. Políticas afirmativas para a inclusão do surdo no ensino superior: algumas reflexões sobre o acesso, a permanência e a cultura universitária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 92, n. 232, 2011.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida, 1999.

CAPOVILLA, F. C. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a libras em suas mãos. São Paulo: EDUSP. Acesso em: 15 set. 2022, 2017.

CARVALHO, A. G.; GARCIA, R. Dicionários de Libras: desafios na produção destes dicionários como instrumento para a promoção desse ensino. **Revista Porto das Letras**, Vol. 06, Nº 06. 2020. Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: [https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/11436/18306/](https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/11436/18306) Acesso: 08 jun. 2023.

CASTRO JÚNIOR, G. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira** – foco no léxico. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CASTRO JÚNIOR, G. **Projeto Varlibras**. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CERNY, R. Zen; VILHALVA, S. A gestão pedagógica nos cursos de Letras LIBRAS. In: QUADROS, Ronice M. de. (Org). **Letras LIBRAS**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed da UFSC, 2014.

COSERIU, E. **Sincronía, Diacronía y História. El problema del cambiolinguístico**. Montevideo: Universidad de La República, 1958.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COSTA, M. R. **Enciclolibras**: produção sistematizada de sinais-termo em Língua de

Sinais Brasileira em novos eixos temáticos: LSB e LGP ("Proposta Enciclopédica: Enciclosigno em Contexto"). Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

COSTA, C. **Dicionário da Língua de Sinais” exigiu 25 anos de pesquisas**. Editora da USP, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/dicionario-da-lingua-de-sinais-exigiu-25-anos-de-pesquisas/> Acesso: 23 abr. 2023.

CRUZ, É. da. **Terminologia**. Livro didático digital, Editora *Telesapiens*, 2019., apud KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. Introdução à Terminologia: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://fliphtml5.com/oigiv/pniy/basic/51-60> Acesso: 17 abr. 2023.

D'AZEVEDO, R. P. **Análise do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. Universidade de Brasília, Brasília (FUP-UnB), DF, Brasil, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/download/59976/42327> Acesso: 23 jun. 2023.

DIAS, F. **Linguística**, 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/linguistica> Acesso: 08 abr. 2013.

FAULSTICH, E. **Base metodológica para pesquisa em Socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

FAULSTICH, E. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995b. Disponível em: https://brapci.inf.br/repositorio/2010/03/pdf_bb636decd3_0008870.pdf Acesso em: 30 abr. 2022.

FAULSTICH, E. Da linguística histórica à terminologia. **Investigações** (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

FAULSTICH, E. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.

FAULSTICH, E.; ABREU, P. A (org.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicografia**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. Terminologia Artigos. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012#:~:text=A%20socioterminologia%20%C3%A9%2C%20portanto%2C%20um,entre%20a%20terminologia%20e%20a Acesso: 18 abr. 2023.

FARIAS, E. M. P. Uma Breve História do Fazer Lexicográfico. **Trama**, [S. l.], v. 3, n.5, p. 89–97, 2000. DOI: 10.48075/rt.v3i5.961. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/961> Acesso: 15 abr. 2023.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma proposta lexicográfica. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. 290p.

FARIA-NASCIMENTO, S. P.de. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma proposta lexicográfica. 2009. 275 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, 2009, apud SANTOS, H. R. **O estudo da terminologia em Libras com o apoio de corpora**. Revista Diálogos (RevDia), Dossiê temático “Educação, Inclusão e Libras, v. 6, n. 1, jan. — abr., 2018, p. 5. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5835/pdf> Acesso: 26 abr. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, R. V.; NASCIMENTO, J. R. **Uma reflexão sobre itens socioterminológicos em libras para a matemática**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2021, p. 191. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/14745>. Acesso: 28 abr. 2023.

FINATTO, M. J. B. A definição terminológica do dicionário termisul: expressões linguísticas de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

FOSTER, S.; LONG, G.; SNELL, K. Inclusive instruction and learning for deaf students in postsecondary education. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, Oxford, v. 4, n.3, p.225-235, Summer, 1999.

FREITAS, C. K. I. O uso do dicionário on-line bilíngue por tradutores e intérpretes de LIBRAS-LÍNGUA PORTUGUESA-LIBRAS no ensino superior. Desafios e possibilidades. **Revista de Ciências Humanas**, vol. 18, n. 2, jul. /dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/download/8694/pdf/40850>. Acesso: 15 jun. 2023.

FUSCO, E. **X-LIBRAS**: Um Ambiente Virtual para Língua Brasileira de Sinais. Marília, 2004. Dissertação (Mestrado em computação) - Centro Universitário Eurípedes de Marília, Marília, 2004.

GARCIA, R. R. O. **SINAIS-TERMO da área de traumatologia e ortopedia**: uma proposta de glossário bilíngue em LÍNGUA PORTUGUESA-LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. UNB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42558?mode=full>. Acesso: 28 jun. 2023.

GAMA, F. J. da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; 1. Rio de Janeiro: INES, 2011).

GAUDIN, B. **Pour une socioterminologie**: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Tese de doutorado. Université de Rouen, 1993.

GAUDIN, F. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelas: De Boeck & Larcler, 2003.

GEDIEL, A. L. B.; LIMA, I. A. Desafios do campo antropológico: o uso do *Elan* e da Teoria do *Embodiment* na etnografia. **Iluminuras**. Porto Alegre, v. 16, n. 39, jan./ago. 2015 p. 104-120.

GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, janeiro/julho, 2006.

GESSER, Audrei. **Libras?** Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIRKEC, C. A. **Atuação e papéis do intérprete educacional de Língua de Sinais**. UFSC, Florianópolis/SC 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193231/Atua%C3%A7%C3%A3o%20e%20pap%C3%A9is%20do%20int%C3%A9rprete%20educacional%20de%20L%C3%ADngua%20de%20Sinais.%20Cesar%20Augusto%20Girke.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 30 mai. 2023.

JUNIOR, G. C. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira — Foco no léxico**. Universidade de Brasília — UnB, p. 43, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GI%C3%A1uciodeCastroJ%C3%Anior.pdf Acesso: 25 abr. 2023.

JUNIOR, G. C. **PROJETO VARLIBRAS**. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como partedos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, 2014.

KRIEGER, M. G. Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

KRIGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. **Temas de terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universade/UFRGS/ Humanitas/USP, 2001.

LACERDA, C. B. F. O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental:

refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, A. C. B et al. (Org.). **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, p. 120-128.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de LIBRAS**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA, C. B. F.; BERNARDINO, B. M. O papel do intérprete de Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. In: LACERDA, C. B. F; LODI, A.C.B. (orgs). **Uma escola, duas línguas**: 64 Letramento em Língua Portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p.65-80.

LEITE, É, R, O, R; LEITE, B, S. O Ensino de Química para Estudantes Surdos: A Formação dos Sinais. **Encontro Nacional de Ensino de Química**, 16, 2012, Salvador. Anais. Salvador: ENEQ, 2012. p. 1-9.

LIMA, A. F. de. **Socioterminologia da indústria da madeira**. Universidade Federal do Ceará. 2010, p 60 e 61. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6101/1/2010_tese_aflima.pdf. Acesso, 21 abr. 2023.

LIMA, V. L. S. **Língua de Sinais**: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. 2014.

LIRA, D. S. **Política pública de educação bilíngue (libras/português) em Santarém - Pará**: o que sinalizam os surdos. 2022. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Sociedade) — Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação tecnológica, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade, Santarém, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/782>. Acesso em: 26 mai. 2023.

LOCATELLI, T. Libras: Aspectos, Desafios e Possibilidades Proporcionadas pela Tecnologia. **Revista Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, ed. 08, vol. 05, pp. 05-21, agosto de 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/libras-pela-tecnologia> Acesso: 15 jun. 2023.

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI, A. C. B. et al. (Orgs.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 35-46.

LODI, Ana Carolina; FERREIRA BRITO, Lucinda. **O ensino de terminologias para surdos**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MARTINELLI, D. C. **Glossário Terminológico Da Odontologia Português-Libras**: Uma Proposta A Partir Do Recorte De Domínio Curso De Odontologia Da UFPA, Universidade

Federal do Pará, 2020, p. 33.

MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras**: coleta e registro de sinais-termo da área de psicologia. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARTINS, T. A. **Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras**. 2020. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel — PR. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5192>. Acesso: 19 jun. 2023.

MARTINS, T. A. **Desafios em face à Implementação de Dicionários Monolíngues de Libras**: Reflexões Teóricas Linguísticas para a determinação das Entradas Lexicais. 2020.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php> Acesso em: 30 ago. 2022.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

OLIVEIRA, J. S. de. **Análise Descritiva da Estrutura Querológica de Unidades Terminológicas do Glossário Letras-Libras**. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

OSSELTON, Nicholas. **The importance of terminology in translation**. In: **Translation Studies: An Integrated Approach**. Ed. P. St-Pierre. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

PEREIRA, G. da S.; FREITAS, M. do S. A. de. Contribuições das tecnologias da informação e comunicação nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes surdos. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 26, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/23/contribuicoes-das-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao-nos-processos-de-ensino-e-aprendizagem-de-estudantes-surdos>. Acesso: 01 mar. 2024.

PERLIN, G. STROBEL, K. L. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. Universidade Federal De Santa Catarina. Florianópolis 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_pronta.pdf Acesso: 10 nov. 2023.

PIRES, D. F. V. G. **A Capacitação de Professores Para Trabalhar Com Crianças Surdas**. 2005. 55f. (Trabalho de Conclusão de Curso) Centro Universitário de Brasília,

Brasília, 2005. Apud COSTA, K. S. de F. Acesso em: 29 mai. 2023.

PRADO, M. E. B. B. Integração de tecnologias com as mídias digitais. Integração tecnológica, linguagem e representação. 2005. VIEIRA, F. M. S. A utilização das novas tecnologias na educação numa perspectiva construtivista. 2003 apud LOCATELLI, Tamiris. Libras: Aspectos, Desafios e Possibilidades Proporcionadas pela Tecnologia. **Revista Núcleo do Conhecimento**, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/libras-pela-tecnologia> Acesso: 15 jun. 2023.

PROMETI, D.; COSTA, M. R.; TUXI, P. Sinal-termo, língua de sinais e glossário bilíngue: atuação da Universidade de Brasília nas pesquisas terminológicas. **I Congresso Nacional de Libras da Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, 2015 apud RODRIGUES, L. M., O processo de criação de sinais-termo em libras: a representação de conceitos na área da educação a partir da atuação de TILS no ensino superior. 2023. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/atuacao-de-tils>. Acesso: 31 mai. 2023.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B (org.). **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M (org.). **As representações em ser surdo no contexto da educação bilíngue**. Estudos Surdos III. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M. **Inventário da Língua Brasileira de Sinais**. Projeto de extensão. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Trad. de Clóvis Barleta de Moraes Alfa, São Paulo, 28(supl.):45-69, 1984

ROCHA, S. **O INES e a Educação De Surdos No Brasil**. Rio de Janeiro: INES, 2007.

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do Intérprete**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa – 4. ed. – ArtMed, 1998, p. 119-148.

SANT'ANNA, Nadir Francisca; BERNARDO DE CARA, Gláucio Roberto; SILVA, Gislaine Barbosa Cabral; GOMES; Flávia da Silva. Fatores que influenciam o não ingresso de surdos no ensino superior: estudo de caso em Cachoeiro do Itapemirim–ES. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n.1, p. 65-78, jan./mar., 2020. e-ISSN: 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11786/8797> Acesso:23 mai. 2023.

SANTOS, M. P. A formação de professores no contexto da inclusão. In: **Surdez e Escolaridade: desafios e reflexões**. Anais do Congresso Surdez e Escolaridade: desafios e reflexões. Rio de Janeiro: INES, 2003.

SANTOS, A. M. N.; SOFIATO, C. G. A Educação de Surdos no Século XIX e a Circulação da Língua de Sinais no Imperial Instituto de Surdos-Mudos. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: v.36 e228663, 2020. dx.doi.org/10.1590/0102- 4698288663.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24^a ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SILVA, G. R.; SANTOS, T. M. N.; JESUS, G. S.; GANDRA, L.P. Experimentação na Educação Química: Elaboração de Sinais em Libras para Práticas de Laboratório. **Revista ReBECEM**, Cascavel, (PR), v. 2, n. 1, p. 41-54, abr. 2018.

SILVA, G. R.; A. D. S.; COSTA, E. S.; BÓZOLI, D. M. F.; GUMIERO, D. G. **Os sistemas de escrita de sinais no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revi sta%2023%20de%20SOUSA%20SILVA%20e%20Outros.pdf>. Acesso: 19 jun.2023.

SILVA, G. R.; M. I. **O Uso de Tecnologias para a Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais**. UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/220161/Maria.Izanir.da.Silva-TCC.2020.pdf?sequence=1>. Acesso: 15 jun. 2023.

SKLIAR, C. (org.). **Atualidades da educação bilíngue para surdos**. v. I e II. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOFIATO, C. G. S. **Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais**. 2011. 265f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes - Campinas, SP: [s.n.], 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000796432&fd=y> Acesso em: 02/11/2021.

SOFIATO, C. G. S.; REILY, Lucia Helena. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical**. SCIELO, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vY3XRbKqCzKG6kLpQdhd3dN/?lang=pt>. Acesso: 23 abr. 2023.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Signwriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. Florianópolis, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras - Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010 apud SILVA, M. I. O Uso de Tecnologias para a Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais. UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/220161/Maria.Izanir.da.Silva-TCC.2020.pdf?sequence=1>. Acesso: 15 jun. 2023.

STROBEL, K. L.; & Fernandes, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, K. L., FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Secretariade Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba, 1998, p. 8-10. Disponível em: <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Aspectos-linguisticos-da-LIBRAS.pdf>. Acesso: 04 mai. 2023.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf> Acesso em: 10/02/2022.

TUXI, P. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. Tese (Doutora em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TUXI, P.; FELTEN, E. Terminologia, Terminografia e Línguas de Sinais: Novos Rumos Linguísticos. **Revista Coralina**; Cidade de Goiás, vol. 1, n. 1, p. 123-139, fev./2019.

WILCOX, P. P.; WILCOX, Sherman. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

WÜSTER, Eugen. **Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica**. Viena: Springer, 1979.

WÜSTER, E. **Introducción a la Teoría General de la Terminología y la Lexicografía Terminológica**. Barcelona: IULA, 1998.